COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
HOMERO
ILÍADA
TRADUZIDA DO GREGO
PELO PADRE
M. ALVES CORREIA
VOLUME III
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA

ILÍADA DE HOMERO

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

•

Homero
ILÍADA

Tradução do grego, prefácio e notas de

P.e M. Alves Correia

•

VOLUME III

(As quatro e últimas rapsódias ou AQUILEIDA, seguidas de notas, comentários e refexões sôbre a poesia de Homero)

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

Desta obra tiraram-se 100 exemplares em papel Lcorne, da Companhia do Papel do Prado, numerados e rubricados.

Todos o exemplares são autenticados com a rubrica dos editores

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA

1945

Composto e impresso na
Oficina Gráfica, Limitada
Rua Oliveira do Carmo, 8
LISBOA

PREFÁCIO

Ao III volume da tradução da ILÍADA

Tôda a Ilíada *deveria (ou podia) ser dada em dois volumes, cada tômo com doze rapsódias.*

O primeiro saiu de facto com sua dúzia de cantos.

O segundo apresentou oito; enche, contudo, a mão do leitor.

¿Que se há-de fazer agora das quatro rapsódias restantes? ¿Um opúsculo que o Leitor pode levar na ponta dos dedos? A simetria na distribuïção do texto parece irremediàvelmente quebrada, mas não o está. É fácil voltar ao padrão editorial e restabelecer aproximadamente a igualdade dos volumes: há o expediente dos comentários, anotações, esclarecimentos mais ou menos úteis ou, se de todo inúteis, lícitos ao menos, porque nenhuma lei os proíbe.

É sabido que os gramáticos alexandrinos agruparam os hexâmetros da Ilíada *(e da Odisseia) em vinte e quatro batalhões, porque vinte e quatro eram as letras do alfabeto grego e a cada rapsódia afixaram uma epígrafe. São estas as da* Ilíada:

Alfa. Loimós. Mênis.	*I. Peste. Ira.*
Beta. Óneiros. Boiõtia ẽ catálogos tôn neôn.	*II. Sonho. Beócia ou catálogo das naus.*

Gama. Hórcoi. Toichoscopia. Alexándrou cai Meneláou monomachia.	*III. Juramentos. Tôrre, belo ponto de observação. Duelo de Alexandros e Menelau.*
Delta. Horkiõn sygchysis. Agamémnonos epipõlesis.	*IV. Violação dos juramentos. Agamemnão passa revista às tropas.*
Épsilon. Diomẽdous aristeia.	*V. Grande façanha de Diomedes.*
Zeta. Héctoros cai Andromáchẽs homilia.	*VI. Colóquio de Heitor e Andrómaca.*
Eta. Héctoros cai Aíantos monomachia. Necrôn anairesis.	*VII. Duelo de Heitor e Ajace. Sepultam-se os mortos.*
Teta *(th)*. Colos Máchẽ.	*VIII. Batalha interrompida.*
Jota. Presbeia prós Achillea. Litai.	*IX. Embaixada a Aquileus. Pedidos.*
Capa. Dolóneia.	*X. Actos de Dolão.*
Lambda. Agamémnonos aristeia.	*XI. Grande gesta de Agamemnão.*
Mi. Teichomachia.	*XII. Batalha da tranqueira.*
Ni. Máchẽ epì taĩs nausín.	*XIII. Batalha junto dos navios.*
Xi. Diòs apátẽ.	*XIV. Zeus foi enganado.*
Ómicron. Palíõxis parà tôn neôn.	*XV. Ataque e defensão dos navios.*
Pi. Patrócleia.	*XVI. Gesta de Pátroclos.*

Ró. Meneláou aristeia.	*XVII. Proezas de Menelau.*
Sigma. Hoplopoiia.	*XVIII. Forja das armas.*
Tau. Mẽnidos apórrexis.	*XIX. Acabou-se a ira.*
Ípsilon. Theomachia.	*XX. Batalha dos deuses.*
Fi *(Ph)*. Máchẽ parapotámios.	*XXI. Combate na ribanceira do rio.*
Ch. Héctoros anaíresis.	*XXII. Morte de Heitor.*
Psi. Âthla epì Patróclo(i).	*XXIII. Jogos em honra de Pátroclos.*
Ómega. Héctoros lytra.	*XIV. Resgate de Heitor.*

Como se vê pelo enunciado da rapsódia XIX, quando Homero a escrevia, a provisão da ira de Aquileus, tão funesta aos Acaios, achava-se esgotada.

Ora o Poeta, no princípio do poema, ao invocar a Musa, a quem por galantaria chamava deusa, pediu-lhe que de Aquileus Peleida cantasse a ira ingente; daqui vieram a concluir certos letrados e grandes críticos que o assunto da Ilíada *ou proposição do poema se reduzia a isto:*

«Canta, deusa, a ira perniciosa de Aquiles Pelida, que causou seiscentas dores aos Aquivos, que mandou prematuramente para o inferno Orco muitas almas fortes de heróis, deixando-os a êles prêsa para ser despedaçada pelos cães e por tôdas as aves, cumprindo-se o conselho de Jove, desde o primeiro instante em que Atrides, rei dos homens, e o nobre

Aquiles com uma grande altercação se separam um do outro». E nada mais se contém nos autos «Eu observo — escreveu José Agostinho de Macedo — que o assunto que Homero propõe na Ilíada é a sanha e a raiva de Aquiles considerada particularmente e pelo lado que diz respeito ao prejuízo dos Gregos, a quem foi tão funesta que os deitou aos cães, como diz o mesmo Homero (e mostra que Aquiles era afeiçoado aos cães, pois, quando houve a grande descompostura, êle chama a Agamemnão focinho de cão». ¿Qual é pois a história poética da Ilíada? Ei-la aqui escrita e escarrada. A discórdia ou sarrabulho que houve entre Aquiles e Agamemnão, as vitórias que os Troianos alcançam dos Gregos; o recado que Agamemnão manda a Aquiles, em o qual lhe pede que se ponha bem com êle; a teima, obstinação ou birra de Aquiles; a morte de Pátroclo; a reconciliação entre os dois amuados; as valentias de Aquiles, entre as quais se conta a morte de Heitor, cujos funerais rematam o poema. A ira de Aquiles é funesta aos Gregos até ao instante da sua reconciliação com Agamemnão, rei dos homens. Daqui por diante a sorte se declara pelos Gregos, que começam a sacudir os Troianos e lhes matam o herói principal; logo a proposição homérica não abraça mais que a primeira parte do poema, cujo assunto é pequeno e pouco interessante. A outra parte do poema começa na morte do amigo e camarada de Aquiles, que era o Sr. Pátroclo. O resto do poema não é uma parte integrante, é um apêndice que se lhe ajuntou». (Macedo, Motim Literário, solilóquio XLIII).

Da tirada macedónica só me quero aproveitar da observação de que as últimas quatro rapsódias po-

dem ser dadas ao leitor em volume à parte ; e, porque nelas o herói máximo dos Panacaios está a rebentar de valentia, parece-me que lhes fica bem o título de Aquileida.

O principal assunto da Iliada é a incerta guerra. O estado de beligerância de longe vinha e não se sabia se algum dia teria fim. O macróbio daquelas idades, a crónica viva dos Panacaios, o admirável laudator temporis acti, o velhíssimo Nestor, não conheceu outra condição da vida humana. Por isto as primeiras palavras do poema — a ira canta, ó deusa, de... etc.) não indicam o assunto ou objecto para os versos nem há ali súplica alguma, formulada a sério, e dirigida a qualquer divindade.

Ira é simplesmente a primeira palavra do poema, porque alguma havia de ser ; a deusa (theà) é, sem tirar nem pôr, como diria Macedo, a «cachimónia» de Homero.

Se efectivamente a ira, a ira funesta aos Acaios, constituísse o «ponto obrigado», o canto devia cessar quando a ira se apagou, e os Gregos haviam de dizer : Acabou-se a ira? quebrou-se a lira !

Não há na Ilíada «proposição» nem «invocação», como quiseram ver tardios canonistas da epopeia.

A respeito da «invocação», se os antigos Gregos e Romanos acreditavam que existiam nas fontes e rios divindades do sexo feminino, chamadas ninfas e que certas fontes davam inspiração aos poetas, quando êles bebiam da sua água e que pelos cabeços do Olimpo divagavam as Musas, sempre prontas a ditar aos vates áureos carmes, Homero pouca ou nenhuma devoção consagrava a tais ou outras que tais divindades, o que bem se deixa entender pelo tom e ares de mofa por que são figura-

das e apresentadas tantas vezes as entidades imaginárias, nutridas a poder de néctar e muito dispêndio de ambrosia. Muito bem sabia Homero que a memória (personificada em Mneme ou Mnemósina) é das Musas Madre. É evidente que na literatura homérica invocar a Musa não significa nada senão fazer um apêlo ao vigor da imaginação e à fôrça da inteligência.

Parece-me que nos últimos cantos da Ilíada *deu o Poeta o máximo do génio quanto a imaginar horrores e a incitar e levantar os protestos dos sentimentos de compaixão e piedade.*

Destas rapsódias brotou a inspiração para os grandes trágicos, Ésquilo e Sófocles.

ILIADA DE HOMERO

RAPSÓDIA XXI

Marchava o exército Troiano ao longo da voraginosa torrente do Xantos, formoso rio que promana de Zeus imortal; mas, antes que alcançasse o vau, foi atacado por Aquileus, e cortado em dois segmen-
5 tos: um alongava-se ainda pela margem do rio, mas em sentido contrário ao da marcha anterior, o outro estendia-se pela planície, em direcção à cidade, pelo mesmo caminho por onde na véspera os Acaios tinham fugido, apavorados e batidos pelo grande Hei-
10 tor. Por aqui os Acaios fugiram ontem, perseguidos por Heitor; por aqui os Troianos fugiam hoje, perseguidos de Aquileus. Como, porém, Hera envolveu êste trôço de caminho na morrinha de cerrado nevoeiro, para que os homens não vissem onde pu-
15 nham os pés, Aquileus correu sôbre a tropa que marginava o rio. Acometidos de súbito pânico os guerreiros, espantados os cavalos, homens, cavalos e carros começaram a rolar com estrondo e fragor medonho para o precipício onde corriam, profundíssimos,
20 os turbilhões de prata; os rochedos abruptos da margem, as ribanceiras, os montes vizinhos repetiam cá fora os gritos, alaridos, brados, mugidos, bramidos abafados pela enorme profundidade do sorvedoiro. Lá em baixo, muitos dos que morreram sabiam

nadar: um esfôrço quási os tinha salvos, mas os vórtices os reabsorviam; e os «rolos de prata» foram serpentes enroscadas em náufragos; e a estrepitosa torrente do Xantos divino, que promana de Zeus imortal, mandou calar para sempre as bôcas donde saíam vozes humanas.

Dize-me agora, ó Musa, como foi possível semelhante horror e quem foram de tamanha desgraça os autores. O ardente Furor e o Mêdo apressado foram. Como diante do estralejar da labareda fogem os gafanhotos, e fogem aos pulos e a pequenos vôos rentes ao chão, pois sabem que para o alto voa o fogo; e, se encontram rio ou lago, em mor alvorôço, saltam e, aos piparotes na água, morrem afogados, assim diante da fúria ardente de Aquileus fugiram os Troianos e se precipitaram, homens e cavalos, nos turbilhões profundos da estrepitosa torrente do Xantos.

O descendente de Zeus deixou a lança encostada a uma tamargueira, na margem do rio, e baixou ao precipício com a espada em punho, terrível como um «dáimon», premeditando ruins proezas. Em tôrno dêle a espada relampejava e debaixo de seus golpes os Troianos soltavam gemidos e gritos que faziam pavor; a água avermelhava-se de sangue. Como os peixes miúdos, perseguidos por delfim monstruoso, se refugiam nos esconderijos, assim os Troianos se escondiam por furnas, cavernas e anfractuosidades daquêle lugar sinistro; e para alguns isto foi causa de seu maior desbarato e ruína. Quando Aquileus sentiu as mãos cansadas de matar, tirou para fora da garganta do rio doze jovens, que teriam de pagar com suas vidas a morte de Pátroclos, filho de Menóitios. Fê-los subir a ribanceira,

tirou-lhes da cintura as correias elegantes que pren-
diam as túnicas, atou-lhes as mãos atrás das costas
(os jovens tremiam como tenros corços) e os entre-
gou a companheiros de confiança e mandou que os
5 levassem para as cavernas dos navios. ¡E voltou
à horrenda tarefa!

Ao voltar, encontrou um filho de Príamos e da
estirpe de Dárdanos, Licaão, que no momento ten-
tava fugir do fundo da ribanceira. — Licaão já ti-
10 nha sido prisioneiro ou cativo de Aquileus. E o
caso deu-se do modo que se vai dizer. Estava êle
no pomar de seu pai a cortar com o afiado bronze
os ramos de uma baforeira que lhe pareciam de fei-
ção para as cambas de um carro. Era ainda escuro
15 ou era já escuro, pois se diz que o assalto à mão ar-
mada foi de noite, o tempo mais propício a saltea-
dores. Surgiu-lhe, pois, de improviso e para seu mal,
entre as árvores, o divino Aquileus e forçado o le-
vou para o barco e o foi vender na populosa Lem-
20 nos; aí fêz bom negócio com o filho de Jasão, que
lho pagou pelo justo preço; depois um rico foras-
teiro, Eetião de Imbros, o resgatou por grande soma
e o enviou para a divina Arisba; de Arisba divina
conseguiu fugir e voltou para a casa paterna, onde
25 onze dias passou em festas e banquetes com seus
amigos, celebrando o regresso de Lemnos; mas, ao
duodécimo dia de tais festas e banquetes, um deus
o entregava de novo às mãos de Aquileus, que o ia
enviar para a casa de Aides; e êle de modo nenhum
30 para lá queria ir.

Quando, pois, o rápido, o divino Aquileus viu que
o homem por ali andava, desarmado, sem casquete,
sem broquel, sem lança — o esfôrço por se arrancar
do sorvedouro do rio lhe esgotara as fôrças e por isso

deitou fora as armas —, fingindo espanto e indignação, disse a seu coração duro e a sua alma bravia:

— ¡Ah, grande milagre vêem aqui meus olhos! Sem dúvida todos os Troianos que eu matei ainda cá voltam, ressurgindo das bandas do brumoso poente, como voltou êste, safando-se do impiedoso dia, depois de ter sido vendido na diviníssima Lemnos. A extensão do alvacento mar, que retém tantos outros, muito contra a vontade dêles, a êste deixou-o fugir. Seja! Mas terá êle de saborear ainda a ponta de nossa lança, porque desejo saber se igualmente será capaz de surdir de lá debaixo, ou se a terra, criadora de vida, terá fôrças para o segurar, a terra que doma ao indomável.

Absorto em tão negras reflexões, esperava; Licaão, inquieto, assustado, agitava-se, queria abraçar-lhe os joelhos: ansiava por escapar de má morte, da divindade negra. Entretanto o tôrvo Aquileus levantava impaciente a comprida lança e queria terminar depressa o bem premeditado homicídio. Mas Licaão passou ligeiro por baixo da lança, inclinan*do-se muito, apoiando as mãos, nos joelhos*; a lança voou-lhe por cima dos ombros e foi espetar-se no chão, exasperada por não ter podido morder pele humana. Licaão com um braço segurava os joelhos de Aquileus, e o implorava; com a outra mão retinha, com o afinco do desespêro, a aguda lança. Disse então a Aquileus estas palavras aladas:

— Estou a teus joelhos, Aquileus; respeita-me, tem piedade de mim; à tua presença venho, aluno de Zeus, não como Licaão, mas na qualidade de suplicante e tens de respeitar em mim as imunidades do suplicante. Além disto, estás obrigado para comigo pelos deveres da hospitalidade; porque sou

de alguma sorte teu hóspede: foi à tua mesa que eu pela primeira vez comi o pão de Deméter, pão da hospitalidade, quando me tomaste no excelente vergel de meu pai e me fôste vender, longe de meus pais e amigos, na diviníssima Lemnos. ¡E olha que não fizeste mau negócio, pois te rendi o preço de uma hecatombe!

Podias, em todo o caso, ter pedido mais, porque depois fui revendido (ou resgatado, mas isso não é contigo) pelo triplo. Fulgiram sôbre mim onze auroras, (com a de hoje, doze) desde que, depois de tantos trabalhos, regressei a Ílios. ¡E agora, outra vez, a sorte funesta me entrega às tuas mãos! Muito ódio me há-de ter Zeus-Padre para assim me colocar à tua mercê! Para curtos prazos me criou minha mãe, Laotoe, filha do velho Altes, rei dos belicosos Léleges, residente na escarpada Pédasos, sôbre o rio Satnióeis. Entre muitas outras mulheres, Príamos possuíu a filha de Altes; filhos dela somos dois e tu de ambos nós serás o assassino. A um já o mataste, atravessando com a lança aguda a Polidoros, rival dos deuses, que encontraste na primeira linha dos guerreiros; agora é comigo que se dá o mau encontro. Já não conto ver-me livre de tua detestável companhia, porque certamente foi um «dáimon» que nos aproximou. Tentarei, contudo, despertar em ti algum vislumbre de humanidade com minhas derradeiras palavras: ao menos fiquem-te de lembrança. Não somos filhos do mesmo ventre, Heitor e eu. Heitor matou a Pátroclos, teu companheiro, herói de alma doce e amorável. Matando-me, julgas que matas um irmão de Heitor; enganas-te: por minha mãe, não o sou. Tenho dito e, de certo, vivido...

Assim falou o ilustre filho de Príamos; mas não foi doce nem amorável a voz que lhe respondeu:

— Insensato, não me faças rolar ante os olhos
5 teus montes de tesoiros, — em promessas, pois em tuas mãos os não vejo —, nem me fales em resgate. Enquanto não raiou sôbre Pátroclos o fatal dia, também eu não estava longe disso, e, em meus cálculos, entendia que era preferível poupar os Troia-
10 nos; muitos, vivos os cacei e pus à venda. Agora, porém, nenhum escapará da morte, de quantos, diante de Ílios, um deus me lançar entre as mãos; e muito menos, sendo filho de Príamos. ¡Vamos, meu amigo, morre também tu! ¿Porque te lamen-
15 tas da tua sorte e para quê? Não morreu êle primeiro, Pátroclos, que valia bem mais que tu? Olha bem para mim: ¿não sou eu belo, grande e forte? E nobre é meu pai; uma deusa me criou, é minha mãe; e, contudo, sôbre mim pairam a morte e
20 o poderoso destino: será pela manhã, será à tarde, ou à hora do meio dia, um qualquer, ao serviço de Ares, me tirará a vida, seja com a lança, seja com a seta despedida do arco.

Disse e no instante a Licaão faltou o coração ami-
25 go, renderam-se os joelhos: tombou de assento e as mãos desempolgadas da lança, descaíram uma para cada lado, inertes. Aquileus arrancou a aguda espada e descarregou o golpe sôbre a clavícula, rente ao pescoço; a espada de dois gumes entrou tôda;
30 a cabeça pendeu para diante; o cadáver contraiu-se... e retesou-se para ficar bem estirado sôbre terra; jorrava ainda o sangue negro e molhava o chão. Aquileus levantou o morto por um pé e o atirou ao rio, para que o rio o levasse ao abismo

sem fundo. E então Aquileus, triunfante, proferiu estas palavras aladas:

— ¡Vai-te para lá agora para o meio dos peixes que, aos cardumes, com fina curiosidade, quererão
5 ver a tua ferida e experimentar se lhe sabe bem o sangue dos Priâmidas. Tua mãe não te arranjará um leito mortuário para chorar sôbre ti; o Escamandros te arrastará em seus turbilhões para o vasto seio do mar. E algum peixe mais taludo e guloso,
10 percebendo «qualquer coisa» a flutuar ao cimo de água, furando uma onda, saltando sôbre outra, irá refocilar-se nos untos brancos de Licaão. E... ¡eh lá vós ó Troianos que isto ouvis, morrei, porque não tendes outra saída senão esta: vós, adiante,
15 fugindo, eu, atrás, matando, até que alcancemos a santa cidade de Ílios! E de nada vos servirá êste rio de impetuosa torrente, de belos turbilhões de prata, ao qual sacrificais desde velhos tempos muitos touros e cuja garganta vos tem engolido vivos numero-
20 sos cavalos de cascos sem fenda. Apesar de tamanha devoção ao vosso rio, estais perdidos; e sôbre vós impenderá triste sorte até pagardes a morte de Pátroclos e o desbarato dos Acaios. ¡E, em minha ausência, muitos trucidastes vós, perto dos finos
25 navios!

Assim falou, e o rio se turbou muito em seu coração e em sua alma considerava como poderia sustar as façanhas do divino Aquileus e excogitava modo de salvar do desastre os Troianos.

30 Entretanto o filho de Peleus empunhou a sua lança e a lança ao alto fazia tão estendida sombra que não cabia no chão; e correu sôbre Asteropaios e o queria matar. Ora, o pai de Asteropaios, Pelegão, era filho de Axiós, rio de extenso curso. Axiós

enamorou-se de Periboia, uma das filhas de Acessamenós, a mais velha. Ela também gostou dêle e se uniu aos turbilhões profundos do rio; e, casados ou solteiros, tiveram um menino, que foi Pelegão. 5 Como, pois, Asteropaios era da família Rios, e o rio Xantos estivesse irritadíssimo, pelo morticínio de mancebos que havia feito, sem piedade, Aquileus em sua corrente, Xantos estimulou a Asteropaios e o encheu de coragem; por isso Asteropaios saíu do 10 rio como uma lança em cada mão e teve com Aquileus barba tesa. Quando os dois estavam perto, mais ainda crescendo um para o outro, disse Aquileus a Asteropaios:

— ¿Quem és tu entre os homens e donde vens 15 tu? Ousas defrontar-te comigo? ¡Infelizes daqueles cujos filhos provocam meu furor!

O ilustre filho de Pelegão respondeu:

— ¡Magnânimo Peleida, porque me interrogas acêrca de meu nascimento? Eu venho da fértil 20 Paionia, sou chefe dos guerreiros Paiões que manejam compridas lanças; onze auroras são passadas depois que cheguei a Ílios; o ter nascido devo-o a Axiós, rio de longo curso e que se preza de lançar ao mar a água mais límpida e bela do 25 mundo; Axiós gerou a Pelegão e Pelegão, diz a bôca do mundo, me gerou a mim. ¡E agora, ilustre Aquileus, ao combate!

Assim falou, assim ameaçou; e o divino Aquileus apontou o freixo do Pelião. Mas o herói Asteropaios, 30 agitando os virotões (nisto estava bem exercitado), os arremessou em dois tempos; um bateu no escudo, mas do oiro e Hefaistos não passou; o outro de Aquileus arranhou o cotovelo direito, do cotovelo jorrou sangue negro, e o sangue espalhou no

ar muito fumo; o virotão passou além, espetou-se
no chão, mui desesperado por ter da carne desa-
ferrado o dente. Por sua vez Aquileus mandou o
seu freixo, que bem ensinado tinha o voar direito;
5 quanto mais desejava matar, tanto pior atirou, e
a trave voadora foi espetar-se no meio da riban-
ceira. Puxou então da espada, que da coxa lhe
pendia, e correu furioso sôbre Asteropaios, empe-
nhado na ocasião em arrancar da rampa a enorme
10 lança; três vezes tentara debalde; à quarta, am-
bas as mãos lhe deitou, com quantas fôrças tinha;
já suava, mas também já vergava o freixo do Pe-
lião; e de certo o teria quebrado, se Aquileus lhe
não metesse a espada por baixo do umbigo.
15 Por baixo do umbigo de Asteropaios, não do
freixo. As tripas saíram, escorregavam, desenrola-
vam-se no chão. A fria noite velou os olhos de As-
teropaios, cessava êle de arquejar. Aquileus despo-
jou o cadáver e disse triunfante:
20 — ¡Fica-te para ai! Não era para ti, pôsto que
da família dos Rios, brigar com filhos do poderosís-
simo filho de Cronos. Afirmavas que eras da raça
de um rio; mas eu gabo-me de ser da raça do
grande Zeus. Fui gerado por um homem que reina
25 sôbre numerosos Mirmidões, Peleus-o-Aiacida: ora
Aiacós descendia de Zeus. Se Zeus é mais forte que
os rios que se lançam no mar, também mais forte
é a raça de Zeus que a de um rio. Grande rio corre
a teu lado; êle que te valha, se pode. Mas é impos-
30 sível combater a Zeus, filho de Cronos, a quem não
iguala o mesmo Aquelóios nem ainda Sua Exc.ma
Valentia o Oceano de funda torrente, donde todos
os rios, todos os mares, tôdas as fontes derivam e
os fundos dos poços todos bebem: até o Oceano

tem mêdo do raio do grande Zeus e se assusta com o trovão, quando estremece e remuge o Céu.

Disse, e arrancou o bronze da lança de fenda rampa, deixou Asteropaios, cujo coração fizera parar, estendido na areia, — já a água suja o cobria, já as enguias o comiam, já a serrilhas das bôcas dos peixes lhe puxavam, lhe comiam e já rapavam a carne dos rins. — E Aquileus avançou contra os Péones que tinham debandado quando o viram matar o mais valente de seus guerreiros e ao longo do turbilhonante rio fugiam ainda. Aquileus matou-lhes Tersílocos, Midão, Astéfilos, Mnesos, Trasios, Áinios e Ofelestes, e muitos mais haveria trucidado, se o Rio dos profundos vórtices o não tivesse ameaçado, irritadíssimo, na figura de um homem, que assim falou do fundo de um turbilhão:

— Aquileus, tu és o mais forte dos homens, mas também fazes mais desacatos e cometes mais sacrilégios que todos os homens; tornas-te insolente, porque alguns dos deuses te protegem. Se o filho de Cronos te deu o poder e licença de exterminar os Troianos, leva-os para longe de mim; tens a planície para tuas façanhas atrozes; vai lá para onde quiseres, mas aqui não; o curso do meu rio é aprazível e amável e tu o encheste de cadáveres. Se minhas águas redemoinham e saltam, é porque são alegres e vão contentes ao seu destino; mas já não sei como as hei-de rolar para o mar divino, embargadas por tantos mortos. ¡ És horrível homicida! Vamos, fora daqui! Causas-me nojo e horror, ó chefe de tropas!

O expedito Aquileus respondeu:

— Seja como dizes, Escamadro, provindo de Zeus. Mas a estes Troianos não cessarei de os matar, mau

grado seu brio e orgulho, até que sejam rechaçados para a cidade e me haja medido com Heitor, para que se veja se êle me vence a mim ou eu a êle.

Dito isto, atirou-se aos Troianos como «dáimon».

5 O rio dos profundos turbilhões disse então a Apolão:

— ¡ Ai que tu, ó deus do arco de prata, não tens cumprido as ordens de Zeus, filho de Cronos e teu pai! Tanto te recomendou êle que auxiliasses e defendesses os Troianos até a hora pacificadora da

10 tarde, quando as sombras cobrem e protegem a fecunda terra...

Disse. Aquileus, confiando em sua lança, pulou da rampa ao meio do Escamandros. Mas o rio começou a encrespar as águas; crescia, entumescia es-

15 pantosamente; por todo o longo curso bramia e remugia como um milhão de touros mugindo ao mesmo tempo. As águas balançavam, os turbilhões arrojavam para terra numerosos cadáveres — ¡ belos testemunhos das proezas do herói! — Os vivos,

20 o rio os escondia, com muita humanidade, em seus turbilhões amplos e profundos; e ao sujo homicida resolveu o formoso rio lavá-lo com sua água e dar-lhe uma boa esfrega com sua areia. Primeiro, formou uma tromba e com ela lhe bateu no escudo

25 «como se desse em vão nalgum rochedo»; depois, como serpente que se desenrosca de lura, ergueu-se do leito e atirou-lhe pelas costas abaixo grandes espadanas de água; os pés do herói escorregavam, fugiam-lhe para trás. Aquileus tombou sôbre a riba-

---

25. — ¡Isto não é traduzir Homero; é plagiar Camões! — Para o caso, tanto faz traduzir como plagiar.

ceira. Ao tombar, deitou as mãos a um ulmeiro, formoso e já grande, mas que ainda ali medrava e crescia; e arrancou o ulmeiro pela raiz; e ao arrancá-lo, esbarrondou a ribanceira para o rio; e com
5 a terra esbarrondada e com o ulmeiro fêz um dique para as águas e ponte para si; e pela ponte fugiu. As águas refluíram ao leito e pareciam dispostas a restabelecer suas leis de equilíbrio e remanso. Os pés ligeiros de Aquileus sacudiam a poeira, pla-
10 nície fora, e tinham vencido já a distância que alcança um dardo. Mas a divindade do rio não estava apaziguada, e mandou correr tôda a água atrás do fugitivo. O rio precipitou-se na planície, sujando as ondas e espumas com as varreduras dos cami-
15 nhos, a fim de pôr têrmo às façanhas de Aquileus e livrar os Troianos do último desbarato. O herói corria com o ímpeto da negra aguia caçadora, a mais forte e mais rápida de tôdas as aves, e sôbre os ombros e sôbre o peito tilintavam as armas e ar-
20 maduras sacudidas; mas mais corria o rio e ¡já lhe molhava os calcanhares! Não era desta vez, ó Aquileus, que levavas a água ao teu moinho, nem, de enxada em punho, correndo aqui, saltando acolá, ora atrás ora adiante, desobstruindo ou fazendo-lhe
25 o rêgo, retirando um calhau, arrancando um torrão, a levavas a teu campo, pomar ou jardim: a água dócil é prestadia; lavando os pés ao homem pacífico, se deixa levar aonde êle quere. Não assim a água que batia os calcanhares de Aquileus: não se
30 deixava guiar por êle; perseguia-o; e atrás da primeira onda, que afinal era quási só espuma, vinha, bramia, o grosso do Escamandros, que mais agora ou mais logo o havia de apanhar e levar enrolado, porque os deuses são muito mais fortes que os ho-

mens. De quando em quando o rápido, o divino Aquileus, ao tomar alento, olhava para trás — ¿não seriam todos os deuses, que, despejando o vasto Olimpo, vinham sôbre êle? — e as ráfegas de um
5 turbilhão batiam-lhe na cabeça e se lhe despenhavam pelas costas abaixo e, ao mesmo tempo, a corrente inferior, insidiosa, puxava-lhe atrás as pernas e tirava-lhe a terra debaixo dos pés: então o filho de Peleus atirava-se para o ar e de coração
10 aflito se queixou, olhando o vasto céu:

— ¿Zeus-Padre, não há um deus piedoso que me ampare e me livre dêste rio? Depois de tantas promessas e incitamentos, todos me abandonaram. ¡E eu que me agüente sob o pêso das calamidades!
15 Nenhum dos filhos de Ouranós é tão culpado como minha cara mãe, porque me iludiu com mentiras: muitas vezes me disse que eu viria a morrer atravessado pelas rápidas frechas de Apolão debaixo dos muros dos encouraçados Troianos. ¡Quanto me-
20 lhor não seria perecer às mãos de Heitor, o mais excelente dos homens nados e criados por estes sítios! Um bravo matava, um bravo era despojado! ¿Mas que sucede? Vai passando um porcariço; sobrevém a tempestade; o rio trasborda e a cheia ar-
25 rasta os porcos e o moço porqueiro: assim me acontece agora; o destino entrega-me a uma deplorável e ignominiosa morte, fechado no bôjo dêste grande rio.

Assim falou; e logo Poseidaão e Atena lhe sur-
30 giram ao lado, metidos em corpos como os dos homens, e tomando-lhe a mão entre as mãos (cinco mãos firmavam o pacto de amizade dos três) e o deus e a deusa o confortaram, de palavra; e o primeiro a falar foi Poseidaão que a terra abala:

— ¿Que maleitas são essas, homem? Tremes como varas verdes... Não tenhas mêdo; não há motivo para tanto. Aqui estamos nós para te ajudar, com plácito de Zeus. Filho de Peleus, na fôlha do teu destino não está que um rio te embrulhe. Dentro em pouco a fúria do rio será a calma do lago; tu o vais ver. Mas por agora segue êste conselho, que foi urdido com muito vagar e reflexão e com grande madureza tramado: não te fiques de braços caídos no combate igual (igual, porque quem mais dá, mais apanha), sem que tenhas rechaçado as tropas Troianas para dentro das gloriosas muralhas de Ílios; deves ter por certo que os Troianos fogem. Tiras a vida a Heitor e regressas aos navios. Pomos esta glória ao teu alcance.

Dito isto, deus e deusa voltaram para a companhia dos imortais. Aquileus, reanimado pelo conselho dos deuses, recomeçou a marcha através da planície. Ora o terreno estava inundado, e flutuavam na água numerosos cadáveres de jovens, não obstante o pêso das armaduras. Aquileus, com alguma dificuldade e levantando muito as pernas para desembaraçar os passos, é verdade, avançava sempre contra a maré, direito e teso, porque Atena lhe tinha dado ou emprestado muita fôrça.

O Escamandros tão pouco se remitia de seu ímpeto e fúria; pelo contrário, mais e mais se assanhava contra o Peleião; e, empolando e encrespando as suas vagas, chamou pelo Simóeis, gritando:

— Caro irmão, junta tuas águas e tuas fôrças às minhas, para contermos êste homem; se não, não tardará que subverta a grande cidade de Príamos, porque os Troianos não se agüentarão na luta, nem

a saberão defender. Ajuda-me quanto antes; faze um apêlo às tuas fontes, para que deitem mais; espreme os terrenos, que ressumam água; eleva ao máximo o teu caudal; depois, solta a torrente com enorme fracasso, arranca pedras e penedos, destronca árvores e traze tudo para cá, para determos êste selvagem, que se faz agora forte e insolente, porque alguns deuses imprudentes e desleais aos colegas lhe deram fôrça superior à de algumas divindades. De nada lhe valerão fôrça e denôdo e suas belas armas irão para o charco e lá ficarão inúteis em qualquer parte, cobertas de lodo, e êle próprio, depois de bem rolado na areia, irá para o fundo e lá há-de jazer coberto de imensa vasa, donde os Acaios nem os ossos lhe aproveitarão. Ali será seu túmulo; os Acaios, celebrados os funerais, não precisarão de o cobrir de terra.

Disse, e o grosso rolo de água contorceu-se em grande fúria e levantou a fronte a enorme altura, sacudindo uma nuvem de espuma e de sangue, arremessando mais alto e para longe de si os cadáveres; e em baixo, enroscava-se nos flancos de Aquileus e o arrastava para o fundo. Hera, ao ver o rio de turbilhões profundos sorver o herói, deu um grito de horrível angústia. E disse a Hefaistos, seu caro filho:

— Levanta-te, Coxo, querido filho, porque precisamos de ti na luta contra o turbulento Xantos. Vem depressa em nosso auxílio, faze brilhar num instante tuas numerosas flamas; eu irei com o Zéfiros e o Notos, que o céu clareia, levantar das bandas do mar terrível borrasca; soprado por ela, o teu funesto incêndio queimará as cabeças dos Troianos e lhes derreterá as armaduras sôbre as costas,

costelas e lombos. Tu vais tomar posição nas margens do Xantos; primeiro queima-lhe as árvores; depois deita-lhe o fogo também a êle, ao rio. E não te deixes levar de cantigas; não cedas nem a lamúrias melífluas nem a imprecações de raiva; não afroixes um ponto de teu ardor: quando, porém, eu te fizer sinal, com um grito, então deves fazer logo parar tuas chamas infatigáveis.

Ela disse, e Hefaistos começou logo a enfeixar as chamas divinas e a reünir as divinas faíscas. E o incêndio lavrou na planície e queimou os muitos cadáveres de guerreiros mortos por Aquileus e que o rio para ali arrastara. Todo o plaino ficou enxuto e as águas pararam a espelhar o incêndio. Como no Outono ao sôpro do Bóreas um pomar bem regado enxuga num momento, para gáudio e proveito de quem o cultiva, assim todo o terreno ficou sêco e adubado com a cinza dos cadáveres. E Hefaistos mandou rodar sôbre o rio a fogueira aérea: e ardiam olmos, salgueiros, tamargueiras, lotos, juncos e as morraças que ao longo de tôda a margem eram bastas como pêlo de cão. Meio vivas, meio cozidas, meio assadas, as enguias não sabiam aonde se meter; o vulgo dos peixes, antes alegre e feliz nos turbilhões de prata, correndo aqui, correndo além, e dando de quando em quando seu pulo acima e fora de água, morria de aflição, sentindo lume nas guelras, e não teria refrigério enquanto por ali andasse Hefaistos com seus engenhos incendiários. ¡Oh, até Sua Ex.ma Fôrça o Rio ardia! E tanto ardia que se viu obrigado a inclinar-se diante do deus:

— Hefaistos, nenhum dos deuses pode rivalizar contigo, e tão pouco eu me posso medir contigo,

pois desta maneira me escaldas. Cesse a desavença; os Troianos lá se avenham com Aquileus. ¿Que obrigação tenho eu de os socorrer?

Assim falou o rio, torriscado pelo fogo; e a sua bela corrente já levantava fervura como alevanta a água em caldeirão sobrepôsto a grande fogueira, dentro do qual se funde a gordura de um bom porco, para se fazer um caldo substancioso, digno dos heróis de Homero. Assim aquecia o fundo do rio, tôda a água fervia, os turbilhões dançavam em grandes bulhões, a torrente não podia avançar e a divindade aquática sentia-se morrer ao sôpro ardente de Hefaisto. Por isto Xantos dirigiu a Hera sua súplica nestas palavras aladas:

— Hera, porque se lançou teu filho sôbre o meu curso de água, entre tantos, para o atormentar? Não sou eu, todavia, tão culpado para contigo, como os outros deuses do partido troiano. Entretanto desistirei de auxiliar os meus amigos, se assim mo ordenas; mas é preciso também que teu filho deixe de me atirar lume. E então jurarei que não mais hei-de afastar dos Troianos o dia da desgraça, ainda que Tróia inteira seja queimada pelos belicosos Acaios.

Ouvidas estas palavras, a deusa de formosos braços, Hera, disse a seu filho mui querido, Hefaistos:

— Hefaistos, pára; basta, filho ilustríssimo: não está bem que um deus imortal seja assim maltratado, por causa dos humanos.

---

9. «Heróis de Homero», aqui, é uma locução adjectiva, substantivada... — ¡e que bem substantivada! — equere dizer: grandes comilões ou os *Gargantões* de Fr. Marcos de Lisboa.

Ela disse e Hefaistos apagou o fogo de chamas divinas; e o Xantos retrocedeu, refluíu e deslizou límpido e fresco (depois de tamanha escaldadura) pelo seu belo leito. Domado o ímpeto de Hefais-
5 tos e abrandada a fervura do Xantos, estes dois deuses ficaram, se não amigos, acomodados porque Hera a um e outro tirou a sanha; mas entre os outros deuses fervia a intriga e a discórdia grassava avassaladora, terrível.
10 Dois pareceres e dois quereres separaram os imortais em dois bandos; e os dois bandos arremetiam um para o outro; sôbre a terra vasta e no amplo céu soaram, ressoaram espertas trombetas de guerra; e também no Olimpo ecoaram, e Zeus, que no
15 Olimpo sentado estava, perdeu-se de riso ao ouvir aquelas rijas cornetadas e mais se queria rir com o espectáculo da batalha. E a batalha começou. Primeiro, Ares, broca dos broquéis, furador de couraças, arremessou a sua lança contra Atenaia, acom-
20 panhada de palavras ultrajantes:

— ¿Porquê mais uma vez, môsca de cão, lanças os deuses na discórdia, com tua impetuosa ousadia e com êsse enorme desplante? Já te não lembras do dia em que instigaste a Diomedes, filho de Tideus,
25 para que me ferisse; e tu mesma, empunhando a lança à vista de todo o mundo, vieste direita a mim e me rasgaste a formosa pele? ¡Pois agora me hás--de pagar o que me fizeste!

Dito isto, Ares, sujo de mortícinios, arremessou-
30 -lhe a arma, que bateu no centro do escudo ou égide; ¡mas a égide de mil franjas resistiria até de Zeus ao raio! E Atenaia cresceu para êle, apanhou com a robusta mão uma pedra negra, angulosa, enorme, que os homens de outrora para ali teriam levado

para demarcação de um campo, atirou-lha e lhe desarticulou duas vértebras do pescoço. Ares tombou, medindo com o corpo sete geiras de chão. Riu-se Palás Atena e, cantando vitória, lhe disse estas
5 palavras aladas:

— ¡Anda, é para que te não metas com quem é superior a ti! Bem é que sôbre ti caiam as maldições de tua mãe, indignada por teres abandonado os Acaios, bandeando-te com os perjuros Troianos.

10 Ditas estas palavras, Atenaia desviou para longe os olhos fulgurantes. Entretanto, lá como pôde, Ares atarraxara do lacerado pescoço as vértebras, e já recolhia a casa, gemendo muito, de ânimo abatido, amparado pela mão de Afrodita, filha de Zeus. A
15 deusa de brancos braços, Hera, vendo caminhar assim aquêle mal emparelhado par, a respeito do qual já havia na terra e no céu muito falatório, disse a Atenaia:

— ¡Olha, filha..., filha indomável de Zeus da
20 égide! ¿Não vês como aquela sarna de cão vai apegada a êle, a Ares, o deus mais detestado pelos homens, e o leva, através do campo de batalha, e o põe a salvo do combate mortífero? Dá-lhes uma corrida e põe-mos dali para fora.

25 ¡Era o que Atenaia queria ouvir! Correu sôbre Afrodita e com o punho rijo deu-lhe uma forte pancada nas mamas e a fêz vergar sôbre os joelhos, revirar os olhos, pôr a mão sôbre o coração, onde sentia, dizia ela, grande dor. Caindo Afrodita, Ares

---

8. «de tua mãe». No *Autem genuit* do Olimpo Ares passava por filho de Zeus e de Hera.

também trambolhou, fôsse por simpatia, ou porque, estando arrimado à companheira, se ela caíu, tinha êle de cair... E Atenaia triunfante disse estas palavras aladas:

5 — ¡Tais são todos os protectores dos Troianos, quando combatem os encouraçados Argivos! Tão resistentes e intrépidos como esta mole Afrodita em contenda comigo, por defender o seu Ares!

Há quanto podíamos e devíamos nós ter termi-
10 nado a guerra, depois de arrasar a bem edificada Ílios!

Ela assim falou; e a deusa Hera, apertando no seio os brancos braços, sorria. E o poderoso deus que a terra abala disse a Apolão:

15 — ¿Porque ficamos ambos aqui à margem dos acontecimentos? Não nos quadra bem esta inércia, quando todos os outros já começaram.

Ser-nos-ia vergonhoso regressar ao Olimpo e pisar de novo os pavimentos de bronze da casa de Zeus,
20 sem ter havido combate. Começa, pois, tu, que és mais novo; nasci primeiro, sei muito mais coisas do que tu, e por isso tenho obrigação de ser mais comedido. ¡Insensato que és! Como teu coração desafina da razão! ¿Já te não lembras do que nós tive-
25 mos de suportar em volta de Ílios, quando ambos nós, e só a nós dentre os deuses sucedeu coisa assim, fomos obrigados a sair da casa de Zeus, e estivemos um ano inteiro ao serviço do enérgico e duro Laomedão, por um salário prèviamente ajus-
30 tado? Com a ponta de um dedo, um pestanejo, com um sinal de sobrancelha, êle nos fazia mexer. Eu tive de construir o muro em volta da cidade dos Troianos, de grossas e altas paredes, inexpugnável. Tu, Foibos, andavas atrás dos bois de pernas tor-

tas, de tortas e tornejantes patas e cornos retorcidos; ias com êles para as fraldas do Ida, por ervaçais e matagais; aqui vos sumíeis num vale, além trepáveis um outeiro; num ponto, desaparecíeis
5 num bosque; e logo reaparecíeis numa clareira. Tu com os bois, e eu revolvendo terra e removendo pedras, esperávamos a hora agradável da paga; mas quanto mais a hora bendita se aproximava, tanto mais o nosso amo nos fazia
10 ruim cara, porque era do número dos malandros que não pagam a quem trabalha. Quando lhe pedimos o salário, nos despediu e disse que fôssemos ganhar a nossa vida.

Como insistíssemos, disse que nos mandaria, li-
15 gados de pés e mãos, vender a umas ilhas, não sei se próximas se longínquas; e prometeu ainda que nos cortava as orelhas com o afiado bronze. Completamente roubados, saímos cheios de raiva da casa do terrível Laomedão.

20 Aqui tens quem é o homem em cujo serviço militas em vez de te esforçares, como nós, por vencer os altivos Troianos e a torná-los em lastimosos suplicantes, com seus filhos e castas mulheres.

Apolão, o príncipe do fremente dardo, respondeu:
25 — Ó tu que a terra abalas, com razão me podias dar por doido rematado, se eu combatesse por causa dos miseráveis humanos, tão insignificantes como as fôlhas das árvores; sabe-se que por um instante freme nêles, como nas fôlhas, a chama da vida,
30 porque devoram os frutos da terra; mas o coração pára-lhes, foi-se-lhes o apetite, todos os desejos morreram. Combatam êles, se assim o desejam; e cessa quanto antes a pugna dos deuses.

Pronunciadas estas palavras, voltou o rosto, por-

que na verdade tinha escrúpulos e vergonha de brigar com seu tio paterno. Mas sua irmã, Ártemis campestre, que reina sôbre os bichos do mato, começou a renhir com êle, muito furiosa:

5 — ¿Tu foges, tu que andas sempre a dizer «Sou o que longe mata», «Sou o que longe mata!». ¿Então o Mata-Longe também foge? Poseidaão alcançou uma vitória completa com tua deserção; deste-lhe uma vitória fácil. ¡Fatuo! ¿Para que trazes ao
10 ombro êsse arco? Naturalmente para tocar lira... ¡Que te não oiça mais, desde agora, gabarolar, como é teu costume, no palácio de nosso pai, entre os deuses imortais, dizendo que és mais forte que Poseidaão, capaz de o combater de frente.

15 Ela disse, e Apolão, o divino archeiro, houve por bem nada responder. Mas a venerável espôsa de Zeus repreendeu com muita acrimónia a Frecheira:

— ¿Como ousas tu, atrevida cadela, insurgir-te na minha presença? ¡Cautela, que eu não sou boa
20 para inimiga, nem rival fácil de suplantar, ainda que venhas para cá de arco ao ombro! Tens assomos de leoa entre as mulheres, porque Zeus se lembrou de fazer de ti o terror do sexo frágil e assim matas aquela que te desagrada ou só porque te ape-
25 tece matar; mas o *terror das mulheres*, quando despede a seta maligna, esconde-se detrás de uma árvore... ¡A valentona! Mais te vale, lá pelas montanhas, dar batida aos bichos do mato, perseguir a côrça esquiva, do que vir com rompantes para
30 quem te é muito superior em tudo. E, para te exercitares na guerra... toma!

Disse, e com a mão esquerda segurou-lhe ambos os pulsos, tirou-lhe o arco do ombro e lhe batia com êle sôbre as orelhas; batia e sorria, e Ártemis se

estorcia e as setas se lhe despejavam do carcás. E a deusa menor abaixou a cabeça e fugiu da outra, como do milhafre foge a pomba, a pomba que voa para o seu buraco, escondido na caverna de um
5 rochedo, e lá se escapa por obra e graça de benigno fado. Assim Ártemis fugiu a chorar, abandonando seu arco e azagaias.

Então disse Argeifontes a Letó:

— Eu não combaterei contigo; é perigoso bater
10 nas espôsas de Zeus, juntador de nuvens. Vai já dizer entre os deuses imortais que me venceste em luta árdua.

Disse, e Letó recolheu o arco recurvada e apanhou as setas sôbre poeira revolvida. E voltou com
15 o arco de sua filha; e esta chegou ao Olimpo e correu sôbre o pavimento de bronze da casa de Zeus.

Afrontada e lacrimosa, a jovem deusa sentou-se nos joelhos de seu pai; a ansiedade em que vinha
20 fazia ondular e estremecer o gracioso vestido, brilhante como a ambrosia. Então seu pai, o filho de Cronos, a estreitou ao peito e lhe disse, sorrindo com ternura:

— ¿Quem entre os deuses, sem razão alguma,
25 assim te maltratou, minha filha, como se tivesses feito grande maldade?

A ruïdosa deusa de bela coroa respondeu:

— Foi a Brancos-Cotovelos, a Braços-Enfarinhados, Hera, tua espôsa; atirou-se a mim, como fera,

---

8. Argeifontes: epíteto de Hermeias, Hermes ou Mercúrio.

meu pai. É ela o centro de tôdas as intrigas no Olimpo, a causa das contendas e discórdias.

Assim se queixava a filha, assim o pai a ameigava. Entretanto Foibos Apolão tinha ido para a
5 santa Ílios: andava mui receoso de que os Dânaos, forçando o destino, arrasassem naquele mesmo dia o muro da cidade. Os outros deuses iam, em direcção ao Olimpo, recolhendo a casa, mui descontentes e indignados uns, muito alegres e ufanos outros. Che-
10 gava agora um, logo outro, e junto do pai dos numes se sentava; mas o pai a nenhum dava atenção, porque estava entretido a levantar um grande castelo no ar, um castelo de atras nuvens.

Aquileus, por sua conta e sem doutra coisa se
15 importar, matava Troianos, Troianos pròpriamente ditos e também muitos cavalos caíam de costas e com as patas sem fenda queriam remar no ar. Como chega ao vasto céu o fumo de uma cidade a arder, porque a cólera dos deuses o faz subir, e êsse fumo
20 é núncio de muitos lutos e dores: assim a colera de Aquileus infligia aos Troianos grandes lutos e horríveis dores. E o velho Príamos, de pé sôbre a divina muralha, olhava assombrado para o herói prodigioso: diante dêle os Troianos fugiam em completa
25 derrota, sem qualquer indício de valentia ou assomo de coragem.

Gemendo, Príamos desceu da muralha, para dar ordens e comandar, ao longo do muro, os ilustres guardas das portas:

30 — Abri as portas e tende mão nelas até que as nossas tropas derrotadas entrem na cidade, porque Aquileus se aproxima acossando-as para cá: é aqui que êle vai padecer um desastre, assim o espero: mas logo que as tropas entrem e já respirem dentro

dos muros, reagrupadas, fechai-as, ajustando bem os batentes, não vá êsse funesto homem saltar sôbre os nossos muros.

Disse. Êles retiraram as barras e trancas; abertas as portas, entrou a luz e a salvação. Apolão saltou para a frente dos Troianos, e os livrou do desastre. As tropas em fuga enfiaram pelas portas: vinham fatigadíssimas; os homens cobertos de suor, sujos da poeira; as línguas sêcas, grossas, rugosas, mal lhes cabiam nas bôcas abertas. Aquileus picava os retardatários com a ponta da lança, incansável na fúria e ansioso de glória.

Então os filhos dos Acaios teriam forçado as altas portas e conquistado Tróia, se Foibos Apolão não fizesse avançar o divino Agenor, filho de Antenor, homem brioso e guerreiro valente. Apolão animou-o, encheu-lhe de audácia o coração, e ficou perto, para afastar dêle, se preciso fôsse, as pesadas mãos da morte. E o deus encostou-se a uma faia e envolveu-se na sua nuvem. Agenor, quando deu com os olhos em Aquileus, parou; mas não parava dentro dêle o coração; e disse a seu coração agitadíssimo e a sua grande alma:

— ¡ Infeliz de mim! Se, diante do possante Aquileus, eu fujo para o lado onde os outros correm, perdidos de mêdo, depressa me apanhará, e, como aos outros, me degolará, por minha pusilanimidade.

¿E se, enquanto o Peleida persegue estes fugitivos, eu me fôsse escapando pé ante pé ao longo do muro e, cortando o campo troiano, depois por caminhos e atalhos, ganhasse as fraldas do Ída? Escondia-me nos bosques e pelos matos e à tardinha lavava meus suores na fresca veia, e já com escuro

reentrava em Ílios?... Porque fica meu ânimo perplexo e meu coração indeciso?

O plano está bem gizado... Mas êle ver-me-ia partir ou já correndo na planície e num abrir e fechar
5 de olhos estava apanhado: por alguma coisa se diz — «o de rápidos pés Aquileus»... Sem meios de evitar as divindades funestas, tinha morte certa. ¡E se eu, à vista da cidade, dissesse — morra o homem e fique fama! — e crescesse para êle? Quantos cor-
10 pos tem êle e quantas almas? Um, uma. Parece-me que se lhe batesse de rijo, também o homem havia de soar a rachado...

Zeus, porém, quere dar-lhe a glória; por isso vamos devagar...

15 Com estas reflexões se reanimou a si próprio; e intrépido esperava Aquileus. Como a pantera, ao rebate do ladrar dos cães, sai do mato contra o caçador, e mesmo ferida de perto ou de longe, não cuida em fugir, mas está decidida a lutar corpo a
20 corpo até matar ou ser morta, assim o filho admi-

---

13. «Soar a rachado». — Conta-se que a mãe de Aquileus, a deusa Tétis, quando o menino contava dois anos de idade, para lhe tornar o corpo invulnerável, o mergulhou na lagoa Estígia, de cabeça para baixo, segurando-o por um calcanhar. Por mais que o menino escoicinhou, a solícita mãe não o largou, e os dedos de Tétis aí ficaram assinalados em duas *negras*, uma de cada lado. Isto não pode ter sido verdade, primeiro, porque ninguém viu tais marcas, segundo, porque, se tal tivesse acontecido, o herói tôda a vida havia de manquejar, e não seria «o de rápidos pés Aquileus». Sôbre as imensas patranhas de Homero o «calcanhar de Aquileus» é mais uma: isto é, o «calcanhar de Aquiles» não é de Homero.

rável de Antenor, o divino Agenor, não quis fugir, sem se bater com Aquileus.

Tinha diante de si o escudo em guarda e no pu- nho a lança em riste. E com voz forte gritava:

5 — De certo, ó ilustre Aquileus, afagavas em tua alma a esperança de subverter hoje mesmo a cidade dos briosos Troianos.

¡*Insensato!* Sabe que há ainda muitos que estão dispostos a tudo sofrer por ela! Da parte de cá so-

10 mos bastantes os homens valentes que em presença de nossos pais, mulheres e filhos, defenderemos nossos pais, nossas mulheres e nossos filhos. ¡*A cidade está salva e tu* perdido estás, pôsto que valente e audaz guerreiro. Finda aqui o teu destino.

15 Disse, e com pesada mão desferiu pique vibrante; o virotão de Aquileus numa perna, do joelho pouco abaixo, acertou, mas o estanho da greva, da mão de Hefaistos bem rebatido, como que deu um grito mui retinido e o fêz ressaltar. Então, por sua vez,

20 o Peleida ruíu, aluíu-se, caíu sôbre o divino Agenor; mas Apolão não lhe consentiu a glória e lhe furtou das mãos o adversário: escondeu-o em denso nevoeiro. Mui sossegado, Agenor deixou o combate. Depois o mesmo Apolão, por fraude e com

25 muitos rodeios, conseguiu afastar das tropas o Peleião: trasmudou-se em aspecto e figura alheia, e aos rápidos pés de Aquileus fazia dançar uma sombra, que era sem tirar nem pôr a figura de Agenor ali chapada no chão; Aquileus dava-lhe uma cor-

30 rida, Apolão fugia; Aquileus dava-lhe outro assalto; Apolão outra escapatória... E assim o foi levando pela planície, através de searas, depois o desviou ao longo do Escamandros, e mais por aqui, mais por acolá, ambos desapareceram. A multidão

dos Troianos refluía para a cidade; fora de portas, batidos, espavoridos... ninguém queria saber quais e quantos morreram, quantos e quais puderam fugir; cada qual tratava de si; mas agora já pela
5 praça se formavam grupos e se discutiam os acontecimentos. E alegres se dispersaram pela cidade quantos deveram a salvação das pernas ao comprimento e dos pés à ligeireza.

RAPSÓDIA XXII

Assim divagavam os Troianos, como dito fica, pela cidade, depois da má prova que de si deram na última batalha, em que fugiram (ou da qual fugiram) como assustadiços veados. Não derramaram
5 muito sangue, mas suaram muito e por isso tinham mui sêcas as goelas; apoiados aos belos merlões da muralha, empanzinavam-se de água, porque a sêde era muita, e o vinho pouco. Os Acaios, de escudos fincados nos ombros, aproximavam-se dos muros da
10 cidade. Heitor, fascinado e como encandeado pela sorte funesta, plantara-se de guarda a Ílios, fora das Portas Ocidentais. Em seu jôgo de escondidas, de corrimaças e fortadelas (pelas margens do Escamandros), Apolão Foibos parou e ao Peleião assim
15 falou:

— ¿Porque me persegues, sacudindo veloz os calcanhares, filho de Peleus, tu, mortal, a mim, deus sôbre-humano? Não reconheceste ainda que sou deus, porque te cega o furor. Nada te afligem, é
20 claro, as tribulações dos Troianos que puseste em fuga; mas enquanto por aqui andas perdido atrás da minha sombra, êles reagrupam-se na sua cidade. De certo me não matas; porque não é êsse o meu destino.

25 Indignado, o rápido Aquileus respondeu:

— ¡Mui nocivo me fôste, ó tu que com teu dardo o mundo furas! És de todos os deuses o mais funesto. Se me não desviasses para aqui, para longe do muro, muitos mais teriam mordido o pó, e não seriam
30 tantos os que em Ílios reentraram. A mim roubaste uma glória grande; a êles os salvaste, porque

nada te custou, não tendo vinganças a recear. ¡Oh, como eu me vingaria de ti, se pudesse!

Ainda ao som destas palavras, voltou altivo ao deus as costas e deitou a correr para a cidade, a unhas de cavalo: a unhas de cavalo, salvo seja, mas de cavalo vencedor na última corrida de carros e que todo se regala de estirar os músculos pela planície além: assim eram de Aquileus os pés rijos e os joelhos ágeis.

Quem, de Ílios, primeiro o viu correndo na planície em tão acelerada marcha e foi o velho Príamos; e julgou que via, não apenas o herói formidando, mas o próprio Cão de Orião, a estrela mais fulgente e bela sim da constelação austral, mas também a mais perniciosa, pois quando, pelo Outuno, no curso da noite, aparece no céu, se com seu vivo fulgor quási apaga os astros sem conta, aos míseros humanos pronostica e traz febres terçãs e quartãs e infindos males. ¡Pois assim fulgiam e refulgiam, lampejavam e relampejavam as armas de Aquileus, em sua carreira vertiginosa! Assombrado, consternado, o ancião chorava; levantava as mãos, batia na cabeça e, entre grandes gemidos, suplicava a seu filho; mas êste firme diante das portas da cidade, ardia no desejo e obstinara-se na resolução de combater Aquileus. E o ancião apertava nas suas as mãos do filho e lhe dizia estas palavras enternecidas:

— Heitor, meu filho, não esperes êste homem, aqui sòzinho, abandonado de teus companheiros; pode ser-te fatal a sorte; o filho de Peleus é mais forte do que tu, e não quero que morras às mãos dêste homem detestável. ¡Oh, fôsse êle tão querido dos deuses como o é de mim, bem depressa os dentes

dos cães o atassalhavam e o desfibravam os bicos dos abutres, e então benditos cães e abutres que me tiráveis das entranhas a mais terrível dor! Foi êle que me privou de muitos filhos valentes, matando
5 uns, e mandou vender os outros nas ilhas longínquas. E neste momento sinto-me angustiado e muito aflito por não saber da sorte de dois dos meus filhos, Licaão e Polidoros, pois os não vejo entre os Troianos que voltaram e se reagrupam na cidade... Filhos
10 meus e de Laotoe, soberana entre as mulheres... Se êles estão vivos no campo inimigo, serão resgatados mais tarde; em nosso palácio há muito oiro e bronze; da nobre casa do velho Altes trouxe a filha bom dote. Mas, se já os mataram; se baixaram às mo-
15 radas de Aides..., a dor do pai e da mãe será inconsolável, sem remédio nem refrigério. Para o comum do povo esta dor seria passageira, sabendo-se que Heitor está vivo e não foi domado pelas mãos de feroz Aquileus. Meu filho, acolhe-te a protecção
20 dos nossos muros, para salvação dos Troianos e Troianas e para que não percas tu próprio a doce vida. Compadece-te da minha desgraça, tem dó de mim que, não obstante a idade, conservo vivazes o sentimento e ternura de coração. ¡Mal-aventurado
25 pai, a quem o filho de Cronos fará morrer, infligindo-lhe um destino horrível, depois de ter visto tantas desgraças, meus filhos mortos, minhas filhas arrastadas, meus paços saqueados, meus netos despedaçados contra o solo, minhas noras arrastadas
30 pelas violentas mãos dos Acaios! E, depois de suportar muitos vexames, consternado por tamanhas desgraças; depois de me saturarem de amargura, não há-de faltar quem de perto ou de longe me trespasse com o bronze agudo e tire a vida dos mem-

bros; o meu corpo será abocanhado e devorado por cães sanguinários, que por agora estão de guarda aos meus portais e de minha mesa recebem o alimento; e meu palácio deserto ficará malsinado de
5 cães danados que, ora arrastando-se ora caindo, uivarão pelas portas de modo horrível, pois sabido é que se danam os cães que comeram carne humana. Ao homem no vigor da idade não fica mal jazer no chão, morto por Ares e rasgado pelo agudo bron-
10 ze; mesmo em seu cadáver quanto se pode ver é belo. Mas se é uma cabeça branca, um queixo branquejante; se são de um velho degolado as partes mutiladas, ultrajadas pelos cães... não há nada mais lastimoso, mais miserável entre os miseráveis mor-
15 tais.

O ancião falou, e feria a cabeça com as mãos e arrancava punhados de cabelos brancos. Mas não demovia o filho de seu obstinado propósito.

A outro lado estava a mãe que igualmente se la-
20 mentava, derramando muitas lágrimas. E com as mãos desvelava os seios e a seu filho os mostrava, dizendo estas comovidas palavras:

— Heitor, meu filho, respeita tua mãe.

Se achaste doçura nos meus peitos nas agruras da
25 vida, lembra-te de mim, meu filho. Repele, sim, êste inimigo, mas combate-o sob o resguardo dos muros; não te exponhas a descoberto diante dêsse homem ferocíssimo. Se êle te mata, querido filhinho, nem ao menos te podemos chorar, sôbre um
30 leito, eu, tua mãe, e a nobilíssima matrona tua espôsa. Muito longe de nós, lá para onde estão os navios argivos, comer-te-iam os cães vádios.

Assim ambos, pai e mãe, se apresentavam ao filho com muito chôro, rogos e suplicações. Mas o

coração de Heitor não se rendia. Obstinado e taciturno, o herói esperava o agigantado Aquileus que a passos acelerados se avizinhava. Como serpente da serra, nutrida de venenos, se enrosca em volta do
5 seu buraco e espera o viandante; e, à fôrça de tragar peçonha, se lhe incendeia a bílis e todos os venenos lhe vêm arder no olhar horrendo; assim Heitor, com imenso ardor concentrado em cólera, esperava Aquileus. Contra uma saliência da tôrre
10 apoiou o rebôrdo do fulgente escudo e, mui turbado, dizia a seu grande ânimo:

— ¡ Infeliz de mim! Se eu avanço por estas portas e muros dentro, logo Poulídamas me confundirá com acerbas repreensões, êle que tanto me aconse-
15 lhou a reentrar com as tropas na cidade, nessa funesta noite em que se insurgiu o divino Aquileus? Eu nem o queria ouvir, e o seu alvitre era o único que nos podia salvar. Agora tenho vergonha de aparecer diante dos Troianos, cujo exército se perdeu
20 por minha causa, por minha presunção obstinada. Alguém, que me não vale, lançará o remoque e os Troianos e as belas Troianas de roçagantes peplos hão-de repetir: «Heitor só confiou em si, e deitou Tróia a perder». Assim hão-de dizer; e então mais
25 valerá aventurar-me: ou matar Aquileus antes de entrar na cidade ou ser morto por êle, à vista dos Troianos, em luta gloriosa.

E... e se eu me desembaraçasse dêste escudo enorme, pesado, rotundo, bojudo, em que tropeço... e
30 aliviasse a cabeça desta bisarma de capacete... e encostasse a lança à parede e fôsse eu... eu mesmo ao encontro de Aquileus... do «irrepreensível» Aquileus,... e lhe prometesse Helena com suas jóias e tesouro que Alexandros trouxe para Tróia no bôjo

do navio — mulher, jóias e tesouro (rapto e roubo) que foram causa da guerra —, se eu prometesse entregar Helena com seus adereços e tesouro aos Atreidas e ajustasse com os Acaios a partilha das riquezas que esta cidade tem escondidas? E se depois conseguisse dos Troianos o juramento, prestado pelos anciãos, de nada se ocultar, mas de tudo se dividir em duas partes iguais?... Mas porque te entreténs, caro espírito meu, com tais devaneios? Eu suplicar-lhe, eu a êle!

Não teria por mim nem piedade, nem respeito, nem a mínima deferência ou atenção. Se me apanhava desarmado, como mulher imbele, — e, na hipotese, eu teria depôsto as armas, — logo me matava; e não há aqui lugar seguro donde lhe possa falar, como alto carvalho ou empinado rochedo, donde jovem travêsso ou pateta alegre conversa em palestra amena com donzela que debaixo o mira e remira com olhos meigos.

Mais vale, para findar a questão de uma vez, atirarmo-nos um ao outro.

¡Saiba-se enfim a quem os deuses do Olimpo querem oferecer a glória!

Mil voltas dando a tão inúteis pensamentos, Heitor esperava imóvel; e o outro já vinha perto, ofegante e feroz; no ímpeto da carreira, o freixo do Pelião, ao comprido sôbre o ombro direito, balançava para diante e para trás, arriba e abaixo; a couraça despedia lume vivo, ora como de sol nascente, ora como de pele de serpente; a catadura era terrível, e tanto que nem Eniálios, o deus da guerra, abanando a cabeça rija com o espantoso capacete em esgares de fúria, tem semblante tão horrendo. Heitor, quando o fitou já em frente si, deu um salto

de terror e espanto, e fugiu, e com tanta pressa que
nem se lembrou de fechar atrás de si as portas. Nem
fechou as portas, nem enfiou para dentro dos mu-
ros; esgueirou-se para o lado e correu desvairado
5 pelo caminho de carros, que rodeia os muros, pelo
lado de fora.

Por ali correu também o Peleida, certo de que o
havia de apanhar por ser êle «o de rápidos pés Aqui-
leus». Como o célere milhafre persegue confiado a
10 temida pomba: ela voa por baixo, de esguelha, êle
paira por cima e lhe dá de chofre uma e outra vez,
soltando guinchos de raiva, de gula, de prazer: as-
sim Aquileus rompia a torto e a direito; e Heitor
fugia, sempre rente ao muro, flectindo os joelhos
15 com agilidade pasmosa.

Passando o mirante da Figueira-Brava, que ba-
tida dos ventos se contorce na colina, seguindo o
caminho dos carros, por fora do muro, chegaram
ao lugar dos Duas-Fontes. Aqui jorram, de facto,
20 duas fontes, em dois formosos regos, derivados ou
impelidos dos vórtices do Escamandros, uma de
água quente, fumegando como lar aceso, outra fria
como gêlo, quer no inverno, quer no verão. Perto
das nascentes há dois tanques de pedra lavrada,
25 onde as mulheres dos Troianos e suas belas filhas
iam lavar roupa, que antes da guerra e vinda dos
filhos dos Acaios indicava muita opulência: interio-
res de princesas, cuecas de heróis e não frangalhos
ou rodilhas de cozinha. Pena foi lá não estivessem
30 as belas lavadeiras a ver a passagem dos heróis:
um adiante fugindo, outro atrás perseguindo; adian-
te o valente, atrás o mais valente. ¡Senão seria
digna de ver-se tão impetuosa corrida! O prémio
que de ordinário se propõe nas corridas a pé não é

mais que uma rês e às vezes só a pele da bêsta esfolada; ¡pois aqui estava a prémio nada menos que a vida de Heitor, domador de cavalos! Mas êles não corriam como homens que desejam ganhar o prémio; corriam mais que os cavalos no certame, depois da morte de um guerreiro (o prémio neste caso é uma mulher ou uma trípode); e os cavalos não correm, voam quási suspensos no ar, ao comprido e dentro das balizas, apenas tocam a pista, como por cerimónia, com as unhas dos cascos indivisas. Já três vezes os dois tinham dado volta à cidade e todos os deuses acorreram aos mirantes do Olimpo e faziam apostas, uns por êste, outros por aquêle. Então o pai dos homens e dos deuses foi o primeiro a falar:

— ¡Ah, sou amigo daquele homem que vejo perseguido em volta do muro! O outro quere apanhá-lo entre a espada e a parede. Dói-me o coração por Heitor, que sempre foi meu devoto; muita coxa de boi para mim queimou, já sôbre a linha ondulada e recortada do Ida, já na acrópole. Agora o divino Aquileus corre-o em tôrno da cidade de Príamos, dando quanto pode aos rápidos calcanhares. Consultai, ó deuses, vossos corações e reflecti bem; ¿salvá-lo-emos da morte? arrumamos com êle de vez, deixando que o Peleida o mate, não obstante ser o ínclito varão que é?

A deusa Atena ao ouvir isto arregalou tanto os olhos que lhe ficaram redondos e fixos como de mocho; e, com os olhos de mocho fitos na cara do pai, disse:

— ¿Ó pai fulminador, ó deus de sombrias nuvens, que estás tu a dizer?

Um homem, um mortal, já de há tanto tempo

marcado pelo destino, ainda o queres salvar da morte maldita?

Pois, se o fizeres, nós, os outros deuses, não to aprovaremos.

5 O espalha-nuvens Zeus respondeu:

— Sossega, ó alma inquieta, minha filha. Eu dizia aquilo, por dizer: quem tem filha tão ladina faz tudo quanto ela quere. Segue a tua idéia e não olhes para trás.

10 Foi o que ela quis ouvir. De um salto baixou do Olimpo. Em baixo, continuava dos dois a carreira giratória, mas já com algumas paragens, pausa aqui, pausa além. Como sôbre as montanhas o cão desencova o cervato e lhe dá uma carreira; na moita 15 mais próxima se esconde o cervato; perde-o de vista o cão e, de raiva, gane e, de nariz pelo chão, o procura; o cervato, sentindo focinho de cão perto do pêlo, dá um pulo; e o veado pula e salta o cão. Tal era dos heróis o circulante fadário. Mas como 20 nas golopadas do sonho ninguém apanha ninguém nem jamais alguém foi apanhado por alguém, porque os monstros e fantasmas de pesadelo são escorregadios e fluidos, nem Heitor se via livre de Aquileus, nem Aquileus conseguia lançar as mãos a 25 Heitor. E, se Aquileus não apanhou a quem perseguia, de certo já o não apanhava, porque até lhe perdera o encalce. Aquileus continuava a girar pelo caminho das vacas, rente ao muro, o outro circulava mais ao largo. Heitor dava passos mais lestos, o 30 outro sentia-se um pouco embaraçado e dava algumas mostras de fadiga com os rijos solavancos do freixo do Polião sôbre o ombro. Quando Heitor passava na direcção das portas Dardânias, lançava para lá olhos de fogo e corria direito para elas, na

esperança de que alguns dardos despedidos do cimo das muralhas lhe protegessem a entrada; mas quando chegava, Aquileus o repelia para a planície. ¿E como teria evitado Heitor as divindade da morte, se Apolão não andasse a seu lado, roburando-lhe os joelhos e redobrando-lhes a agilidade? Entretanto o divino Aquileus acenava com a cabeça aos archeiros Acaios que não desferissem sôbre Heitor as setas amargas, pois não queria que outrem lhe tomasse a prêsa e arrebatasse a glória. ¿Se em tudo pretendia ser o primeiro, como consentiria ser segundo nesta façanha.

Quando pela quarta vez giravam por altura das fontes, Zeus-Padre puxou para diante de si a balança de oiro; fêz dois lotes de «morte que prostra o homem», o de Aquileus e o de Heitor, domador de cavalos; e pôs um cada prato; suspendeu a balança sôbre um dedo no meio travessão; foi o prato de Heitor que baixou com o dia fatal. Heitor tinha de ir para o Aides, e Foibos Apolão para sempre o abandonou.

E logo junto do Peleião brilharam os olhos de mocho da deusa Atena; de pé, mui chegadinha a êle, disse estas palavras aladas:

— Agora, ilustre Aquileus, nós dois vamos alcançar uma grande vitória sôbre os Troianos, matando Heitor junto dos navios. Êste homem insaciável de combates algum dia se haveria de fartar; hoje será, espero. Desta vez não se poderá escapar, ainda que Foibos Apolão que dardeja longe muito se aflija e aos pés se vá rojar do Zeus-Padre da égide. Tu ficas aqui; descansa um pouco. Eu vou convidar o homem para o combate.

Assim falou Atenaia; Aquileus de boa vontade

lhe obedeceu, e ficou parado, apoiando-se sôbre o freixo de ponta de bronze. Ela o deixou e foi procurar Heitor; para isso tomou um corpo semelhante ao do Deífobos, de quem sabia imitar a voz poten-
5 te; de pé, junto dêle proferiu palavras mentirosas:

— Caro amigo, de certo hás-de estar aborrecido de tanta correria; êle apoquenta-te, êle afronta-te, o rápido Aquileus, correndo atrás de ti em volta
10 da cidade de Príamos. ¡Vamos, obriguemo-lo a parar, defrontando-o a pé firme e com mão segura atiremos com êle para longe!

O grande Heitor, trejeitando com o cintilante capacete, disse:

15 — Deífobos, já antes eras tu para mim o mais querido de meus irmãos, nascidos de Hécabe e de Príamos; mas agora cativaste tôda a minha estima, porque fôste honradíssimo vindo em meu auxílio; quando me viste em perigo saíste dos muros, dentro
20 dos quais os outros se conservam indiferentes.

A deusa Atena de olhos de mocho, neste passo imoral, sentiu por dentro, em sua divindade, que era uma repelente coruja, a mais feia das bruxas; por isso mais se escondeu nas aparencias de Deífobos:

25 — Querido amigo, sobe que nosso pai e nossa venerável mãe me não queriam deixar vir; ora um ora outro se me abraçavam aos joelhos, rogando que não viesse; o mesmo faziam, em roda, os meus companheiros; todos estavam cheios de mêdo, to-
30 dos tremiam, todos... ¡Mas eu não pude ficar, porque uma grande dor me pungia o coração! E agora avante e a direito, frementes, combatamos; que nossas lanças não descansem até que se saiba se Aquileus, tendo-nos matado a ambos, levou nossos

sangrentos despojos num braçado para os cavos navios, ou se êle foi amansado por nossa lança!

Tendo falado desta sorte, Atena, juntando infâmia a infâmia, marchou adiante, e deixou os adver-
5 sários frente a frente. E o grande Heitor, sempre com aquêle tremelique característico no imponente capacete, disse:

— Filho de Peleus, já não fujo de ti, como antes; já três vezes andei à roda da grande cidade de
10 Príamos, sem ousar bater-me contigo; agora estou resolvido a findar a contenda, quer vença, quer seja vencido. Vamos, conjuremos aqui os deuses; êles serão as nossas melhores testemunhas e os melhores guardas da fé jurada. Por minha parte, se sair ven-
15 cedor e Zeus me permitir que te tire a vida, eu prometo respeitar o teu cadáver e me comprometo a não o mutilar nem de qualquer modo vilipendiar; as tuas célebres e gloriosas armas, ó Aquileus, serão para mim; o teu corpo será entregue aos Acaios.
20 Tu da mesma sorte farás, se ficares vitorioso.

Fitando-o com olhos torvos, o expedito Aquileus respondeu:

— Heitor, és e ser-me-ás sempre odioso; não me fales em pactos fastidiosos ou convenções; como
25 não há entre homens e leões juramentos sôbre a palavra dada; como lobos e cordeiros não comungam nos mesmos sentimentos, mas vivem na lei da crueldade estreme, assim nem amizade nem juramentos são possíveis entre nós: um dos dois, de
30 seu sangue, há-de saciar e ressaciar Ares: o crudelíssimo deus da guerra que o sorva, que o lamba, que se relamba à vontade, sem modo, sem restrição de nenhuma sorte. Portanto, chama para a ponta da lança tôdas as tuas fôrças, valor e coragem; por-

quanto não haverá para ti dó nem piedade, nem agora será possível a tua usual escapatória. Neste instante Palás Atena com minha hasta te vai domar e pagarás de uma vez todos os lutos de meus
5 companheiros e os que foram trespassados por tua lança, ¡ó furioso!

Disse e arremessou; e a longa sombra da hasta correu no chão e ilustre Heitor viu a prancha no ar e abaixou-se, e a hasta sobrevoou e espetou-se no
10 chão e Palás Atena, sem que Heitor, pastor de tropas, visse, a arrancou e entregou a Aquileus.

E Heitor disse ao Peleião, guerreiro puro (sem mistura de paisano):

— Não me acertaste, Aquileus, a um deus seme-
15 lhante; não te revelou Zeus, pelo visto, o instante da minha morte, que por êle dizias saber; para me fazer mêdo e esmorecer o meu valor, fingiste-te oráculo divino, num discurso embusteiro. Asseguro-te que não fujo; não será nas minhas costas que im-
20 plantarás a tua lança. Rompo a direito para ti; empuxa o bronze para cá, trespassa-me o peito, se um deus to permite. E agora... põe-te em guarda e evita o meu pique de bronze. ¡Possas tu recebê-lo inteiro em tua carne! A guerra tornar-se-ia mais to-
25 lerável aos Troianos, porque tu tens sido para êles a pior das calamidades.

Disse; e tendo brandido bem a lança de enorme sombra, a arremessou; e não falhou o golpe, antes acertou no meio do escudo do Peleida; o es-
30 cudo fêz ressaltar longe o virotão. E ficou muito aborrecido Heitor de que seu vibrante arremêsso tivesse acertado, sim, mas sem proveito; e para maior arrelia, ali não tinha outra lança de freixo. E começou a chamar com grandes berros por Deí-

fobos, o herói do branco escudo, que lhe trouxesse depressa uma grande lança. ¡Mas qual Deífobos nem meio Deífobos! O que por ali andou era um Deífobos fingido... E Heitor compreendeu tudo, num súbito e horrível clarão de inteligência. E bradou:

— ¡Ah, os deuses trouxeram-me para aqui para me matar! Julgava eu que o herói Deífobos batalhava a meu lado, e sei agora que está como os outros no abrigo dos muros.

Atenaia enganou-me. Está junto de mim a morte. Não tarda o fim. Nem vale a pena buscar refúgio. Sem dúvida que a cilada foi urdida no alto e de há muito a enredavam. E Zeus e o filho de Zeus, cujos dardos voam longe, entraram no conluio. Fingiam proteger-me, incitavam-me, meteram-me em aventuras para me apanhar no laço de um horrível destino. ¡Seja! Morramos com coragem e não sem glória. Procuremos sair desta caverna de ilusões, enganos, traições, com algum rasgo que fique memorável na posteridade.

Disse, e puxou da espada, grande, de boa lâmina, muito afiada, que da ilharga lhe pendia; e fazendo lampejar com mão firme o gládio ingente, sob o escudo arrojou-se ao combate com o ímpeto da águia que se precipita das negras nuvens sôbre mole ovelha ou pávida lebre. Aquileus respondeu à chamada num arranque magnífico de veemência e brutalidade selvagem. A sua enorme estatura, alta e vigorosa, agüentava sem confrangimento o

---

10. ¡E ainda dizem que a aranha, por causa de sua vil e viscosa teia, é odiosa a Atenaia!...

pêso das armas formidáveis; a cabeça ostentava o capacete de quatro cones, a que pouco faltava para se dizerem tôrres: o movimento garboso da airosa fronte fazia dançar e ondular o penacho de crinas
5 de oiro (galantaria da mão de Hefaistos); o peito respirava fôrça e resfolgava valentia detrás do escudo, grande, redondo, bojudo, grosso, rijo, bem forjado, bem rebatido, bem lavrado — ¡belo! —; a lança... ¡oh, a lança mais alta que um mastro,
10 mais grossa que uma trave, tinha uma ponta de bronze que refulgia como um astro nas alturas, como um dos muitos astros que rolam no curso da noite, mas não um astro qualquer, — como Vésper, o mais belo dos astros que tem o céu —: mas a
15 estrêla que encimava o freixo do Pelião empunhado na dextra de Aquileus alongava-se, alongava-se como escoando-se tôda para um só raio até formar uma ponta comprida, agudíssima: a estrêla tinha sêde de sangue, o bronze ardente queria refrigerar-
20 -se no sangue de Heitor. Aquileus media o adversário com o olhar, procurando malha da formosa pele a descoberto, por onde meter a ponta de bronze.

Ora tôda a pele estava coberta da bela arma-
25 dura de Sua Ilustríssima Fôrça Pátroclos, de que Heitor se apropriara, quando o matou; tôda, menos um ou dois dedos de pescoço, sôbre as espáduas, de clavícula a clávicula, parte melindrosa, onde basta pequeno ferimento para a alma fugir num
30 momento, quando já está de levante. Foi por ali que o divino Aquileus feriu a Heitor; a lança atravessou o mimoso pescoço de lado a lado; o bronze, porém, não quis tocar na traqueia, para que Heitor ainda proferisse algumas palavras em resposta a

Aquileus. Heitor caíu. O divino Aquileus blasonou:

— ¿Heitor, então não dizias tu, ao despojar Pátroclos, que estavas livre de perigo, nem de mim tinhas mêdo, porque eu não combatia? ¡Insensato! Pois êle tinha de reserva, afastado das linhas, um vingador que valia bem mais que tu! Era eu, como agora o sabes.

Em roda de ti vão juntar-se os cães e corvos que te hão-de despedaçar e devorar; a Pátroclos hão-de prestar os Acaios as devidas honras fúnebres.

Desfalecendo, Heitor, o herói do refulgente capacete, balbuciou:

— Suplico-te por tua alma, por teus joelhos, por teu pai e por tua mãe: não deixes que me devorem os cães, junto aos navios acaios. O bronze, o oiro, todos os presentes que te hão-de oferecer meu pai e minha venerável mãe aceita-os; e meu corpo morto seja entregue a minha casa, para que os Troianos e Troianas lhe prestem o obséquio da fogueira funerária.

Lançando a Heitor olhos maus, torcendo a cara de ruim torcer e numa excitação frenética, Aquileus respondeu:

— ¡Cão, não abocanhes meus joelhos nem minha alma nem meus parentes; não quero saber de lamúrias nem atendo pedidos! Tivesse eu mais afiados dentes e menos engulhoso o estômago, quem te comia era eu! Assim não há ninguém que possa defender tua cabeça dos cães; ainda que me trouxessem aqui resgates dez, vinte vezes maiores; ainda que aparecesse aqui o filho de Dárdanos, Príamos, para te pesar a oiro; não, nem assim a tua venerável mãe conseguiria estender-te num leito e

aí contemplar e chorar o «filho de suas entranhas»,
o «filhinho que ela criou». O pranto de tua mãe será
o crucitar dos corvos; os osculos de tua mãe serão
os dentes dos cães.
5 Moribundo, Heitor, o guerreiro do elmo reful-
gente, murmurou:
— De tanto lidar contigo eu devia conhecer-te
melhor e não esperar de ti vislumbre de humani-
dade: ¡tens na alma uma coração de ferro! Entre-
10 tanto convir-te-ia um pouco de moderação, não se
dê o caso de achares os deuses irritados contra ti,
por minha causa, no próximo dia em que hás-de
ser abatido, às Portas Ocidentais, por Páris e Apo-
lão...
15 Disse; para êle tudo estava findo; a morte o en-
volveu; sua alma, a caminho do Aides, deplorava
o seu destino, deixando inúteis a flor da juven-
tude e a fôrça da idade viril. Morto e bem morto
Heitor, entendeu o divino Aquileus que ainda lhe
20 não tinha dito tudo:
— ¿Morreste? ¡Ainda bem! E agora a divindade
funesta venha ter comigo quando quiser ou quando
Zeus e os outros imortais quiserem!
Dito isto, arrancou a lança do cadáver e arru-
25 mou-a para o lado; tirou-lhe dos ombros a ar-
madura inundada de sangue. Os outros filhos dos
Acaios acorriam de todos os lados e contemplavam
o talhe esbelto e a admirável beleza de Heitor. Ne-
nhum se aproximava que lhe não quisesse dar seu
30 golpe e cada qual comentava para o vizinho:
«Agora já se lhe pode tocar: ¡como está brando e
macio! Era bem mais áspero quando nos lançava
aos navios o fogo vorador!». Assim dizia êste, as-
sim falava aquêle, assim faziam todos, ¡ferindo

um morto! Depois de espojar o cadáver, o divino Aquileus, de pé no meio dos Acaios, proferiu estas palavras aladas:

— Amigos, guias e conselheiros dos Argivos, pois que pelo favor dos deuses eu domei êste homem, que tantos males nos causava e nos era mais pernicioso que todos os outros juntos, vamos, todos em armas, pôr-lhes cêrco à cidade, e tentemos descobrir o que êles querem fazer. ¿Tombado *êste*, abandonarão a escarpada cidade? Mesmo sem Heitor, tentarão ainda resistir? Mas porque me sorri ao espírito semelhante idéia, havendo outro dever a cumprir. ¡Êle jaz, perto dos navios, cadáver sem lamentações, sem sepultura... Pátroclos! Não me esquecerei eu enquanto vivo fôr, enquanto se mexerem meus joelhos; e, se os mortos são esquecidiços, não o hei-de ser eu; na própria casa de Aides me hei-de lembrar de meu querido companheiro. Vamos, jovens Acaios, cantando o Paieão, volvamos às cavas naus! E levemos também *êste*; alta glória alcançamos; matamos o divino Heitor, de quem os Troianos se ufanavam, como de um deus.

Disse, e para o divino Heitor se pôs a inventar e imaginar tratos de ignomínia atrocíssima: levantou-o pelos pés, furou-lhe as pernas entre o calcanhar e a vergadura do joelho, puxando os tendões para trás; meteu pelos buracos umas correias e as atou ao carro; subiu, com o despôjo das armas gloriosas, acenou com o chicote, e os cavalos trotaram dóceis, de coração conforme ao do seu guia e também participando-lhe a glória. A cabeça do cadáver varria o chão com os seus cabelos castanhos. — ¡A bela cabeça de Heitor, tão bem modelada, a cara de traços tão nobres, de tão graciosas feições,

aquela fronte belíssima convertida em vil e suja vassoura! — Mas por então Zeus tinha concedido aos inimigos de Heitor o poder de o ultrajarem sôbre a terra de sua pátria.

5 Assim a cabeça de Heitor corria quási sumida na poeira e na lama. A mãe de Heitor via passar o infâme triunfo; como a cabeça, batendo nalguma pedra, sacudisse de si alguma poeira e lama, as feições afloraram e ela reconheceu seu filho; soltou

10 um grito de infinita dor e em transes de horrível aflição rasgara o véu, despedaçara o vestido. O pai chorava e bradava de modo que metia dó e causava pavor. As turbas enchiam as ruas de lastimosos clamores. O povo andava consternadíssimo, como se

15 visse arder de alto a baixo a formosa cidade. Amigos e companheiros retinham a custo o ancião que se arrojava, louco de dor, para as Portas-Dardânias, para sair ao encontro do filho; como os amigos lho impediam, lançava-se-lhes aos pés, revolvia-se no

20 pó, e lhes suplicava, invocando a cada um por seu próprio nome:

— Cessai, amigos, de me violentar; não me prendais nem tenhais receio de me deixar sair só; vou aos navios acaios. Quero suplicar àquele homem

25 louco de orgulho, àquele violento... Pode ser que respeite a minha idade, se compadeça de minha velhice. Também êle tem um pai decrépito como eu, Peleus que o gerou e criou para desgraça dos Troianos, e mòrmente para infelicidade minha, pois a

30 ninguém causou tantas mágoas e sofrimentos como a mim. ¡Tantos filhos na flor da idade me trucidou! Nenhum dos filhos choro como a meu Heitor! Que horror e que prazer deixar-me precipitar com êle no Aides! Se ao menos expirasse em meus braços...

Acharíamos algum confôrto no travor das lágrimas eu e a infeliz mãe que o criou.

Assim dizia, chorando; em volta os Anciãos de Tróia mordiam o tremor dos lábios e as lágrimas cor-
5 riam-lhes no rosto.

O côro das Troianas acompanhava as lamentações de Hécabe:

— ¡Ai, meu filho, que desgraça a minha ter de viver quando tu já não vives, tu que eras o meu
10 orgulho; noite e dia em ti me comprazia; por tôda a cidade teus louvores ouvia; para Troianos e Troianas eras a salvação e êles e elas para ti estendiam as mãos como para um deus! De todos eras amparo e glória e em teu lugar ficaram a Desolação
15 e a Morte!

Desta sorte se lamentava e chorava a mãe. Ora a Mulher de Heitor ainda nada sabia. Nenhum mensageiro verídico lhe dissera que seu marido tinha ficado fora de portas, rondando a cidade, com grande
20 perigo. Ela ao tempo, entretinha-se a urdir sua teia no centro do aposento mais alto do palácio. A teia era dupla, de púrpura, e crescia a olhos vistos, peça magnífica, entresachada de flores de maravilhoso artifício. Levantou-se do tear, com a lança-
25 deira na mão, e ordenou às criadas que pusessem ao lume o costumado caldeirão de três pés e preparassem o banho quente para Heitor. «Êle não tarda aí, dizia ela, e, quando vem de combater, chega sempre muito sujo de poeira, suor e algumas vezes
30 de sangue». — ¡Infeliz espôsa! Um banho quente para teu marido... Mal sabia ela quão ensordecido estava Heitor pela vilania de Atena, a Olhos-de--Mocho, e pelas mãos do atroz Aquileus. —

No instante, ouviram gritos, gemidos, que vinham

do lado da tôrre. Ela estremeceu e às môças de anelados cabelos disse:

— ¿Não ouvis aqueles gritos aflitivos?... Parece... ¡é a voz da minha venerável sogra! Corramos
5 a ver o que é. Venham duas comigo. ¿Que terá acontecido? O coração sobe-me na garganta; sufoca-me. Não me agüento nos joelhos,... amparai-me... Aconteceu alguma desgraça aos filhos de Príamos... ¡Ah, que estas palavras vão para longe de
10 meus ouvidos! Mas estou em grande ansiedade por meu Heitor. ¡Êle expõe-se tanto aos perigos! Receio muito que, tendo-se afastado da cidade, o divino Aquileus lhe embargue a entrada, o repila para a esplanada, o persiga pela planície e lá ponha têr-
15 mo àquela funesta bravura que o arrasta sempre para os lugares de maior risco. Êste receio me mata, pois sei que êle jamais se deixa ficar na companhia dos outros guerreiros, mas corre muito para diante e não há ninguém igual em coragem e ousadia.
20 Ditas estas palavras atravessou o aposento, louca de aflicção, o coração aos saltos. Duas criadas a acompanhavam.

Quando chegou à tôrre, de pé sôbre a muralha, olhava para todas as partes, procurando o espôso
25 na multidão, nos grupos dos guerreiros. Ora, de facto, chegou a tempo de o ver passar em direcção aos cavernosos navios dos Acaios, arrastado pelos rápidos cavalos e «rápido» Aquileus, do modo infame que já se disse:
30 E nada mais viu; horrenda noite lhe velou os olhos; caíu para trás, sem acôrdo de si; se tinha ainda a alma no corpo, tinha a morte na alma.

Espalharam-se-lhe pelo chão a touca, coifa, dia-

dema, fitas e laçaria que lhe exornavam a formosa cabeça; o aro do diadema saltou para longe, escorregou para a nuca e voou dos ombros o véu que a Afrodite de oiro lhe dera no dia do casamento e ela trouxe da casa de Eetião seu pai, no dia em que de lá veio, cumulada de mil presentes do amor paterno, na companhia de Heitor, o herói do elmo refulgente.

Já em volta dela se afadigavam tôdas as irmãs e cunhadas de seu marido, que a levantaram e amparavam em seu frenesi e ânsias de morrer; e como em sua alma uns restos de vida disputassem com a morte, ela de novo se carpia e chorava; e no meio das Troianas disse:

— ¡Heitor, Heitor, como sou infeliz! Nascemos ambos para igual destino, tu em Tróia, em casa de Príamos, eu em Tebas, perto dos bosques do monte Placos, em casa de Eetião, que na infância me alimentou, mal sabia para que destino... ¡Quanto melhor fôra me não tivesse gerado! ¿Tu agora somes-te no fundo do mundo, no reino tenebroso do Aides, e sòzinha me deixas, debatendo-me em desespêro horrível, viúva, num palácio deserto? E êste menino, teu e meu, filho de dois infelizes, pequenino como é... Nem tu serás seu amparo, porque estás morto, nem êle para ti virá a ser alguém, porque, se não morrer na triste guerra dos Acaios, terá sempre um viver amargurado de injustiças, trabalhos, misérias, vexames sem fim. As terras de seu pai serão amanhadas por mãos alheias, o pão de suas searas outras bôcas o comerão. O dia que fêz um menino órfão logo o baniu do convívio dos seus companheiros felizes. O desgraçadinho não pode levantar a cabeça; tem sempre lágrimas no

rosto; se vê, em seu abandôno, passar um amigo
de seu pai, corre para êle, apega-se-lhe ao manto,
passa outro, quere segurar-lhe a túnica; sempre
haverá um ou outro que do pequenino se compa-
5 deça; mas, se lhe oferece o copo, ¡tão escasso é
que lhe refrigera os lábios, não lhe molha o pala-
dar! Será também a êle (a nosso filho) que outro
menino, fazendo-se forte porque tem em casa a pro-
tecção dos dois genitores, o há-de expulsar do fes-
10 tim, batendo-lhe e injuriando-o: «vai-te daqui, mi-
serável; teu pai não é nosso convidado e também
nunca convida a gente». E o nosso filho virá es-
conder o rosto cheio de lágrimas no seio de sua
mãe viúva, ¡o nosso Astíanax, que antes, sôbre
15 os teus joelhos se regalava, como pequenino alarve,
da mais saborosa medula e nutritiva carne de nos-
sos carneiros! E quando se aborrecia de seus brin-
quedos e lhe vinha o sono e adormecia entre os bra-
ços da ama em brando leito, o coração lhe nadava
20 no deleite da boa nutrição; dormia e sorria na ale-
gria de crescer. ¡Terá agora de padecer fome e
sêde, privado de seu pai, o nosso filho Escamân-
drios, a quem os Troianos em tua honra já davam
o cognome de Astiánax, «protector da cidade», por-
25 que só tu defendias suas portas e grandes muralhas!
E tu, arrastado para longe de nós, afastado de pa-
rentes e amigos, entre a gente infame dos navios
que se prepara para te lançar aos cães;... já te
preparam como iguaria para o infando repasto; pois
30 daqui te vejo, Heitor, Heitor..., despojado, vili-
pendiado, todo nu. Em tua honra vou queimar já,
já, num grande incêndio, tôda a roupa de teu uso,
a roupa do nosso leito, as alfaias do nosso palácio,
para sempre inúteis; o clarão do incêndio será o úl-

timo clarão da tua glória aos olhos dos Troianos e das Troianas.

Assim dizia em grande chôro; e as mulheres redobraram o pranto.

RAPSÓDIA XXIII

Deixamos a cidade de Tróia imersa em tristeza imensa, os homens em grupos taciturnos pelas praças, as mulheres enchendo as ruas de gritos e gemidos. Entretanto os Acaios, chegados aos navios e
5 ao Helesponto, dispersaram, recolhendo-se nos navios, menos os Mirmidões que receberam ordem de se conservar em pé de guerra. E Aquileus disse a seus belicosos companheiros:

— Mirmidões, fiéis companheiros meus, não desa-
10 trelemos ainda dos carros os rápidos cavalos de rijas, indivisas patas; com os cavalos e carros aproximemo-nos e choremos Pátroclos: é a honra que aos mortos cabe. Depois, quando estivermos fartos de lamentações funestas, soltamos os cavalos e aqui
15 jantamos todos.

Êle disse, e êles gemeram em côro, ajustando ao gemer de Aquileus cada qual o seu gemer. Três vezes em volta do cadáver fizeram passar os cavalos, de crinas em luto desgrenhadas. E os guerreiros cho-
20 ravam: que chorassem em pranto sêco, não era de admirar, pois Aquileus lhes dissera: «sem chôro, não há jantar»; mas êles choravam a valer, choravam a bom chorar. Chorar um tropa por conta alheia, é milagre de pasmar. Êsse milagre Tétis o
25 fêz, vindo dos lados do mar, e os molhou de água salgada, para puderem chorar. E os Mirmidões choravam como sensitivas viúvas. E as lágrimas rebentavam-lhes dos olhos, corriam pelo rosto, pingavam das armas, escorregavam pela arma-
30 dura, molhavam a terra dura. ¡Tão grande era o homem que êles pranteavam, o herói cuja vida fôra

para o inimigo Espanto e Fuga! Aquileus presidia às cerimonias e dirigia as lamentações desentoadas, asselvajadas. Pôs as mãos homicidas sôbre o peito de seu companheiro e declarou a intenção do funeral e indicou os actos que se iam realizar:

— ¡Sê contente de mim, Pátroclos, e pouco importa que já estejas na casa de Aides! Em tua honra vou fazer tudo o que te prometi: lançar Heitor aos cães para que o comam cru; (cru, não é muito dizer, porque também haverá carne humana assada); em minha cólera por tua morte, diante da tua fogueira, vou degolar os doze mimosos jovens, filhos de Troianos.

Disse, e ficou uns momentos a puxar pela imaginação, a incitar a própria maldade, para infligir novo vilipêndio ao cadáver de Heitor, que foi arrastá-lo na poeira e colocá-lo em frente do cadáver do filho de Menóitios. Entretanto os Mirmidões punham de lado as armas brilhantes, e soltaram os cavalos; e os cavalos soltaram relinchos muito altos, com muitos trémulos, como quem diz: «¡ainda bem!».

E a tropa arranchou, por milhares, junto do navio do rápido Aiácida, e Aquileus serviu-lhe um baquete fúnebre digno do morto obsequiado. Muitos bois, muito gordos, mugiam e escabujavam com o ferro no pescoço; muitos carneiros balantes e cabras berrantes, muitos cevados, bem cevados, fora da bôca os dentes brancos, estavam a assar sôbre brasas e entre labaredas de Hefaistos. Por tôda a parte, em volta do cadáver, como despejado a potes, corria o sangue.

Pouco depois chegou a êste lugar, que era ao mesmo tempo matadouro, açougue, talho, cozinha, bo-

dega, necrotério e crematório, a alta roda dos príncipes dos Acaios; vinha para conduzir o príncipe, filho de Peleus, à presença do divino Agamemnão; o príncipe Aquileus de maneira nenhuma queria ir, 5 já não tão exasperado é certo, mas ainda muito obsidiado da lembrança da morte de seu companheiro; por fim, sempre foi. Quando os altos príncipes chegaram à porta da barraca de Agamemnão, tiveram de se baixar, para entrar. Dentro da barraca, or- 10 denaram os príncipes aos arautos de voz clara que dissessem claramente ao Peleida que era preciso lavar-se, porque vinha muito sujo e manchado de sangue. Os arautos puseram a água a aquecer num caldeirão de três pés e com muita cortesia rogavam 15 a Aquileus que se fôsse despindo, para o banho. Êle respondeu, rude e firme, que não, e à recusa juntou êste juramento:

— ¡Não, por Zeus, o mais elevado e o melhor dos deuses! Não me é permitido meter a cabeça na 20 água, nem ao menos lavar a cara, sem ter pôsto Pátroclos nas chamas e aspergido a terra de seu túmulo, e cortado a minha cabeleira. Dor como esta não fere duas vezes um coração; por isso ninguém me fale em águas mornas ou trapos quentes. E 25 agora, trazei alguma coisa que se coma; todo o alimento me é odioso, mas a necessidade obriga. E quando fôr dia, eu te peço, Agamemnão, rei de guerreiros, que mandes ajuntar lenha em quantidade bastante para que o fogo incansável tire do 30 morto o seu fantasma, e faça desaparecer o cadáver de nossos olhos: só assim o fantasma do morto poderá caminhar para as brumas do Poente. Faça-se isto quanto antes, para não estarem aqui as tropas mais tempo imobilizadas.

Êle disse, êles ouviram e acharam bem. E, preparada a ceia, comeram, e não lhes faltava o apetetite; se um se atirava às postas, o outro não lhe ficava atrás. E, quando se sentiram fartos e empanzinados, lhes começou a lembrar a cama; e «boa noite, amigos, amigos, boa noite!», saíram, cada qual para sua tenda, para dormir e curtir. O Peleida saíu também; foi andando a largos e lentos passos ao longo do gemebundo mar, gemendo êle mais que o mar, pois o violento suspirar lhe arrancava as entranhas. Escolheu sítio acomodado em lugar puro, perto do rebentar das vagas, e se deitou entre seus numerosos Mirmidões. Estava mui fatigado; repuxara muito os músculos na feroz caçada a Heitor em volta da ventosa Ílios; o contacto do chão macio abrandou-lhe a tensão das rijas febras, deslaçaram-se-lhe os cuidados do coração e o herói apazigüou-se num sono profundo, envolvente, reparador. Mas o herói, ao fechar os olhos, fechou dentro de si, nas cavernas e labirintos do sono, o sonho arruaceiro; e o sonho, como êle fizera a Heitor, arrastava o fantasma de Pátroclos, e lho pendurou do ar, sôbre a cabeça: era em tudo semelhante a Pátroclos; o mesmo talhe, feições iguais, os mesmos olhos lindos e meigos; a mesma roupa, e até o mesmo falar brando e claro; porque a alma falava; falava e, entre gemidos, disse:

— ¿Aquileus, tu dormes? Esqueces-te de mim? ¡Não é um vivo que tu abandonas, mas um morto! O caso é mais sério. ¡Não andes mais com o meu cadáver em exibições, em manifestações políticas! Enterra-me já! Quero entrar no Aides e não posso. As almas, os fantasmas dos defuntos, irritados con-

tra mim, não me deixam passar para a outra margem do rio.

¡Vôo, pairo acima, vôo para os lados, bato as asas contra as largas portas do Aides e não se me
5 abrem! Vale-me, porque ando errante, sem alcançar o meu destino; doce me era estar contigo, combinarmos juntos nossas aventuras e até o suportar em comum a desventura tinha seus encantos. Mas não é possível. Uma divindade odiosa apanhou-me,
10 absorve-me, pertenço-lhe. Depois que me fizerdes a mercê do fogo, nunca mais voltarei do Aides. ¡E também tu, Aquileus, hás-de morrer junto dos muros dos nobres Troianos! Se me queres ouvir, tenho ainda uma palavra a dizer-te, uma recomen-
15 dação, um pedido, Aquileus: não deixes os meus ossos longe dos teus; mas junta os meus com os teus. Fui educado e, quási posso dizer, criado em vossa casa; vivi convosco desde o dia em Menóitios de Oponto para lá me levou, era eu muito jo-
20 vem, em conseqüência do deplorável homícidio que cometi, matando sem querer o filho de Anfídamas, numa rixa de crianças que tivemos no jôgo dos dados. O nobre Peleus com bondade me recebeu em sua casa, com esmêro me educou, e fêz-me teu pa-
25 gem. Assim nossos ossos devem ficar juntos como nós juntos andamos em vida; na mesma urna devem ser guardados. Para isso pode servir a urna de oiro que tua venerável mãe te deu...

Parece que estás espantado e cheio de mêdo... Não
30 é isso, homem; com ser defunto, não te proponho um absurdo macabro: não quero dizer que, vivo, desmontes o teu esqueleto e deites a ossada para o caixote dos meus ossos; falo das disposições que deves tomar para depois de morto, como por exem-

plo uma cláusula testamentária, uma recomendação a teus herdeiros, etc.

O decidido Aquileus respondeu:

— ¿Porquê, ó cabeça mui querida, vieste aqui
5 e me recomendas tantas coisas, uma por uma? Tôdas prometo cumprir, mas hás-de chegar-te mais para mim; abracemo-nos, por um instante que seja, e dêmo-nos o triste prazer de um com outro desabafar as nossas mágoas.

10 Dizendo estas palavras, estendeu os braços, mas não abraçou nada; a alma deu um grito, esvaíu-se em fumo e êste fumo, ao contrário do outro fumo que sobe para o céu, sumiu-se na terra. Estupefacto, Aquileus levantou-se, bateu as palmas e proferiu
15 êste queixume:

— Ai, ah, ai! ¿Tem êle, pois, em casa de Aides, uma alma, um fantasma, mas sem nervo vital? Porquanto a alma miseranda do mísero Pátroclos tôda a noite esteve suspensa sôbre mim, gemendo e cho-
20 rando, e muitas coisas me recomendou, tôdas em ordem a despedir-se dêste vale de lágrimas, ao que parece, bem contra sua vontade. ¡Mas era de maravilhar quanto ela se parecia com êle!

8-9. «desabafar nossas mágoas»... Por êste diálogo dos guerreiros amigos, um vivo, outro defunto, se colhe a certeza de que tanto Pátroclos como Aquileus eram fracos na teologia de Orfeu, nem conheciam a bela fórmula do ritual: «Vai, vai dêste mundo, alma peregrina...»

Na Itália meridional, num túmulo que se crê do século terceiro antes de Cristo, foram achados recentemente uns versos órficos, gravados em chapa de oiro, que rezam assim:

«Avistando a casa de Hades,

Disse, e deu em todos a mania quérula, e romperam em choradeira, e as lamúrias não teriam fim, se não saltasse para o meio dêles a Aurora, espirrando vermelhidão e riso das róseas bochechas. O
5 cadáver então pareceu-lhes tão lastimoso e feio, negro-roxo-amarelo, que as lamentações acabaram de repente.

Ora a essa hora já o poderoso Agamemnão tinha feito sair de todos os cantos, de tôdas as barracas,
10 homens e mulheres. À frente de todos ia um homem excelente, Meríones, o melhor servidor do forte Idomeneus; seguia-se a enfiada de mulas, cabeça acima e abaixo, com muito sono ainda e pouca vontade, manquejando, por fingimento; atrás iam le-
15 nhadores com seus machados e cordas bem entrançadas. Foi longa a caminhada, ora subindo ora descendo, cortando a direito ou rompendo para os lados. Chegados às mil fontes do pendor do Ida, as altas ramarias dos carvalhos começaram a estreme-
20 cer e os troncos a ressoar com os golpes dos machados e grandes árvores estrondeavam no chão, e os

---

«Seguirás pela esquerda,
«E hás-de ouvir o murmúrio duma fonte,
«Junto dum lânguido cipreste:
«Não beberás dessa água túrbida.
«Do lago da Memória, além, deriva,
«Por fortes guardas vigiado,
«Límpido veio de água-corrente;
«Dize aos gigantes, firmemente,
«Sou filha da escura Terra
«E do fúlgido Céu,
«Mas Estrela é também
«A minha Mãe.
«Tive pois celeste origem.

Acaios as rachavam e suas bêstas carregavam. Como sabido é, mulas e mus vão devagar e depressa vêm; e estes, de volta, já não manquejavam mas até dentre as patas arrancavam o mato, desejosos de
5 chegar ao plaino e correr para as majedoras. Meríones, o melhor servidor do forte Idomeneus, mandou descarregar a lenha na praia e fazer uma rima no cúmulo de terra, marcado por Aquileus para túmulo de Pátroclos e para si próprio. Descarregada e em-
10 pilhada a lenha, sentaram-se e esperaram.

Aquileus ordenou logo aos belicosos Mirmidões que cingissem o bronze e atrelassem os cavalos. Êles se levantaram, revestiram-se de suas armas, subiram para os carros combatentes e cavalariços e rodaram,
15 abrindo o cortejo; atrás marchava a tropa pedestre, milhares de homens; no centro ia Pátroclos, transportado por seus companheiros; outros, ladeando o féretro, se tosquiavam, e lançavam sôbre o cadáver mancheias de cabelos; atrás, levantava
20 a cabeça do defunto Aquileus, solene e triste, pois com tão fúnebre pompa mandava para o Aides o seu irrepreensível companheiro.

«Venho queimada de sêde.
«Sinto-me desfalecer.
«Refrigerai-me depressa os lábios
«Com pura, frígida água
«Da cisterna da Memória.
«E êles dar-te-ão a beber
«A água santa do lago da Memória.
«Desde então reinarás entre os heróis.
(Cf. Dieterich, *Nékyia*).

Oh... ¡mil vezes antes a «chapa de oiro» com os versos de Orfeu que a célebre «pedra negra» com a legenda dantesca — *Per mè si và...*

Chegado o préstito ao lugar indicado por Aquileus, depuseram Pátroclos, e fizeram uma rima de lenha à altura dos méritos do extinto. Ao espírito móvel de Aquileus ocorreu uma idéia súbita: afas-
5 tou-se um pouco e, de pé, cortou a sua basta e comprida cabeleira loira, que deixara crescer, havia muito, com intenção de a oferecer ao rio Esperqueiós; e, desalentado, disse, olhando o espumoso mar:

10 — Esperqueiós, Peleus, meu pai, fêz-te uma promessa vã, quando te prometeu que, de regresso à amada terra pátria, eu cortaria para ti a minha cabeleira, sacrificando nas tuas margens uma sagrada hecatombe e mais cinqüenta carneiros, nas fontes,
15 onde tens um recinto sagrado e altar perfumado. Não fizeste o que te pedia meu pai, visto que não voltarei mais à minha pátria; é o herói Pátroclos que há-de levar minhas gadelhas.

Disse, e depôs a cabeleira nas mãos do compa-
20 nheiro morto; desataram a chorar os circunstantes e chorariam até sol pôsto, se Aquileus, numa brusca mudança, não dissesse a Agamemnão:

— Atreida, és tu que mandas nas tropas acaias; chorar, chore cada em quanto queira, lá consigo:
25 manda às tropas que dispersem para longe daqui; que vão comer o rancho. É a nós que pertence obsequiar o morto. Os chefes fiquem connosco.

Ouvindo estas palavras, o príncipe dos guerreiros Agamemnão mandou dispersar as tropas para o lado
30 dos navios. Os doridos do morto acamaram mais lenha, até formar uma rima de cem pés de comprimento por outros tantos de largura e em cima, muito graves e tristes, colocara o morto. Ora, entre nuvens de borregos destacavam-se ali muitos bois, fir-

mes nas quatro patas, angulosas as de trás e direitas as de diante e, de cabeça levantada, com os torcidos cornos uns aos outros acenavam:

«¡Que enorme carrada! e quem a poderá arrastar?».

Bois e carneiros logo foram esfolados. De todos o magnânimo Aquileus apanhava a gordura, na qual envolveu o morto, da cabeça aos pés; depois pegou nas reses esfoladas e as atirou para cima e para os lados do defunto; e despejou também sôbre a lenha ânforas de mel e potes de azeite e, para bem os escorrer, voltava potes e ânforas de fundo para o ar. Depois, em arrancos de dor e grande ímpeto de fúria, arremessou para lá quatro cavalos, para serem queimados vivos; e os cavalos, tão furiosos como êle, agitavam as crinas e atiravam coices. E nove cães tinha o príncipe Aquileus, que com êle davam ao rabo e comiam à mesa. Degolou dois e os lançou para a rima de lenha envolvidos com os doze jovens Troianos, trucidados com o bronze. ¡Ensandecera de raiva, requintava de fúria, só concebia actos de atrocidade! Enfim comunicou à lenha a valentia do fogo, que excede a valentia do ferro, pois o fogo come o ferro e o ferro não come lume.

E mais uma vez se lamuriou, invocando pelo nome próprio o doce companheiro:

— ¡Sê contente de mim, ó Pátroclos, lá na casa de Aides, porque acabei de cumprir agora quanto te prometi! Doze nobres filhos dos magnânimos Troianos, contigo, todos, a chama vos devora. Hei-

1. «Com êle», isto é, na companhia do herói.

tor, o filho de Príamos, êsse não o darei a devorar ao fogo, mas aos cães.

Assim dizia, ameaçando; mas os cães respeitaram e até afagaram a Heitor; e, alçando a perna,
5 de Aquileus nos «rápidos pés» mijaram. Era a filha de Zeus, Afrodita, que ensinava isto aos cães e os amansava, ficando noite e dia de guarda ao cadáver de Heitor. E já ela o tinha ungido com precioso óleo de rosas, divino, que o preservava de
10 ser despedaçado, quando Aquileus o arrastava. E acudiu também Foibos Apolão e fêz descer do céu sombria nuvem sôbre o espaço que ocupava o corpo, para se lhe não ressequirem sôbre os ossos pele, carne, cartilagens.

15 Mas sob o corpo de Pátroclos, na lenha não pegava o lume ou, se pegava, das acendalhas não passava. Também aqui uma idéia acudiu pronta ao divino, ao irrequieto Aquileus; afastou-se um pouco e se pôs a rezar aos ventos Bóreas e Zéfiro e lhes
20 prometeu belos sacrifícios e de momento lhes fazia, de uma taça de oiro, largas e repetidas libações; e, se das libações parte ia para o chão, também muito lhe subiu à cabeça e por isso com grande instância e forte teimosia rogava aos ventos que lhe
25 fôssem soprar a fogueira.

A rápida Íris ouviu aquelas rogações e as foi levar aos ventos. Os dois estavam a conversar em casa de Zéfiro, que de todos os ventos e virações é o que tem mais perigoso bafo. Ali entrou, pois, Íris
30 com as ladainhas de Aquileus, que foram bem recebidas e festejadas. Íris ficou parada no limiar de mármore; ambos êles se levantaram e um e outro com muita vénia a convidavam a sentar-se junto de si. Mas ela recusou, dizendo:

— Não me demoro, porque não quero perder o refluxo da torrente do Oceano que me há-de levar à Etiópa, onde vão oferecer hecatombes aos imortais, em que tenho parte. E fique entregue o meu
5 recado, ó Bóreas e estrepitoso Zéfiro: roga-vos Aquileus, com promessa de belos sacrifícios, que lhe vades soprar a fogueira, para queimar Pátroclos; porque a lenha não arde e os Acaios já estão fartos de chorar e aborrecidos de funeral que não tem
10 fim.

Disse e partiu. E os ventos correram afugentando diante de si as nuvens; e maravilhoso era o modo como êles assobiavam; e sopraram sôbre o mar, e o mar atirou-se para as nuvens; chegados à re-
15 gião de Tróia sibilaram com mais fôrça: redemoinharam as fôlhas, remorejou o arvoredo, cantou o canavial. E perto da praia, um de um lado, outro de outro, sopraram com quanta fôrça tinham. O lume sopitado dentro da pilha principiou logo a ron-
20 ronar e, quási logo, uma grande flama saltou no ar e, por milagre, deu um enorme ronco. E Bóreas e Zéfiros juntos tôda a noite sopraram à fogueira com o hálito sibilante; e tôda a noite o desembaraçado Aquileus encharcava o chão de vinho que ti-
25 rava copo a copo de uma talha de oiro e sem cessar invocava a alma do infeliz Pátroclos. Como chora um pai ao queimar os ossos de filho que lhe morreu novo e casado de há pouco, assim Aquileus se atarefava na queima do companheiro, rodeando a fo-
30 gueira e soltando gemidos lúgubres.

Quando a estrêla-de-alva anunciou à terra a luz do dia e a Aurora deitou o açafrão ao mar, os ventos foram-se embora e a fogueira apagou-se. Falta dizer que os ventos, quando retiravam, passaram

pelo mar da Trácia, e o mar ficou muito bravo. Aquileus também se retirou, mas em sentido contrário ao rumo dos ventos, deixando o queimadeiro ainda a fumegar, e foi dormir. Mas pouco conse-
5 guiu dormir, pôsto que estivesse muito fatigado, porque os Acaios reüniram-se em volta do Atreida, com grande rumor e falando muito alto, e o acordaram. Aquileus levantou a cabeça e ficou sentado no lugar onde se acomodara e lhes disse:
10 — Atreida, e vós outros que sois os mais nobres dos Panacaios, agora é preciso regar com vinho tinto êsse montão de cinzas de maneira que não fique brasa viva ou tição; depois recolhamos os ossos de Pátroclos, filho de Menóitios.
15 Para que não haja engano, reparai que êle ficou no centro da fogueira e os outros, homens e cavalos, arderam sôbre as bordas. Guardá-los-emos numa urna de oiro, entre camadas de gordura. Nessa mesma urna heis-de encerrar os meus ossos, quando eu
20 fôr para a casa de Aides. Quanto ao túmulo, não vos dê isso grande cuidado; basta que seja decente. Mais tarde fareis mais amplo e alto moimento, vós os que sobreviverdes na poderosa armada.

Disse; e êles obedeceram ao veloz Peleião. Pri-
25 meiro apagaram com vinho os últimos braseiros, percorrendo de cântaros nas mãos o enorme acerbo de lenha mal queimada, carvões e cinza. Nuvens de cinza solta ennegreciam o ar e negros cúmulos de cinza empapada escorregaram para os lados e
30 amoleciam o chão. E os guerreiros, embriagados com as volatilizações do vinho rescaldado e odor intenso de carne queimada, entoavam lamentações e nénias; apanharam os ossos brancos do herói querido, e num cofre de oiro os recolheram envoltos em

duas mantas de unto e guardaram o cofre numa das barracas e lá o deixaram coberto de um lençol lavado. E em volta da pira amontoaram terra bastante para assinalar do futuro moimento as bases. Feito isto, retiravam.

Mas Aquileus mandou às tropas que esperassem e logo as fêz assentar em vasta assembléia e dos navios mandou trazer prémios que de antemão preparados tinha: caldeiros, trípodes, bois de cabeça forte e barbeludos, mulheres de cintura esbelta, e cinzento ferro.

Primeiro apresentou os prémios dos céleres aurigas: o primeiro ganharia uma mulher, laboriosa e irrepreensível, mais um caldeiro de três pés, asado, vinte e duas medidas de capacidade. O segundo teria uma égua de seis anos, ainda por amansar, já prenhe e da qual, provàvelmente, havia de nascer um mu. Para o terceiro oferecia um caldeirão dos que se não põem ao lume, de quatro medidas, ainda brilhante, que parecia novo. Para o quarto, dois talentos de oiro. Para o quinto um vaso de duas asas, dos que se não põem ao lume. E, de pé, disse aos Argivos:

— Atreida e outros Acaios de belas polainas, são os aurigas quem se prepara para ganhar os prémios depositados na arena. Se fôssem disputados em honra de outro herói, quem obtinha o primeiro prémio era eu e em minha barraca o guardaria. Sabeis, com efeito, quanto os meus cavalos excedem os outros em valor: são imortais, Poseidaão os deu a Peleus, meu pai, e Peleus mos deu a mim.

Mas eu tenho de me pôr de lado bem como aos meus cavalos de indivisos e eternos cascos. ¡E a Nobre Glória do auriga que estes cavalos perderam!

De condição tão branda, tão doce e tão amigo dêles! Tantas vezes lhes lavava e amaciava as crinas com água límpida e óleo corredio! E os animais estão imóveis, porque têm diante de si a imagem do morto, e ante a efígie mental inclinam as cabeças e varrem o chão com as crinas! Portanto, Acaios, quem dentre vós, em todo o exército, confia em seus cavalos e tem um carro menos trepidante, apreste-se para ganhar um prémio.

Assim disse o Peleida. Juntaram-se os lestos aurigas. O primeiro a adiantar-se foi o príncipe de guerreiros Éumelos, filho de Admetos, excelente condutor. Depois dêste apresentou-se o filho de Tideus, o robusto Diomedes: conduziu debaixo do jugo os cavalos de Trós, que tomara a Ainéias, quando êste foi salvo por Apolão e os deixou arrebatar. A seguir a Diomedes, o ruivo Menelau, Atreida, da linhagem de Zeus: guiava um cavalo e uma égua; o cavalo era dêle e chamava-se Podargos, a égua era de seu irmão e chamava-se Aita. — É êste o lugar próprio para se dizer a razão por que Aita veio para a guerra e emparelha agora com Podargos. Equépolos, filho de Anquises, fôra de Zeus favorecido com enormes riquezas e delas gozava, vivendo em grande opulência na vasta Sicião; convocado para a guerra de Tróia, não quis deixar o seu paraíso de delícias e ofereceu, para ir em sua vez, Aita a Agamemnão que da troca se deu por contente —. Em quarto lugar, Antílocos, o filho admirável do altivo rei Nestor, da linhagem de Zeus, atrelou os seus ca-

---

25. «Sicião» ...*ruines près de Vasilika* (Bailly *Dictionnaire Grec-Français*).

valos de opulentas crinas, criados em Pilos, muito ligeiros. E, de pé, junto do filho, Nestor lhe deu estes sábios conselhos, mui bem pensados não só para proveito do filho mas também para uso pró-
5 prio:

— Antílocos, pôsto que muito novo, Zeus agradou-se de ti e Poseidaão é teu amigo; graças a êles, a arte de guiar cavalos não tem para ti segredos. Não precisas de mais instruções: chegado à
10 meta sabes bem dar a volta. Os teus cavalos, porém, são ronceiros, e isto é mau; os dos outros são ligeiros, e para ti isto é pior. Mas pouco adianta o auriga que sabe voltear o cavalo, mas não sabe, antes, em si mesmo, dar volta à idéia. O carpinteiro
15 vale mais pela idéia que pelo braço e machado; com a idéia governa o piloto o navio batido pelos ventos sôbre o negro mar: enfim, o cocheiro vence o cocheiro com a idéia, ou então não o vence, é o teu caso. Quem se de seus cavalos se deixa levar e
20 correr o carro, sem reflexão, faz grandes rodeios, os cavalos correm muito, mas percorrem pouco. Mas quem sabe da arte, ainda que pesadões sejam seus cavalos, olhos fitos na meta, não se desvia um ponto em direcção a ela e depois contorna-a de perto em
25 volta certeira. A princípio, dá rédeas aos cavalos para que se estirem na carrreira; depois, junto da meta, mão tente nas rédeas, para que se não desvie pata nem perca passo e sempre ôlho atento no concorrente que vem mais próximo. Mas antes de tudo
30 (e por aqui devia eu ter começado) é preciso saber-se onde está e o que é que pròpriamente constitui a meta: é um tronco sêco de carvalho ou pinheiro, de uma braça de altura e que ali está há muito tempo, sem que a chuva o apodreça; tem aos

lados duas pedras brancas; fica no cruzamento dos caminhos; o hipódromo passa-lhe em volta. Foi ali colocado há muito tempo, talvez em memória dalgum morto, talvez para servir de meta nas corridas
5 dos antigos; mas fôsse o que fôsse, agora é a meta que o divino Aquileus indicou para o certame. Portanto, quando lá chegares, faze que os cavalos e o carro passem junto dela. Tu inclina-te sôbre a boleia um pouco para o lado esquerdo; bate o cavalo
10 da direita, incita-o com a voz e chicote e afroixa-lhe a rédea; retém o cavalo da esquerda até que o meio da roda pareça tocar na meta; mas tem cuidado, não vás dar com os cavalos e carro contra as pedras, o que seria motivo de júbilo para os outros
15 e de vergonha para ti. Amiguinho, põe aqui tôda a atenção, porque, se contornares bem a meta, nenhum competidor te alcançará, nem há-de tomar a dianteira, ainda que bata o divino Arião de Adrestos, cavalo de raça divina, rapidíssimo, ou os Lao-
20 medão, criados aqui e que são cavalos excelentes.

Dadas estas instruções, Nestor, filho de Neleus, foi sentar-se no seu lugar.

Meríones, número cinco, aprontou seus cavalos de soberbas crinas.

25 Tomaram lugar em seus carros e deitaram as sortes. Aquileus agitou-as, e saltou fora a de Antílocos, filho de Nestor. Depois a do poderoso Eumelos. A seguir a esta, a do Atreida Menelau, célebre

---

19. Adrestos ou Adrasto. Em grego, Ádrestos.

20. «de raça divina», porque teve a Poseidaão por pai e Erinis foi sua mãe. Arião era muito louvado, porque salvou a vida ao dono, fugindo com êle a tempo, no primeiro cêrco de Tebas.

por sua lança. Depois a de Meríones. A sorte deu ao filho de Tideus (que em valor excedia muito os outros) o último lugar. Alinharam todos. Aquileus mostrou-lhes a meta, ao longe, na esplanada. E incumbiu Fóinix, rival dos deuses, antigo servidor de seu pai, de vigiar a pista e o informar com imparcialidade sôbre os resultados da corrida.

Todos a um tempo agitaram os chicotes sôbre as ancas dos cavalos e, dando vozes de incitamento, arrancaram. Levantaram tamanha poeirada que os cavalos eram levados, suspensos pelas barrigas e peitos, por densa nuvem em turbilhão; as crínas flutuavam ao vento; os carros ora se sumiam de todo no mar de pó, ora saltavam no ar; os condutores, de pé, muito direitos, ora iam em ascenção ao céu, ora desciam por um poço abaixo; já lhes ficavam mui distantes os navios, os corações palpitavam ansiosos pela vitória; cada qual rogava o triunfo aos seus cavalos; mas, como tudo ia envolto em poeira revolta, por então não se podia saber quem corria mais. Quando, porém, atingiram a meta e já voltavam em direcção ao pardecento mar, então se viu quem valia mais e quem valia menos: adiante de todos, projectavam-se como em traços paralelos ao chão as éguas velocíssimas do descendente de Ferete (Éumelos); atrás delas corriam os cavalos de Diomedes (os cavalos de Trós); a dianteira não era grande, a bem dizer não era nenhuma, porque entre elas e êles não havia intervalo; dir-se-ia que os cavalos queriam entrar para o carro das éguas, pois sem cessar o patejavam, e resfolgavam no cachaço de Éumelos e com o bafo escaldante lhe aqueciam os ombros largos e esfregavam as cabeças na cabeça dêle.

Então o carro das éguas teria sido ultrapassado e a incerta vitória seria do filho de Tideus vitória certa, se Foibos Apolão lhe não tivesse má vontade e lhe não fizesse cair das mãos o bom chicote. Diomedes ia rebentando de raiva, ao ver que seus cavalos ficavam para trás, por falta de estímulo, e tanto mais que as éguas, percebendo o descuido dos cavalos, por acinte, corriam celérrimas.

Mas a Atenaia não escapou a subtil perfídia de Foibos que assim defraudou o filho de Tideus. Forneceu de pronto melhor chicote ao pastor de tropas, insuflou ardor nos cavalos, restaurou-lhes honra e brio, precipitou-se irritadíssima sôbre o filho de Admetos, partiu-lhe o jugo, desfez-lhe a atrelagem. As éguas fugiram espantadas, uma por cada borda da estrada; o temão bateu no chão; Êumelos caíu do carro, batendo contra uma roda; arranhou os cotovelos, fendeu um beiço, quebrou o nariz, ficou-lhe na testa um galo a cantar-lhe em cima das sobrancelhas. O filho de Tideus, desviando-se dos destroços da caranguejola, passou para a frente de todos com seus cavalos triunfantes, de patas troantes, porque Atena aos cavalos deu ímpeto e brio e ao herói cobriu de glória.

Imediato a Diomedes seguia o Atreida, o loiro Menelau.

Depois de Menelau, Antílocos. Não queria levar à glória os cavalos de seu pai com razões de chicote, mas por nobre convicção, pela fôrça da persuasão:

— Então! Vamos? Não basta que levanteis a cabeça, em majestoso trote; é preciso que vos estireis em rápido galope. Não exijo que luteis com êsses que lá vão adiante, os do fogoso filho de Ti-

deus; a êsses é Atena que os mexe, e a êsses reserva ela a glória. ¡Mas os cavalos do Atreida, que afinal nem cavalos são! Não são corcéis tirando um carro de guerra; vão ali Podargos e Aita, suportando como podem o jugo matrimonial. ¿Então não teríeis vergonha, se Aita vos vencesse, Aita, uma égua?

¿Porque ficais para trás, meus bravos?

Pois eu vos digo, e será dito e feito, se, por vossa negligência, não ganharmos senão um prémio ridículo, nunca mais sereis cuidados e afagados por Nestor, pastor de tropas; ao contrário, vos mandará matar, talvez esfolar vivos, com o agudo bronze. ¡Coragem, amigos! Apressai-vos quanto puderdes, para passarmos adiante dêste carro. Ali, onde se estreita o caminho, usarei de minhas artes e habilidades e deslizaremos para a frente, sem que dêem por isso; a ocasião é boa e não a deixarei perder.

Disse; e os cavalos, receosos das ameaças de seu príncipe, por instantes, andaram mais ligeiros. Já corriam por caminho estreito, e chão esburacado. Parte do leito da estrada fôra arrastado pela água das chuvas e havia por ali entulho e buracos.

Menelau vigiava os carros de diante e de trás, não se desse um encontro de rodas naquela passagem difícil e ao mesmo tempo desviava o seu do entulho e dos buracos. Antílocos saíu da estrada, passou de lado, fêz saltar os cavalos e ganhou a dianteira. O Atreida teve um grande susto, e berrou a Antílocos:

— ¡Antílocos, tu guias como um doido! Segura os cavalos. Morríamos ambos, se estilhaçasses o meu carro. ¿Não vês que o caminho é muito estreito? Mais adiante, onde a estrada é mais larga, dou-

-te a direita ou a esquerda, e podes correr como um raio, se estás com pressa...

Disse, bem alto gritava, mas Antílocos fazia orelhas moucas e picava os cavalos e acelerava a marcha. Distância como a que vence um disco lançado da altura dos ombros por um homem robusto, correram todos juntos; de repente a parelha do Atreida parou, retrocedeu: Aita e Podargos, por falta de estímulo ou voz de incitamento, entenderam que seu príncipe não quereria ir mais adiante; e êle de facto receava que os animais, metendo as patas uns por entre as dos outros, virassem o carro de rodas para o ar, e estirassem os homens na lama do caminho, quando se esforçavam por se alcandorar na glória. O louro Menelau, muito indignado contra Antílocos, lhe disse:

— Antílocos, não conheço homem mais desleal que tu. ¡Em má hora te vás! E nós, os Acaios, que por favor te julgávamos modêlo vivo de cordura! ¿Mas de que te vale a fraudulência, se não podes ganhar o prémio sem perjurar?

E, falando à sua parelha, disse:

— Não pareis, nem vos deixeis ficar para trás, pôsto que desgostosos. As patas e joelhos daqueles cansar-se-ão mais depressa que as vossas pernas; porque os cavalos do outro são duas bêstas velhas.

Os Argivos, sentados no estádio, não tiravam os olhos da pista, seguindo os cavalos que apareciam e desapareciam no plaino entre nuvens de pó. O primeiro a emitir parecer e largar sentença foi Idomeneus, chefe dos Cretaios. Não entrara para o está-

---

31. Cretaios ou cretenses. Cretaios é mais bonito.

dio, mas escolheu fora miradouro mais alto. Dali, primeiro, pôs o ouvido à escuta e percebeu, não obstante a distância, que do turbilhão de pó dianteiro saíam as fortes imprecações da voz de Diomedes; e, com a ajuda da orelha, fixando melhor a vista, viu claramente, estampado na nuvem de pó, um dos cavalos de Diomedes, inconfundível, porque tinha o pêlo todo ruivo, excepto só a malha da testa, branca e redonda como a lua-cheia. E, de pé, proclamou aos Argivos:

— ¿Amigos, guias e conselheiros dos Argivos, sou eu só que estou a ver os cavalos, ou vós também os vêdes?

¡Cavalos, que não éguas, trazem avanço, e cavalos de outrem, que não do tal, pois também o auriga me parece ser outro homem! As éguas, por quaisquer alturas virão manquejando, elas que pouco há tinham a dianteira.

¿De lazeira morreriam no caminho?

Vi que foram elas que primeiro contornaram a meta e agora não há maneira de lhes pôr a vista em cima; e eu vejo daqui a esplanada de Tróia de ponta a ponta. Ou terá sido incompetência do condutor que deixou cair das mãos as rédeas, ou esbarrou na meta, ou deu mal a volta. Ao que me parece o homem caíu, despedaçou o carro, e as éguas, espantadas, enfurecidas por tanta imperícia, deitaram a correr por onde lhes pareceu. ¡Mas vós não tendes olhos! Dizei também alguma coisa. Pode ser que eu não distinga bem; parece-me, contudo, que um homem da raça etólia, reinante entre os Argivos — ¿não estais a ver que é o valente domador de cavalos, o filho de Tideus, Diomedes? — ¡ganhou a corrida!

O desenvolto Ajace, filho de Oileus, respondeu, proferindo palavras grosseiras:

— ¿Idomeneus, porque dás à taramela antes de tempo? Muito adiante dos outros, e mui diligentes,
5 correm no grande plaino as éguas, mantendo sempre no ar cada uma, pelo menos, patas duas.`¿Que mais queres? Não podes dizer entre os Argivos que és jovem de lume no olhos. ¿Que penetrante olhar há-de faiscar do caco velho da tua cabeça? Queres,
10 porém, tagarelar sempre! Devias estar calado, porque há no estádio melhores olhos que os teus. Como há pouco, ainda as éguas correm à frente; são as de Éumelos; e Éumelos vem no carro, guiando com mão experimentada e firme.

15 Irado o chefe dos Cretaios respondeu:

— Ajáce, és o máximo dos bulhentos, és grande maldizente; no mais, és inferior a todos os Argivos, porque teu espírito é grosseiro. Façamos uma aposta; seja penhor de nossa palavra um caldeirão de
20 três pés, qualquer vaso de preço; aceitemos por árbitro o Atreida Agamemnão: ficarás sabendo à tua custa se as éguas são as primeiras ou as últimas.

Disse, e já se levantava o rápido Ajace, filho de Oileus, e lhe ia responder em têrmos ainda mais in-
25 solentes, e sem dúvida a contenda entre os dois teria ido muito longe, se o próprio Aquileus não interviesse, dizendo:

— Não vos insulteis, proferindo palavras descorteses e más; isso não vos fica bem; quando outros
30 assim procedem, vós lhes chamais grosseiros e malcriados. Sentados no estádio, como os outros espectadores, esperai o resultado da corrida. Os que disputam a vitória, por isso mesmo que a disputam, não tardam a chegar. Reconhecereis então cada ca-

valo dos Argivos e direis qual chegou antes, qual chegou depois.

Palavras não eram ditas, já ali surgia, perto do estádio, da pista quási no terno, num clarão de
5 oiro e estanho, o carro do filho de Tideus, que em frenesi fazia saltar constantemente da altura das próprias espáduas o chicote vibrante nas ancas dos cavalos. Os cavalos também já tinham a certeza do que a vitória estava ganha: as rodas do carro mal
10 deixavam vestígio na areia fina e a areia grossa saravaiva sôbre o oiro e estanho do carro, sôbre os cavalos, sôbre o cocheiro. ¡Enfim Diomedes apareceu no meio do estádio. O chão onde pararam os cavalos ficou inundado do suor que do peito e cri-
15 nas lhes escorria. Diomedes desceu do carro refulgente e deixou o chicote pendurado no jugo. O lépido Esténelos correu logo e disse aos ufanos companheiros que trouxessem o prémio: a mulher e o pote (qualquer vasilha) de três pés e duas asas.
20 E êle, de Diomedes atento venerador, lhe desatrelou os cavalos.

Depois de Diomedes chegou Antílocos, da família de Neleus, que tomou a dianteira de Menelau, por fraude, não por ligeireza. Menelau, contudo, não lhe
25 ficara muito atrás; quanto vai da roda ao cavalo que nos cabelos do rabo por vezes a envolve, puxando através do plaino o carro com o patrão dentro: e a roda gira que gira quási entre as pernas do cavalo que as patas mexe: pois tanta era a dis-
30 tância que entre os dois mediava. A princípio era como a que vence o disco jogado por atleta; agora era quási nada, logo nada seria, depois, se a pista não acabasse ali, Menelau passaria à frente: tanto era o brio da égua de Agamemnão, de Aita dili-

gente, a qual, agitando as crinas formosas como tranças de deusa, animava o colega, dizendo-lhe: «¡Então Podargos! vens a dormir? sacode-te, bestiaga!». Como porém a pista terminava, o triunfo
5 ficou em litígio.

Meríones, o fiel servidor de Idomeneus, vinha tão atrasado do glorioso Menelau que nem com o arremêsso de virotão o podia alcançar. Seus cavalos tinham o brio nas crinas e a preguiça nas pernas.
10 Também mui canhestro era o cocheiro para os triunfos do estádio.

Por último, último de todos, chegou o filho de Admetos. Mui pachorrento, parecia dizer às éguas: «de vagar se vai ao longe. Meu carro de luxo vale
15 mais que todos os prémios; o essencial é que chegue direitinho; tarde ou cedo, pouco importa». Vendo-o, o rápido, o divino Aquileus o lastimou, e, de pé, entre os Argivos, disse estas engraçadas palavras:

20 — ¡O último é o primeiro e o melhor dos homens, mas bate éguas de maciços pés de chumbo! Há-de apanhar um prémio; o primeiro não pode ser, seja o segundo. O primeiro é do filho de Tideus; mande-o levantar quando queira.

25 Disse. Todos acharam bem. Assim o prémio da égua seria atribuído ao filho de Admetos, com aprazimento dos Acaios, se Antílocos, filho do magnânimo Nestor, não tivesse, com razão, replicado. Levantando-se ou insurgindo-se, disse:

30 — Aquileus, fico a querer-te mal, se fazes o que dizes. Vais esbulhar-me do prémio em razão do desaire e danos que padeceu Êumelos em seu carro, éguas e em seu corpo. É excelente varão, bem sei; mas que rezasse com mais devoção aos imortais e

talvez não caísse do carro nem lhe faltasse o fôlego na carreira. Se teu coração é sensível a suas desventuras, tens na barraca muito oiro, bronze, cabeças de gado, cativas, cavalos; do que é teu, reparte com êle às mãos ambas e todos os Acaios te louvarão. A égua, porém, é minha, não lha dou; se não obstante a quiser levar, cair-lhe-ão em cima as mãos do dono.

Disse, e Aquileus achou-lhe graça, porque era o falar de camarada confiado; sorriu e respondeu:

— Antílocos, convidas-me a escolher do que é meu um belo prémio para Éumelos; parece-me excelente o alvitre. Dou-lhe a couraça que me ficou dos despojos de Asteropaios. É de bronze, com orla brilhante de estanho; tê-la-á em muito aprêço.

Disse, e mandou ao camarada Automedão que a trouxesse da barraca.

Trouxe e a entregou a Éumelos, que a aceitou mui contente.

No meio dêles se levantou Menelau, triste consigo e irritadíssimo com Antílocos. Um arauto lhe meteu na mão o cetro e impôs silêncio aos Argivos. E o príncipe, igual a um deus, falou assim:

— ¿Antílocos, até aqui pessoa ajuïzada, que delírio te acometeu? Diminuíste o meu valor, ofuscaste minha reputação, e até de minha parelha fôste invejoso, atropelando-a, lançando para diante de Aita e Podargos os teus cavalos, que lhes eram muito inferiores. Mas, adiante... Vós, guias e conselheiros dos Argivos, tendes de julgar e decidir no meio do povo, entre nós dois, sem favor, e também sem receio de que possa dizer algum dos calcotunicados Acaios: Menelau apropriou-se da égua, com mentiras e usando de violência contra Antílo-

cos; porque os cavalos dêste eram muito superiores
aos daquele, e aquêle só superior a êste na fraude
e prepotência. E eu próprio emitirei o meu juízo; e
ninguém, eu vo-lo afirmo, ninguém dentre os Dâ-
5 naos o há-de censurar, porque será um juízo recto.
¡Antílocos, vamos, aqui, aluno de Zeus, de pé,
como é da lei, diante do carro e dos cavalos, na
mão o flexível chicote com que ganhaste a corrida,
batendo os cavalos, jura por Aquêle que sustém e
10 abala a terra que não retardaste de propósito e por
fraude o meu carro!

Entrando em si, Antílocos respondeu:

— Foi leviandade de momento: tem paciência.
Sou muito mais novo que tu, ó rei Menelau, e sa-
15 bes o que são verduras da mocidade e que o jovem
tem o espírito precipitado e a cabeça leve. Que teu
coração digira o desgôsto que te causei, pois que eu
só pensava em ganhar a corrida e de modo algum
em desacatar o alto príncipe que tu és. E já te não
20 disputo a égua, prémio de minha destreza e ma-
nhas, e te ofereço, de minha riqueza particular,
quelquer jóia ou prenda que te agrade. Padeça an-
tes minha fazenda que nossa amizade. ¡Não quero,
ó de Zeus vergôntea nobilíssima, ser para sempre
25 expulso de teu coração, nem ante os deuses aparecer
com cara de reu!

Disse, e conduzindo a égua, como filho que era
do magnânimo Nestor, e a pôs nas mãos de Mene-
lau. «E a pôs nas mãos de Menelau» modo é de di-
30 zer, pois em mãos do homem égua não cabe, como

28-29. No texto, passo formosíssimo:... *Hippon ágon/en cheiresin títhei Meneláou.*

caberia uma pomba, se pomba fôra o presente; mas é certo que se abrandou e entumeceu de ternura o coração de Menelau, ao sentir a égua diante de si ou a seu lado. — Assim como na seara que freme
5 no límpido arrebol a espiga abranda e se consola de orvalho da manhã, em tua alma, ó Menelau, o teu coração, se molhou, repassou e regalou das falas gentis do jovem Antílocos —. E, digno, erecto, Menelau disse a Antílocos estas palavras aladas:
10 — Também para mim, Antílocos, é chegada a ocasião de pôr de parte agravos e ressentimentos. Fôste sempre cortês e obsequioso; hoje, porém, a juventude venceu em ti a razão. Não queiras nunca zombar de quem é mais velho e respeitável.
15 Se fôsse com outro acaio o incidente, a ferida havia de levar seu tempo a fechar.

Lembro-me de quanto tens sofrido e dos trabalhos que tens suportado por minha causa, bem como teu excelente pai e teu bravo irmão. Porisso acolho
20 no coração as tuas últimas palavras, que tão fàcilmente me convenceram. A égua era minha, porque na corrida a ganhei; agora é tua, porque eu ta dou. E fiquem sabendo os que presentes estão que eu não sou homem de coração duro, nem de ânimo arro-
25 gante, nem de espírito infléxivel, nem velho teimoso.

Ditas estas palavras, entregou a égua a Noemão, companheiro de Antílocos, para que lha levasse; para si reservou o caldeirão polido e fulgente. Me-
30 ríones, que foi o quarto a chegar, apanhou os dois talentos de oiro. Só restava o quinto prémio, o vaso de duas asas; pegou nêle Aquileus, atravessou com muita ostentação a assembléia dos Argivos e o ofereceu a Nestor, pronunciando estas palavras:

— Êste é para ti, meu velho; guarda-o como recordação do funeral de Pátroclos, a quem não mais hás-de ver entre os Argivos. De graça o levas, porque já não podes jogar o murro, nem lutar, nem
5 lançar o dardo; os teus pés já não correm. Já, com efeito, a fadigosa velhice te encurva as costas.

Disse e lhe passou às mãos o precioso vaso. Nestor o recebeu com júbilo, e em palavras aladas agra-
10 deceu:

— Sim, dizes a verdade, meu filho. Meus membros, meus pés, meu amigo, já não têm firmeza. Das espáduas, a um e outro lado, pendem-me os braços e mãos, sem agilidade! Ah, se eu fôsse jovem, e
15 tivesse o vigor que sentia quando os Epeios enterraram o poderoso Amarinceus, em Bouprásion e os filhos dêste rei propuseram prémios. Lá, então, ninguém se media ou podia comigo, nem dos Epeios, nem entre os próprios Pílios, nem nos magnânimos
20 Etólios. No pugilato, venci Clitomedes, filho de Énops; na luta, superei a Ancaios de Pleurão, que me desafiou; na corrida, fui sempre adiante de Ífilclos, que aliás se mexia maravilhosamente; no jôgo das lanças, a minha ia mais longe que a de Fileus
25 e a de Polidoros. Sòmente fui vencido na condução do carro, pelos filhos de Actor; nem admira, porque eu era um e êles, dois; portanto, o dôbro; devem a vitória não ao valor, mas ao número. Invejosos de meus triunfos, puseram-se adiante. Eram
30 gémeos. Um sustinha as rédeas com mão firme, o outro chicoteava os cavalos como desalmado. O prémio que se disputava era o melhor de todos, e sabiam que, por combinação, estava reservado para êles. Por isso atropelavam tudo. Tal fui eu em meu

tempo e agora a vós cumpre imitar-me e dar cada um de si boas provas como eu dei, e a mim submeter-me e obedecer à triste velhice. Ah, mas naquele tempo soube distinguir-me entre os heróis! Vai dar princípio aos jogos fúnebres em memória de teu companheiro. Êste brinde me alegra o coração, porque é sinal e penhor de que jamais te hás-de esquecer das honras que me devem os Acaios. ¡Por tua benevolência, sejam-te os deuses propícios!

Terminou e o Peleida ouvira do princípio ao fim, se não por gôsto, por cortesia, o extenso elogio que de si mesmo fizera o Neleida. Em seguida apresentou no meio da multidão dos Acaios os prémios do combate a contundente murro: ao vencedor seria dada uma robusta mula, de seis anos, ainda por domesticar e nada boa de amansar e a mula já estava exposta na arena, prêsa a uma estaca; o vencido, para se consolar na derrota, teria uma taça de copa dupla. No meio dos Argivos, pois, de pé, êle proclamou:

— Atreida e outros bel-polainudos Acaios, é nossa intenção, com estes prémios, convidar dois homens, os melhores, a que se venham bater a murro sêco; aquêle a quem Apolão, a juízo de todos os Acaios, tiver concedido a vitória, levará para sua barraca esta rija e valente mula; o vencido ficará com a taça.

Disse. Logo se levantou um homem decidido, desembaraçado, grande, de má cara, hábil pugilista: era Epeiós, filho de Panopeus. Tomou a mula pela arreata e gritou:

— Quem precisar da taça que se aproxime. A mula é minha; nenhum acaio me derrubará a murro, para a levar. Para o campo de batalha ninguém

me convide, pois com espadas e lanças não sei lidar. Mas no jôgo do murro sou inexcedível, inigualável. ¡O adversário que apareça! Hei-de escrever-lhe na testa um *V* que quere dizer — ¡vitória! — e depois, com dois murros ou com três, acabrunhar-lhe os queixos e o nariz. Os maqueiros estejam perto e tenham prestes ligaduras, arnica, ataduras; porque o homem vai sair-me das mãos mal-amanhado.

Disse, e todos pasmaram, olhando em silêncio. Só Euríalos, semelhante a um deus, filho do príncipe Mecisteus Talaiónida que outrora em Tebas no funeral grandioso de Oidípodes vencera todos os Cadmeiões; só êste ousou responder à chamada e desafio. E o Tideida, ínclito na lança, o animava com suas palavras, porque muito lhe desejava a vitória; e lhe pôs o cinturão e lhe resguardou os punhos em manoplas bem ajustadas, cortadas do coiro de boi bravo.

Os dois adversários, rins fortemente cingidos, plantaram-se no meio da arena; e ao mesmo tempo, de punhos cerrados, se arremessaram um contra o outro; e entre as duas caras os quatro punhos rodopiaram tão rápidos que se não podia dizer quais os dêste, quais os daquele, mas pela diferença do som, sabia-se perfeitamente quando o murro era punho contra punho, ou quando o punho batia em queixo; e os estalos nos queixos eram os mais sonoros e terríveis. E os nós dos dedos do divino Epeiós, num golpe mais rijo, de Euríalos estalaram na cara, entre ôlho e orelha; e as pernas fraquejaram e Euríalos caíu. Como aparece e desaparece em dois saltos o peixe que a vaga fustigada por Bóreas arremessa entre as algas, assim Euríalos

se sumiu... ¿pelo chão abaixo? Não, do chão não passou. Do chão não passou, e o magnânimo Epeiós nos braços o levantou, o pôs de pé, o endireitou. Acudiram e o rodearam os amigos e o retiraram da
5 liça, através da assembléia. Êle não se agüentava nas pernas, a cabeça pendia-lhe para o lado, sôbre um ombro, lançava pela bôca golfadas de sangue negro. Quando o deitaram, tinha perdido os sentidos. E não se esqueceram os amigos de levar com
10 êle a redonda taça que ganhou pelos muitos murros que apanhou.

E o Peleida depositou outros prémios — terceira série — e os mostrou aos Dânaos, para continuarem a luta cruenta: para o vencedor, uma grande
15 trípode, das que se põem ao lume e que os próprios Acaios avaliavam em doze bois; para o vencido, uma mulher, das que sabem das lidas domésticas e são peritas em muitos lavores; a mulher valeria quatro bois.

20 Aquileus, de pé, apregoou aos Argivos:

— Levantai-vos, vós os que desejais exercitar-vos nesta prova.

Disse. Apresentou-se o grande Ajace Telamão. Levantou-se também o astuto Odisseus, mestre con-
25 sumado na arte de tirar vantagens de tudo. E os dois, cingidos os rins, desceram à arena. Como hábil carpinteiro prende a trave com barrotes no tecto de uma casa tão fortemente que a trave fica imóvel contra os repelões dos ventos, Ajace lançou os bra-
30 ços vigorosos em volta das costas de Odisseus; e também Odisseus travou os fortes barrotes de seus braços na espinha dorsal de Ajace; de um e de outro os ossos rangiam; ambos estavam reluzentes de suor; no violento esfôrço dos dois, os músculos re-

tesavam-se, estriavam-se, avermelhavam, entumeciam; o sangue espirrava-lhes das espáduas, das ilhargas.

E ambos queriam a vitória, com o pensamento
5 na preciosa vasilha de três pés. Mas nem Odisseus conseguia fazer escorregar o outro e estirá-lo no chão, nem Ajace, neutralizado pela resistência de Odisseus, alcançava vantagem sensível. E como os bel-polainudos Acaios, frustrados em sua espectati-
10 va, começavam já a aborrecer-se, o grande Ajace Telamónio disse a Odisseus:

— Descendente de Zeus, filho de Laertes, ó finório Odisseus, levanta-me em pêso, ou eu te ergo suspenso: e à conta de Zeus fique o dar-nos o tram-
15 bulhão.

Dito isto lhe tirou os pés do chão, mais de palmo. Lembrou-se Odisseus de suas manhas e deu-lhe de rijo com um calcanhar, acima da barriga da perna, e foram ambos ao chão, caindo Odisseus sôbre o
20 peito de Ajace. A tropa rejubilou, e aclamou entusiasmada. Por sua vez tentou Odisseus levantar ao colo o outro *menino*. E o ergueu, com efeito, mas só um quási-nada; a ponta do dedo grande de um pé de Ajace não chegou a perder o contacto da ter-
25 ra; mas de novo o outro lhe passou a perna, e os dois caíram, um ao lado do outro e se revolveram e sujaram na poeira. Logo se levantaram e, saltando um para outro, teriam recomeçado a luta, pela terceira vez, se Aquileus se não levantasse e, em
30 pessoa, lhes não dissesse que já bastava:

— Não vos violenteis mais em pegas dolorosas; a vitória é de ambos; mereceis prémios iguais; abandonai o terreiro, para que outros acaios concorram aos prémios.

Disse. E êles sacudindo a poeira, não do fato mas
da pele, foram-se vestir.
E o filho de Peleus mandou trazer e mostrar os
prémios de ligeireza. O primeiro era um grande
5 vaso de prata, lavrado a primor, que levaria dez
medidas. Em beleza, não havia no mundo coisa
assim. Fôra trabalhado por Sidónios habilíssimos;
mercadores Fenícios o haviam trazido sôbre o bru-
moso mar e, chegados ao pôrto, o ofereceram de
10 presente a Toas. Adquirido pelo filho de Jasão, Eu-
neos, êste o deu ao herói Pátroclos, em resgate de
Licaão, filho de Príamos. Tal prémio o levaria quem
mais ágil na carreira desse aos calcanhares. Segundo
prémio era um boi corpulento e muito gordo. Úl-
15 timo prémio, meio talento de oiro. De pé, Aquileus
estimulou os Argivos:
— Quem quiser submeter-se a esta prova, levan-
te-se e prepare-se para correr.
Disse. Logo acorreu o rápido Ajace, filho de Oi-
20 leus; depois, o astuto Odisseus; o mais ligeiro dos
jovens, Antílocos, filho de Nestor, foi o último a
apresentar-se. Alinharam os três, Aquileus deu o
sinal e despediram na carreira. Quanto salta diante
do peito de airosa tecedeira trépida lançadeira, tanto
25 de dianteira levava o filho de Oileus ao arteiro Odis-
seus. Se dêste os pés não esburgavam daquele os
calcanhares, quási os tocavam. O de trás no de
diante punha os pés nas pegadas ainda quentes e
bem marcados e lhe resfolgava no cachaço. ¡E os
30 Acaios todos berravam, admirando e aplaudindo tão
ardoroso desejo de vencer! E animavam uns a um
outros a outro dos contendores.
Da corrida chegados quási ao têrmo, à Olhos-de-
-Mocho, Atenaia, fêz Odisseus sobreptícia oração

mental: «¡Vem em meu socorro, ó deusa, atira-me para diante os pés!»

Tal foi a sorrateira prece e Palás Atena a escutou. E ela lhe levitou os membros, e, em baixo, mal tocavam o chão os pés e, em cima, as mãos como que atiravam para trás das costas o ar; e assim deixou para trás Ajace, que tão desastrado e danado estava de Atena com a traição e fraude, que escorregou e caíu. Ora no lugar muita bosta havia, que os bois por Aquileus sacrificados a Pátroclos ali largaram. De ela se encheu de Ajace a bôca, e de ambas as ventas de ela cheias, fortemente espirrou. Desta sorte e com esta sorte o divino e rijo Odisseus foi o primeiro a chegar e com célere mão arrebatou o argênteo pote. Teve de resignar-se com o boi Ajace, o segundo prémio. E, segurando por um corno o boi bravo, e escarrando a bosta e cuspinhando enojado, disse no meio dos Argivos:

— ¡Hum! bah! puh! Peou-me as pernas uma deusa, aquela que a Odisseus trás sempre pela mão, como se fôsse a mãe que o pariu!

Disse, e todos riram encantados de semelhante aventura.

Antílocos ganhou o último prémio. Levantou-o sorridente e disse em presença dos Argivos:

— Já todos sabeis o que vou dizer-vos, amigos: ainda hoje os imortais gostam de honrar a gente velha. Porque Ajace nasceu um pouco antes de mim, pertence à geração anterior, é da classe dos «homens anteriores». O velhote está ainda verde, e é difícil aos Acaios pôr-lhe pé adiante, a não ser Aquileus, por alcunha o Pé-Ligeiro.

Assim falou, adulando o expedito Peleião, que por estas palavras lhe respondeu:

— Antílocos, agradeço o elogio, dobrando o prémio: levas mais êste meio talento de oiro.

Dizendo, lho meteu nas mãos. Antílocos o recebeu com alegria.

5 E o Peleida trouxe mais prémios. Espetou no chão uma hasta que estirava comprida sombra; pôs-lhe ao pé um broquel e um casquete: eram as armas de que Pátroclos havia despojado Sarpedão. De pé, no meio dos Argivos, lhes disse:

10 — Com estes prémios convidamos dois guerreiros, os melhores, ao combate. Revestidos de suas armas, empunhando o bronze, inimigo da pele, darão as suas provas diante da assembléia. Aquele que primeiro furar a bela pele e atingir a carne e o negro 15 môlho do sangue através da armadura darei esta espada cravejada de prata, muito bela; proveio da Trácia; eu a tirei a Asteropaios. As outras armas ficarão para os dois em comum, e as repartirão como entenderem. Depois terão um banquete em minha 20 barraca.

Disse. Levantaram-se então o grande Ajace Telamónio e o filho de Tideus, o forte Diomedes. Armaram-se na assembléia, cada qual a seu canto e avançaram para o centro, impacientes pelo com- 25 bate, com medonhas cataduras, e olhares terríveis. Todos os Acaios foram tomados de estupefacção e assombro. Quando se encontraram, três vezes se assaltaram, três vezes se acometeram. Ajace descarregou o golpe ao adversário no redondo broquel; 30 mas não lhe chegou à pele, porque a protegia a couraça. Em réplica o Tideida por cima do grande escudo do outro meteu a lança e já a ponta de refulfente bronze lhe picava a barba e ameaçava o pescoço. Pela sorte de Ajace tremeram os Acaios e

gritaram todos que cessassem o combate e que recebessem prémios iguais. Não concordou, porém, o herói, não concordou e ao Tideida entregou a grande espada, bainha e o bem talhado boldrié.

Depositou outro prémio mais o Peleida: era uma grande bola de ferro bruto. Jogava com ela outrora Sua Máxima Fôrça Eetião. A Eetião matou o rápido e divino Aquileus e o ferro, com outros despojos, em seus barcos o trouxe. De pé, no meio dos Argivos, bradou Aquileus:

— Levantai-vos, vós os que desejais tentar mais uma prova. O vencedor, se tiver terra a cultivar, por muita que seja, não há-de precisar de mandar comprar ferro à cidade; esta bola lho fornecerá, ao menos por cinco anos.

Disse. Levantaram-se o belicoso Polipoites, Seu Poderoso Ardor Leonteus, rival dos deuses, Ajace Telamoníada e o divino Epeiós. Um após outro, se puseram os quatro em fila. O divino Epeiós levantou a massa de ferro, deu-lhe balanço e a atirou; mas tão desastrado foi que a bandeiras despregadas riram os Acaios todos. Segundo na prova, jogou Leonteus, de Ares vergôntea ilustre. Em terceiro lugar, arremessou a bola o grande Ajace, e o seu lanço venceu os dos outros dois. Enfim Polipoites tomou nas mãos o globo e o projectou a mor distância, dos outros ultrapassando as marcas, como o cajado do pastor, voando sôbre a manada, revoluteia mais além, atrás de vaca tresmalhada. Polipoites foi aclamado vencedor; e seus companheiros, acorrendo alegres, levaram para os cavos navios o prémio de seu rei.

E propôs Aquileus mais prémios, preciosidades de cinzento ferro, dez machados de dois gumes e

dez machadinhas; e estes eram aos archeiros destinados. Fêz levantar, ao longe, na areia o mastro grande de um navio de escura proa e no tôpo do mastro mandou prender tremente pomba com um
5 laço fino na pata vermelha. Era a ansiosa pomba o alvo dos sagitários que o Peleida com estas palavras incitava:

— O que na palpitante pomba acertar leve os dez machados duplos; o que, menos certeiro, errar
10 a ave mas ainda assim cortar o cordel, fique com as machadinhas.

Disse. Logo se levantou Sua Fôrça El-Rei Teucros, levantou-se logo Meríones, de Idomeneus fiel servidor. Num casquete de bronze lançaram e agi-
15 taram sortes e a sorte deu preferência a Teucros, cuja seta logo partiu, fremente, dando ao rabo. Mas Teucros esqueceu-se de prometer ao Rei frecheiro magnífica hecatombe de primigénios cordeiros; como nada prometeu a Apolão, não lhe permitiu Apolão
20 que acertasse na pomba, junto de cuja pata passou a frecha amarga e cortou laço; partido cordel e seta morta caíram no chão e a pomba — viva! — voou às alturas. E os Acaios aclamaram a pomba.

Era a vez de Meríones. Tirou o arco da mão de
25 Teucros. A seta eleita já êle a tinha pronta, ainda Teucros mirava e apontava. ¡E olhem que se não esqueceu de prometer a Apolão, que envia longe o dardo, magnífica hecatombe de primigénios carneiros! Muito alta, perto das nuvens, enxergou a al-
30 voroçada, aflita pomba; e quando ela volteava, já cansada, em pairado voo, a feriu com uma seta. A frecha, por baixo de uma asa, acertou no meio do corpo e a trespassou. O dardo caíu aos pés de Meríones. A pomba baixou, mais aos tombos que

voando; veio ainda poisar no cimo do mastro. Depois deixou pender a cabeça; as penas estremeceram arripiadas; e caíu morta. E as tropas olhavam e em tudo reparavam com interêsse e admiração.

E *outros* prémios tinha ainda o Peleida para distribuir. Espetou na arena outra hasta de longa sombra e depositou junto dela um precioso vaso, dos que se não põem ao lume, ornado de flores, que valia um boi. E os hasteiros e quantos eram hábeis em jogar virotão ou virote se levantaram; até o grande rei Agamemnão se levantou; e também se levantou Meríones, de Idomeneus bom servidor. Mas Aquileus disse a Agamemnão, imperador:

— Atreida, nós sabemos que no manejo e arremêsso dêste genero de armas excedes a todos, és o melhor de todos. Teu é o prémio; podes mandá-lo retirar para os cavos navios. A hasta, se te parece bem, damo-la a Meríones; eu nisso teria gôsto.

O príncipe dos guerreiros concordou, e êle deu a Meríones a hasta de bronze. Em fim, terminando os jogos, o herói Aquileus entregou ao arauto Taltíbios o prémio magnífico de Agamemnão.

RAPSÓDIA XXIV

Levantou-se a assembléia, dispersou-se a tropa; os soldados dirigiam-se para os navios. Os guerreiros precisavam de comer e queriam dormir. Aquileus sentia a falta do companheiro e chorava, chorava sempre; o sono, que tudo doma, nada podia com êle; revolvia-se no leito, ora sôbre um ora sôbre outro lado, já de costas, já abafando o chôro no travesseiro; tinha estampada na alma a imagem de Pátroclos, mui viva; a lembrança do amigo morto obsidiava-o inteiramente: recordava sua amizade firme, seu ânimo valoroso; rememorava as façanhas gloriosas realizadas e os trabalhos padecidos em comum; lutas com os homens furiosos, lutas com as ondas enfurecidas... E quanto mais denso era o recordar, mais fundo o pungiam as mágoas; tanto que, para escorrer da triste figura o pranto, se levantou e correu sem saber para onde. Até ao romper da aurora divagou ao acaso, quási sem tino, ao longo da praia, ora subindo as ribas fragosas, ora parando junto às vagas rumorosas.

E quando chegou a luz do dia, já naquelas negras e cruéis mágoas se havia gerado bárbaro e cruel desatino: Aquileus atrelou os cavalos, atou ao carro o cadáver de Heitor e deu três voltas ao túmulo de Pátroclos. Feito isto, deixou o cadáver de rosto no chão, e se recolheu na barraca, estúpido e inerte. Apolão, entretanto, tornou a pele do cadáver resistente, ilacerável, inatingível aos ultrages, porque o deus apiedou-se dêste homem morto, e lhe envolveu todo o corpo de sua égide de oiro, para Aquileus o não poder despedaçar, arrastando-o.

Assim Aquileus, em sua mágoa e raiva, ultrajava

ao divino Heitor; mas os bem-aventurados deuses, à vista de tais vilipêndios, condoeram-se de Heitor e ao Crarividente, ao deus de presença refulgente, rogavam que lhe furtasse o cadáver. E todos assim
5 o desejavam, menos Hera, Poseidaão e a jovem petulante, a deusa de olhos de mocho: estes inveteraram-se no ódio à santa cidade de Ílios, a Príamos e a seu povo, por causa dos desvarios de Alexandros, que em seu tugúrio desprezou as deusas, e louvou
10 só aquela que em funesta lubricidade o incendia.

Quando surgiu a duodécima aurora depois da morte de Heitor, Foibos Apolão disse aos imortais:

15 — ¡Ó deuses, vós sois cruéis e malfazejos!

¿Nunca, para vosso regalo, queimou Heitor coxas de bois e cabras sem defeito?

Nada se vos dá de o salvar agora, nada fazeis por que seu cadáver seja entregue a sua mulher, a
20 sua mãe, a seu filho, a Príamos seu pai, a suas tropas, para o chorarem e queimarem com as honras fúnebres. ¡É ao pernicioso Aquileus que vós, ó deuses, quereis ser agradáveis, a um homem de cabeça dura e ânimo inflexível, sem cordura, sem
25 humanidade, sem misericórdia, que só obedece a impulso de fôrça bruta, como leão insociável se relambe nos estragos da grei, e que não tem consciência nem vergonha (vergonha que, se às vezes aos homens dana, sempre os honra)! Aos mortais deu
30 a natureza ânimo sensível, mas paciente: êste chora a perda de um irmão, aquêle a de um filho; mas o tempo põe côbro a lágrimas, cessam as lamentações; conformam-se com o destino. A Aquileus, porém, a mágoa entorta a cara em visagem horrenda, e a

vingança não tem fim. Ata aos cavalos o divino Heitor, a quem tirou a vida, e o faz levar de rastos em volta do túmulo do companheiro. ¡É uma barbaridade inútil e indecorosa! Por destemido que seja, não queira irritar-nos; pois é contra uma pouca de argila insensível que êle descarrega a sua fúria!

Agitando muito os brancos braços, Hera respondeu indignada:

— ¡Isto só podia sair da tua cabeça, ó frècheiro do arco de prata, querer dar honras iguais a Aquileus e a Heitor! Heitor é mortal e foi criado com leite de mulher; Aquileus nasceu de uma deusa que eu própria alimentei e eduquei e fiz casar com Peleus, mortal, sim, mas muito estimado dos imortais. ¡Vós todos, deuses, assististes ao casamento; tu próprio te regalaste do banquete, e te não cansavas então de pulsar tua lira, ó pérfido e de pérfidos amigo!

Zeus, que nuvens junta e nuvens espalha, lhe respondeu:

— ¡Hera, não te deixes assim arrebatar contra os deuses! Não competem honras iguais a estes dois homens. Heitor, contudo, era o predilecto dos deuses e de mim próprio, dentre os habitantes de Ílios, porque se não esquecia das agradáveis oferendas. Nunca um altar careceu de alimento (ante o qual todos são iguais): gordurosas fumaradas, libações: a isto se reduz o proveito que tiramos do culto dos humanos. Entretanto julgo que serão vãs as tentativas de retirar o valente Heitor, sem que o saiba Aquileus: a mãe não o desampara um momento, nem de dia nem de noite. ¿E se algum dos deuses fôsse chamar Tétis e ela aqui viesse e eu lhe fizesse um raciocínio cerrado e invencível que a levasse a

dizer ao filho: «aceita os presentes de Príamos e entrega-lhe Heitor?»

Disse. E a Pés-de-Vento, Íris, se apresentou e seguiu com a mensagem. Entre Samos e a escabrosa Imbros mergulhou nas ondas negras; e rumorejaram as águas; e ela foi de cabeça ao fundo; e os pés de vento faziam bôlhas de ar e referver espumas; e a cabeça era pesada como chumbo, como o chumbo que, pendente por um cordel a corno de boi selvagem, vai levar a sorte fatal aos peixes comilões. E encontrou numa profunda gruta Tétis, rodeada de outras divindades marinhas, sentadas como em assembléia. Tétis chorava o destino de seu irrepreensível filho, que, longe de sua pátria, tinha de morrer na fértil Tróade. Parando junto dela, a veloz Íris lhe disse:

— Vem, que êle te chama, Tétis, êle, Zeus, cujos designios são impreteríveis.

A Pés-de-Prata à Pés-de-Vento respondeu:

— ¿Porque te mandou cá êsse deus? Tenho vergonha de aparecer no meio dos imortais, com tantas mágoas no coração. Irei, não obstante; não serão futilidades o que êle tem para me dizer.

Tendo assim falado, a deusa entre tôdas divina tomou um véu preto, como outro não houve de mais carregado luto. Partiram. A rápida Íris de pés de vento abria caminho.

E as ondas apartavam-se para que nem «pés de vento» nem «pés de prata» nas espumas tropeçassem. Correndo assim na aragem do mar, pararam um instante na riba escarpada e de lá voaram ao céu, onde encontraram o previdente e circunspecto filho de Cronos, cercado dos outros deuses todos, mui gozosos de sua eterna bem-aventurança.

Tétis sentou-se ao lado de Zeus-Padre, pois Atena lhe cedeu o lugar. Hera, muito afável, passou-lhe às mãos uma taça de oiro; Tétis umedeceu os lábios e devolveu a taça. Então o pai dos deuses e dos homens foi o primeiro a falar.

— Deusa Tétis, pôsto que mui desgostosa, tiveste a amabilidade de vir ao Olimpo. Sinto muito os teus pesares e vou dizer-te o fim por que e para que te chamei. Há nove dias surgiu entre os imortais notável dissenção; a disputa azedou os ânimos e reina agora a discórdia, tudo por causa do cadáver de Heitor e de Aquileus, o «arrasa-cidades». E insistem com o «clarividente», com o «bela figura de deus!» — assim lhe chamam — para que vá roubar o cadáver; eu, porém, não quero perder tua estima e carinho; por isso reservo para Aquileus a glória de êle mesmo o entregar. Corre já a procurar teu filho entre as tropas e dize-lhe o que deve fazer, manda-lhe o que há-de fazer. Saiba que os deuses não estão nada contentes com êle; e eu, mais que todos, me indigno por êle teimar em reter Heitor junto de recurvos navios, em vez de o entregar. Espero que me respeite e largue o cadáver e cesse a cruel loucura de andar com um morto aos tombos. Enviarei também Íris junto do magnânimo Príamos para o convencer a resgatar o filho, apresentando-se nos navios acaios a Aquileus com presentes: com dádivas se abrandam semelhantes cóleras.

Disse, e logo Tétis moveu os pés de prata e de um salto alcançou a barraca de seu filho. Lá estava êle sem cessar gemendo. Não de Aquileus em volta, mas com um gordo carneiro às voltas, preparavam o almôço os companheiros, e para si o

preparavam, que não para Aquileus. O carneiro já esfolado o tinham e a pele de alvo tosão espêsso haviam arrumado para o lado. Mui chegada a Aquileus se sentou sua venerável mãe, com as mãos o
5 afagou e lhe disse nomeando-o muitas vezes:

— ¿Até quando, meu filho, tantos ais e lamentações? ¡Mágoas só mastigas, bebes lágrimas, engoles soluços, devoras o próprio coração! Melhor seria que pensasses em comer, dormir nos braços
10 de uma carinhosa mulher. Poucos dias te restam de vida; rondam-te a morte e o poderoso destino. Presta-me atenção. Foi Zeus que me enviou junto de ti. Diz êle que tens desagradado aos deuses, e que êle próprio, mais que todos os imortais, está
15 irritadíssimo contigo, porque em tua fúria reténs Heitor junto dos recurvos navios. ¡Vamos, pois! Larga o morto e aceita o resgate.

O expedito Aquileus respondeu:

— ¡Venha, pois, alguém com o resgate e leve o
20 cadáver, se de outro modo não pode ser, se o Olímpio assim o quere!

Assim os dois, mãe e filho, no recinto dos navios, trocavam entre si muitas palavras aladas e maviosas. Entretanto o Cronião enviava Íris à
25 santa cidade de Ílios:

— ¡Vai, voa, rápida Íris! Deixa a estância do Olimpo; em Ílios dize ao magnânimo Príamos que resgate seu filho, indo êle próprio aos navios acaios levar a Aquileus os presentes que abrandam a có-
30 lera. Vá só; nenhum troiano o acompanhe. Leve um arauto, e seja êste um homem de idade, que os mulos há-de guiar, e os mulos farão girar pomposamente e devagar do carro as belas rodas; e o carro, de volta, há-de conduzir para a cidade o

corpo de Heitor morto pelo divino Aquileus. E em sua alma da morte se não arreceie, que bom e grande protector e guia lhe hemos de dar: o mais brilhante será e o mais bem apessoado dos deuses. E o deus o há-de introduzir na barraca de Aquileus; e êste tão longe estará de o matar que não premitirá que alguém lhe faça mal; porque no fim de contas Aquileus não é desarrazoado, nem imprudente, nem desvairado: será atencioso, deferente, benévolo com o «suplicante».

Disse e Íris, calçando um redemoinho em cada pé e inclinando a cabeça para bem arrecadar na memória a mensagem, partiu. Chegada de Príamos ao vestíbulo do palácio, deteve-se uns momentos a escutar o alto chôro e gemidos que vinham de dentro: os filhos, sentados no pátio, choravam em volta do pai, que se contorcia, enrolado no manto; as lágrimas caíam-lhe no vestuário como chuva de procela; o ancião tinha os cabelos, ombros e pescoço sujos de terra e cinza que sôbre a fronte lançara a mãos cheias, revolvendo-se no chão; nos altos do palácio filhas e noras se lastimavam em altos gritos da perda de todos os nobres guerreiros que pereceram às mãos dos Argivos.

A mensageira de Zeus acercou-se e em voz baixa falou a Príamos, que tremia todo em sua grande aflição:

— Acalma teu espírito, Príamos, filho de Dárdanos, de nada receies. Não é como núncia de desgraças que hoje me aproximo; voei junto de ti num pensamento de benevolência. Zeus me enviou para te assegurar que, embora distante, não te perde da vista de sua amizade e se condói de teu ânimo atribulado. O Olímpio te aconselha a resgatar

o teu filho, indo tu próprio aos navios acaios levar
a Aquileus os presentes que abrandam a cólera.
Vai só; nenhum troiano te acompanhe. Levarás
um arauto; e seja êste um homem de idade, que
5 os mulos há-de guiar, e os mulos farão girar pom-
posamente e devagar do carro as belas rodas; e
o carro, de volta, há-de conduzir para a cidade o
corpo de Heitor morto pelo divino Aquileus. E em
tua alma da morte te não arreceies, que bom e
10 grande protector e guia se te há-de dar: o mais
brilhante será e o mais bem apessoado dos deuses.
E o deus te há-de introduzir na barraca de Aqui-
leus; e êste tão longe estará de te matar que não
permitirá que alguém te faça mal; porque no fim
15 de contas Aquileus não é desarrazoado, nem im-
prudente, nem desvairado: será atencioso, defe-
rente, benévolo com o «suplicante».

Depois de assim falar, se retirou a velocíssima
Íris. Príamos mandou aos filhos que atrelassem de-
20 pressa ao carro os mulos e colocassem sôbre o
carro bem segura uma arca. E logo entrou em sua
câmara perfumada, aposento esplêndido, de tecto
elevado, de cedro todo o madeiramento, e que
grandes preciosidades encerrava. E chamou
25 Hécabe, sua espôsa, e lhe disse:

— Ó infeliz, da parte de Zeus veio cá um olím-
pio dizer-me que meu filho resgate, indo eu pró-
prio levar a Aquileus os presentes que abrandam
a cólera. Dize-me o que sôbre isto te inspira o cora-
30 ção; quanto a mim, sinto-me por terrível fôrça
impelido a correr aos navios, ao vasto acampamen-
to dos Acaios.

Disse. A mulher, num grito de dor, respondeu:

— ¡Ai de mim! No que veio a parar o teu bom

juízo! E eras considerado por nacionais e estrangeiros como o homem que havia de mais são juízo! ¿Como queres ir sòzinho aos navios acaios sob as vistas do homem que te matou tantos e tão bons
5 filhos? Ou será de ferro teu coração? Se êle te vê, se consegue lançar-te a mão, êsse homem cruel e pérfido não terá de ti piedade nem respeito por ti. Não! Agora nada temos a fazer senão chorar, longe da vista, Heitor, sentados, inertes, em nossa
10 casa. Para Heitor, quando eu o pari, foi êste o fio que de seu linho lhe tirou o Destino: longe de seus pais, fartar os cães vádios, à mercê de um prepotente. A êste... ¡ah, pudesse eu meter-lhe as unhas ao meio do fígado, repuxá-lo com os dentes e, rega-
15 lando-me como fera, devorá-lo! Só assim pagaria êle os actos de bestial ferocidade cometidos contra meu filho.

¡E foi quando meu filho a ninguém fazia mal que êle o matou! Foi quando à vista de Troianos
20 e das Troianas de vestidos roçagantes Heitor passeava fora de muros, direito e sem temor, e não queria abrigar-se...

O velho Príamos, a um deus semelhante, respondeu:

25 — Estou resolvido a ir; não me embaraces; não queiras ser para mim, neste palácio, ave de mau agouro. Não me convences. Porque se fôsse outro, um terrícola qualquer, que me convidasse a ir; se fôsse adivinho, arúspice ou sacerdote, podia enga-
30 nar-me, e eu desprezaria seu aviso, nem faria caso de preságios. Mas não; foi um deus que me falou e com êle estive face a face. Irei, pois, e não atrás de palavras vãs. ¡E, se fôr minha sorte morrer junto dos navios dos Acaios revestidos de bronze,

embora! Mate-me, se lhe aprouver Aquileus, mas depois de eu ter abraçado Heitor, depois de ter desafogado a ansiedade imensa por chorar meu filho.

Disse, e levantou as belas tampas dos cofres, 5 donde tirou uma dúzia de preciosos véus, doze mantos simples, doze tapêtes, uma dúzia de vestes brancas, outras tantas túnicas. De oiro, pesou e levou dez talentos. Tirou ainda duas luzentes trípodes e quatro caldeirões. Havia uma taça magní- 10 fica que lhe ofereceram os Trácios, quando lá esteve por embaixador, presente de alto preço. ¡Pois nem esta escapou, tanto desejava resgatar o filho! E aos Troianos empurrava, pórtico fora, com gestos violentos e palavras injuriosas:

15 — ¡Má peste vos coma, miseráveis, vilanagem! ¿Não tendes lá por casa motivo bastante de lamúrias, para me virdes ainda agora afligir? Ou ainda será pouco quanto dano e tormento me causou e infligiu Zeus Cronião com a morte de meu filho? 20 Se foi grande ou pequena a perda em vós próprios o tereis de experimentar. Desde agora, morto Heitor, sereis para os Acaios fáceis de exterminar. ¡Ah, que eu esteja na casa de Aides, quando êles saquearem e destruírem esta cidade!

25 Assim dizia àqueles homens, e os foi pondo fora a golpes de cetro. E os homens iam saindo, espancados pelo velho.

Depois chamou e repreendeu seus filhos: Helenos, Páris, o divino Agatão, Pamão, Antífonos, 30 o estrondoso guerreiro Polites, Deífobos, Hipótoos e o admirável Dios. Por fim ordenou o velho aos nove filhos:

— Andai depressa, canalha relaxada, moços desavergonhados! Antes vos tivessem matado a vós

todos e me deixassem Heitor! Para mim o cúmulo da desgraça é o ter gerado nesta grande cidade filhos excelentes e dêstes me não ter ficado nenhum:

¡Eram Mestor, rival dos deuses, Tróilos que
5 guerreava no seu carro, Heitor, deus entre os homens, que parecia filho não de um mortal mas de um deus! Êstes, Ares mos perdeu. Os que me ficaram são a vergonha da minha cara, mentirosos, lânguidos dançarinos, que fazem boa figura nos
10 coros cadenciados, ladrões notórios de carneiros e cabritos. Então? Vamos! ¿Não acabais de aparelhar os mulos e de trazer as coisas para o carro? ¡Assim, nunca saímos daqui!

Disse. Êles, para não ouvirem ralhar o pai, pu-
15 xaram o carro dos mulos para o pátio, carro de boas rodas, belo, completamente novo, e puseram a caixa em cima; tiraram do prego o jugo, de buxo, com uma saliência no meio chamada «umbigo», provido de argolas e arrastando uma cor-
20 reia de nove côvados; com destreza e perícia suspenderam o jugo no timão aplainado na altura da chavelha, passaram três vezes a correia em volta do «umbigo» e apanharam-lhe a ponta para dentro, em baixo. Depois trouxeram da câmara para o
25 carro as coisas preciosas para o resgate imenso da cabeça de Heitor.

E atrelaram ao carro os mulos, de cascos rijos, a grandes carradas afeitos, que tinham sido dados a Príamos pelos Mísios, sem dúvida um bom pre-
30 sente. Depois tiraram da corte os cavalos que haviam de transportar Príamos: estavàm acostumados os cavalos à mão do ancião nas rédeas, eram os que êle mais prezava, êle mesmo lhes punha na manjedoura esmerada a ração e seria agora

o seu condutor. Príamos e o arauto no nobre pátio os apuseram ao carro, ambos varões cordatos, almas cheias de pensamentos razoáveis.

Nisto assomou à porta a velha Hécabe, de cora-
5 ção triste, mas apresentado na mão direita uma taça de oiro cheia de vinho agradável como perfumado mel; deu alguns passos, parou diante dos cavalos e disse:

— Toma, faze uma libação a Zeus-Padre e pe-
10 de-lhe que te livre dos inimigos e te reconduza a tua casa, já que, desprezando meus avisos e bem contra minha vontade, queres ir aos navios. Reza muito ao filho de Cronos, que é o deus das nuvens sombrias e que mora no Ida, donde com uma
15 olhadela apanha tudo o que se faz cá por baixo em tôda a Tróade; requere-lhe a ave dos prontos sinais, a ave de sua estimação e que é mais forte que todos os pássaros, que venha voar à tua direita, para que tu, vendo-a, mas vendo-a com os
20 teus olhos, vás mais confiado para a banda dos navios dos Dânaos, que dizem que também têm cavalos que correm muito. Se Zeus das trovoadas disser à águia que não venha, também eu te digo a ti que não vás, embora saiba que és muito im-
25 paciente e teimoso. Príamos, semelhante a um deus, respondeu.

— Mulher, desta vez acho acertado o que dizes; porque é bom erguer as mãos e pedir a Zeus que tenha misericórdia de nós.

30 Assim à sua velha respondeu o velho e mandou que a dispenseira trouxesse água pura para lavar as mãos; e ela a trouxe e se lhe plantou em frente, segurando numa o jarro, noutra mão a bacia. Com as mãos lavadas recebeu de sua mulher a taça e

de pé no meio do átrio derramou o vinho e, elevando os olhos e erguendo as mãos, desta sorte orou:

— Zeus-Padre, que do alto Ida nos proteges, ó
5 deus máximo e gloriosíssimo, faze que eu seja por Aquileus recebido como honrado hospede e credor de piedade; manda voar sôbre a minha direita tua fortíssima e rapidíssima mensageira, a ave tua favorita; vendo-a com meus olhos, ser-me-á de bom
10 pronúncio e assim irei falar aos Dânaos, passando afoito em frente de seus navios e marchando confiado entre seus cavalos velocíssimos.

Tal foi a súplica. E o sapiente Zeus achou que a oração estava muito bem feita. E logo lhe en-
15 viou a sua escura águia, a mais perfeita de quantas aves existem, a «sombria caçadora», chamada também a «Negrusca», tão grande e forte que não há palácio de ricaço de porta com tão largos batentes como as asas dela; nem porta de avarento
20 com tão rijas barras e trancas como suas vibrantes e ressoantes rémiges. E ela apareceu no céu, sôbre a cidade, declinando para a direita. E todos a viram e se alegraram e sentiram que os corações lhes saltavam mais quentes nos diafragmas. Aço-
25 dado, o ancião subiu para o seu polido e brunido carro e fêz rodar para fora do sonoro pórtico. Adiante, puxavam os mulos, sôbre quatro rodas, a carroçada de preciosidades, guiados por Idaios, varão de espírito muito esclarecido; atrás, seguiam
30 os cavalos, e o velho os espertava, agitando com impaciência o chicote. Percorreram já as ruas da cidade; e todos os amigos acompanhavam o ancião e se lastimavam e o lamentavam como se êle fôsse caminhando para a morte.

Quando, descendo da cidade, chegaram ao plaino, o ancião ia ainda acompanhado dos filhos e genros; mas estes daqui não passaram; voltaram para Ílios. E então Zeus, que tudo observa, grandemente dêle se compadeceu; voltando-se para Hermeias, seu filho, lhe disse:

— Hermeias, tu gostas muito de andar na companhia do homem e de bom grado dás ouvidos a quem te parece. Vai, pois, ao encontro de Príamos e acompanha-o até aos cavos navios dos Acaios, mas de maneira que nenhum dos Dânaos o veja nem pressinta de sua chegada leve rumor, antes de êle falar com o filho de Peleus e lhe dizer ao que vai.

Disse e pronto o Argeifontes calçou as belas sandálias de oiro, maravilhosas, que na água flutuam como cortiça, no bafo dos ventos voam como penas e sôbre a terra imensa correm tanto como cascos de cavalo ou pés de quem foge com grande mêdo. E tomou a petulante varinha com que os olhos fecha a quem dormir não quere e os abre àqueles que estão com preguiça e sono. Com esta varinha na mão, como errante estrêla, correu o prestável deus; chegado a Tróada e Helesponto, poisou as sandálias na poeira dos caminhos, e foi andando com dengue e mimo. O lindo olímpio semelhava um principezinho, na pubente e venusta juventude, que já quere ser rei, mas traz a cara indecisa ainda entre lanugem ou barba.

Quando Príamos e o arauto ultrapassaram o grande túmulo de Ilos, fizeram parar mulos e cavalos e os levaram a beber ao rio, porque já recresciam sôbre a terra as sombras. Foi então que junto do arauto parou Hermeias, e, para lhe chamar a

atenção, tossiu, e duas vezes tossiu o deus, deitando da bôca farfalho e seiva-de-cuco. Muito assustado, o arauto disse a Príamos:

—¡ Mau... anda ai coisa ruim! Ó filho de Dár-
5 danos, perdidos estamos! Vejo um homem, mas não vejo bem o homem... Ladrão será; e, se ladrão é, de certo que nos mata. O melhor é saltar para o carro e dar volta... Ou então abraçar-lhe os joelhos. Pode ser que não seja mau homem...

10 Se o arauto, de mêdo, gaguejava, o companheiro, com o mêdo, perdera a fala. Mas o Muito-Benfazejo se aproximou do ancião, tomou-o pela mão e preguntou.

— ¿Para onde vais, meu bom pai, com estes
15 cavalos e mulos, através da plácida noite, quando os outros mortais dormem? ¿Não tens receio dos destemidos guerreiros Acaios, teus encarniçados inimigos, a dois passos daqui? Pensas-te no que hás-de fazer, se algum dêles te vê e dá conta das ri-
20 quezas que trazes contigo? Na acelerada noite negra, tão propícia a celerados, como te defenderás? Já não és muito novo e vejo que o teu companheiro é também já muito velho para repelir um agressor. Da minha parte, não só te não quero ma-
25 tar, mas estou decidido a defender-te, sendo preciso. Ainda que não tivesse outros motivos, êste bastava: acho-te parecidíssimo com meu pai.

O velho Príamos, a um deus semelhante, respondeu:

30 — As coisas, meu filho, são, pouco mais ou menos, como dizes. Mas agora que algum dos deuses continua a estender sôbre mim protectora mão, pois me enviou um companheiro tão prestável, qual tu és, tão esbelto, de semblante tão aprazível, de es-

pírito tão inspirado, de alma tão encantadora e sem dúvida nascido de pais mui ditosos.

O formoso guia respondeu:

— Disseste bem, respeitável ancião. Agora vou
5 fazer-te uma pregunta e peço que respondas sem receio. Levas contigo tesouros magníficos, como estou vendo. ¿Vais pô-los em segurança no estrangeiro? Ou dar-se-á o caso de todos vós abandonardes a santa cidade de Ílios, fugindo espavoridos?
10 Desde que pereceu o grande guerreiro, o melhor de todos, o teu filho... ¿Não é verdade que no combate êle não era em nada inferior aos Acaios?

O velho Príamos, semelhante a um deus, respondeu:

15 — ¿Quem és tu, ó jovem admirável?
Quem são teus pais? ¡Como falas bem da sorte de meu desditoso filho!

O brilhante guia respondeu:

— Queres experimentar-me, ó velho, e desejas
20 que fale do divino Heitor. Conheci-o muito bem, porque muitas vezes o vi na glória das batalhas. E sobretudo o admirei, quando êle, atacando na direcção dos navios, matava os Argivos, rasgando-os com o bronze.
25 Nós presenciávamos suas façanhas, mas não combatíamos, porque o não permitia Aquileus, irritado como estava com o descendente de Atreus. Eu sou ajudante de Aquileus, viemos no mesmo navio, que é um barco excelente. Ando na tropa
30 dos Mirmidões, meu pai é Polictor, homem muito rico e, como tu, já muito velho. Tem seis filhos e, comigo, sete. Os sete irmãos lançamos sortes sôbre qual devia vir para a tropa, a sorte caíu em mim e desta sorte vim no exército e ando na guerra.

Agora vinha eu dos navios e atravessava o plaino, porque pela madrugada os Acaios vão pôr cêrco à cidade; já para ela lançam oblíquos olhos, desejosos de combate e muito aborrecidos da ociosidade em que têm estado. Já não há reis que possam conter o ardor guerreiro dêstes homens.

O velho Príamos, a um deus semelhante, respondeu:

— Se tu és um servidor de Aquileus Peleida, dize-me tôda a verdade: ¿meu filho conserva-se ainda junto dos navios, ou, feito pedaços, já Aquileus o lançou aos cães?

O belo condutor lhe respondeu:

— Ancião, por enquanto nem cães nem aves o devoraram. Jaz ainda tal como era, entre as barracas, perto do navio de Aquileus. Já passaram doze auroras desde que êle é cadáver, a carne não se corrompeu, nem a comeram os vermes que devoram os homens mortos por Ares. Como é sabido, não surge uma vez a Aurora divina sem que o feroz Aquileus o leve de rastos e dê uma volta com êle ao moimento do chorado amigo: mas não consegue nem deformá-lo, nem desfigurá-lo. Tu mesmo ficarias espantado, se, aproximando-te, contemplasses a indestrutível beleza e inalterável frescura do defunto. Está lavado do sangue, as feridas desapareceram, e bem numerosas foram as que recebeu nos combates; a pele refez-se das contusões, não se lhe pega nódoa ou mancha de poeira. ¡Assim os bem-aventurados deuses tomam a seu cuidado o herói, teu filho, mesmo depois de morto, porque mui querido era dos corações divinos.

Disse, e o ancião respondeu comovido:

— Sem dúvida, meu filho, é bom tributar oferendas aos imortais com diligência.

Nunca meu filho — mas que será isto de «meu filho»? existiu? — em seu palácio se esquecia dos
5 deuses que habitam o Olimpo. Tão pouco dêle se esqueceram os deuses na fatalidade da morte. Mas, outra coisa: não te dedignarás de receber de mim esta formosa taça, antecipada paga para me livrares dos perigos e me conduzires, com a ajuda dos
10 deuses, até à barraca do Peleida.

O brilhante guia respondeu:

— Tu, ó velho, queres me tentar, vendo-me jovem e inexperiente, mas eu na tentação não caírei. Ao serviço estou de Aquileus, só dêle recebo a pa-
15 ga; e em nada o quero defraudar, pois daí me podia resultar mal; ofereço-me, porém, o ir contigo como guia aonde queiras, à famosa Argos que seja e afastarei de ti todos os perigos, acompanhando-te ou sôbre um barco esbelto ou a pé; e ninguém ou-
20 sará, desrespeitando o teu guia, fazer-te mal ou dano.

Dito isto, o Grão-Benfazejo saltou para o carro dos cavalos, tomou chicote e rédeas nas lestas mãos, e aos cavalos e aos mulos incutiu ímpeto e
25 brio.

Quando chegaram ao fôsso e muro do anteparo aos navios começavam os guardas a preparar o jantar. A todos êles o Brilhante-Guia *encheu de* sono, abriu as portas, afastou as barras, introdu-
30 ziu o carro de Príamos e a carripana dos magníficos presentes.

E chegaram à barraca de Aquileus. Não era uma barraca qualquer, como «casinhoto de cão», «barraca de feira», mas um grande tentório, como ou-

tro não havia no acampamento. Os Mirmidões tinham-se empenhado em construir um aposento, provisório sim, mas digno do seu príncipe. Fixaram no chão grandes troncos de abetos, formando
5 os cantos; ligaram-nos com tábuas, travessas, ripas, etc.; para cobertura, cortaram em úmido prado *muitos* feixes de implumadas canas; rodearam-no, ao menos em parte, de forte paliçada. Entrava-se por uma porta muito alta, que se fe-
10 chava e abria, pondo e removendo uma só mas enorme tranca de pinheiro. Para abrir e fechar a porta, os porteiros tinham de ficar da parte de dentro e, tanto para tirar como para pôr a tranca, eram precisos três robustos acaios. Aquileus, po-
15 rém, só e com uma só mão a tirava e punha.

Esta grande porta Hermeias-o-Benfazejo, sem esfôrço, a abriu e meteu para dentro o velho com os insignes presentes que levava, destinados ao rápido filho de Peleus. Depois Hermeias saltou do
20 carro e disse:

— Ó velho, sou um deus imortal que vim ter contigo: sou Hermeias. Foi meu pai que me mandou acompanhar-te. Deixo-te só, porque não desejo ser visto por Aquileus. Não fica bem a um
25 deus proteger homens sem reserva e resguardo. Apresenta-te a Aquileus, abraça-lhe os joelhos, roga-lhe pela veneração que tem a seu pai, pelo amor de sua mãe, pela ternura de seu filho e comover-lhe-ás o coração.

30 Ditas estas palavras, Hermeias voltou para o vasto Olímpo. Príamos saltou do carro, deixou os cavalos e mulos entregues a Idaios. O ancião correu à estância habitual de Aquileus, querido de Zeus. Lá o encontrou. Estava quási só, os amigos

sentados a distância; apenas dois o acompanhavam, que eram o herói Autemedão e Álcimos, da linhagem de Ares. Acabara de tomar a sua refeição; tinha ainda a mesa posta diante de si.

5 O grande Príamos entrou sem ser presentido, e, aproximando-se de Aquileus, abraçou-lhe os joelhos e beijou-lhe as mãos terríveis que haviam matado muitos de seus filhos. Quando por horrível turbação de espírito um homem mata outro em sua 10 pátria e vai acolher-se em terra estrangeira na casa de um amigo rico, causa assombro a quantos o vêem chegar: ¡pois igual assombro se apoderou de Aquileus quando fitou os olhos no aspecto sôbre-humano do grande rei! Também os outros assis- 15 tentes foram tomados de espanto, e uns aos outros interrogavam com os olhos.

Como «suplicante», Príamos disse então:

— Lembra-te de teu pai, ó Aquileus, semelhante aos deuses; tem a mesma idade que eu, ambos no 20 limiar funesto da velhice. Talvez povos vizinhos o cerquem e vexem e êle não tenha ninguém para afastar Ares e a ruína. Mas ao menos, sabendo que tu vives, se alegra em seu coração, e todos os dias espera ver o filho de volta de Tróia. Para cúmulo 25 de desventura minha, gerei valentes filhos na vasta Tróia, dos quais — com que dor o afirmo! — não me resta um. Eram cinqüenta, quando chegaram os filhos dos Acaios: dezanove do mesmo ventre, nascidos os outros de diferentes mulheres que vi- 30 viam no palácio. Da maior parte o impetuoso Ares desarticulou os joelhos; aquêle que, para mim, era único, eu quási não via outro, pois era êle que da pátria e de mim próprio afastava o perigo, tu, há pouco, o mataste, quando êle defendia sua pátria:

Heitor! Por êle venho eu agora aos navios acaios; para o libertar do teu poder, e trago um resgate imenso. Respeita os deuses, e compadece-te de mim, Aquileus, em lembrança de teu pai: eu sou
5 digno de piedade, porque tive a coragem de fazer o que não fêz nunca homem algum sôbre a terra; venci o horror de beijar a mão do matador de meu filho.

Disse, e o que êle disse fêz nascer em Aquileus
10 o desejo de chorar, lembrando-se de seu pai. Pôs com brandura a mão sôbre o ancião, e docemente procurava desviá-lo de seus pés e da grande prostração. Ambos tinham muito que rememorar: lembrava-se um de Heitor morto, e também grande
15 homicida, e, prostrado aos pés de Aquileus, derramava abundantes lágrimas; Aquileus punha os olhos de alma na imagem de seu pai, triste, abandonado e também na lembrança de Pátroclos. Os dois heróis enchiam a estância de chôro e gemidos.
20 Mas quando o divino Aquileus, satisfeita a ânsia de chorar, se cansou de lamentações, numa transição brusca, saltou do trono, lançou os braços ao ancião prostrado, ergueu, acariciou-lhe a cabeça branca, afagou-lhe o queixo branquejante e profe-
25 riu com vivacidade palavras aladas:

— ¡Ah, desgraçado, grandes males hás-de ter padecido em teu coração! ¿Como tiveste coragem de vir só aos navios acaios, debaixo dos olhos do homem que te matou tantos filhos valentes e sendo
30 eu mesmo *êsse homem?* ¡Por certo, teu coração é de ferro! Mas deixemos isso. Senta-te nesse trono; nossas mágoas e dores, de tôda a espécie, recalquemo-las para o fundo de alma e ainda que nos seja impossível não as sentir, finjamos ao menos

que as enterramos no olvido, porque de nada ser-
vem os gemidos que nos confrangem e regelam.
Tal é o fio que os dedos dos deuses nos tiram do
linho do destino e deitam cá abaixo para enrêdo
5 da vida dos miseráveis mortais: viver na aflição.
Sabe-se que fora da porta do palácio de Zeus há
dois jarros, urnas ou potes (ou como queiram cha-
mar-lhes) onde êle lança o que tem para nos dar:
num vaso os bens, noutro os males. Os homens
10 não podem escolher; tiram ao calhar. Àquêle a
quem Zeus permite meter a mão ora num, ora nou-
tro depósito, ora lhe sucede bem, ora lhe acontece
mal. Àquêle, a quem Zeus só dá licença de tirar a
sorte do pote de misérias, percorre a terra divina
15 atormentado de fome canina, e só atrai maldições
e ultrajes dos deuses e dos homens.

Por êste teor, a Peleus, desde a nascença, cumu-
laram os deuses de dons magníficos: era o mais
avantajado dos homens em felicidade e riquezas;
20 reinava sôbre os Mirmidões; pôsto que mortal, os
deuses fizeram de uma deusa sua espôsa. Mas Zeus
fê-lo também meter a mão no pote número dois:
não lhe brotou no palácio geração que prestasse,
porque só gerou um filho, e êsse terá morte pre-
25 matura; e enquanto envelhece, não lhe posso eu
fazer companhia, porque longe de minha pátria,
por aqui fiquei, para tua desgraça e perdição de
teus filhos. Também tu, meu velho, eras feliz ou-
trora, segundo nos contam. Por tua riqueza, por
30 teus filhos, dominavas tudo o que fica para aquém
de Lesbos, no alto, a residência de Macar, a Frígia
de grandes planaltos, o imenso Helesponto. Mas
depois que os deuses celestes trouxeram sôbre ti
êste flagelo, em volta da tua cidade não há senão

combates e carnificinas. Deves suportar a calamidade, em vez de a deplorar e gemer em teu coração. Porque nada te aproveitarão lamentações sôbre teu filho; não o farás levantar; e enquanto
5 esperas, pode sobrevir-te nova desgraça.

O velho Príamos, semelhante a um deus, respondeu:

— Não me obrigues a sentar-me sôbre um trono, aluno de Zeus, enquanto Heitor jazer ao abandono,
10 entre as barracas. ¡Apressa-te a entregar-mo! Que meus olhos o vejam! E tu recebe o precioso resgate que nós te trazemos. ¡Que possas gozar dêle e regressar a tua pátria em recompensa de me deixares em paz! [viver e continuar a ver a luz do
15 sol.]

De má catadura, Aquileus respondeu:

— ¡Ó velho, não me importunes mais! Podes levar Heitor; eu já estava resolvido a to entregar. Para isso já cá tinha vindo, da parte de
20 Zeus, a filha do Velho do Mar, minha mãe. E também a ti, Príamos (estou farto de o saber e por isso escusas de o ocultar) foi um deus que te conduziu aos belos navios dos filhos dos Acaios; porque um simples homem, por mais vigoroso que fôsse, não
25 ousaria chegar aqui; a guarda não o deixaria passar ou escapar, e tão pouco seria capaz de levantar a tranca da nossa porta. Assim, meu velho, não queiras bolir demasiado com as dores de meu coração, não suceda que eu não possa deixar-te andar
30 em paz e à vontade por nossas barracas, não obstante o teu carácter de «suplicante» e não querer eu de maneira alguma tansgredir as ordens de Zeus.

Disse. O ancião teve mêdo e calou-se. O Peleida, como leão, saltou para fora da tenda. Não andava

só: dois servidores o acompanhavam, o herói Automedão e Álcimos, os companheiros mais honrados por Aquileus, depois da morte de Pátroclos. Estes dois tiraram o jugo aos cavalos e aos mulos, 5 mandaram entrar o arauto, que estava à espera do ancião e no momento chamava por êle, e lhe ofereceram uma cadeira. E levaram do carro o resgate imenso da cabeça de Heitor. Deixaram todavia dois mantos e uma túnica de belo tecido, para 10 vestir e envolver o corpo, antes de ser entregue e levado para a sua jazida. Aquileus chamou as servas e lhes disse que lavassem e ungissem o corpo em lugar apartado, às escondidas de Príamos, pois receava que êste, vendo o filho, rompesse em cla-15 mores e impropérios e que êle, Aquileus, turbando--se-lhe o ânimo, se não pudesse conter e o matasse, violando as ordens de Zeus.

As servas, pois lavaram e ungiram o corpo, vestiram-lhe a túnica e o envolveram numa formosa 20 manta; Aquileus o levantou em pêso e o depôs sôbre a maca e, ajudado dos companheiros, o colocou sôbre o carro.

E Aquileus soltou um gemido, lembrando-se de seu amigo:

25 — Não vás tu, Pátroclos, agastar-te contra mim, se lá *em casa de Aides* vens a saber que eu entreguei o divino Heitor a seu pai, que deu um resgate que não é indigno de mim: reservar-te-ei dêle a tua parte, como é justo.

30 Assim disse o divino Aquileus e voltou para sua barraca; e, retomando a cadeira donde se tinha levantado, fêz as honras a seu hóspede:

— Teu filho, velho, meu amigo, já foi entregue, como desejavas: repousa num leito. Ao ser dia,

tu próprio o hás-de ver e o levarás. Por agora, tratemos do jantar. Porquanto até a Níobe de formosas tranças pensou em comer na ocasião em que em seu palácio perdeu seis filhas e seis filhos,
5 todos na flor da idade. Os filhos matou-os Apolão em sua cólera contra Níobe; as filhas trespassou-as Ártemis de seus dardos de prata, porque Níobe dizia que era tão formosa como a Letó de lindo rosto; e mais dizia que Letó só tivera dois filhos e
10 ela dera a vida a muitos. E aquêles dois mataram estes muitos, que jazeram nove dias, estendidos no próprio sangue, por não haver quem os sepultasse, porque o Cronião de pedra estreme tinha feito a gente daquêles sítios. No décimo dia, fo-
15 ram os deuses do céu que tiveram de os sepultar. Pois é verdade: Níobe, depois de chorar, tratou de manjar. Hoje, em qualquer parte, nos rochedos, nas montanhas solitárias, sôbre o Sípilo, onde têm os leitos, dizem, as Ninfas divinas dançam na
20 borda do Aquelóios, lá ou além, não obstante ser agora tôda de pedra, digere ainda tôdas as mágoas e tristezas que os deuses lhe enviam. Portanto, meu divino velho, cuidemos no que havemos de comer. Mais tarde levarás teu filho para
25 Ílios e lá o poderás chorar. De certo, vai ser o objecto de grandes prantos e muitas lágrimas.

Dizendo as últimas palavras, o rápido Aquileus lançou-se a um carneiro e o degolou; os companheiros o esfolaram e com muita perícia o cortaram
30 em postas e em espetos assaram as postas; tudo bem assado, o retiraram do lume. Em belos canistréis Automedão destribuíu o pão, Aquileus serviu a carne. Assim posta e disposta a mesa, os convivas atiraram-se às iguarias com unhas e dentes. E

quando já todos estavam bem comidos e bem bebidos, Príamos Dardânida não se fartava de contemplar Aquileus, que nunca lhe parecera assim tão grande e tão belo: porque visto de face, parecia um deus. Por sua vez Aquileus admirava a majestosa presença de Príamos Dardânida e com agrado e cortesia escutava suas palavras.

E quando se fartaram de olhar um para o outro em enamorada contemplação, o primeiro a falar foi o velho Príamos, semelhante a um deus, que disse:

— Dá-me uma cama, quanto antes, aluno de Zeus, para que sem tardança o doce sono nos encante, logo que nos deitemos. Desde que tuas mãos tiraram a vida a meu filho, até agora as minhas pálpebras se não fecharam sôbre os meus olhos; sem cessar tenho gemido e chorado, digerindo mil angústias, mágoas e dores, rolando-me no meu pátio sôbre o lixo e na cinza. Só hoje, desde então, tomei algum alimento e o flamejante vinho visitou minhas goelas; até agora não tinha comido migalha nem bebido um trago.

Disse. Aquileus mandou aos companheiros e às criadas que preparassem leitos debaixo do portal, pondo lá uns colchões vermelhos, estendendo-lhes por cima tapêtes e mantas grossas. As criadas saíram da sala e arranjaram as camas, à luz da candeia, muito à pressa. Então o expedito Aquileus, galhofeiro, disse a Príamos:

— Dormes fora, meu caro velho, porque receio venha por aí algum acaio, um dos conselheiros que vêm a cada passo deliberar, sentando-se junto de mim, como é costume. Se qualquer dêstes te surpreendesse aqui, na noite rápida e negra, imedia-

tamente o ia dizer a Agamemnão, pastor de povos; e o pastor de povos embargaria ou pelo menos retardaria o resgate do cadáver. Mas vamos a outra coisa: dize-me com franqueza quantos dias
5 queres para o funeral do divino Heitor. Preciso de o saber, porque terei de ficar aqui êsses dias para reter as tropas.

O velho Príamos, semelhante a um deus, respondeu:

10 — Se tu consentes que tôdas as cerimónias do rito se cumpram no funeral do divino Heitor, fico-te muito obrigado. Tu sabes que nós estamos cercados na cidade; a lenha tem de vir da montanha distante; os Troianos andam temerosos. Pre-
15 cisamos de nove dias para o chorar em casa; no dia décimo a cerimónia da sepultura e o povo terá o repasto fúnebre; no undécimo, a tumulação; no duodécimo estaremos desembaraçados e prontos para combater, se fôr necessário.

20 O divino Aquileus respondeu:

— Seja como dizes, ó velho Príamos.

Suspenderei a guerra, todo o tempo que demandares.

Proferidas estas palavras, apertou a mão direita
25 do ancião, para de seu coração dissipar tôdas as dúvidas e receios.

No vestíbulo do tentório se deitaram, pois, Príamos e o arauto, ambos de alma plena de razoáveis pensamentos. Aquileus foi também para a cama,
30 armada no fundo da excelente barraca; e dormiu com as barbas juntas às maçãs vermelhas do rosto de Briseis.

Outros deuses e encasquetados guerreiros levaram a noite dum só e mui regalado sono; Her-

meias, o Muito-Benfazejo, não podia nem queria dormir; dava tratos à imaginação para inventar um plano, um meio, que tirasse el-rei Príamos do perigo em que o via, junto dos navios. Era preciso
5 iludir a vigilância da guarda sagrada, postada às portas. Para isso tornou-se leve como Visão ou Avegão, suspendeu-se à cabeceira de Príamos, e o acordou:

— ¿Velho, ó velho, então? ¿Dormes, enquanto
10 outros maquinam a tua perdição? Por momentos Aquileus deixa-te em paz, com certas aparências de liberdade, mas estás ainda no meio de inimigos. Entregaram-te o filho. Mas porque preço? Pois sabe que os filhos que te restam terão de pagar três
15 vezes mais, para te resgatar, vivo, se Agamemnão te reconhece: êle, o Atreida, ou qualquer outro dos Acaios.

Disse. O velho teve mêdo e acordou o arauto. Hermeias atrelou os cavalos e os mulos, e os fêz
20 correr através do campo. E ninguém soube da fuga. Chegados ao vau do Xantos, o rio dos belos turbilhões e que vem de Zeus, o deus voltou para o céu. E quando a Aurora atirava o seu açafrão à terra, Príamos e arauto, gemendo e chorando,
25 guiando cavalos e mulos, entraram na cidade com o cadáver. Passavam homens de fera catadura, passavam mulheres de bela cintura, mas ninguém os via ou, se via, não reparava, não os reconhecia, nem reconheceu antes de Cassandra, semelhante à
30 Afrodita de oiro, a qual, tendo subido a Pérgamo, viu e reconheceu seu amado pai, de pé sôbre o carro; viu e reconheceu o arauto que costumava dar vozes pelas ruas da cidade, reconheceu também *Aquêle* que era trazido no carro dos mulos,

estendido sôbre o leito. E então ela começou a ulular e clamar para tôda a cidade:

— ¡Troianos e Troianas, correi a ver Heitor! ¡Correi a ver Heitor, se sois os mesmos que o íeis 5 aclamar, quando voltava dos gloriosos combates, quando êle era vivo e era a nossa alegria, a honra da cidade, a glória do povo inteiro!

Assim clamou Cassandra. Homem nem mulher na cidade não ficou. A atracção de Heitor e para 10 Heitor era irresistível. A população inteira confluíu para as portas da cidade. Príamos entrava, conduzindo o morto. A Espôsa e a venerável Mãe foram as primeiras a lançar-se sôbre o carro. Rodava vagaroso; teve de parar. Desvairadas, arre-15 pelavam os cabelos, palpavam, acariciavam, beijavam a cabeça do cadáver. Em volta, consternada, a multidão chorava, silenciosa naquele momento. Depois rompeu um grande pranto e as lamentações, às portas da cidade, e teriam continuado todo o dia 20 até ao pôr do sol, se, de pé, em cima do carro, o ancião não rogasse ao povo:

— Abri passagem. Mais tarde saciar-nos-emos de lágrimas, quando o tiver depositado em casa.

Disse. A multidão deixou passar o carro. Re-25 colheu Príamos em seus belos paços o corpo do filho e o colocou sôbre precioso, entalhado leito. Ao lado se agruparam os músicos que entoaram os trenos, com muitos trémulos e sustenidos. Em seguida deviam gemer e suspirar em suas lamenta-30 ções as mulheres. Dentre estas avançou, agitando e contorcendo os brancos braços, Andrómaca; colocou-se à cabeceira, abraçou-se ao morto, levantou-lhe um pouco a cabeça, amparando-a entre as mãos, arrimando-lhe a nuca sôbre o próprio seio, cheio de

mágoa e ansiedade. E rompeu neste choroso discurso:

— ¡Ai, marido, tão novo perdeste a vida, e viúva me deixas neste palácio! E é pequenino ainda, pouco maior do que à nascença, o filho que nós geramos, tu e eu, infelizes! Êle não chegará à flor da juventude; antes, será esta cidade de alto a baixo arrasada, porque tu estás morto, tu que eras seu amparo e defensor, a livravas de perigos e protegias suas castas mulheres e meninos. As mulheres serão levadas no bôjo dos navios e entre elas... eu. ¿E tu, meu filho? Ou acompanharás tua mãe no cativeiro, onde serás forçado a trabalhos indignos e penosos em proveito de um senhor sem coração; ou algum dos Acaios, lançando-te a mão e dando-te duas voltas no ar, te arremessará do alto das muralhas, despedaçando-te no solo: muitos Acaios andam furiosos e por muito tempo ainda alimentarão desejo de vingança, por Heitor lhes haver matado a um o pai, a outro um irmão — ¡e a quantos também um filho! — Porquanto, teu pai, como os outros, era impiedoso nas tristes carniçarias da guerra. Muitos são os motivos por que tôda a cidade chora a morte do meu herói. ¡Indisível é a aflição que tu causas a teus parentes, Heitor! E também para mim já não quero senão luto e tristeza. ¡Ah! mas fica-me o eterno pesar de não ter assistido à tua morte, pois do teu leito não estendeste para mim os braços, nem me disseste a última palavra ditada por teu espírito tão esclarecido, tão razoável, tão meigo, tão bondoso! Essa palavra, tua última recomendação, eu a havia de rememorar noite e dia, e seria minha luz entre minhas lágrimas.

Ela assim falava, chorando e respondiam as mulheres num côro de gemidos. Dirigindo também o côro das mulheres, recitou Hécabe estes pontos de lamentação:

5 — De todos os meus filhos, tu eras, Heitor, o mais querido do meu coração. Ainda durante a vida fôste dos deuses amado; agora, na morte negra e fatal, és pelos deuses honrado. Os outros filhos que tive o Aquileus dos pés ligeiros mos apa-

10 nhou; e para além do mar maninho mos levou; por Samos, Imbros, e ditosa Lemnos, com êles andou e por lá mos feirou. A ti, depois de te arrancar a alma com o bronze de ponta aguda, por lhe haveres matado um parceiro que êle tinha, na lama

15 te arrastou; e andou contigo aos tombos em volta da campa do tal morto, Pátroclos chamado, como se foras trambôlho atado a perna de cão. — ¡Mas nem por isso conseguiu pôr o defunto em pé! — ¡E tu agora jazes estendido em nossa casa, e ainda

20 bem, formoso e cheio de frescura como planta orvalhada! ¡Nem parece que fôste morto debaixo das mãos brutais do estúpido Aquileus, mas sim docemente trespassado pela seta de prata do formoso Apolão!

25 Assim ela disse, chorando; e o que disse excitou lamentações sem fim. Helena (é esta a terceira) apresentou para o côro das mulheres pontos lamentáveis:

— De todos os meus cunhados... (de certo meu

30 marido é o divino Alexandros, pôsto que haja quem diga que não, pois foi êle que para Tróia me conduziu)... de todos os meus cunhados tu és, Heitor, o mais, o muito mais querido do meu coração.

Já se passaram vinte anos desde que deixei mi-

nha pátria. ¡Melhor seria que eu tivesse morrido antes! Mas nunca da tua bôca ouvi palavra má ou dito amargo; e, se no palácio alguém me censurava, fôsse um dos meus cunhados ou alguma de suas irmãs ou mulheres, sempre desdenhosas e altivas, não querendo roçar por mim seus formosos véus; ou fôsse minha sogra — (meu sogro, coitado, sempre foi bom para mim, como um pai) — tu desviavas a conversa e com reflexões de tolerante sabedoria e palavras moderadas me defendias. É por isto que tenho o coração aflito e choro ao mesmo tempo a tua perda e o meu infortúnio. Não conheço agora na vasta Tróia uma pessoa que me queira bem. Todos me detestam!

Assim dizia ela, chorando, e, em resposta um povo infinito soltou um gemido imenso.

A seguir, o velho Príamos disse às tropas:

— Trazei agora, Troianos, lenha das matas e bosques para a cidade, sem receio de qualquer emboscada preparada pelos Argivos; Aquileus, quando me despedi dos negros navios, mandou suspender as hostilidades até ao raiar da duodécima aurora.

Disse, e êles puseram aos carros bois e mulos e juntaram-se sem demora diante da cidade. Durante nove dias carrearam imensa quantidade de lenha. E quando apareceu a décima aurora, fazendo como de costume, que os homens uns dos outros vissem os rostos, transportaram da cidade o corpo do herói e o colocaram, derramando muitas lágrimas, em cima de uma pirâmide de lenha, e deitaram o fogo à lenha. E quando, mais uma vez, para ser bonita, pintou a Aurora a cara, em tôrno da pira do ilustre Heitor, muito povo se juntou. E os guerreiros apagaram com vinho o fogo.

Pessoas da família, amigos e companheiros, chorando todos grossas lágrimas, recolheram os ossos brancos, e os guardaram numa urna de oiro; cobriram a urna com um pano vermelho, de bom
5 estôfo, e a meteram numa cova, a que sobrepuseram, fechando-a, grandes pedras; sôbre as pedras, muito à pressa, amontoaram terra; em volta, com receio dos bel-polainudos Acaios, colocaram sentinelas. E, retirando todos, menos as sentinelas,
10 se foram juntar no palácio de Príamos, rei da linhagem de Zeus, onde se celebrou o banquete em honra e à glória do morto.

Tais foram as homenagens fúnebres prestadas a Heitor, ínclito guerreiro.

FIM DA ILÍADA

POESIA DE HOMERO

(NOTAS, COMENTÁRIOS E REFLEXÕES)

I

Títulos das epopeias

Quem pôs o nome à primeira grande epopeia de Homero. — *Iliás* (genitivo *Iliádos*) é adjectivo feminino e subentendo-se-lhe *chora* (escrito com ómega) significa a região de Tróia ou Troáde; se concorda com *pólis*, é a cidade de Tróia ou Ílios; *iliós guné*, mulher de Tróia, a troiana.

Não foi Homero quem denominou a sua torrente de versos com o título de *Ilíada*. A vasta composição correu em rapsódias. Rapsódia vem de *ráptein* coser, cerzir, juntar; e de *aoidé*, canto, «canção de gesta», gorjeio de pássaro e muito especialmente o cantar do galo. Platão chamava aos versos de Homero simplesmente *Poesia* e afirmava que tudo encontrava nesses versos: drama, tragédia, comédia. Aristóteles dava às palavras *iliàs, poíesis* (poema de Tróia) sentido mais lato e compreensivo do que diz a letra: poesia de Homero, excelente poema de Homero.

A epopeia marítima foi designada logo que apareceu pelo nome do principal herói: *Odisseia*. A

acção épica pertence quási exclusivamente ao herói do mar, Odisseus; seus companheiros eram fraca gente; de ânimo tão apoucado foram êles que alguns — quem sabe se a maior parte — se deixaram ficar num chiqueiro, transformados ou deformados em porcos.

II

Sobejo Latim

Como algumas vezes sobejo latim foi obstáculo a bem compreender Homero. — Veja-se, por exemplo, como sob a enorme carga de erudição latina barafusta o grande devorador de livros que foi José Agostinho de Macedo.

...«Para julgar por mim mesmo, capitulei com a minha paciência, e um dos artigos foi que ela aturaria de fio a pavio a leitura do eterno Homero, que devoraria a Ilíada e Odisseia sem lhe faltar um jota. Assim sucedeu e, como eu não sei grego, li a tradução de Clark em latim, mais zangado fiquei, porque é tão literal e tão chã que provoca a cada instante o vómito, cada página são oito grãos de tártaro emético. Lancei mão de Dacier, a mais fanática de todos os panegiristas do pai Homero. Eis-aqui uma verdade, a minha paciência esteve para ser francesa, quebrando logo a capitulação, apenas pude aturar de cabo a rabo a sonolentíssima leitura do narcótico Homero...

«Eu fico que nenhum homem de bom siso é capaz de levar de cabo a rabo os poemas de Homero sem os amaldiçoar muitas vezes ou dizer muitas vezes: ¡seja pelo amor de Deus esta tão comprida e descosida arenga! Ora, se tôdas as metáforas e comparações fôssem variadas e nobres, se tivessem graça, formosura e novidade, de mal o menos: mas não é assim, eu vejo o bom velho Homero cair a cada passo em repetições, baixezas e trivialidades. Poderia apontar quinhentas passagens em que se observa a mesma idéia e porque eu barrunto que no

original estão empregadas as mesmas expressões; diz cem vezes, falando de seus heróis e de seus deuses: — Depois que acabaram de comer muito bem e beber muito melhor fizeram tal e tal acção; Juno, a *olhos-de-boi*, — aparece a cada instante, assim como jámais fala de Aquiles que lhe não chame o *pé-leve*...

«Considere-se um boi ou um burro, e veja-se se dêstes animais pesados e estúpidos qualquer poetastro das dúzias poderá tirar uma semelhança, uma alusão sublime e elegante para aplicar a uma divindade ou a um herói combatente. Suponha ainda que nestas comparações eram nobres e brilhantes no tempo de Homero, seguramente ninguém dirá que conserva ainda em nossos dias a mesma nobreza e elevação.

«Permito aos contemporâneos de Homero acharem-nas muito sublimes, mas não quero que se obriguem os presentes a considerá-las tais, depois de passados três mil anos. Enquanto a mim, pois vivemos no século das luzes, da filosofia e do gôsto, com outros costumes e com outras idéias, confesso ingènuamente que nelas não encontro graça nem instrução alguma. Atirei com a divina *Ilíada* ao meio do chão, quando li na desavença de Agamemnão e do Pelides êste atencioso cumprimento do segundo ao primeiro: — Olha tu, cara de cão, grandecíssimo bêbado! — Ora isto é mais rídiculo ainda que o chapéu que Luís de Camões dá a Tritão:

Por gorra na cabeça tinha posta
Uma mui grande casca de lagosta.

Macedo continua:

«Reparei sempre na minha penitente leitura da tradução de Dacier que esta intolerável mulher abria uma praguenta bôca de palmo para exalar exclamações e interjeições, quando chegava a alguma comparação das de que se serve o pai Homero, comparações que com razão mereceram o título de comparações de *cauda larga,* porque com efeito levam gesto [jeito?] de nunca acabar. Uma delas foi matéria de longas dissertações no tempo da guerra homérica em França, e os embasbacados homeristas a julgavam o último apuro do gôsto e da delicadeza do entendimento humano. Lembram-me duas destas comparações que valerão por tôdas, porque tôdas são do mesmo jaez; seja a primeira do livro 3.º da *Ilíada,* verso 49 da tradução literal latina.

«Páris diz a Heitor: — Tu tens um coração tão rijo e indomável como o ferro de um machado, o qual, sendo sacudido com bem fôrça por um homem, penetra os troncos ou os toros em um bosque e dêstes toros faz com arte um navio. — ¡Ora, para dizer que um homem tem um coração duro como o ferro, é preciso dizer que êste ferro é de machado, que êste machado abate os bosques, que dêstes bosques abatidos se fazem navios conforme os princípios da arte da construção! E a esta parvoïçada grita a Dacier ¡que poesia, que divina poesia!

«A outra comparação ainda é mais galante: é do livro 4.º da *Ilíada,* v. 140. Sai Menelau escalavrado de uma briga e traz uma zargunchada em uma perna e corre sangue e diz o poeta — de repente o sangue negro sai da ferida, como quando uma mulher

da Meónia ou da Cária tinge o marfim com púrpura para fazer caimbas aos freios dos cavalos: êste marfim tem ela guardado na sua alcova e muitos cavalheiros lho querem comprar, mas ela reserva êste ornamento para um rei, porque êste ornamento faz honra ao cavalo e mais ao cavaleiro que o monta. — Isto não é um homem que viu outro, são coisas reais e existentes nas poesias do *divino* Homero; e Dacier a gritar ¡que poesia, que divina poesia!

«¡Que parvoíces, que rematadas sandices! Se houvesse um dos nossos poetas, dêstes a que Tomás Pinto chamava anões, porque faziam versos aos anos de tal e tal, que em um idílio ou em uma égloga no dia dos anos da *formosa Filipa* dissesse — as faces da minha pastora são como a charneca de monte Argil, vista no mês de Maio, em que as estevas, os tomilhos e as giestas estão floridas, no meio das quais pastam grandes fatos de cabras bem gordas, que dão óptimo leite, de que se fazem excelentes queijos de Montemor, — ¿que se diria de um semelhante orate?

«Se Oleno, em uma ode filosófica ao patriotismo, dissesse numa digressão geométrica: — Os olhos de Selíra ou de Manuela Sanches são semelhantes ao Sol que derrama seus raios pelas semeadas de Campo-de-Ourique, em que as ninfas da casta Diana apanham lebres, que almocreves trazem a vender à Ribeira-Velha, já com um fartum insuportável... ¿que se diria desta comparação à homerica? São coisas do filósofo cantor. Se Tomino, mais grosso e mais profundo, com concisão horaciana, dissesse em um poema ao cemitério da calçada de Santa-Ana: — Antes que para êste depar-

tamento da ossamenta, por cima da qual se semeiam óptimos nabos, levassem os gatos pingados o corpo de minha Lésbia, tinha ela uns olhos que luziam esgaseados como o sete-estrêlo que aparece por cima da Penha-de-França, quando pelos céus que de dia são azuis claros, se estende o manto da tenebrosa noite, em que todos os gatos são pardos: — é impossível que os leitores se não rissem, ainda que há muitos que dizem coisas piores». (Macedo, *Motim Literário, Solilóquio IV*).

Ainda que Homero ponha muito *rabo-leva* às suas personagens, estas *caudas* são latino-portuguesas e não gregas. Para as cortar do texto homérico não é precisa a tesoura da poda, porque ali se não encontram.

O primeiro passo a que se refere a diatribe de Macedo vai do verso 59 (não 49) a 63, tanto na *vulgata* latina como no original *recebido*. (Cf. *Homeri OPERA quæ extant omnia, graece et latine, duobus tomis divisa*, Parisiis, apud viduam Brocas, 1747; A. Pierron, Homère, *ILIADE*, texte grec, Paris, Hachette, 1897).

Versão latina.

Hector, quando me jure increpas, nec abs te,
Semper tibi cor sicut securis est indomitum,
Quæ penetrat lignum, a viro acta qui arte
Lignum navale excindit, auget viri robur:
Sic tibi in præcordiis imperterrita mens est.

Tradução portuguesa quási às cegas, isto é, sem ver o contexto, olhando o trecho como inscrição gravada numa pedra. O tradutor hesitaria um pouco:

não é fácil adivinhar o que isto quere dizer. É *comparação de cauda*, e o rabo é sempre difícil de esfolar; se não houver outro remédio, corta-se a *cauda;* mas por enquanto não; pregunte-se ao tronco *(lignum navale)*, que vem aqui fazer.

Ó sêco lenho, tu és tão rijo que o mar cortas e rompes.

— Mais duro é o fio do machado que no bosque me derrubou.

— Ó machado, tu és tão duro que no monte cortaste grande árvore, que foi levada para as construções navais.

— Mais cortantes são as palavras de Heitor, ao repreender o mano Páris, por sua moleza e sensualidade.

Páris imaginava-se esbelto e mimoso, como formosa árvore, e só desejava luxuriar; o irmão queria levá-lo para a guerra, como mandava a honra e o exigia a Pátria. Alexandros muito naturalmente disse ao irmão: eu sou a árvore de belo porte que tu sacrificas para mastro ou quilha de nau de guerra.

A comparação é natural, simples, de sentido claro e muito bela; e, no verso, sem palavra ou partícula destoantes.

A outra comparação de que Macedo ria é de facto um nada prolixa, mas não disparatada.

Assim se lêem os malsinados versos (139 a 147) da quarta rapsódia na vulgata latina:

Summamque sagitta perstrinxit cutem viri :
Statim autem fluxit sanguis purpureus ex vulnere.
Et veluti quando aliqua ebur purpura tinxerit
Mæonia vel Caria maxillare ut sit equorum :

Estque repositum in thalamo, multique id optarunt
Equites gestare, regi vero est repositum ornamento,
Utrumque, ornatusque equi agitatorique decus:
Sic tibi Menelae foedata sunt sanguine femora
Robusta, suræque, et malleoli pulchri inferius.

A cláusula — *quando aliqua ebur purpura tinxerit* é bem cadenciada e estão bem ligados os têrmos de contraste — branco e vermelho da comparação; mas as palavras — *maxillare ut sit equorum* — soam como brutal pancada da arma de Sansão... José Agostinho, acinte ou de boa fé, estragou tudo.

«Sai Menelau escalavrado de uma briga e traz uma zargunchada em uma perna, e corre sangue: (a ferida não é na perna, é mais acima) e diz o poeta — de repente o sangue negro sai da ferida, (aqui fecha o período, ponto sim, virgula não; mas deixemos o homem continuar)... da ferida, como quando uma mulher da Meónia ou da Cária tinge o marfim com púrpura para fazer caimbas (1) aos freios dos cavalos: êste marfim tem ela guardado na sua alcova e muitos cavalheiros lho querem comprar, mas ela reserva êste ornamento para um rei, porque êste ornamento faz honra ao cavalo e mais ao cavaleiro que o monta. — »

Outro engano do crítico, fiado na letra cega: se é «cavaleiro» só quem «monta a cavalo», não haveria ninguém que às meónias e cárias mercasse o

---

(1) *Caimbas*, na acepção de *peças laterais do freio*, é têrmo açoreano.

marfim, pois não existia ainda entre os Gregos nem ordem de cavaleiros nem milícia de cavalaria. *Eques* em latim é o cavaleiro e o mesmo significa, geralmente, em grego a palavra *hippeús,* não, porém, no vocabulário homérico. Lê-se na décima rapsódia da *Ilíada* que o herói Diomedes, numa emboscada, em que foi roubar cavalos, de súcia com o atilado Odisseus, fugiu, não pròpriamente a cavalo, em cima de um dêstes «briosos animais».

¿Viria Diomedes escarranchado, direito e teso como um D. Quixote, ou debruçado e agarrado às crinas como o risível D. Caio? Fôsse como fôsse, foi isto uma vez na vida, e uma vez não é vez. Voltemos ao ponto. Virgílio, como o mestre Homero, forma com marfim e carmim a imagem disponível para o têrmo de comparação que se deseje...

Indum sanguineo veluti violaverit ostro
Si quis ebur... ,Eneida, XII, 67, 68).

Virgílio, apenas viu um rosto lindo, logo lhe aplicou a receita:

...vel mista rubent ubi lilia multa
Alba rosa : tales virgo dabat ore colores.

(*Ibidem,* 68, 69).

Homero, gerada *in mente* a poética imagem, chegada a ocasião, disse-o às brancas e esculturais pernas de um príncipe, por estarem tingidas de sangue, ou antes, disse-a ao mesmo príncipe, chamando-o por seu nome:

— Ah, Menelau, se desses as tuas pernas à *meonis* e à *cáeira*, escusavam elas de trabalhar os brancos dentes de javardo ou de elefante, mosqueando o marfim de capas de joaninha; podiam satisfazer à vontade o luxo dos cavalos e cavalariços, e ainda lhes ficava na casa de lavores boa peça de sarapintado marfim para contentar os olhos de um rei: porquanto a seta, furando-te o saio de malhas, picou-te nos lombos, donde correm fios de sangue pelos fémures, pingando-te das barrigas das pernas aos calcanhares.

Há no latim, considerado em relação ao grego geralmente e de modo especial se se compara com a língua de Homero, notável perda de energia verbal, por demasiada abstracção.

O grego soa mais perto do ar que os homens respiram. A notação fenomenológica adapta-se aos sentidos num pronto, graças a ligeiros mitos, nascidos às dúzias por geração espontânea da viveza da fantasia; estes pequenos duendes, apenas cá fora, isto é, recem-nascidos, já sabem contar em meia dúzia de palavras sua historieta.

Em latim há muitos verbos impessoais, como *pluit, fulgurat,* etc.; o grego, talvez não tantos, mas também os tem, por exemplo *bréchei,* chove.

Uma das características da linguagem mítica (ou homérica) é indicar sujeito ou pessoa que fique responsável pelos caprichos meteorológicos. *Zeus húei,* «Zeus chove». ¡Ora, com tais *sujeitos,* disparate a puxar disparate, aonde se não irá parar! Em muitos casos a *mitificação* dos meteoros origina monstruosidades, caricaturas, garatujas fantásticas com

gesticulações de aranha e arremedos de acções humanas; muitas destas ficções só podem viver em atmosfera de comédia.

Se o mito originário nasceu burlesco, da mesma feição hão-de ser os seus derivados. À *deixa* homérica — *Zeus húei* — haveria de responder mais cedo ou mais tarde a garotice aristofanesca.

> ...*próteron tòn Dî alethôs omen*
> *dià koskínou oureîn.* (*Nephelai*, v. 373).

Diante de pessoas educadas a aristofanada, a ser traduzida, só mitològicamente pode ser: «crivo» no nabal, sol na eira; «crivo» significa «chuva», pois sem crivo não pode Zeus regar a horta.

III

O grego de Homero e o Latim de Macedo

O sobejo latim tem sido obstáculo à boa compreensão de Homero. O caso de José Agostinho de Macedo é típico. Deixem-se os mortos em paz ou ressuscitem-se, sem milagre, é claro, mas conforme fôr possível. Do grego para latim não há traduções: o que se faz, e tem feito, é trasladar ossadas. Macedo era bom *latino*, ninguém lho pode negar; a incapacidade de entender Homero fazia-o blasfemar.

«No tempo dos franceses» andou de esconderijo em esconderijo, desconfiado, irritado e moquenco, conservando, todavia, um admirável fundo de bom-humor e ia escrevendo o seu *Motim Literário* e no *Motim Literário* iam aparecendo formidandas e furibundas diatribes contra Homero, o venerando pai dos vates de todo o mundo.

Por aquêles dias José Maria da Costa e Silva tentava a tradução da *Ilíada* em verso português, de que publicou o «Livro Primeiro» (Lisboa, 1811), com um juízo ou:

— «Parecer que deu o Padre José Agostinho de Macedo, sôbre o merecimento de Homero, para servir de Prefácio à muito elegante traducção em verso solto Português, com que enriquece a Literatura Pátria o Senhor José Maria da Costa e Silva. —

«O testemunho de mais de vinte séculos sôbre o merecimento de Homero, considerando-o, e aclamando-o como Príncipe dos Poetas, tem sido uniforme, e invariável. Os sentimentos dos doutos têm sido acordes. Tem-se alterado a constituição dos Im-

périos, e mil revoluções têm mudado a face política do globo, e o eco sucessivo da aprovação tem passado intacto por tôdas as épocas, e, a despeito da espantosa variedade de sucessos mortais sôbre as ruínas das Monarquias, sôbre a extinção dos Povos, sôbre as vicissitudes morais e políticas se há sustentado o pedestal da Estátua, que a admiração, o gôsto, a crítica, e o consentimento unânime dos Eruditos tem levantado a Homero. Parece que já não há que dizer depois das observações da pertinacíssima, e infatigável mulher Dacier; depois da Prefação poética do Homero de Pope; depois das reflexões sôbre a Crítica de la Mothe; depois da Dissertação sôbre a Ilíada do Abade Terrasson; depois do Discurso histórico, e crítico sôbre o mesmo assunto do Abade Cesaroti; depois das observações preliminares de Salvini; depois do juízo, que precede o Poema — *Ambra* — do grande Ângelo Policiano; depois dos encómios preliminares de Rochefort, de Bitaubé, de Sorel, e de Beaumarchais; depois de imensas tiradas de Boileau nos Comentários a Longino, etc., etc., etc.. Êstes nomeados, e célebres Escritores esgotaram quanto se podia imaginar a êste respeito, e tudo o que parece eu poderia dizer ao mesmo propósito, seria uma repetição. Mas, vendo que aparece agora em nossa maternal linguagem uma traducção de Homero, mostrando por certo, na execução fácil, o que até agora (porque certos nomes nos costumam assustar pelos juízos antecipados dos Mestres, que mortificaram nossa infância, e nos empedreniram) se julgou não só árduo, mas impossível, eu darei o meu parecer sôbre o Original traduzido, e depois a minha aprovação sôbre o louvável trabalho do benemérito Tradutor. Estendo ao

longe a vista, e antevejo desde já que o que vou a dizer servirá de me contar entre as pessoas de um gôsto corrupto; porém eu não curo das censuras alheias, quando a crítica vai caminhando à luz do facho da razão, e da Filosofia.

«Eu não entendo Grego, nem uma palavra só desta língua me é conhecida, entendo pèssimamente Francês, mediòcremente Italiano, e perfeitìssimamente Latim. O Doutor Clarke, repousando um pouco das tenebrosas lides metafísicas com Hobes, e Espinosa, em que por certo se lhe secou metade do miolo, deu-se a traduzir Homero em prosa Latina, e tão literalmente, que é oiro, e fio, o — *fidus interpres* do apregoado Horácio; por esta tradução me tenho governado, e por ela conheço que é esta a proposição de Homero na *Ilíada* bem, e fielmente trasladada, e convertida em Português, e na qual nem o mesmíssimo Manuel Alvares, e António Félix Mendes me dáriam um quinau — Deusa, canta a ira perniciosa de Aquiles Pelides, que causou seiscentas dores aos Aquivos; e mandou prematuramente para os infernos muitas almas de Heróis, deixando-os em prêsa aos cães, e a tôdas as aves, que os despedaçaram (cumprindo-se a determinação, e conselho de Jove) desde o instante em que se desavieram em razões Atrides Rei dos homens, e o nobre Aquiles. — Já de antemão se conhece o merecimento, e se admiram os talentos poéticos do Tradutor, na dignidade, e elevação de estilo, com que, sem se apartar do sentido literal, traduz assim;

— A cólera funesta, ó Deusa, canta
Do Péleo Aquiles dolorosa aos Gregos,
Qu' ao inferno baixar d'Heróis valentes

Mil espíritos fêz, e deu seus corpos
A cães, e aves em pasto; assim de Jove
Se cumpriu o decreto des qu' em ódio
Inimizara súbita contenda
Atrides d'homens Rei, e o divo Aquiles. —

«É óptimo Tradutor, e mostra que possui o imenso tesouro da língua Portuguesa quem desta arte, em tão bem torneados versos, dá nobreza à mais sonífera de tôdas as impertinências humanas.

«A ira, pois, de Aquiles, é o grande assunto da *Ilíada*. ¿E a ira de um homem será um plausível argumento para um Poema Heróico? A acção do Poema Épico (e uma paixão como a ira não pode ser matéria da Epopeia) deve ser, como ensinam todos os Mestres, e o mais eminente de todos os Pedantes, le Boussu, louvável, grande, sublime, e virtuosa. ¿E é acaso dêste jaez a escolhida para a trombeta de Homero? A ira é paixão louca, e detestável. O legislador Horácio, com mais rigor que o das cláusulas da Lei Scatínia, lhe chama breve furor, e muito semelhante à loucura, e o tenebroso Aristóteles, o Déspota, e o Mafoma dos Ergotistas, sendo tão fanático, como é, por Homero, a pinta, com o mesmo texto de Homero, como um afecto irracional, e canino. ¿E uma acção, que tôda se volve, e se revolve sôbre os efeitos desta paixão, poderá ser digna de Poema, e de encómios?

«O pagão Cícero em a Quarta Tusculana, como verdadeiro Filósofo, e com mais de quatrocentos — Esse videatur — reconhece esta acção cheia de loucura, e de vergonha: *Quid Achile Homerico fœdius?* E o grande Torcato Tasso, o mais perfeito, e regular dos Poetas narrativos, decidiu que o

Herói de Homero não é qual devia ser, virtuoso, e egrégio, mas um modêlo de ira, e sem razão.

«Mas eu prescindo destas decisões; o nome de Cícero, e de Tasso fazem a mesma sensação em meus nervos acústicos que fazem os nomes Brás, André, Valério, etc.; é preciso para me mover que êles tenham razão; por tanto não me importa que Aquiles seja feroz, inexorável, e que negue que para êle nasceu o Direito, e queira levar tudo à ponta da espada. O que observo é que o assunto que Homero tomou na *Ilíada,* é a ira de Aquiles, considerada particularmente, e em quanto é funesta aos Gregos. ¿Qual é pois a História poética da *Ilíada?* É a seguinte. A Discórdia suscitada entre Aquiles e Agamemnão, as vitórias dos Troianos sôbre os Gregos, a embaixada de Agamemnão a Aquiles, exortando-o à reconciliação, a teima e obstinação de Aquiles, a morte de Pátroclo, a reconciliação de Agamemnão e Aquiles, as emprêsas de Aquiles, a maior das quais é a morte de Heitor, com cujos funerais se dá fim ao Poema. A ira pois de Aquiles é funesta aos Gregos até ao ponto de sua reconciliação com Agamemnão. Desde êste instante, a sorte se declara a favor dos Gregos, os quais, capitaneados por Aquiles, batem, e malham nos Troianos, obrigando-os a se refugiar na Cidade, morrendo nesta refrega seu principal Herói. Logo a Proposição Homérica não abraça mais que a primeira parte do Poema, cujo assunto é pequeno, e pouco interessante. A outra parte do Poema começa pròpriamente na morte de Pátroclo, se ainda aqui mesmo quiserem que a ira de Aquiles seja funesta aos Gregos, não se poderá negar que esta ira é mais funesta ao mesmo Aquiles, que perde no

amigo Patróclo uma metade de si mesmo: por isto a reconciliação de Aquiles com Agamemnão, as proezas do primeiro, a morte de Heitor, conforme a proposição indicada, se tornam um prolongamento, um apêndice histórico, mais do que uma parte integral do mesmo Poema.

«O assunto da *Ilíada*, segundo o Abade Bateux, é a vingança estrepitosa de Aquiles, preparada, e conduzida por Jove. Esta mesma suposição peca no defeito da Proposição Homérica. Esta vingança, que Jove faz da injúria que Aquiles recebeu de Agamemnão, pode ser o assunto do Poema até ao momento da Embaixada, que o Rei dos homens manda ao filho do Peleu, na qual o Rei dos homens se encolhe, e acocora diante de Aquiles, prometendo-lhe tôda e qualquer satisfação da injúria. Até aqui Jove, que preside à direcção da acção, obra divinamente, e cumpre a promessa que fizera a Tétis: mas daqui por diante sua influência se torna precária, e intrusa; e se continuasse a proteger Aquiles, esta mesma protecção seria inteiramente injusta. Agamemnão cedeu, confessou a sua inópia, e oferece-se para reparar a injúria. ¿E Aquiles ainda se não aplaca? Logo Júpiter deve à sua bondade ilusa uma vingança. Aquiles deve pagar a pena da sua dureza, e do abuso que fêz da protecção de Jove.

«Pátroclo, amigo íntimo de Aquiles, vai ajudar os Gregos, e morre no combate. Desta arte Jove não vinga a injúria feita a Aquiles; mas vinga-se a si mesmo contra a obstinação monstruosa do testarudo Aquiles. A morte de Pátroclo oferece uma nova cena, muito diversa da primeira. Jove muda de rumo: já não são os Gregos indolentes

sôbre a injúria feita a Aquiles os sacrificados à teima do iracundo, é sim Pátroclo sacrificado à indignação de Jove, aquêle Pátroclo que chorava só entre os Gregos a revindita que Agamemnão fazia à Aquiles. Desde êste instante Aquiles muda de sentimentos de paixões, e põe fim ao amuo, e determina combater, pela desesperação em que o pôs a morte de Pátroclo, merecida pela sua dureza: logo em qualquer sentido que se tome a proposição Homérica, não contém em si a história poética da *Ilíada*.

«Continuo ainda com a minha reflexão. ¿A ira de Aquiles funesta aos Gregos, que idéia nos apresenta de acção estrepitosa? Que interêsse inculca? Que nos prepara? Que glória resulta daqui ao mesmo Aquiles? Vinga-se dos Gregos, e juntamente dos Troianos, mata Heitor. ¿Que vantagens resultam de tudo isto? Extermina acaso os Troianos, cerca Tróia, e a reduz a cinzas? Pelo contrário os Troianos, em lugar de se render, dizem expressamente que deve continuar a guerra, e até se anuncia que o mesmo Aquiles deve morrer. A maior façanha de Aquiles é a morte de Heitor; mas êste Heitor é um sujeito subalterno, um Ministro de segunda esfera, e sua morte não tem aquela importância que basta para a tornar interessante, porque Heitor nenhuma influência tem na tomada de Tróia, objecto que só podia comunicar ao Poema um verdadeiro e grande interêsse. Convinha, pois, na proposição fazer menção de Heitor, e da influência que êle tinha no destino de Tróia: então seria a sua morte o presságio da ruína daquela Cidade. Então teria o Poema unidade, e seria interessante. Aquiles então levaria a sua por diante, e, se morresse junto às mu-

ralhas de Tróia, morreria com a glória de ter primeiro disposto, e preparado a sua última ruína.

«Estas sinceras observações encaminham-se ùnicamente a mostrar que a autoridade de dois mil anos, e mais que foram, não me impõe, e que me indigno, tôdas as vezes que passo pelos olhos os longos discursos de seus cegos, e contumazes elogiadores, que me querem fazer crer, que a *Ilíada* é o parto mais perfeito do entendimento humano, e o modêlo acabado de todos os Poemas narrativos.

«Mas nem por isto eu deixo de reconhecer Homero por um grande génio, ou intento defraudá-lo dos elogios que lhe são devidos. Êle foi o primeiro que entre as Nações cultas manejou com majestosa felicidade a trombeta Épica. Todos os elogios, que lhe tributa o grão Pope, e com êle tôda a Posteridade, serão sempre inferiores ao seu mérito. Além de que êle é admirável, e inimitável em certos rasgos, que são privativamente seus. ¿Quem possuíu jamais uma tão vasta, e tão ardente fôrça de imaginar? Quem foi melhor Pintor? Quem possuíu uma sensibilidade tão delicada, uma veia tão rica, e um estro tão fecundo? Quando maneja o pincel, parece que verdejam, e florecem os objectos com suas côres naturais; e para dizer tudo, de seu mágico estilo, como testemunha Ângelo Policiano, *rompe uma torrente* inexausta de *melíflua harmonia*. Quando êle quere, quási por um encanto aparecem diante de meus olhos os Guerreiros, as naus, as árvores, as refregas, os mares, ouço o estrépito dos combatentes, o rebombo das trombetas, o assobio dos ventos, o zunido dos dardos, o relincho dos cavalos, então assombrado tremo; e para o dizer também em *fraze* Homérica,

quási me é preciso defender com as mãos, para arredar as nuvens de setas, e passadores poéticos, que êle aventa. Eis aqui como eu sou imparcial a respeito de Homero, evitem-se os excessos, e acabar-se-ão as questões, que dividem os Literatos; e se a arriminada Dacier surgisse da cova, mesmo com a cara, e com a bôca encarquilhada, confessaria que Homero fôra homem, e não fôra Anjo, se acaso é possível que uma mulher até depois de morta se desdiga, se uma só vez como mula manhosa fêz cabeça para uma parte».

A última parte desta tirada da prosa de Macedo, desde as palavras — «mas nem por isto eu deixo de reconhecer Homero por um grande génio» — parece louvável palinódia a inculcar reforma de juízo para melhor. Efectivamente a diatribe abranda em ronronada. Ronronada é o «ruído que faz o gato com a traqueia, quando está contente», ensina o *Dicionário* de Cândido de Figueiredo. Macedo estava contente, por Costa e Silva lhe dar as honras de prefaciar o seu *Livro Primeiro* da *Ilíada*, e por isso o crítico encolheu um tanto as unhas lacerantes. É o próprio Macedo que me diz:

«É verdade, eu fiz isso que tu dizes, ¿porém tu nunca ouviste falar em umas atestações oficiosas, que se passam para valer a um homem que está quási de pernas para o ar? Eis-aqui o que fiz, não espontâneo, mas muito e muito rogado. ¿E sabes porque depois fiz o contrário? Porque a paga da atestação foram sonetos infames, compostos pelo mesmo que recebeu a atestação e espalhados por êle». *(Motim Literário, t. II, Diálogo Eu e Miséria)*.

Como vê, Macedo era insincero nos louvores que dava por lisonja e homem mui de-veras nos vitu-

périos ao bom do Homero. Mas V. Mercê, Sr. Macedo, é inimigo irreconciliável do divino Homero pelo não entender, sendo, como confessa, hóspede em grego.

— «Ora... isto pede sérias reflexões.

Se eu dissera — o grego de Homero não presta — e acrescentara — eu não entendo grego — merecia eterna aposentadoria na casa dos orates. Mas dize-me, ¿uma obra pode deixar de ser o que é, pelo que pertence à sua substância, construção, andamento, ordem, novidade, grandeza, ainda que se passe para outra língua? Deixa Tasso de ser Tasso, ou de se gostar de Tasso na tradução de Tojal ou na de André Rodrigo de Matos? Deixa Virgílio, ou a *Eneida* de ser a *Eneida*, e se gostar da *Eneida*, ainda que traduzida por Dreyden *(sic)*, por Ambrogi, por Anibal Caro, e até por Beza e João Franco Barreto? Pois a *Ilíada* não deixa de ser *Ilíada* em qualquer língua que se ache traduzida. Nem eu, nem viva alma pode aturar tal *Ilíada* na tradução do tal homem que se diz José Costa; não é nem nasce o desgôsto da miséria dos versos, do jargão enigmático do estilo ou linguagem, que parece à gente que está ouvindo falar Alah Zarolho, Moiro Chico; nasce da salgalhada de coisas que ali vão, daquelas ralhações de velhas — dá cá a moça que é minha —, deixe-me levar a minha filha, aqui tem Vossemecê três patacões —, olha *tu*, grandíssimo bêbado, cara de cão, etc., etc., e que se segue em tôda aquela fastidiosa ou somnífera prelenga. Eis-aqui do que eu não gosto e ninguém deve gostar. Se o grego é bom, ¡que lhe preste! ¿Porventura, porque a língua portuguesa é a melhor de tôdas, a mais harmónica, a mais rica, a

mais elegante, segue-se que sejam bons poemas a *Zargueida*, o *Passeio*, *Lésbia Enterrada?*

— Eu já estou calado...

— «Pois não me calo ainda, nem tenho tal tenção, que surdo faz falar um mudo. Não me escandalizem, não me firam, não me esporem tanto, sem urbanidade, sem política, sem moderação, não há enxalmo que se me não atreva, vomitando corjas ou grosas de inépcias, chamando-me *simples de imaginação, plagiário, embusteiro, contraditório* e *até pax vobis. (Idem, ibidem)*.

Eu não chamarei *embusteiro* a José Agostinho; *contraditório*, sim; *pax vobis*, nunca. «Literàriamente apreciado, Macedo foi um dos escritores que empregou o mais numeroso e variadíssimo vocabulário, com que enriqueceu a língua portuguesa. Neste ponto de vista está a par de Vieira e de Camilo. Tinha a graça popular com tôda a espontânea grosseria da chalaça». (Teofilo Braga, *Hist. da Literatura Portuguesa, Recapitulação*, IV, p. 519).

«Tinha a graça popular com tôda a espontânea grosseria da chalaça» ...e Homero também. Por êste dom literário Macedo atinou perfeitamente com o sentido de algumas expressões homéricas, sustentando entre os dedos o lamiré que mostra o tom burlesco dêste ou daquêle hexâmetro; por exemplo, as ralhações:

«Dá cá a moça que é minha, deixe-me levar a minha filha, aqui tem Vossemecê três patacões.

«Olha tu, grandíssimo bêbado, cara de cão, etc., etc.».

É certo que na *Ilíada* corre abundante fraseado dêste teor e por êste estilo. Mas o esplendor imenso da epopeia grega não transpareceu aos olhos e ao

espírito do crítico, porque o impediu o latim opaco das vulgatas. A *Ilíada* transluz tanto dessas vulgatas como *Os Lusíadas* se contêm nos versos latinos de Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo.

À pregunta do autor do *Motim Literário* — «¿deixa a Eneida de ser *Eneida*, ainda que traduzida por Franco Barreto? — responde-se:

Não deixa; mas o latim traduzido por Franco Barreto é o latim de Virgílio e não o latim artificial dos eruditos da Renascença. E note-se mais que, se o poeta latino foi grande, deve a sua glória à imitação de Homero. Fúlvio Ursino compôs um grande volume dos furtos de Virgílio; furtos de que o poeta se prezava, quando respondia a seus émulos — que era de grandes fôrças tirar a clava das mãos de Hércules: *Magnarum esse virium Herculi clavam extorquere de manu (Refert D. Hieron. no Prol. ad Quaest. Gen.)*. E Sérvio, o grande comentador de Virgílio, a cada passo escreve: *Homeri locus, verbum ad verbum.*

IV

Palavras magníficas

Vítor Hugo seguia pelo bom caminho quando viu a constelação dos génios ou a solidariedade dos grandes espíritos no clarão imenso da epopeia humana: Homero, Job, Ésquilo, Isaías, Ezequiel, Lucrécio, Juvenal, S. João, S. Paulo, Tácito, Dante, Rabelais, Cervantes, Shakespeare...

Há na vida do espírito individualismo irreductível, inalienável, segundo a fórmula — *eu* cá, *tu lá* —. *Tu* e *eu*, em gramática filosófica, não admitem nem dual nem plural. *Nós ambos, ambos vós* são expressões de amizade, não de identidade. *Êles*, significa turbamulta, os *etc.*. Em teoria e por injunção de lei psicológica assim é. Na praxe, é inevitável a queda, ou pelo menos certa incidência, no comunismo: experiência bem feita, a expressão felíz de um belo pensamento ficam para sempre, *eis ei*, como se diz em grego.

O que há de perene na assombrosa literatura homérica — e é quási tudo — melhor se traduz nos têrmos das línguas vivas do que tirando significados nos dicionários das línguas mortas — não se tratando, é claro, de etimologias ou de estudos filológicos —. Exceptuando Platão e, muito abaixo do altíssimo filósofo, Luciano, não me parece que haja escritor grego que nos ensine bem a língua de Homero. Mas a tradução de Platão para *moderno* é facílima.

Há palavras de Homero que foram pronunciadas para serem ouvidas por tôdas as gentes e traduzidas em tôdas as línguas; e todos os povos, se as

não têem, as podem inventar. Procuremos, por exemplo, as diferentes acepções da palavra Oceano.

Oresti Nazari no excelente livrinho *Il Dialetto Omerico, Grammatica e Vocabolario* (Torino, Giovanni Chiantore), regista as significações seguintes:

Ōkeanós, Ōkeanoĩo, Oceano, 1) *immenso fiume che circonda e racchiude la terra ed il mare e da cui traggono origine il mare, i laghi, i fiumi e le fonti; il sole si leva dalle sue onde e in esse si corica; sulle sue rive abitano felici ed in perpetua notte gli Etiopi, ed al di là dell'Oceano i cimmeri, dove sono pure i boschi di Persefone e l'ingresso nel mondo sotterraneo, mentre al di qua trovasi il beato Elisio; 2) personificato, è il padre antichinimo di tutti gli dei, dei Titani e degli Olimpî, è solo soggetto a Zeus, vive separato dagli dei, nè assiste alle loro assemblee.*

Para Aristóteles, (*De Mundo, passim*) *Okeanós* era a parte do Atlântico, vista da Europa ocidental (Geografia, não poesia). Na linguagem do sábio, quási nada ou nada subsiste de Homero. O Oceano aristotélico fica muito longe do texto da *Ilíada*. Não assim a exclamação do nosso trágico poveiro, perante uma serra de água a dançar na borrasca: «Eh, mar!». Até da bôca do Morgado de Fafe pode sair frase homérica: «¡como isto é tamanho!». O verso de Junqueiro — «Contando (quem canta é o Mar) um hino igual aos hinos de Moisés» — vai na cadência rítmica da *Ilíada*. A frase de Herculano «o vento e o mar são expressões de Deus na terra» não destoa. O «estrondo das grandes águas», no *Apocalipse*, entra também na conta das expressões equivalentes. E acima de tudo o sublime verso, formosíssimo, do *Génesis*:

Et Spiritus Dei ferebatur super aquas.

Super aquas não quere dizer apenas à superfície das águas: o espírito de Deus sobrenadava os mares e imprimia-lhes o ímpeto profundo.

Em certo passo da *Ilíada* veio-me a tentação de traduzir *Ōkeanós* por *gulfstream*. Bons eruditos em letras clássicas, apertando as mãos na cabeça, terão dito, se acaso repararam, que foi salto, milhares de léguas fora do texto. Mas não foi. *Ōkeanós* é a corrente marítima em perpétuo vai-vem de um ao outro lado do mundo. Na época troiana *Ōkeanós* saía da Grécia, passava por Etiópia e, chegado a outra banda, lavava as pernas dos Antípodas (os *Cimérios*) e pelo mesmo caminho voltava ao ponto de partida. Naquele tempo os deuses gostavam muito dos Etíopes por serem gente muito inclinada a santidades, com êles passavam alguns dias: tanto na ida como no regresso aproveitavam a energia da corrente oceânica. «Sua Fôrça o Mar» era o «único» sôbre quem poder não tinham os dois irmãos *Hupnos cai Thánatos*, um que adormece todos os homens e deuses por algum tempo; outro que adormece para todo sempre os homens e mais viventes.

Ōkeanós, personificado, é o velhíssimo pai de tôdas as divindades, tanto das que aderiram ao partido revolucionário dos Titanes como das cortesãs do Olimpo; só a Zeus presta dois dedos de atenção e leve vénia de cumprimento (sem compromisso de acatamento), mas não lhe freqüenta o paço; sempre convidado, nos têrmos da constituïção, para a assembléia dos deuses, nunca lá pôs os pés nem mandou resposta *(Vocabolario Omerico)*. Vive à

parte, na inspecção permanente do abismo por onde se roja a estuosa torrente.

Ora certa ocasião parou no fundo mais fundo, por onde corre a massa de água em seu maior pêso. Pareceu-lhe que o fundo abria fenda e receou que algum dos colegas em divindade, mais maligno, lhe estivesse a cortar «a água do seu rêgo»...

Mas não; breve caíu na conta do que era. E era a voz formidável de Prometeu, que a essa hora na mais alta serrania do mundo bravejava e altercava com o trovão de Zeus.

Passados instantes estava *Ōkeanós* ao lado de Prometeu; e, segundo Ésquilo, proferiu estas memoráveis palavras:

¡ Eis-me aqui, ó Prometeus !
Não dirás que houve para ti em momento algum

Mais leal amigo :
A subida honra pertence ao Oceano.

Tal é o significado poético da palavra de Homero. Querendo-se dissolver o tropo ou mito em prosa corrente, para se não perder o sentido, convém ter presentes as experiências e descobertas de Arquimedes com sua balança hidrostática, de Pascal na prensa hidráulica, etc.; sem algumas noções de Física, só saberemos dizer que ...«a guerra é uma tempestade que leva os campos», e isto é mentira, porquanto são as tempestades e as cheias que declaram e fazem guerra às plantas e às ervinhas. Está dito e é sabido que deuses não são Deus, mas personificações de aspectos e fôrças da natureza e, em muitos casos, das fraquezas e tolices dos homens.

Se, pois, *Ōkeanós* é a pessoalização do *líquido elemento*, para bem se apreender a energia da palavra, é necessário arrostar com a tempestade no alto mar e quebrar os braços a dar à bomba... *¡ que nos vamos alagando !* Só quem se viu em trabalhos sabe o que é o poder das águas, a fôrça enorme do líquido elemento.

Porque tamanho gigante não podia ter nascido de um conta-gôtas, imaginou a fábula (Hesíodo, não Homero) que Ouronós e Gaia foram pai e mãe de Okeanós. Parece que não. Os filólogos descobriram em *Ōkeanós* o mesmo radical que o do sânscrito *ôgha* ou *augha* (corrente ribeiro, rio etc.) e da voz *auga* do velho e do moderno lígure com idêntico significado. O Mar só tem mãe: a água.

A água é animada pelo instinto de sociabilidade maravilhoso e sabe utilizar seus dotes de mobilidade perfeita para não faltar às obrigações da amizade fraterna, sua lei molecular. Persuadida de que a união faz a fôrça, criou o Mar, Ōkeanós, ou união das águas.

Eós é filha de Ōkeanós. Não sabendo ainda andar pelo mundo, corria atrás do pai. Ōkeanós nunca levanta o pensamento da torrente que tem de guiar pelo fundo do mundo. Muito antes de Galileu já Ōkeanós sabia se a Terra se movia ou não. Num momento mais feliz nota o grande Mergulhador que o nosso Orbe se move — e remove tudo o que lhe está em cima — de Ocidente para Oriente, porque a sua corrente, no retôrno, vem muitíssimo mais animada, o que se não pode explicar só pela rija pancada da água nas rochas fundas das margens de lá.

Foi tal a alegria do grande deus, com sua descoberta, que ao tirar o pé... como se há-de dizer? do seu *alguidar*, ainda mais o entornou para o lado de cá. ¡Dêmos que sôbre tudo isto sopravam rijo os ventos de Oeste! Desta vez o turbilhão das águas, refluindo, bateu com tão furioso ímpeto e enorme estrondo na margem oriental que nem se pode imaginar! Algumas ondas saltaram muito alto, e ainda não voltaram. São estrêlas, e chamam-se *Híadas*, que quere dizer «filhas da água». Muitas vagas, batendo na areia, desfizeram-se em nevoeiro; outras ondas feriram a cabeça nos rochedos e fugiram desesperadas pelos ares fora. Dois vagalhões correram pela terra e tão furiosos íam que nunca mais quiseram ser água e se reformaram em cavalos; e tão cavalos ficaram êles que começaram logo erva a pastar.

Neste grande cataclismo Aurora fugiu ao pai e nunca mais andou pelos abismos do mar. Seu peplo de espuma sacudiu na praia, e se foi pela terra passear, e viu os cavalos de pardacenta côr, que já vinham de pastar, em grande trote rente ao chão, mas (pois eram filhos de névoa) um pouco pelo ar; e ela lhes acenou com a mão e êles pararam e a reconheceram de quando a conheciam do tempo em que foram vagas do mar.

Ela deu uma volta e logo veio com cevada de oiro no avental; e, como não havia outra manjedoura, deu a ração aos brutos na concha da própria mão; e êles num abrir e fechar de olhos limparam todo o grão, e com as beiçolas móveis diziam que queriam mais. Aurora lhes disse então: «¡muito queria que me levásseis ao país donde nasce o dia!». Os cavalos responderam: «com a diva Au-

rora ao cabo do mundo iremos sem parar». Estava contentíssima a deusa e, pelos cavalos, capaz de vender o pai. E a um disse: «tu, desde agora, Lampos te hás-de chamar; e a ti Faéton quero apelidar». Resfolegando chamas, agitando crinas de *oiro*, as patas dianteiras brancas e alevantadas, as de trás invisíveis, as caudas, não se pode jurar mas supõe-se que opulentas e varrendo o chão, os cavalos disseram juntos: «vamos lá!». Havendo fôrça motriz a tôda a parte se vai dar; um estrado de chata névoa começaram as bêstas a puxar. Partiram em demanda do Oriente, desejosos de saber como lá se fabrica o dia, a coisa mais linda do mundo. Tarde e a más horas reconheceram que as chamadas *Portas-do-Oriente* eram pura fábula.

Defrontavam-se com um estupendo travessão vermelho lançado de Norte a Sul, sôbre um arco ingente. Lampos puxava para o Sul, Faéton repugnava, revirava a cabeça para o Setentrião e dizia «¡por aqui é o caminho». À teima de Faéton juntou-se o parecer da auriga e tentaram a passagem pelo Norte. Eós pagou os óbulos da portagem à mulherzinha da bandeira e a nefelibática carroça rodou, fazendo estremecer a fantástica engenharia. Lampos ia de má vontade e fingiu-se manco. Mesmo no meio da ponte desfizeram os cavalos a parçaria ou parelha. O rolo de nuvem que servia de concha do coche desfez-se em nevoeiro, depois em nada. — Os cavalos fugiram e dêles não houve mais notícias, senão que de quando em quando entre grossas nuvens negras se viam a modo de cabeças de burro abrindo grande bôcas de cavalo, soltando relinchos selvagens, exalando fumo das palpitantes narinas negras e mastigando lume entre ferozes,

grandes dentes brancos. — Eós ficou suspensa sôbre o afogueado clarão vermelho que separa o Oriente do Ocidente.

Nunca em pé divino nasceu calo que fizesse sentir o chão ou raiz que o prendesse à terra. Aves e deuses, em se aborrecendo do sítio, num encolher ou trejeito de ombros, voam aonde querem. Para residênciar uma deusa no seu *ubi*, exigido pelas categorias peripatéticas, qualquer coisa basta: esfumado de nuvem, um traço a carvão ou mesmo a lápis, ou uma linha imaginária, como a do *Tratado de Tordesilhas*. ¿Fugiram os cavalos de Eós? Bêstas não hão-de faltar, quer bêstas por autonomásia, quais são, por assim dizer ou *como diz o outro*, «os vossos próximos», quer bêstas chapadas, como as que enchem o *Zodíaco*, palavra grega que em português se traduz por «Casa-dos-Bichos». Talvez Eós, enfadada da manqueira fingida de Lampos e teimosia e cabeçadas de Faéton, disjungisse ela própria os animais; e, para mais depressa se ver livre dêles, ainda os picaria com o gancho dos cabelos. O que é certo é que Faéton, já distante, ainda voltou a cabeça e disse à deusa: ¿Então não querias que duas bêstas do nosso porte andassem atreladas a ti, para levarem a menina à mestra? e, pior ainda, não nos querias tirar do bom caminho, só porque te veio o capricho de ir ver o rabicho dos Chinas?

A verdadeira razão por que Eós ficou suspensa nas alturas foi o ter-lhe acorrido um grande e profundo pensamento, ao recordar os caminhos por onde tinha andado. Viu nesse momento que havia outro Ōkeanós, de certo irmão do primeiro (e portanto seu dela tio paterno). A etérea torrente rolava

ou se desenrolava em sentido contrário ao tumulto ocidental — ondas, nuvens, vapor de água, ar — em demanda do Oriente. Os dois mundos perpassavam sem grande choque, quási sem atrito: quási sem atrito, para êles, os dois mundos que não para a deusa, pois esta começou a sentir na cintura de vespa o suplício do espartilho e logo compreendeu que, se não se retirasse da tangente, alando depressa acima quadris *et reliqua,* não tardaria nada, estava cortada em duas. Por isto muito alto saltou Eós, em frente do Sol que já rompia; e desde então até hoje sempre o seguiu e acompanha, com ares de quem ensina o caminho, mas só até o pino do meio-dia, pois ao Ocidente ganhou aborrecimento por causa do cheiro da maresia a que ficou hiper-estésica, do tempo que andou atrás do velho pai pelas cafurnas do abismo.

Eós raras vezes tem precisão de andar dé carro: quando há romaria divina à Etiópia, e pouco mais. Mas então Lampos e Faeton, conchavados em sórdida usura, levam-lhe jóias e cabelo; não puxam, sem fortes rações de trigo de oiro. É por tudo isto que a Aurora cada vez se afasta menos da companhia do Sol.

V

«Lusos verborum» na fraseologia de Homero

Alguém se deu à paciência, nanja eu, de contar quantas vezes se lê no texto homérico a palavra *eós* nas várias formas de sua declinação — nominativo, *ẽõs*; genitivo, *ẽoûs*; dativo ẽoî; acusativo *ẽõ*; vocativo não tem, porque é ela (a aurora) que a todos chama e desperta para que vão tratar da sua vida; carece de dual, a não ser em sentido reduplicativo, geralmente em dois versos seguidos — «esperavam êles a aurora e a aurora ou *ausosa* veio» —; plural não há senão em frase multiplicativa — já fulgiram e se esvaeceram sete auroras desde que até que —. Conta bem, pois, Manuel João, que se contares e não errares, na *Ilíada*, pelo menos, quarenta auroras acharás, e na *Odisseia* mais de oitenta e quatro hás-de encontrar.

Quando o desgraçado de mim está a dar cabo da vista sôbre o texto, vem o diabo de uma borboleta, dá ao motor e começa a zoeira... ¡E a maldita, às turras no meu candeio, não me sai daqui sem me comer a luz dos olhos! Agora mesmo, num volitar mais irritado — parece que o bicho se escaldou — me disse à orelha: «sou *Eós* e sei os vários sentidos que a palavra tem». Serás e saberás. Mas pareces-me de raça mista; se te gabas de ser filha de mariposa, aranhão foi teu pai e «*Ês-não-és*» te devias de chamar. Dizem os dicionários que és substantivo feminino; mas não tens substância nenhuma, nem há em ti resquício de essência. Vives só de espalhafatos e para negaças. Se te apresentas na forma *substantiva* pura, *eós*, és lagarta emban-

deirada; se vens junta ao epíteto de teu gôsto, — *rododáctylos eós* — soas como besouro. À miséria de teres pouco ser acresce a vergonha de seres de número indeterminado. Não se sabe se és uma ou bando de quarenta mais oitenta e quatro. Em conclusão, se não se arejam as bibliotecas, sacudindo das salas as borboletas, dentro em pouco terão desaparecido os poemas de Homero, porque a traça os comeu.

Mais de uma vez Homero realizou esta maravilha: há versos inteiros — ¡e bem pesados! — suspensos do corpo frágil de uma borboleta. Tomemos os livros, onde aparecer a palavra *eós* fazemos um furo. O vandalismo terá estragado alguns versos, com intenção de salvar os outros.

Ilíada, I, 477:

Emos d'ērigéneia phánē rododáctylos Eós.

O verso é mui formoso aos olhos e de tom festivo. Várias vezes o poeta o repetiu na *Il.* e na *Od.*, para embandeirar o estilo. Ainda hoje se vê claramente que o poeta só o dizia quando estava contente. Ao espírito atento à épica narrativa não diz nada que não traduza esta singela frase, «estava a ser dia». A combinação de duas palavras; *phánē Eõs*, «fulgia a aurora», com as outras três e partícula inúteis, dá tão perfeito ilusionismo de arte aero-luminoso como rosácea de catedral gótica. A claraboia dos modernos edifícios poder-se-ia considerar como alusão à *erigénia rododáctila aurora* se não fôsse a expressão francesa *œil-de-bœuf* que faz suspeitar que os olhares vidráceos de nossas luxuosas habitações são saüdades da *boõpis* Hera, a deusa-de-olhos-de-boi, ou grandes.

As duas palavras juntas neste verso, *et alibi*, *ēri-*

géneia ēós, se recreiam os olhos, deliciam os ouvidos e tornam mais doida a fantasia, afligem a razão que se vê quási sem pábulo.

Erigénia significa: filha de *ēr*. *Er* e *eós* tem significação idêntica. À diva *er* pertencem todos os raios do sol, desde que nasce ao pino do meio-dia; esta é a acepção própria. O mesmo se dá com a palavra *eós*. Também se pode dizer, se a tarde é véspera de dia santo, *hieròn ēmar*, manhã e tarde fazem uma *er* só. Mas replica-se: em tal caso manhã e tarde se compreendem numa só *eós*. Em espanhol alarga-se a frase e lá vão carros e carretas.

Quando apareció la hija de la mañana, la Aurora.

A musicalidade do italiano abafa as *vozes* difíceis.

Quando apparì la nata dal mattino Aurora.

Erigéneia ēōs; la hija de la mañana, la Aurora; la nata dal mattino, Aurora, são dizeres que faziam perder a cabeça ao oficial ou ministro do registo civil ou religioso. A filiação mais bizarra é a do italiano: A aurora, que é pai de si mesma. Manhã e aurora têm de ser mãe e filha; mas podem alternar...

Só o vernáculo Padre Manuel Bernardes nos pode tirar da babélica confusão. Nós, falando connosco, somos a nossa alma que consigo fala; e pode falar a alma consigo como com segunda ou terceira pessoa. «¡Ai, pobre de minha alma, em que perigos te (ou a) não vejo metida!» Assim *er* ou *eós*, falando consigo pode dizer «¡aí menina, ó filha!».

Il. II, 48: «Estava a chegar *Eós* ao Olimpo» etc.. ¿Serão a mesma pessoa Eós (com letra grande) e *eós*, deidade de pequeno vulto? Não o sei dizer, porque os deuses de Homero, como a grandeza no

conceito matemático, têem a faculdade de aumentar e diminuir; quando querem, são grandes como tôrres, se lhes parece, reduzem-se a cominho.

¿Que iria Eós fazer ao Olimpo? Diz o texto: *Zẽnì phóõs eréousa kai állois athanátoisin.*

Na vulgar tradução latina:

Jovi Solis ortum nunciatura et allis immortalibus.

Nas divulgações modernas (francesa, espanhola, etc.) vê-se bem que os intérpretes não traduziram grego, mas latim, quási às cegas.

...Pour annoncer la lumière à Zeus et aux autres immortels ;

Para anunciar el dia a Zeus y a los demás immortales ;

That she might herald day to Jove and to the other immortals.

She might herald, Para anunciar, Pour annoncer e *Nunciatura* equivalem-se perfeitamente. Mas *nunciatura* diz o mesmo que *eréousa?* Parece-me que não. A significação óbvia (acepção geral) de *eréousa* é *dictura.* O sentido de *anunciadora* está forçado pelo complemento *phóõs,* traduzido por *Solis ortum, dia, lumière.* É evidente, pelo contexto, que Homero dá aqui à palavra *pháos* ou *phóõs* significado psícológico de *pensamento, vigília, tempo de pensar* (não de dormir), ou coisa assim. ¿«Para a Zeus e aos outros imortais anunciar a luz»?

Anunciar a luz aos deuses será o mesmo que dar-lhes os bons dias? Não estava mal; seria um vulgar cumprimento, mas, enfim, uma gentileza. ¿Para dizer aos deuses que já sôbre os divinos palácios rompia o sol? Se os deuses não viam o romper do sol, é que estavam ferrados no sono, submersos no mar da preguiça.

Quem de Homero os contos leu sabe que o poeta conhecia o par de deusas inseparáveis, mãe e filha, a Necessidade e a Vigília. A primeira deu a segunda plenos poderes sôbre mortais e imortais. Eós e Vigília são nomes de uma só deusa.

Ora, isto foi no tempo da guerra de Tróia. O Olimpo envolvera-se na contenda. No momento Agamemnão, rei de vastos poderes, estava a impingir grossa mentira à sua tropa, no intuito de a experimentar. A mentira de Agamemnão era conseqüência do sonho falaz que lhe enviara Zeus. Temos, pois, que Zeus-da-égide entrou na guerra com uma enorme falácia. Quem muito mente é obrigado a dormir pouco. Eis a razão por que a Aurora foi lançar espertina nos olhos de Zeus-padre. Quem me ajudou a acertar a tradução dêste passo da epopeia (acertar — por mera suposição digo); quem me fêz aventurar a interpretação de *eréousa phóōs* tão *lato seusu* foi Ésquilo com êste seu verso do *Prometeu* :

Condiga sempre co' a figura a fala :

¡ *Eós* na *Ilíada* e *Odisseia* tem mais caras que astros o céu! Não se sabe se com os Escotistas — *non sunt multiplicanda entia sine necessitate* — há-de optar-se por uma ; ou se, seguindo os Tomistas — *non sunt identificanda vel restringenda entia sine necessitate* — melhor será dizer que são muitas. Sob o ponto de vista literário a questão de número nada interessa: é um caso de multiforme beleza. Aqui trata-se de uma deusa de alta categoria, parte majestoso, rosto formosíssimo. Se Homero põe em cena a sua *eós* de pequeno formato e ela encontra o seu pastor a dormir *sub tegmine fagi* e o deseja acordar ; o poeta baixa logo de tom da epopeia para o ténue estilo da bucólica, e não diz à moça —

anuncia a luz ao rapaz» — ; antes dirá: caça pirilampos, e atira-lhe uma mancheia aos olhos.

Il., XI, 1: *Levantava-se a Aurora da sua cama, deixando Titão no quente* (Titão era o digno espôso), *para levar a luz aos deuses e aos homens* (...*hin' athanátoisi phóõs phéroi ẽdè brotoĩsin*). Comentário, *ut supra*: ou *phóõs* tem significação psicológica, ou então apenas há verbiagem ininteligível. *Pháos*, na acepção própria *au propre*, lumière d'un corps céleste, *partic.* lumière du soleil (Bailly, *Diccionnaire Grec-Français*). Não existe astro algum que em si conglobe a luz tôda. O Sol era — e ainda é — se não o único o principal luzeiro sôbre as cumeadas de Olimpo e esplanadas de Tróia. Ora a passagem do carro deslumbrante ou refulgente andor de *Eós* não deixa no espaço imenso lugar para o *irmão* Sol; se êste quiser figurar um pouco ou brilhar alguma coisa, tem de redopiar na engrenagem do carro ou deixar-se levar como lentejoula no andor. Logo, a palavra *pháos* não exprime noção astronómica nem a mínima visualidade perceptível nem deixa adivinhar *aliquid sensibile*; e, não sendo possível ligar-lhe sentido *metafísico*, para que de todo se não perca a *luz* preciosa, necessário se torna conciliar-lhe um vago psiquismo como — certo esfôrço de inteligência, seja no sentido de vigilância e prudência (na guerra defensiva), seja no sentido de astúcia e perfídia (como sempre se usou nas guerras ofensivas). Enfim, a *luz* que se diz Eós foi levar aos deuses e aos homens, não a tirou ela do seu carro, mas sim dos miolos dos responsáveis dos épicos acontecimentos. Ela chamou a atenção para os perigos da guerra;

êles puxaram o seu pouco ou muito de inteligência para as rugas das testas respectivas.

Il. XIX, 1: Sai a Aurora da corrente do Oceano, ornada não sei se de manto se véu de açafrão, «para aos deuses e aos homens levar a luz». Provàvelmente isto quere dizer: a Aurora foi pedir aos deuses e aos homens que tivessem juízo. Para dar nas vistas, mais e mais chamar a atenção, saíu com aquele véu tão lindo, de tão viva côr; tudo indicava eminência de sucessos graves. A essa hora baixava Tétis da forja de Hefaistos com o braçado de armas para seu filho Aquileus.

Na *Odisseia* a deusa Aurora aparece em diversas paragens. Raps. IV, 187-118:

Memnão, filho da resplandecente Aurora, matou a Antíloco, filho de Nestor.

Raps. V, 1-2: Deixando o ilustre Titão, Aurora saía da cama para levar a luz aos imortais e aos mortais, quando os deuses reüniram em assembléia.

Raps. V. 121-124: A rododáctila Eós arrebatou a Orião (que depois foi morto em Ortígia por Ártemis, deusa de trono de oiro).

Raps. V; Quando a Aurora de formosas tranças deu princípio ao terceiro dia.

Raps. IX, 76: Quando a Aurora de lindas tranças nos trouxe o dia três.

Raps. X, 144: Quando a Aurora de lindas tranças nos trouxe o terceiro dia.

Raps. XII, 3, 4: Nas ondas que cercam Aiaie

e na mesma ilha fêz Eós sua estância habitual e terreiro de baile.

Raps. XV: Aurora do trono de oiro, como achasse Clito muito bonito, o raptou e o quis reter entre os imortais.

A pequena *eós*, mito da aurora dos dias de inverno, ou símbolo dos sóis de pouca dura, aparece nos versos da *Il.*, I, 477: «Filha da névoa, a aurora de dedos de rosa».

V, 267: ...«Os de Trós eram os cavalos de mais luzidio pêlo «debaixo da aurora e do sol».

VI, 175: «pela sétima vez apareceu a *rosadeda* aurora».

VII, 331: «ao surgir da aurora deve cessar o combate».

VII, 433: «¡Que raio de escuro! nem ponta de dedo ou pinta de unha da aurora faz um buraquinho no manto de trevas!»

VI, 451: «a fama dêste bastião chegará tão longe como o clarão da aurora».

VII, 458: «tua glória, glória exclusivamente tua, soará até onde chegar o esplendor da aurora».

VIII, 1: «A menina da saia vermelha fazia ver tudo da côr da sua fralda, e tão vermelhas estavam as caras da gente que até parecia uma pouca vergonha»...

VIII, 565: «Até os cavalos, para lhes saber bem a cevada, pensavam na aurora do trono de oiro».

IX, 240: Heitor pede aos deuses que depressa surja a divina aurora.

IX, 618: «Quando aparecer a aurora, então veremos se será melhor ir ou deixarmo-nos estar».

IX, 662: «deitou-se o velho e esperou pela aurora divina».

IX, 682: «disse que ao romper da aurora se faria ao mar com seus navios».

IX, 707: «quando a aurora abrir a mão como se abre a rosa», faremos e aconteceremos.

X, 251: «morre a noite, nasce a aurora».

XI, 885: ao raiar da aurora conclamaram os arautos de voz clara que era preciso pagar certa dívida em atraso.

XI, 723: nós, «os carros de guerra de Pilos» esperamos pela divina aurora, enquanto evolucionava a infantaria.

XVIII, 255: Diz o herói troiano Polídamas — «meu conselho é êste, que nos concentremos na cidade e que a divina aurora já nos não veja na esplanada».

XXIII, 109: Lamentava-se Aquileus e pelas barbas abaixo chorava a bom chorar e a todos contagiou a vontade de lamuriar, nisto surge a rubra aurora e solta uma gargalhada em tão longo funeral; o cadáver estava tão feio que todos quiseram retirar e foram buscar lenha ao monte, para nesse dia o queimar.

XXIII, 227 (o mesmo contraste de acima): linda estrela matutina fazia sinais à terra com um pontinho a brilhar e mais ao largo a aurora lançava todo o açafrão ao mar, e na pira morria o lume, enojado de tão hediondo manjar.

XXLV, 12 (o mesmo contraste de branco e negro): tôda a noite Aquileus se revolveu no chão sem poder descansar e já a aurora lhe dava no rosto, clareando ondas e ribas do mar.

XXIV, 417: Doze auroras são já passadas sô-

bre o cadáver de Heitor, e a carne não se corrompe nem com ela entram os dentes de ferro que Ares dá aos seus vermes.

XXIV, 600: diz Aquileus a Príamo — ser-te-á concedido ver teu filho à luz da aurora —.

XXIV, 695: a aurora estendeu o seu véu de açafrão a todo o pano e por todo o horizonte.

XXIV, 785: quando apareceu a duodécima aurora para alumiar as gentes e a todos obrigou a trazerem a cara à mostra, o corpo do destemido Heitor foi transportado para a cidade.

XXIV, 788: quando apareceu a filha da bruma, a aurora, a cujos dedos se pegou a côr das rosas, o povo rodeou a grande pira funérea do excelso Heitor.

Od., II, 434: E por tôda a noite e seguinte aurora a pôrto de salvamento vogou a nau.

Od., III, 404: quando a rododáctila erigénia, depois de espreitar pela janela, já lhe brilhava sôbre o teto, o guerreiro de Gerénia, o velho Nestor, mexeu-se na cama e começou a levantar-se.

Od. III, 491: Quando a rododáctila erigénia clareou os ares, etc..

Od. IV, 194: Dito de Nestor: eu não gosto de chorar à ceia nem logo depois de comer; quando se levantar a erigénia, com os orvalhos da manhã, correm mais fáceis as lágrimas.

Od., IV, 306: Quando surgiu a rododáctila, Menelau levantou-se da cama.

Od., IV, 407: Aos primeiros alvores da aurora, levar-te-ei a um ponto do mar, onde as focas largam intenso fedor.

Od., IV, 431: a sabida frase-feita, que pouco diz, mas soa bem em grego e latim, *ērigéneia phánē ro-*

dodáctylos ēōs, aëre genita apparuit rosea digitos aurora.

Od., IV, 576: *ut supra et ipsis verbis.*

Od., V, 228: como acima e pelas mesmas palavras.

Od., VI, 31: *ēoī phainoménē*(i)*phi* (locução adverbial): Duas donzelas conversam e uma à outra diz: «ao ser dia», iremos refrescar a pele na onda viva ou água corrente; *ēoī phainoménē(i)phi* parece traduzir gritinhos das pequenas a chapinar na água frígida.

Od., VI, 48: *ēōs eúthronos égeire Nausicáan eúpeplon*. Traduções latina e derivadas: *Aurora pulchro throno conspicua excitavit Nausicaam ornatam peplo. — L'aurora dal bel trono destò Nausicaa del bel manto. — La Aurora, la de hermoso trono, despertó a Nausícaa, la del lindo peplo.*

¡Que grossaria, que boçalidade! São lá maneiras de tratar com deusas de Homero! ¿A mão de Rododáctila vale pela luva branca? ¿os anéis são de mor valia que os dedos? *Eúpeplos Nausicáa* não é «a Nausicaa, a do lindo peplo», mas sim a formosa Nausícaa, a quem certo cavalheiro ofereceu um rico casaco-de-peles (peplos). O incerto cavalheiro que teve de pagar caríssimo foi Odisseus. *Eúthronos eós* não se traduz por «la Aurora, la del hermoso trono»; «la del hermoso trono» é expressão de leiloeiro de móveis, de poeta não. A beleza irradia da deusa. Para efeitos de estética nada importam as circunstâncias de ela estar de pé, sentada ou deitada na relva.

Eōs ēlthen eúthronos.

Aurora venit pulchro throno conspicua.

L'aurora dal bel trono venne.

Llegó la aurora, la del hermoso trono.

Venit, venne, llegó, veio; ¿mas donde? saltando do trono para aqui?

A pregunta será inútil, o essencial é ter vindo. Ela aí está e agora é só abrir os olhos. Sendo assim, o trono anda por aqui como trambôlho bem ou mal atado à perna da pobre deusa. Bem sei que se pode dar às palavras *throno conspicua, l'aurora del bel trono, la del hermoso trono* certa coerência, dizendo que por elas se há-de entender que a deusa é proprietária ou digna de trono, ainda que actualmente não ocupe a sede de sua majestade. Assim interpretadas, tais palavras seriam verdadeiras... verdadeiras *cristalizações da morte.* Eós, como a pomba da arca de Noé necessita dalgum apoio; para a salvar, admite-se mesmo qualquer extravagância, seja o que fôr, por exemplo, afirmando categòricamente: Aurora chegou à terra transportada por quatro mariolas invisíveis. Como, porém, andor ou trono gestatório seria acostumar mal a menina, imaginemos outra coisa. O prefixo *eu* não sugere sòmente *conspicuïdade, beleza, formosura ;* indica-nos também sentido de felicidade, facilidade.

Éureca! *Éutrona Eós :* é uma deusa que fàcilmente sobe ao trono; é, dentre as deusas, aquela que para si sabe improvisar de qualquer coisa um belo trono.

Nem tôdas as luzes quiseram entrar na combinação e feitura do mito da Aurora. Excluíram-se o clarão melancólico da tarde, as névoas do Poente, onde segundo Homero vagueiam almas de defuntos; os círios dos enterros, as lâmpadas dos mineiros, as línguas que lambem as bôcas negras dos fornos, as pontas de fogo que vão tisnar os pios

Aithiopes. Por sua mítica essência e definição própria, *eós* é a luz que sobe ao trono. Para se guindar às alturas e subir à glória, tudo lhe serve, menos (é claro) o fundo de um poço): pináculo de templo, cabeço de monte, dorso de montanha, cume de serrania, os castelos das nuvens, ponta direita ou corno esquerdo de lua nova ou velha, o bôjo da lua-cheia. Onde a branca Aurora mais gosta de passear é o travessão vermelho, que, lançado de Norte a Sul, separa o Oriente do Ocidente.

Od., VII, 222: Quando a aurora aparecer, quero eu desaparecer daqui, — diz Odisseus ao dono da casa ou governador da ilha, onde ou por onde o herói parasitava como hospede.

Od., VIII, 1: Quando com as bandeiras das sete côres a aurora clareou os ares...

Od., IX, 151: Esperamos pela divina aurora.

Od., IX, 152: A aurora divina embandeirou o arco do horizonte, a Leste.

Od., IX, 170: Quando apareceu a rododáctila Erigénia.

Od., IX, 306 e 307: Esperamos a aurora divina, e a Erigénia ou Rododáctila surgiu.

Od., IX, 336 e 337: *Idem, idem.*

Od., IX, 560: Quando apareceu... ¡seja Erigénia, seja Rododáctila, Aurora, ou tôdas três.

Od., X, 18: Aurora é rododáctila e erigénia.

Od., 541: Aurora crisótrona.

Od., XI, 374: Diz el-rei Alcínoo: conta, conta Odisseu, tuas histórias de pasmar; até raiar a aurora divina, te ouviremos sem pestanejar.

Od., XII, 7 e 8: Dormiram esperando a divina aurora; e a manhã surgiu sem nuvens, «erigénia» e «rododáctila».

Od., XII, 24: Há muito bom vinho e não falta de que manjar; tendes ainda dia e noite para vos bem refocilar; mas *hama d'ēoî phainoménē(i)phi*, isto é, «aurora fora» ¡fora daqui, ponde-vos a navegar!

Od., XII, 142: ¡esplêndido verso!

Autica dè chrysóthonos ēluthen ēōs, «Eis chegou, a do áureo trono, a Aurora».

Od., 316: Outra vez o celebrado camaleão aéreo:

Emos d'ērigéneia phánē rododáctylos ēós.

Od., XIII, 18: Outra vez *Emos d'ērigéneia*, etc..

Od., XIII, 93, 94: ¡Que gentil *verborum lusus* não são estes dois versos!

Eūt' astèr hyperesche phaántatos, hoste málista
Érchetai aggéllōn phaos ēoūs ērigéneies.

De Pitágoras se diz que ouvia a música das esferas. Aqui é preciso atender à música das palavras. Em pontos e contrapontos não há como o italiano:

(Dormia ainda Odisseus recostado em sua barca bela...)

Quando stella spuntò luminosisima,
Che avvisando ne vien principalmente
Dell' Alba il lume dal mattino nata,
S'appressò allora all' isola la nave,
Che cammina pel mare. (Anton Maria Salvini).

O espanhol, «língua dos deuses», deixa transparecer bem o curioso fenómeno de tão fulgurante e cintilante jôgo de palavras.

Quando salía la más rutilante estrella, la que de modo especial anuncia la luz de la Aurora, hija de la mañana, entonces la nave, surcadora del ponto, llegó a la isla. (Luis Segalá y Estalella).

Od., XIV, 502: *Phae kar Chrysóthronos ēōs, illuxitque aureo throno conspicua Aurora.*

Od., XV, 50: Nota-se neste verso um dizer singelo, muito de louvar — não saias ainda, a «aurora não tarda» ou «está a ser dia», *éssetai eōs.*

Od., XV, 56: Logo apareceu a crisótrona Aurora.

Od., XV, 189: Mais uma vez o tão repetido verso:

Emos d'ērigéneia phánē rododáctylos ēōs.

Od., XVI, 368: Esperávamos a divina aurora.

Od., 1: Outra vez o importuno, o terrível verso que começa por *Emos d'ērigéneia phánē.* Serve à rapsódia de sinfonia de abertura: já os moradores do andar de cima despejavam nas nuvens as bôrras dos seus vinhos, porque precisavam dos depósitos para lagares de azeite, sendo já entrado o inverno, quando Telémaco, amado filho do divino Odisseus, atou aos pés formosas sandálias, pegou na lança e se dispunha para sair à cidade, etc..

Od., XVII, 497: Se lhes pudesse ser boa — diz a governanta de Penélope, falando dos pretendentes de sua ama —, com a gana que lhes tenho, nenhum dêles estaria vivo, ao chegar da Éutrona *(haud quisquam horum pulchro solio conspicuam auroram attingeret).*

Od., XVIII, 317: Se quiserem esperar *eúthronon ēō* (até ao romper do dia), não me hão-de vencer, porque sou paciente e muito teimoso.

Od., XIX, 50: Telémaco, metido na cama, *Auroram divinam expectabat.*

Od., XIX, 319: Penalopeia ordena às criadas que lhe lavem o marido (que na própria casa era hóspede), o aconcheguem na cama e que êle espere ali a Crisótrona, isto é, que durma quanto quiser.

Od., XIX, 342: Muitas vezes tive de dormir em maus lençóis — diz Odisseus a sua mulher — e de me revolver em sórdido leito e a *éutrona (pulchro solio conspicua aurora divina)* não tinha pressa de chegar.

Od., XIX, 428: *Emos d'ērigéneia phánē rododáctylos ēōs.*

A paciência tem limites... Diz Homero que está a ver no céu um dragão chinês, bicho grande, ora mui feio, ora muito bonito...

Od., XX, 91: *Autica dè Chrysóthonos éluthen ēōs.* O que te vale, Aurora, é não trazeres nas mãos as castanholas: ¡rododáctilos eós, rododáctilos eós! Mereces, aqui, uma boa saüdação em latim: *statim autem aureo solio conspicua venit Aurora.*

Od., XXIII, 241: *kai nú c'oduroménoisi phánē rododáctylos ēōs.*

Ainda chorando êle e ela (Odisseus e Penalopeia) lhes teria aparecido a rododáctila, que, erguendo no ar o branco dedo, lhes diria, ¡basta de choradeira! Mas daquela vez nada lhes disse nem mesmo lhes apareceu a branca aurora, porque a Olhos-de-Coruja outra coisa havia ordenado... Quere dizer, Palás Atenaia nada tinha mandado, porque se resolvera a fazer tudo, para brindar aos ditosos cônjuges o privilégio conhecido na antiguidade pelo nome de *nux macrá*, noite grande ou prolongada. Para isto Atenaia meteu-se pelo abismo das águas e chegou ao páteo do palácio de Okeanós, quando Eós atrelava Lampos e Faéton ao carro. Espantaram-se os cavalos, e Aurora não pôde sair de carruagem como de costume, e manda o regulamento. Aquêle dia na Grécia não haveria dia, se o Sol não resolvesse saltar para o horizonte, dispensando as forma-

lidades de recepção — prenúncios do crepúsculo matutino e estrêla-de-alva, a nuvem vermelha, como alcatifa estendida aos pés, a aurora, com seus dedos côr de rosa sim, mas de unhas roídas, a abrir as portas do Oriente.

Os filósofos epicuristas reduziram a nada os mitos da Aurora e do Sol. Inventaram, para explicar a alternativa do dia e da noite, uma teoria ilusória, mas simples e engenhosa, e que oferece a vantagem de não poder ser refutada por nenhum sistema metafísico. Nem há céu, nem espaço, nem círculos máximos ou mínimos, nem giros, nem órbitas; os astros não são corpos estáveis: reúnem-se os Átomos, é dia; dispersam-se, anoitece. — *Solem de atomis dicunt constare, et cum die nasci, cum die perire*, escreveu Servius, comentando os versos de Virgílio:

Et jam prima novo spargebat lumine terras,
Tithoni croceum linquens Aurora cubile. (*Eneida*, IX, 584-585).

Horácio (epicurista de gema) ria-se da Aurora e escarnecia-lhe do amante espôso, em grego chamado Tithonós, dizendo que a muita idade tanto o encarquilhara e reduzira que já não avultava mais que rolha de garrafa ou corpo de cigarra (II *Od.* XVI, 30). E o acadêmico Cícero junta sua troça à do epicureu, explicando que o minguado marido da Aurora estacionou no tamanho da cigarra, por não poder encolher mais e para significar que a

tagarelice é o único préstimo da velhice (*De Senectute*, c. XVI).

Das formas grandiosas do mito primitivo há vestígios na literatura cristã, ao idealizar a Virgem, que surge do oceano imenso da misericórdia de Deus: *Mulier, amicta Sole.*

No século dezoito ainda estavam em bom uso numerosos adjectivos ou epítetos, com que se festejava a Aurora: formaram-se e se foram estabelecendo em nossa língua, com o decorrer dos tempos, sem dúvida por influência indirecta e longínqua, mas bem sensível, do *pai* Homero. O curioso Leitor pode ver uma boa lista dêstes adjectivos no «*Dicionário Poético* para uso dos que principiam a exercitar-se na poesia portuguesa: obra igualmente útil ao orador principiante — seu autor Cândido Lusitano — segunda impressão correcta, Lisboa, 1794». (A primeira edição é de 1765).

Alguns dêstes qualificativos ou epítetos da Aurora brilham como jóias de pura água... chilra: *fresca, rociada, úmida, que nos campos chora.* Na maioria, são de aclamação festiva: *bela, esclarecida, rubicunda, purpúrea, rosada, loura, áurea, formosa, cândida, clara, fulgente, luminosa, rutilante, lucífera, alva, rubra, alegre, risonha, ridente, que nos céus ri, do novo dia alegre primavera.* Outros referem-se ao espírito vigilante da deusa: *solícita, desvelada, diligente, do sonolento Sol despertadora ninfa.* Para caracterizar-lhe a natureza meteorológica, diz-se, em estilo de adivinha: *apenas nascida, sepultada!* Êste é indicativo de que ela é propensa às artes: *A celeste pintora do horizonte, que de douradas côres o matiza.* Outros há que lhe bolem com a geração ou são alusivos a

pessoas da família: *Titónia, Palantia, de Titou e da Terra a bela filha, espôsa de Titão* (Tithonus em latim, Tithonós em grego), *lúcida filha de Hiperião, do etíope Memnão a mãe formosa*. Pelo título de *eoa* sabe-se que a Aurora anda sempre pelas bandas do Oriente: isto em português; em grego *eós eoa* quere dizer *aurora auroral*. Quando a Aurora está *pálida*, anuncia que o Sol vem doente. Entre os adjectivos agrupados por Cândido Lusitano vem mais êste: a *tarda* Aurora, expressão bem compreensível na bôca de um sujeito que se deitou sem ceia.

No poema *Afonso Africano* lêem-se uns versos, pelo menos razoáveis, em que se descreve o romper de um dia nublado:

Pelas escuras nuvens já rompendo
A bela Aurora vinha, dando à terra
A desejada luz e desfazendo
O carregado horror que a noite encerra:
Iam-se as cousas pouco a pouco vendo,
O mar menos medonho, alegre a terra.

Trindade Coelho em *Os Meus Amores*, dá sem mitos nem metáforas, a notação mais límpida que em linguagem moderna se pode ler do clarear do céu:

«A êsse tempo, no céu alto e lavado, a estrêla d'alva fenecera por fim, e o horizonte começava de carminar-se ao de leve».

Junqueiro, êsse continua a imitação de Homero, não por lhe deslavar os tropos, mas criando novos mitos como o épico da *Ilíada* criou os antigos:

Parou a ventania.
E as estrêlas, dormentes, fatigadas,
Cerram à luz do dia
As misteriosas palpebras doiradas.
Vai despontando o rosicler da aurora:
O azul sereno e vasto
Empalidece e cora
Como se Deus lhe desse
Um grande beijo luminoso e casto.
A estrêla da manhã
Na altura resplandece;
E a cotovia, a sua linda irmã,
Vai pelo azul um cântico vibrando,
Tão límpido, tão alto, que parece
Que é a estrêla no céu que está cantando.

VI

A Astronomia na epopeia: Camões, Homero, etc.

¡Que assinalado barão me não está parecendo neste momento o nosso «Trinca-Fortes»! De Inês cantor mavioso; na bargantaria com Chiado deitando sal às trovas de mal-dizer; ...de improviso arrebata das mãos de Ariosto a roufenha trompa e tão alto a faz ressoar no Pindo que Pégaso quere saltar para as nuvens:

> Deu sinal a trombeta *camoneana*,
> Horrendo, fero, ingente e temeroso.

O poeta italiano achincalhava o heroísmo, escorneteando-o e escarnecendo-o na praça pública. Camões reabilitou a epopeia, sustentando a voz durante numerosos e bem medidos compassos no tom alto e sublimado, sem evitar de todo desagradáveis estridências da furiosa tuba, grande e sonorosa sim, mas, no fim de contas, furiosa. Ora, os antigos físicos consideravam a fúria como passageiro acidente de loucura. Nos épicos, como nos trágicos, o mal tornou-se crónico: exemplos, logo o primeiro verso da *Ilíad, Mẽnin áeide Theá ; Hércules Furioso* de Eurípedes; *Orlando Furioso* de Ariosto; «fúria grande» de Camões.

Diziam os antigos que três coisas havia verdadeiramente terríveis: o raio de Zeus, a clava de Hércules, o verso de Homero. Hoje o zigue-zague do corisco de Zeus não infunde mais terror que as divisas que sargentos da nossa tropa trazem perto

dos cotovelos; a rija moca cobriu-se de líquens, está desfeita em caruncho: só ficou o terrível verso, que é ao mesmo tempo verso, raio e clava, porque, enfim, *é necessário que no mundo haja ainda algum respeito.*

Da primeira palavra da *Ilíada* outro têrmo grego se deriva que nos faz falta em crítica literária e na medicina, para significar esta espécie de loucura e é *tò ménima*, o «épico furor».

Por causa do seu *ménima* Camões correu com Ariosto, só porque o outro era afectado do mesmo mal. O italiano tomou para épico assunto a quem, ainda que fôra verdadeiro, não merecia as honras do verso; o português propôs-se celebrar, a cima de tudo, as façanhas do «novo temor da Maura lança», «maravilha fatal» daquela idade, D. Sebastião: ¿quem é mais louco? De baldão em baldão, o furioso Aquileus de Homero veio a parar no D. Quixote de Cervantes ou no D. Farragute de Quevedo.

¡Camões, grande Camões! Quais foram teus livros predilectos? Os versos todos de Vergílio, um a um, te repassaram o generoso coração. Da antiguidade grega, do fundo homérico, donde te veio o fatal *ménima*, conheceste, só ou pouco mais, o transunto deformado para sentido lúbrico, que é a *Geneologia dos deuses* de Boccácio e êste livro ia sendo a perdição de tua alma.

Também Camões, se deixou contaminar, e não pouco, da musa graciosa mas irreverente de Ariosto, seu rival; o que não admira, porquanto, trezentos anos mais tarde, Byron, o grande favorito de Apolo e predilecto das musas, o génio que mais blasonava de originalidade e independência, lan-

çava à cara da hipocrisia inglesa que, apartado e reservado Sakespeare, renegava de tôda a literatura *insular* a trôco dos versos de Ariosto... ou de Camões. («Ou de Camões» não foi dito expressamente, mas claramente insinuado). É certo que o nosso «vate cristão» se deixou embriagar pelo copo da Renascença; e as musas estupefactas, entre sublimados versos gloriosos, ouviram também o grunhir de um...

Camões reabilitou a epopeia, é verdade, sustentando a voz durante numerosos compassos no tom alto e sublimado; mas não sei se alguma vez o *rabecão* do sensualismo gentílico soltou nota tão torpe (o de Homero, nunca) como a nota dominante nas oitavas em que se contam e descrevem as coisas imaginárias da «Ilha Deleitosa». Na *Odisseia*, por encantos de Circe, alguns marujos de Odisseus transformaram-se em porcos, zoològicamente falando; em *Os Lusíadas*, todos, em sentido moral, o que é bem pior.

Felizmente, no forte peito lusitano de Camões deu rebate a consciência cristã e todos fizeram exemplar penitência do grande pecado.

Camões, por um acto de nobre coragem e rigor sem igual nos anais da poesia, obrigou-os todos a duas aulas, uma de história apolégetica (o género mais fastidioso na arte de racontar), outra de matemáticas antiquadas, tão deleitosas que nem interrogatórios suportados nos bancos dos réus.

Ainda na planície da ilha da turpitude, oferecera a deusa Tétis e suas nereides um esplêndido banquete ao Gama e aos mais oficiais e praças da armada: estavam na sobremesa; ao rêgo das libações escasseavam já o néctar e o vinho, mas ainda

de todo não cessaram os turpilóquios de ninfas e marujos: Tétis alça a voz e, em tom meio rezado, meio cantado, começa a lição de história. O assunto e respectiva documentação, veio tudo do extravagante arquivo que Proteu guarda no fundo do mar. Júpiter tinha dado àquêle deus marinho um «globo vão, diáfano, rotundo», isto é, um frasco de vidro, vazio, e de forma redonda. Logo um cardume de peixinhos, a maioria vermelhos, alguns, mas poucos, doirados, ali se engarrafou e ficou, dando aos rabos e barbatanas. Nos movimentos dos peixinhos leu Proteu um grande capítulo da história próxima-futura de Portugal; e, vaticinando o disse, e logo Tétis recolheu na memória quanto tinha ouvido dos feitos de Duarte Pacheco, de Dom Francisco e Dom Lourenço de Almeida, de Tristão da Cunha, de Afonso de Albuquerque, de Lopo Soares de Albergaria, de Diogo Lopes de Sequeira, de Vasco da Gama, de Dom Henrique de Meneses, de Dom Pedro de Mascarenhas, de Lopo Vaz de Sampaio, de Heitor da Silveira, de Dom Nuno da Cunha, de Dom Garcia de Noronha, de António da Silveira, de Dom Estêvão da Gama, de Dom Martim Afonso de Sousa, de Dom João de Castro e de seu filho Dom Fernando. (*Os Lusíadas*, X).

Depois da tremenda história vem a terrível aula de matemática, a que é forçoso assistirem «o Gama c'os mais» — os mais são, ou somos, os grupos de matalotes, os ranchos das ninfas e os tristes de nós outros.

A escola abriu no alto de um monte, para onde era necessário romper a corta-mato, por terreno «árduo, difícil, duro a humano trato». «Não andam muito que no erguido cume/se acharam onde

um campo se esmaltava/de esmeraldas, rubis tais que presume/a vista que divino chão pisava». Aqui um globo se vê no ar e Tétis (Thétys), junto dêle preleccionava cosmografia, ensinava a teoria do mundo. — Thétys ministra ao Gama a Sapiência Suprema. — Descrição da grande máquina do Mundo. — O Empíreo, o Primeiro Móbil, o Cristalino e o Firmamento. — O Zodíaco e os seus doze Signos. — As Constelações. — Os Planêtas. — Os quatro Elementos. — A Terra: centro do Universo. (*Os Lus.* parte do argumento do canto X).

Tétis começaria por dizer:

— Os matemáticos, para mostrarem as coisas do céu, têem na mão uma esfera de pau, que acerta às vezes de ser de arcos de peneira: e ali estão mostrando a linha equinocial, o zodíaco com os doze signos, cada um de trinta graus de comprimento e doze de largura, os polos árctico e antárctico, o eixo e os círculos com as mais coisas do céu. A verdadeira filosofia é como um céu e minha prática é esfera de pau e em comparação da excelência do subjecto ficam minhas palavras arcos de peneira. (Cf. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, c. IV).

Lionardo, «soldado bem disposto, manhoso, cavaleiro e namorado», diz:

— Mais que aros de peneira, teus formosos gestos, ó linda mestra, são arcos de pipa.

Veloso, soldado valente e resmungão, murmura enfastiado:

— Em cima da pipa está uma pita; a pita pia, a pipa não pinga...

Tétis. ...Mas, porque para me espraiar nos louvores da matemática havia mister um dia de seis

meses, como são os daquela parte que está ao Norte ou ao Sul, por isso faço fim ao que não teria fim.

Lionardo. Provardes vós que há lugar onde o dia é de seis meses tenho eu por tão impossível, como provardes ser mais necessária a ciência matemática que as boas feitorias para arrecadamento de canela, cravo e pimenta.

Tétis. Não porfieis nisso, porque é sem falta o que vos digo.

Lionardo. Isto não é porfiar, mas defender a verdade.

Veloso. Muito folgaria saber como isso é, porque parece impossível haver terra onde o dia seja de seis meses.

Gama. Não vos pareça isso impossível, porque é certo e necessário.

Veloso. Se isso se puder provar por matemática, eu a terei por uma maravilhosa ciência.

(Aqui olhou o Gama para Tétis, dizendo-lhe):

— Por honra da matemática haveis de fazer essa demonstração.

Tétis. Eu a farei se estiverdes atentos, porque a pronta atenção de quem ouve afina o juízo de quem fala. Para provar isto é necessário ter dois princípios, o primeiro é que onde quer que estamos, se fôr em monte ou campo raso, vemos a metade do céu.

Lionardo. Isso nego eu.

Tétis. Provo-o. O Sol em vinte e quatro horas dá uma volta ao mundo e a todo o espaço do céu e, como êle anda sempre de um compasso, segue-se que tanto espaço anda em doze horas como nas outras doze, e em cada doze horas anda a metade do céu. ¿Isto é verdade ou não?

Lionardo. Verdade.

Tétis. Pregunto: ¿no mês de Março, quando os dias são iguais com as noites, não é o dia de doze horas?

Lionardo. Sim, é, porque nasce o Sol às seis da manhã e põe-se às seis da tarde.

Tétis. ¿Vêdes vós donde nasce o Sol até aonde se põe?

Lionardo. Vejo.

Tétis. Vêdes logo a metade do céu. Porque, pois o Sol em doze horas anda a metade do céu e vós vêdes tôda aquela parte do céu que êle anda em doze horas, logo vêdes a metade do céu.

Lionardo. Concedo-vos êste princípio; venhamos ao outro.

Tétis. O outro é que o Sol anda seis meses da linha equinocial para cima, gastando três meses em subir e três em descer, e outros seis meses anda da linha equinocial para baixo.

Gama. Tudo isto vos concedo. Porque a linha equinocial vai por meio do céu oriente ao ocidente e, desde que o Sol no mês de Março entra na linha, sobe para nós, até que os dias deixam de crescer, e então torna a descer para a linha, até que em Setembro entra nela e daí desce para o Sul, até que os dias deixam de minguar e, como começaram a crescer, torna a subir para a linha, até que em Março entra nela. E não vos pareça que estou tão estranho na matemática que não saiba alguma coisa dela.

Tétis. Está muito bem. Faço logo desta maneira a demonstração. Os que estão bem ao Norte vêem a metade do céu, que é até a linha equinocial, que é o seu horizonte. A qual linha divide o céu em

duas partes iguais de Oriente a Ocidente. Isto está claro pelo primeiro princípio que pusemos, que onde quer que estejamos vemos a metade do céu. E o Sol anda seis meses da linha equinocial para cima, pelo segundo princípio que pusemos, logo os que estão ao Norte, que são o que o têem sôbre a cabeça, vêem continuamente o Sol seis meses. E, como o dia seja a presença do Sol sôbre a Terra, está claro que seis meses contínuos é dia, pois seis meses contínuos têem o Sol diante de seus olhos.

E tanto que o Sol começa a descer da equinocial, que é o *horizonte* aonde se acaba a vista dos que vivem ao Norte, lhes começa a anoitecer e dura a noite outros seis meses, desde Setembro, que o Sol desce da linha, até Março, que o Sol torna a entrar na mesma linha, assim como o dia lhes dura de Março até Setembro. E todos os seis meses que é dia aos que vivem ao Norte é noite aos que vivem ao Sul e pelo contrário todos os seis meses é dia aos do Sul e noite aos do Norte. Porque assim como os que têem por zénite o Norte, que são os que o têem sôbre a cabeça, têem por *horizonte* a equinocial de cima para baixo, assim os que têem o Sul por zénite, têm por horizonte a mesma equinocial debaixo para cima. Bem pode ser que sejam desabitadas aquelas partes que estão debaixo do Norte e do Sul, a que nós chamamos *polo* árctico e antárctico, mas basta que nelas o dia é de seis meses e a noite de outros seis, que é o que eu havia de provar. E assim todo um ano é aí um dia natural, que consta de um dia e noite arteficiais. E esta é a demonstração clara e manifesta, na qual, se por ventura meti alguma palavra soberba, ou em defender a matemática usei de alguma descor-

tesia, vos peço que me perdoeis, porque a fúria do argumentar leva às vezes as palavras à bôca primeiro que as registe com a razão, mas só com a portaria da vontade. Mas a minha não é falar mal, que bem sei que boas palavras e cortesia são laços com que se prendem vontades. (Heitor Pinto, *Imagem*, c. VIII).

Tétis (para o Gama). Neste globo, o transunto *reduzido* / em pequeno volume, aqui te dou / do Mundo aos olhos teus, para que vejas / por onde vás e irás e o que desejas. Vês aqui a grande máquina do Mundo, / etérea e elemental...

Frei Bartolameu Ferreira (que subiu ao monte da sabedoria, por ordem da Inquisição)... Que fabricada / assim foi do Saber, alto e profundo, / que é sem princípio e meta limitada. / Quem cerca em derredor êste rotundo / globo e sua superfície tão limada / é Deus:

Gama. Mas o que é Deus, ninguém o entende, / que a tanto o engenho humano não se estende.

Veloso. ¡Que dianho de embrulhada!
Em *Tetas* não quero eu crer.
Quero crer que há um só Deus.
Apesar de nunca o ver.

Frei Bartolameu. Êste orbe que, primeiro, vai cercando / os outros mais pequenos que em si tem, / que está com luz tão clara radiando / que a vista cega e a mente vil também, / empíreo se nomeia, onde logrando / puras almas estão daquele Bem / tamanho, que êle só se entende e alcança / de quem não há no mundo semelhança. / «Aqui, só verdadeiros, gloriosos / divos estão», *porque vós, Jú-*

piter, *Juno*, *Saturno* e *Jano* e tu mesma, sábia Tétis, sois fabulosos, «fingidos de mortal e cego engano» / «Só para fazer versos deleitosos» / *tendes préstimo* ; «e, se mais o trato humano / *vos* pode dar, é só que o nome *vosso* / nestas estrêlas pôs o engenho *nosso*».

Camões. «E também porque a Santa Providência, / que em Júpiter aqui se representa, / por espíritos mil tem prudência / governa o Mundo todo que sustenta»... Aqui para nós, Sr. Frei Bartolameu: pelas grossas serpentes enroscadas em Lacoonte entendo o pecado original e a concupiscência da carne que se enleiam ao velho Adão, ruína do género humano; pela nudeza das Três Graças quero significar a pureza das Virtudes Teologais. Vénus bela é também símbolo da Providência. A deusa dos sorrisos gosta muito dos Portugueses, não por amor dos sorrisos — os Portugueses são mal-encarados — mas por causa da língua que é novi-latina. E repara, amigo Frei Bartolameu: se a linda Vénus ama os Portugueses por causa do latim, muito mais deve estimar a Santa Igreja, porque o latim eclesiástico sempre é melhor linguagem que o modo de falar do nosso Lionardo ou Veloso. (Assim iam transigindo e capitulando o poeta e o inquisidor). Continua o poeta:

Enfim o Sumo Deus, que por segundas
Causas obra no Mundo, tudo manda.
E tornando a contar-te das profundas
Obras da Mão divina veneranda:
Debaixo dêste círculo onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,

Outro corre, tão leve e tão ligeiro
Que se não enxerga: é o Móbile primeiro.

Tétis.

Com êste rapto e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio;
Por obra dêste, o Sol, andando a *tento*,
O dia e a noite faz, com curso alheio.
Debaixo dêste leve, anda outro lento,
Tão lento e subjugado a duro freio,
Que enquanto Febo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá êle um passo.
Olha êst'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que também nêle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm cintilantes.
Bem vês como se veste e faz ornado
Co'o largo Cinto de ouro, que estelantes
Animais doze traz figurados,
Aposentos de Febo limitados.
Olha, por outras partes, a pintura
Que as Estrêlas fulgentes vão fazendo:
Olha a Carreta, atenta a Cinosoura,
Andrómada e seu pai, e o Drago horrendo,
Vê de Cassiopeia a formosura
E do Orionte o gesto turbulento;
Olha o Cisne morrendo que suspira
A Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira.

Veloso.

As Estrêlas têm asas de oiro,
Eu bem nas sei osservar;

Não requerem cordas nem guindastes,
Se lhes dá para voar.

Lionardo.

O Sete-estrelo vai alto,
Eu o estou a contemplar:
Mais alto voa a ventura
Que Deus tem para me dar.

Tétis.

Debaixo dêste grande Firmamento,
Vês o céu de Saturno, deus antigo,
Júpiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bélico inimigo;
O claro Ôlho do céu, no quarto assento.
E Vénus, que os amores traz consigo;
Mercúrio de eloqüência soberana;
Com três rostos, debaixo vai Diana.
Em todos estes orbes, diferente
Curso verás, nuns grave e noutros leve;
Ora fogem do Centro longamente,
Ora da Terra estão caminho breve,
Bem como quis o Padre omnipotente,
Que o fogo fêz e o ar, o vento e neve,
Os quais verás que jazem mais a dentro
E tem co'o Mar a Terra por seu centro.
Neste centro, pousada dos humanos,
Que não sòmente, ousados, se contentam
De sofrerem da terra firme os danos
Mas inda o mar instábil experimentam,
Verás as várias partes, que os insanos
Mares dividem, onde se aposentam

Varias nações, que mandam vários reis,
Vários costumes seus e várias leis.

Platão escreveu (*Timaios*. Firmin-Didot, 40, b): ...gẽn dè, trophòn mèn hẽmetéran heiloménẽn dè perì tòn dià pantòs pólon tetaménon phílaca caì dẽmiourgòn nuctós te caì hẽméras emẽchanẽsato. Tradução latina: *terram autem, nutricem nostram, constrictam circa polum per universum extentum, custodem et effectricem noctis et diei instituit*. O sujeito de *emẽchanésato*, na proposição grega, ficou muitas linhas atrás: é o *Patèr* que o mundo ordenou para sempiterno deleite dos bem-aventurados. O sujeito de *instituit*, da oração latina, é também qualquer *deus-pater*. Temos, pois, que a Terra rola sôbre seu eixo e nos dá os *bons-dias* e as boas-noites, domingos e dias-santos.

Graças à liberdade de espírito, destreza dialectica, agilidade mental, Platão alcançou de repente o mais alto cume da ciência, donde o pesadão Aristóteles gastou muito tempo a cair, baixando a especulação para o grosseiro plano das ilusões vulgares. «C'est par exemple grâce a cette liberté d'esprit, escreve Émile Bréhier (*Histoire de la Philosophie*, I, p. 140-141), que Platon a pu peut-être indiquer en passant l'explication du mouvement diurne par la rotation de la terre autour de son axe». E em nota: «Telle était, dès l'antiquité, l'interprétation du mot *eillomẽnẽn* por Plutarque; (*Questions platoniciennes*, qu. VIII); mais cette interprétation n'est pas certaine et le sens peut s'accommoder de l'immobilité de la terre».

A «interpretação» está certa. *A Greek-English Le-*

xicon (Oxford, 1927) regista os principais significados do verbo *heilo* (também *eiléõ, eíllõ, íllõ* :

A. *shut in* (encerrar); menos freqüente, *shut out* (interceptar);

B. *press,* «as olives and grapes» (premer espremer, como moer azeitona, pisar uvas).

C. (só nas formas de iléõ) *wind* (enrolar, desenrolar, virar, voltar, torcer, rolar).

D. Parece impossível derivar tôdas as significações *supra* de uma forma originária com o sentido de *squeeze* (apertar, estreitar, espremer); pôsto que a maioria das accepções registadas em A, B e C envolvem a idéia de estreitar, comprimir. A parece supor um radical que significa *bar* (barra, tranca, barrar, trancar. *Eíllõ* em C é sinónimo *eilúõ,* lat. *volvo*. De muitas expressões figuradas, em que entre êste verbo, o sentido fica indeterminado. «*Gẽn illoménẽn (eill —, heill —)* was taken to mean *revolving*. Bailly, *Dictionaire Grec-Français,* interpreta igualmente: *gẽ perì pólon heiloménẽ,* «la terre enroulée autour d'un axe, c. à d. qui accomplit son évolution autour d'un axe».

Homero usa do epíteto *heilipous (heilò* e *poús)* para descrever a marcha vagarosa e circunspecta do boi ou da vaca e Eurípedes aplicou o mesmo adjectivo descritivo ao andar majestoso de senhoras altas e gordas.

Idomeneús... hupo [elpídi] pãs eálẽ : encolheu-se quanto podia Idomeneus e enconchou-se todo dentro do escudo (*Il.* XIII, 405-408).

Achilẽa haleìs ménen (*Il.* XXI, 571) quere dizer, (Agenor), concentrando-se em si próprio, esperou Aquileus.

Pela significação geral de *heílõ, gẽ heiloménẽ,* só

pode interpretar-se — *a Terra mexe-se;* e, completando-se a frase platónica, *gẽ heiloménẽ caì dẽmiourgòs noctós te caì hẽméras*, é verdadeira enquanto sôbre a Terra se alternarem dia e noite.

A teoria heliocêntrica foi doutrina comum de Platónicos e Pitagóricos. «Mencionemos de passada a clara distinção entre as duas acelerações, a tangencial e a centrípeta, no movimento curvilíneo dos corpos planetários, qual a consignou Plutarco num de seus escritos (*De facie in orbe lunæ*, VI, 9-10). Memoremos a doutrina da relação dos astros, *tẽm kinẽsin perì tò kéntron*, entre êste movimento e a forma esferoidal dos corpos celestes, segundo a Platão a atribui expressamente o mais ilustre representante do neoplatonismo, Plotino (205-270 A. C.), in-*Ennead.*, II, 1. Citemos, entre as mais audazes afirmações da filosofia grega, o movimento de translação da Terra em redor do fogo central, segundo o pitagórico Filolau, ou em volta do Sol, conforme a opinião de Aristarco de Samos, III, 13 (Plut. *De placit. philosoph.*), o maior astrónomo da antiguidade (entre 500 e 400 A. C.). Relembremos a doutrina pitagórica de que cada uma das estrêlas representa um mundo semelhante ao sistema solar (Plut. *De placit.*, II, 13). Admiremos a profunda sagacidade, com que Demócrito e Anaxágoras, lançando os primeiros fundamentos à astronomia das nebulosas, contemplam a Via-Láctea uma congérie imensa de estrêlas, que a vista desarmada não alcança discernir (Plutarco, *De Placitis Philosoforum*, III, 1). Os cometas são já para a penetrante visão dos pitagóricos uns corpos celestes que periòdicamente são visíveis, depois de perfazerem num prazo determinado a sua revolução. (Plut. *De Placitis Phi-*

losophorum, III, 2). — Cf. Latino Coelho, *Demóstenes, A Oração da Coroa, Introdução*, p. CCLXXVII a CCLXXIX.

Segundo os ilustres camonistas José Maria Rodrigues e Luciano Pereira, Camões teria preparado a lição de Tétis, lendo êle o *Tratado da Esfera* de Pedro Nunes. Mas que o poeta o lêsse ou não, não teria ganho nem perdido com isso dez-réis de sabedoria. O *Tratado* é a tradução de um «tratado» escrito no século XIII, por um frade inglês chamado Holy-Wood, nome que os italianos traduziram em Sacrobosco e nós podemos verter em Pau-Santo.

O *Tratado da Esfera* de Pau-Santo era a exposição e comentário da colossal inépcia de Aristóteles ou teoria do «motor imóvel» fazendo girar os círculos celestes em tôrno da «Terra imóvel».

Ante semelhante desastre, verdadeiramente «astronómico», o generoso Latino Coelho acode em defesa do Estagirita, desculpando-o com as más traduções.

«Adorado como um nume, consultado como um oráculo, venerado como a personificação do saber universal durante o predomínio da Escolástica, apontado na renascença com iníquo desprêzo e vitupério por audazes revolucionários, em nome da razão emancipada e da ciência experimental, sòmente há poucos anos a crítica principiou a avaliar em justo preço os méritos e os defeitos daquele grande pensador. Achou-o desfigurado pelas glossas da meia idade cristã e muçulmana, disfarçado na garnacha doutoral de Paris ou de Bolonha, lançou-lhe novamente nas espaldas a túnica da antiguidade e restituíu à história do pensamento o autêntico Aristóteles, em vez do falso peripatético, fabulado pela

dialectica das escolas». (Latino Coelho, *op. cit.* p. CCLIX-CCLX).

Crítica recente, e mais atenta, achou que nem as «glossas da meia idade cristã ou muçulmana», nem os «garnachas» de Paris ou de Bolonha desfiguraram o filósofo; pelo contrário, os peripatéticos cristãos e muçulmanos conheciam muito bem o seu Aristóteles, traduzido em latim, do grego ou do árabe, palavra por palavra, com o máximo escrúpulo de fidelidade, porque, tolhidos pela fascinação do ídolo, outra coisa não sabiam nem queriam fazer. «Dès le milieu du XII siècle, — escreve Bréhier — à Tolède, un collège de traducteurs, sous l'impulsion de l'evêque Raymond (1126-1151), commence à traduire de l'arabe les *Analytiques postérieurs* avec le commentaire de Thémistius ainsi que les *Topiques* et les *Réfutations des sophistes*; Gérard de Crémone (mort en 1187) traduit les *Météores, Physique, Du Ciel, De la génération et de la corruption*, sans compter les apocryphes, la *Théologie*, le traité *Des causes*, celui *Des causes des propriétés des éléments*. Puis la connaissance du grec se répand; on trouve dans des manuscrits du XII^e^ siècle une traduction de la *Métaphysique* (moins les livres M e N qui n'étaient point encore traduits en 1270) et même un commentaire sur ce livre; et Guillaume Le Breton, dans sa chronique de l'année 1210, dit qu'on lisait à Paris la Métaphysique «récemment apportée de Constantinople et traduite du grec en latin». Au cours du XIII^e^ siècle, Henri de Brabant, Guillaume de Moerbeke (1215-1286), un ami de saint Thomas d'Aquin, Robert Grosseteste, Bartholomée de Messine sont des hellénistes qui traduisent tout ou partie des œuvres d'Aristote, et

notammant la *Politique*, ignorée des philosophes arabes. On traduit aussi les œuvres des commentateurs arabes ou même grecs, et des philosophes juifs; Al Kindi, Alforabi, Avicenne, Avicebron sont connus; et au milieu du XIII[e] siècle on possède à Paris tous les commentaires d'Averroès, sauf celui de l'*Organon* (*Histoire de la Philosophie*, tom. I, 636-637).

O *Tratado da Esfera* proveio desta efervescência peripatética. Data dêstes tempos pelo menos outra «máquina do mundo», arranjada com trechos de Aristóteles e de Ptolomeu, traduzida em latim por Gerardo de Cremona e publicada em 1175 com um título arabizado, *Almagesto* (provàvelmente de *Tò Megiston*, «opus maximum»; os Gregos intitulavam de «megistães» os seus magnates e às coisas grandes chamavam «mégista»).

É «sem debate» que foi Aristóteles quem deu com a máquina do mundo no areal ou atoleiro; até porque, como diria Heitor Pinto, para cometer semelhante «desbarate» se requeriam fôrças de gigante. Em vão Santo Tomás invocou a mão de Deus para tirar a fábrica portentosa do beco ou doca sêca: «o motor imóvel é Deus»... Seja! mas a Terra continuou imóvel.

É evidente que no «canto astronómico» de *Os Lusíadas* os grandíloquos versos são de Camões, mas a teologia é de Frei Bartolomeu.

Quanto ao Estagirita, não julgo nada exagerada a opinião de Guilherme Humboldt de que êle «é quási não helénico» (cf. Latino, *op. cit.*, p. CCLIX). Quási nada helénico quere dizer muito macedónico. Desconfio até de que o êrro cosmográfico foi intencional; Aristóteles obedeceu ao intuito

de propagar o imperialismo de Alexandre, seu discípulo. Há pelo menos um passo em sua *Metafísica* que dá muito que pensar. É o capítulo ou parágrafo onde conclui a sua teologia, com a citação de um verso de Homero:

Ouc agathòn polycoiraniē. hēis coíranos éstō
(*Il.* II, 204)

assim traduzido por La Boëtie, em seu *Discours sur la servitude volontaire ou Contr'un*:

Qu'un seul sans plus soit maître et qu'un seul soit le roi.

Homero emitia esta sentença enquanto Odisseus espancava o mísero e insolente Tersites (1); Aristóteles inventou a fábula astronómica enquanto Alexandre destruía Grécia — depois só houve Grécia *alexandrínica.* — Aristóteles foi homem de pouca religião. Entendia que havia deuses de mais. Não professou explìcitamente o monoteísmo. Entre *um* e *alguns* deuses, ficou indeciso; mas afirmava com tôda a energia que no céu da Grécia não podia brilhar mais que *um*, a saber, «Alexandre fanfarrão» ou o «belicoso Alexandre», que se propôs realizar em si próprio o fantástico Aquileus.

---

(1) Por idêntico espírito de servilismo, Goethe, quando era valido do duque de Weimar, para ser agradável a seu amo, fingiu ver em Tersites a prefiguração de Voltaire. Não obstante, o ironista francês sempre foi alguma coisa mais do que Mofistófeles, criação do poeta alemão.

Note-se mais que o verso de Homero, citado por Aristóteles, como divisa política, é seguido dêste outro:

hêis basileús, hõ(i) édõke Crónou pais agkylomêteõ
(*Il.* II, 205)

«um rei» (e seja aquêle) «a quem o filho do astuto Cronos deu» (a faculdade de o ser).

Como se está vendo, a divinização dos potentados é velha de mais de milhar de anos antes de Maquiavel. Nos velhos tempos da velha Grecia era já mui densa a vilhacaria e bem forte a crueldade e perfídia. Os deuses de Homero arrogavam-se o direito de mentir, no que foram imitados pelos monarcas; e, de facto, todos mentiam como cêstos rôtos. Platão (*República, passim*) concedia aos estadistas o direito de mentir e enganar os cidadãos; com restrições, é verdade, mas concedia. ¡Se hoje a *razão de estado* não é tão venerada, não é por falta de gadelhas brancas na cabeça do estafermo!

Tais são, ao que me parece, os eixos em que Aristóteles maquinou e matinou o mundo. ¿Se a Terra andava, que outras razões podia achar o «pobre homem» para demonstrar que estava parada?

Homero, se não foi tão *sábio* como os geocentristas, não caíu no êrro crasso de afirmar que a mãe Terra era imovel, inerte, defunta ou coisa assim. Se um corpo se move quando altera as relações com outros corpos, — e não é possível outra definição de movimento — o poeta sentiu ou ima-

ginou na Terra o movimento, porquanto ora a via suspensa da cadeia de oiro de Zeus, logo embalada nos braços de Poseidaão, depois transportada aos ombros de Atlas, espécie de bom-pastor reconduzindo a ovelhinha desgarrada — se é que não estava de mau humor o gigante, prestes a dar com o mundo em cacos, tal como se afigurou ao doido escatólogico, curado por Hipócrates com bons conselhos de sabedoria, que não com drogas de botica —. Em mitologia tudo cabe e ninguém pode dizer que não: a cadeia áurea é a fôrça de atracção do Sol e os gigantes (Poseidaão, Atlas) personificam um, o movimento de resposta à atracção, mais vivo e sensível no equador, segundo dizem; e, o outro, o movimento de arrancada da nebulosa primitiva, impulso que é ainda hoje a maior fôrça da Terra, tão vivamente transmitido à massa líquida que o Oceano voa no espaço; se a parte sólida o não quisesse acompanhar, a estas horas a Terra havia de estar completamente sêca.

Há também na *Ilíada* uma formosa lição de Cosmografia. Não é tão completa como as de Flamarião ou as do Padre Secchi, mas nada inferior à prelecção da sábia Tétis. O filho de Tétis (não da mestra do Gama, mas da outra Tétis); o pérfido Aquileus; o pirata grande que dava caça aos heróis para os ir vender nas «ilhas próximas ou remotas», pior que sicofanta (negociante de figos); o duro semi-deus do «entremez da glória», que apenas se abrandava com as denguices maviosas do amigo Pátroclos, em tôda a *Ilíada*, só praticou uma boa acção, mais forçado pelas circunstâncias do que por seu natural, que era francamente mau, e foi quando se prestou, com sua elevadíssima estatura, a ser-

vir de cavalete à pintura ou imagem do mundo, tracejada no monumental escudo pelo grão-mestre de belas-artes, Hefaistos.

Aí se viam: a) *Gaĩan*, a Terra, ocupando o seu lugar no espaço imenso, porque, ou a Terra é um astro como os outros, ou os outros são terras como ela; b) *Ouranón*, o Céu, porque de tôdas as coisas é domicílio; c) *Thálassan*, o Mar, porque sem o grão rumor dos mares a Terra não teria voz na harmonia das esferas; d) *Eelión te acámanta*, e o Sol vigilante, pois, se não houvesse Sol, o espaço tornava-se em covil de ladrões; e) *Selẽnẽn te plẽthousan*, e a Lua-cheia, visto que nas outras fases a «senhora-da-melancolia» não tem cara que se apresente; f) *tà Teírea panta*, as Estrêlas tôdas, não porque estejam tôdas visíveis, mas porque por umas se subentendem as outras; g) *Plẽ(i)ĩádas th' Hyádas* te, as Pleíadas ou Sete-estrêlo, o mais lindo «craveiro da janela» e as Híadas, cuja etimologia está a dizer que são jóias da mais pura água; h) *Tó te sthenos Õríõnos*, e Sua Valentia Orião; i) *Árcton*, a Ursa (Maior) que também se chama Carrêta, ou porque a disposição das estrêlas semelha um carro ou talvez porque seja na verdade carroça que para ali tombou e ficou ao abandôno desde a guerra dos Titães; mas pelo luzir de uns olhos sempre fitos em Orião, supõe-se que seja ursa; mas ursa ou carripana, jamais descai do horizonte para molhar os pêlos ou as rodas no Oceano. (*Ilíada*, XVIII, 483 a 489).

«É sem debate» que o escudo de Aquileus, amplo como um horizonte no alto mar, serve à maravilha para representar um hemisfério; o outro por êste se pode conjecturar, segundo lei de simetria:

o matématico de Heitor Pinto, com êle, melhor se explicaria a respeito de seus «dias e noites de seis meses». E parece-me que Tétis, para a sua aula de mecânica celeste, melhor andaria se, em vez do globo e armilas, tomasse uma dobadoira e um sarilho, que são pertences dos mesteres feminis. A meada de oiro, claro, já está enrolada no sarilho; a deusa, estendendo os brancos braços e espalmando as mãos, passa a meada do sarilho à dobadoira. Depois com um trapinho de seda na ponta dos dedos, arranja um núcleo ou bucha e começa a colher o fio para o regaço.

Está, pois, sentada ali a deusa Tétis, e diante de si tem uma dobadoira que se move regularmente com o tirar do fio que lhe vai ter às mãos a enrolar-se no já crescido novelo. O movimento bem visível da dobadoira é regular e responde ao movimento quási imperceptível das mãos da dobadeira. É regular o movimento, mas dura um minuto e pára, depois vai seguindo outros dois, três minutos, torna a parar: e nesta irregularidade de intermitências se vai alternando como o pulso de um que treme sezões. Mas a deusa não treme, antes se tem muito direita e aprumada; o parar do seu lavor é porque o trabalho interior do seu espírito dobra, de vez em quando, de intensidade e lhe suspende o movimento externo. Mas a suspensão é curta e mesurada: reage a vontade, e a dobadoira torna a andar. Os olhos da «velha» (velha? sim; todos os deuses e deusas são mais velhos que a gente) é que têem uma expressão singular: voltada para o nascente, não os tira dessa direcção nem os inclina de modo algum para a dobadoira que lhe fica um pouco mais à esquerda. Não pestaneja, e o azul de

suas pupilas, que é brilhante como o das safiras, parece botar lume. Agora o movimento da dobadoira estaca de repente, a velha poisa tranqüilamente as mãos e o novelo no regaço e chama em tom que longe soa:

— Homero!

Uma voz doce, pura, mas vibrante, destas vozes que se ouvem rara vez, que retinem dentro de alma e que não esquecem nunca mais, responde:

— Senhora? Eu vou, minha avó, eu vou.

— ¡Querido neto!... como êle me ouviu logo! Deixa, deixa: vem quando puderes. É a meada que se me embaraçou.

Aproxima-se o poeta e diz-lhe a dobadeira:

— Embaraçou-se a meada, mas não tem dúvida; o novelo já está gordo e não deve crescer mais: precisamente te chamei cá, para o guardares na cabeça, em vez de miolos.

Para remissão do plágio, se é que pode ter perdão tamanho pecado, restitui-se a Garrett a dobadoira e a dobadeira: e êle que tão derretido se mostra com a Joaninha que se fique também com a velha. Quanto a Tétis, se ela se lembrara a tempo do mito da dobadoira, ter-se-ia poupado da miseranda, terrível palinódia de dizer: eu, Júpiter, etc. somos falsos deuses.

Do *mito de acréscimo* ou o *mito de Homero com o novelo de oiro* aproveita-se sòmente o significado alegórico, que é:

Todos os astros estão envoltos em sua meada de oiro, que êles fazem girar; é o olhar humano que recolhe os fios desprendidos de orbes inumeráveis. Se não fôssem os nossos olhos, que dão convergência aos raios luminosos, não haveria *universo*, mas

só astros *multi-versos*. Homero notou o fenómeno e o descreve em linguagem divina:

Quando no céu estrêlas de oiro cintilante cercam o alvor da Lua;

E está sereno e desabafado o vasto horizonte, Serranias, píncaros, miradoiros rompem altíssimo as camadas do ar:

Então do cimo ao imo ondula o éter divino. ¡Rampas, barrancos, fundos poços, tudo se clareia! E não há cabeça de rude montanhês que não tenha sua auréola, pelo menos de prata. (*Ilíada*, VIII, 555 a 559).

José Maria Rodrigues, anotando o verso de *Os Lusíadas*,

O claro Ôlho do céu, no quarto assento,

esclarece: «Já nos poemas homéricos o Sol é o «Ôlho do céu». Por simetria, ou paralelismo erudito... poder-se-ia acrescentar: e nos poemas de Hesíodo o Sol é o «umbigo do mundo»: vinham-se as coisas umas às outras atando, desde o caos ou primitiva nebulosa; se agora cortassem aquêle nó, tudo desandava, como a teia de Penélope.

Hesíodo não disse *isto* expressamente; tão pouco Homero terá dito exactamente *aquilo*. Sem dúvida que um e outro hão-de ter dito coisas parecidas; mas *letra, letra sem glossa*, não encontro. Parece que foi Libânio (s. IV, *in-Sentenças*) quem primeiro juntou as palavras *ouránios ophthalmós*, «ôlho celeste», para designar a luz do dia ou aludir à Providência, mas não fêz destas palavras epíteto de gala para Hélios. As expressões de Píndaro —

hesperas ophthalmós e *nuctòs ophthalmós* podem traduzir-se por «clarão da tarde» e «palor da Lua». A bela frase de Hesíodo — *Panta idõn Diòs ophthalmós* (*Trabalhos*, 267) — não descreve qualquer fenómeno pitoresco; faz parte desta admirável sentença: «¡Ai de ti, se acolheste em teu espírito mau pensamento contra teu semelhante! O olhar de Zeus tudo vê». A frase, mesmo em grego puro, não é de grande efeito: *ouránios ophthalmós*.

Em latim, pior: *oculus mundanus* (registado em Ravísio Textor nos epítelos do Sol). Em português nada mais poderá dar do que dela tirou Camões. Em inglês é maravilhosa. Byron, que muito se comprazia na notação rápida e fulgurante dos meteoros, vendo, uma tarde, «chover e fazer sol e a velha a remendar o fole», exclamou arrebatado. *¡O eye of Hélios!* — «Olha o ôlho do diabo a fazer coisas do arco-da-velha!

Na *Ilíada*, o Sol (*Hélios*) aparece pouco e geralmente faz má figura. Se não fôsse a menina Aurora, que lhe presta quási os serviços de moça de cego, nunca chegava ao pino do meio dia. Na Odisseia, Homero canta-lhe destas:

— ¡Olha aquêle *Olhar de esperteza* a fingir que tudo esguarda por alto e ao desdém e só repara no que lhe dá conta, que sòmente são as suas vacas da ilha de *Thrinakie*! Pois sim... dão na ilha e nas vacas os ladrões (Eurílocos e outros companheiros de Odisseus, com fome velha de sete dias); comem vaca como lôbos; e, se os cornos não rilham, é porque andam com pressa e alguma coisa querem deixar para o dono: «Olho-do-céu» não mexe pestana (blépharon ou *blepharítida tricha*), nada vê; só teve conhecimento dos estragos e da desfeita ao

cabo de sete dias, por denúncia da pastora *Lampetie*. Hélios ficou desesperado e praguejava muito: — ¡Ou que um raio o partisse a êle, ou fôssem electrocutados os ladrões. Zeus, de facto, condenou os alarves à morte de raio: vindicta inútil, porque, sem falta, os homens tinham de morrer de destemperança (Parte da Rápsódia XI de *Odisseia* resumida).

Com os recursos da estupenda imaginação de Homero, não é difícil arranjar do disco do Sol arremêdo de ôlho. Quando o astro, pouco em alto, alumia povoação por detrás de um monte, uma fila de pinheiros na cumeada assemelha as pestanas de baixo; o bater das pestanas de cima é simulado pela tremulina dos raios etéreos; para o traço de sombrancelha *(ophrús)*, basta um farrapo de névoa, que na região do ar não é fazenda cara. ¡E eis organizado um lúzio, maravilhoso para efeitos de ilusionismo pitoresco, mas absolutamente incapaz de guardar vacas, porque seus argueiros são pinheiros, donde se podem tirar traves e trancas e carradas de franças, e impedem o discernimento.

¡Pobre Hélios... ou *pobrélios* (interjeição de lamento)! Tudo te roubaram, as vacas e a glória!

Os melhores títulos com que se enfeitou Apolão, um adventício, pertencem ao Sol que é deus antigo. Quem matou o monstro Pitão (a negra nuvem ou a escura noite) foi o Sol, e não o outro, de quem apenas se sabe ser o autor de meia dúzia de versos épicos, celebrando aquela façanha. Quem ostenta uma natural cabeleira de oiro é o Sol; se o outro usa cabeleira de «rei-sol», é postiça. Hélios enche o espaço de dardos de oiro; o outro, por mais que retese braço e arco, poderá, quando mui-

to, fazer algum furo no coiro duro de alguma bêsta, como consta da I rapsódia da *Ilíada*. Enfim, Hélios é mito naturalístico e tem muita fôrça. Apolão é mito retórico, completamente desvirtuado. Homero tratou o Sol com notável desamor e manifesta injustiça.

¡Altos deuses da Grécia, Hélios, Apolão e Zeus, dignai-vos comparecer a uma «disputa em família», talvez sôbre coisa de nada, mas que afecta o vosso *tò ti ẽn ẽinai*, o vosso *quod quid erat esse*, o vosso *to be or not to be!*

Tomando a palavra na accepção própria segundo o étimo, Hélios (da raiz *hus, arder, brilhar*) significa o «luminoso». Não existe outro substantivo a que tão bem quadre o qualificativo, ou, se existe, não está ao alcance de nossa vista. Apolão foi um deus inventando com títulos de glória que pertencem ao Sol. *Apóllõn* (por *apéllõn*, de *apéllõ, repelir, expulsar*) é «o que repele a noite, as trevas, o mal». Ora, quem persegue a noite, a vence e a desfaz em nada, sempre foi o Sol. Contra Zeus há alegar: bem que êste deus use um nome de geração ilustre (*Zeus*, do rad. *div*, que significa *brilhar*), por seus feitos, não merece a categoria de *deus solar*. ¿Que valem as faíscas que saltam do seu fusil de fazer relâmpagos perante a fulgor do Sol?

Não há dúvida, a cosmografia de Homero está mal focada. A visão do mundo, sem aberrar de todo da teoria heliocêntrica, não é pròpriamente solar, mas auroral ou eocêntrica. Se do Sol o ôlho vivo se abre em fresta sôbre a Terra, Eós é a sua menina da janela, a figurinha que baila no tremuluzir da vista, chamada em grego *Kórẽ* a «menina dos olhos». A donzelinha da «casa de oiro» é muito

azougada, irrequieta, travêssa, arrapazada, trocista, amiga de alvorotos. Quando lhe parece, salta da janela, corre a um lado e a outro, e depois põe-se a marchar diante do Sol, em ascenção ao Céu. Chegados ao pino do meio-dia, Eós diz a Hélios, invariàvelmente:

Não passo daqui, porque não vale a pena; o dia não presta, já está estragado. Tu não és deus nenhum; não passas de «murdos diápyros», um cepo a arder; não tardarão os filósofos a dizer-te na cara isto mesmo. O teu brilho está empanado de cinzas. ¡Deitas fumo, que me faz espirrar! Por hoje esconde a cara, de vergonha, onde puderes. Volto ao Oriente a encomendar *outro*. ...*Outro*, quê? Outro dia, outro sol, outra claridade, enfim, coisa nunca vista.

Quando Sísifo tiver poisado no cimo do monte o seu rochedo, quando as Danaides se lembrarem de pregar no fundo do tonel um tampão bem resistente, terei eu então a alumiar o céu um sol límpido e firme: firme, porque não «tombará, aureolando o mar», limpo, porque há-de esclarecer, sem os enfarruscar e tisnar, aos «bons Etíopes».

Tombando de mito em mito, saindo de um para cair em outro disparate maior, a imaginação estonteada por Homero chega a esta conclusão desenganada: ¡afinal a tão decantada Eós, a Deusa Aurora, é a «menina dos olhos» do mesmo Poeta! E que «ôlho de Balzac» não tinha êle, sempre vigilante, a espreitar a vida alheia, dos homens e das mulheres, dos deuses e das deusas! E, como a ninguém fica bem o andar a espreitar pelas fechaduras, o terrível mexeriqueiro inventou a frase: «foi a Aurora que entrou pelo buraco e viu isto mais

aquilo». ¡E a visão auroral, ponto de vista que mira às alturas e depois, tirado de alto para baixo, deixa tudo em pratos limpos! Por tôda a superfície do orbe terráqueo quási não há lugar para um retiro de melancolia. As sombras escondem-se debaixo das barrigas e entre as patas das bêstas ou caem muito encolhidas sôbre as raízes das árvores. A grande, a estupenda frase romântica de Herculano...

Era por uma de essas noites vagarosas de inverno, em que o brilho do céu sem lua é vivo e trémulo, em que o gemer das selvas é profundo e longo e a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluta e tétrica...

tem de levantar vôo... da literatura.

A cosmografia de Homero... é semelhante à «Cosmografia de Münster», linda estatueta de marfim que o *biblio-clopeus* Silvestre Bonnard (ou Anatólio França) quis raptar um dia, não sei se de museu se de biblioteca pública. Estaria a diveta engaiolada na esfera armilar ou limpando os pés num mapa-múndi quando se sentiu afrontada do olhar enamorado do cleptómano e em resposta começou a trincar e retrincar amêndoas entre as vermelhas gengivas e rijos e miüdinhos dentes brancos e ao grande nariz do filósofo atirou as cascas.

O sábio quis abafar a menina no bôlso do paletó. Mas ela cresceu de indignação até o porte de deusa altíssima, ostentando na cabeça o capacete da terrível Atenaia. Depois descobriu-se e meteu o filósofo no casquete, onde cabe tôda a sabedoria do mundo, e lá o retém sequestrado do convívio da Academia.

VII

Fundo histórico da ILÍADA

Se Tróia existiu, houve com certeza guerra troiana. Ainda que a cidade de Priamos fôra a sede de uma Sociedade das Nações, não teria escapado da terrível calamidade.

Para Homero a fundação e destruição de Ílios eram factos tão inegáveis como a própria existência e conhecimento que êle tinha de si mesmo, quando escrevia a Ilíada. Mas nem como historiador nem como geógrafo o poeta é digno de muito crédito. Quanto a dados topográficos, êle mesmo, parece que de propósito, se incumbiu de turvar as águas de maneira a não transparecer o fundo ou chão onde correu o sangue dos combates.

No princípio da rapsódia décima, desta sorte nos mistifica, para que não possamos atinar com o principal campo de batalhas.

«Enquanto o valente filho de Menétio (traduzo à latina, procurando imitar o estilo de Tito Lívio); enquanto o herói Pátroclos esteve na barraca de Eurípilo a lavar-lhe o sangue e a atar-lhe as feridas, corria indecisa e muito confusa a guerra dos Argivos e Teucros. Os últimos não seriam por muito tempo contidos pelo fôsso e grosso muro que o rodeava, porque os Dânaos haviam feito estas obras defensivas de seus corpos e ricos despojos guardados nos barcos à vela sem oferecer aos deuses hecatombes perfeitas. Muro levantado contra a vontade dos deuses imortais não podia subsistir muito tempo. Enquanto viveu Heitor e Aquileu se absteve da batalha, irado e não facundo, e a cidade del-rei

Príamo não foi expugnada, permaneceu firme a grande muralha dos Aqueus. Mas depois de morrerem os Teucros mais valentes e dos Argivos uns terem morrido e outros ficado sãos e salvos, a cidade de Príamo foi destruída depois de dez anos de guerra, e os Argivos meteram-se nos barcos para regressar à pátria: então Posídon e Apolo decidiram-se a arruinar o muro com a fôrça dos rios que dos montes ideus se lançam ao mar, a saber, o Reso, o Heptáporo, o Careso, o Ródio, o Gránico, o Esepo, o divino Escamandro e o Símois, em cujas margens tombaram no pó casquetes numerosos, escudos de coiro bovino e a geração dos homens semi--deuses. Febo Apolo desviou o curso de todos estes rios e dirigiu suas correntes contra a muralha durante nove dias e Zeus não cessou de chover, para que bem depressa tudo fôsse arrastado para o mar. À frente dos rios marchava Posídon que faz tremer a terra, de tridente na mão, e atirou às ondas os alicerces de pedras e troncos, alí colocados e dispostos pelos Aqueus, com grande esfôrço e à custa de muitas fadigas; arrasou a margem do rápido Helesponto, cobriu de areia a extensa praia, onde se levantava o agora destruído muro, e restituíu os rios aos leitos antigos, onde correram e correriam de novo as límpidas águas».

Recentemente (fins do século XIX) foi descoberto o campo onde foi Tróia, isto é, reapareceu o *fundo histórico* da Ilíada. O alvião do Arqueólogo compensou-nos dos males causados pelo tridente de Poseidaão. Nas últimas três décadas do século passado o solo da Grécia foi revolvido em todos os sentidos por brigadas de arqueólogos alemães, in-

gleses, franceses, gregos, etc., com óptimos resultados. O entusiasmo com que se «escavava» em procura do documento grego não foi menos intenso que a febre do volfrâmio em dias mais chegados.

Em 1870 um alemão enriquecido na América, Henrique Schliemann, custeou e dirigiu as escavações de Hissarlik, no estreito dos Dardanelos, sítio presumido de Tróia. Debaixo da cidade grega de Ílion foram achadas seis povoações sobrepostas, a mais antiga das quais encerrava alguns objectos de cobre e numerosos utensílios de pedra. Nas quatro, que ficavam acima desta, encontraram-se alguns artefactos de bronze e vasos com desenhos por incisão, sem pintura. Na sexta, a superior, havia numerosos vasos pintados, semelhantes aos que mais tarde Schliemann descobriu em Micenas. Julgou-se que era esta a cidade de Príamos, arrasada pelos Acaios, que obedeciam a Agamemnão, rei de Micenas. Desta sorte poder-se-á dizer que a arqueologia confirmou a narrativa histórica da *Ilíada*, quanto aos traços gerais. Mais importantes ainda foram as descobertas de Schliemann em Micenas e Tirinto, levadas a efeito em 1876 e 1884. Nestas duas cidades, celebradas por Homero, apareceram vestígios de mui adiantada civilização, de gôsto artístico muito apurado, em tudo diferente das maneiras e predilecções dos Egípcios e dos Assírios. Em Micenas eram já conhecidos os jazigos de pedra, trabalhados em forma de cúpula. Schliemann, minando a praça pública da antiga cidade, descobriu sepulcros de reis, recheados de preciosidades: esqueletos com máscaras de oiro; vasos de oiro e de prata; jóias de finíssimo lavor; punhais de bronze com cenas de caça. Em Tirinto desenterrou Schlie-

mann um palácio ornado de grandes pinturas; numa delas, muito bem conservada, vê-se um acrobata a fazer piruetas no espinhaço dum toiro bravo, lançado a correr, de cabeça erguida, rabo alçado, e cornos ao alto. — Esta habilidade foi muito apreciada pelos gregos de épocas muito distanciadas. Na *Ilíada* (raps. XV, 279 e ss.) há uma cena dêste género. Um filho de Temístocles, que degenerara do pai, quanto a outras virtudes, realizava na perfeição êste prodígio de destreza. «¿Não tendes ouvido dizer que Temístocles ensinou a seu filho Cleofanto a ser um bom ginete? ¡Tão bom que se sustinha de pé em cima dum cavalo, lançando o dardo nessa posição, e praticava muitas outras façanhas de maravilhosa destreza que seu pai lhe ensinara». (Platão, in-*Ménone*). —

Em 1886 um sábio da moderna Grécia, Tsountas, descobriu em *Vaphio*, cercanias de Esparta, um grande túmulo, com muitas pedras cobertas de inscrições e desenhos, e diferentes vasos, com a representação de cercos e capturas de toiros bravos, obra de animalista de grande talento.

Finalmente, já no comêço do presente século, Sir Arthur Evans descobriu em Cnosso o chamado «Palácio do Labirinto» ou «Labirinto de Creta», onde, segundo a persistente lenda grega, reinou o grande Minos. A palavra «Labirinto» significa ainda hoje uma rede inextricável de caminhos, carreiros, corredores, minas, passadiços, galerias, subterrâneos, por onde é fácil girar, mas donde se não atina com a saída. «Labyrinthos» parece derivar do velho têrmo cário e lísio *lábrys*, = *pélekys*, que significa *machado*, *machada*, *acha* (arma) ou *hacha* (do frâncico *hapja*). Assim «Palácio do Labirinto» vale o

mesmo que «Palácio do Machado». Aí se vêem numerosos machados (ou *hachas* de dois gumes), como motivo de arte sacra ou por simbolismo religioso. O palácio está exornado com muitos baixos-relevos, e possui excelentes pinturas. Ao lado de figuras de tamanho natural, há quadros ligeiros da vida campestre, cenas de caça, a «vista» de uma cidade, aspectos de paisagem, e um grupo de mulheres conversando e gesticulando animadíssimas numa varanda. A revelação deste tesouro foi uma das maiores surprêsas que regista a história da arte. Em Faesto, também na ilha Creta, um sábio italiano, Halbher, teve a felicidade de achar mais dois palácios ou museus de arte grega antiga.

Além de boas pinturas murais, é digno de particular referência um vaso de esteatite preta, no bôjo do qual passa uma procissão de ceifeiros, maravilhosamente mexidos e respirando hilaridade.

Coordenando os documentos novos relativos ao passado longínquo da Grécia de antes de Homero, os arqueólogos distinguem actualmente três períodos: 1.° o período *egeu* (de 3000 a 2000 A. C.); 2.° período *minoense* ou *cretense*, de 2000 a 1500 A. C.); 3.° o período *micénio* (de 1500 a 1100 A. C.). Estas civilizações formam cadeia e tôdas se reflectem nos poemas de Homero, que estariam já divulgados cêrca de 800 anos A. C..

No intervalo da civilização *micénia* a Homero ter-se-á dado uma catástrofe semelhante à destruïção do Império Romano pelos bárbaros. Tríbus guerreiras, vindas da Grécia do Norte, entre outras a dos Dórios, pelos anos de 1100 (um século depois da guerra de Tróia) teriam destruído a civilização *micénia* e submergido a Grécia na barbárie. Mas a civilização

não teria perecido completamente. Diversas tríbus, fugindo diante dos invasores, ter-se-iam refugiado nalgumas ilhas (Quios e Chipre), nas costas da Ásia Menor, e na Síria: êstes povos herdaram em parte a civilização micénia. Daqui nasceram os poemas de Homero, que celebra a glória extinta das cidades e famílias realengas da velha Grécia.

Chama-se hoje *idade média helénica* ao período quatrocentos anos, que decorre desde a derrota dos Micénios ao recomeçar da civilização na Grécia.

Antes das escavações de Schliemann, o que era renascimento era tomado como princípio original, absoluto. Êste infatigável explorador acrescentou mais de dez séculos à história da arte e da literatura gregas. (Cf. S. Reinach, *Apollo*, p. 31 a 35; *Chroniques d'Orient.*, *passim*).

Da arqueologia homérica pode tomar-se uma indicação para a literatura de Homero, útil para fixar uma singularidade do *estilo de rapsódia*, formado por *falas de maravilha* e *exclamações de basbaque*, em doses muito variadas. O elemento basbaque persistia na arte grega, desde velhos tempos, como se vê no volantim ou acrobata da parede de Tirinto; Homero na *Ilíada*, raps. XV, vv. 179 e ss., multiplicou por quatro a dose de burlesco da pintura do velho palácio. O trecho de Homero, em *estilo rapsódico*, é apròximadamente o seguinte:

De tempos *àquela* parte andava Heitor a dizer entre os Troianos:

— Se quereis saber o que é o alma-do-diabo de um pirata, deitai-lhe o fogo ao barco.

Quási não dizia outra coisa, mas aquilo não lhe saía da bôca; êle falava no pirata, mas todos sabiam que o que êle queria dizer era só isto:

«Se querem ver assanhado o grego, deitem-lhe o fogo ao barco». E as palavras tanta vez foram ditas que se fizeram de lume, e pelo menos um barco não tardaria a arder.

¡Então é que foram elas! Tôda a piratarla ficou danada. Ora, entre os Gregos, havia um latagão, grande como um pinheiro e largo como umas casas, mas leve e ligeiro como uma pena; e parece que tôda a braveza da malta se lhe meteu no corpo: saltava como *daimão*. Dera por paus e por pedras; depois, em paga, dava pancada de cego e de criar bicho...

Vejamos como o herói grego se agüenta no balanço ou difícil lance, equilibrando-se na ofensiva e defensiva com agilidade maravilhosa.

«Et il ne plut point à l'ame du magnanime Aias de rester où étaient les autres fils des Akhaiens. Et s'avança, traversant les poupes des nefs et agitant un grand pieu cerclé d'airain et long de vingt-deux coudées. Comme un habile cavalier qui, ayant mis ensemble quatre chevaux très agiles, les pousse vers une grande ville, sur le chemin public, et que les hommes et les femmes admirent, tandis qu'il saute de l'un à l'autre, et qu'ils courent toujours; de même Aios marchait rapidement sur les poupes des nefs, et sa voix montait dans l'Ouranos, tandis qu'il excitait par de grandes clameurs les Danaens a sauver les tentes et les nefs». (Leconte de Lisle).

«No le era grato al corazon del magnanimo

Ayante permanecer donde los demás aqueos se habian retirado; y el héroe, andando a paso largo, iba de nave en nave llevando en la mano una gran percha de combate naval que medía veintidós codos y estaba reforzada con clavos. Como un diestro cabalgador escoge cuatro caballos entre muchos, los guía desde la llanura a la gran ciudad por la carretera, muchos hombres y mujeres le admiran, y él salta continuamente y con seguridad del uno al otro, mientras los corceles vuelan; así Ayante, andando a paso seguido, recurría las cubiertas de muchas naves y su voz llegaba al éter. Sin cessar daba horribles gritos, para exhortar a los dánaos a defender naves y tiendas». (Luis Segalá y Estalella).

«O magnânimo Ajax entre os consócios
Não quis ficar; naval brandindo chuça
De alguns vinte dous cúbitos, com pregos
Reforçada, ao convés de uma das pôpas
O passo largo monta; e, como eqüestre
Volantim, que do campo uma quadriga
Toca para a cidade e as ruas corre,
De cavalo em cavalo aos pulos sempre,
Mulheres e varões embasbacando,
De convés em convés o herói saltava;
Sobe aos astros a voz, que assídua os Gregos
A proteger instiga as naus e as tendas».

(Manuel Odorico Mendes).

VIII

Problema homérico de solução mui difícil

«¿Que faria e diria Helena, quando se viu velha? Umas vezes riria do desatino com que por ela se cometeram tantos excessos; outras choraria ver que em seu rosto, ídolo de tantos olhos, executara o tempo tão cruel sentença. Para os curiosos e curiosas referirei o que de suas feições escreveu a fama e Dáris Frígio (1), testemunha de vista, em um livro que fêz da guerra troiana (Dáris Phrygius, *in l. De Bello Troiano*) e os autores o alegam, conservado daquele século (*Apud* Brit. *Monarch. Lusitan.* I tit., 19, ad *fin.*).

«Era alva do rosto; testa moderadamente espaciosa; olhos amorosos (não declaram a côr); sobrancelhas arqueadas; nariz afilado; bôca pequena e graciosa; garganta bem tirada; alta de peitos; os pulsos e as mãos torneadas, e estas compridas; largo o cabelo; corpo bem proporcionado: e tôda com tanta graça que parecia ramalhete da natureza. Diz Dáris que entre as sobrancelhas tinha um sinal (não sendo aquêle lu-

---

(1) O dicionário de Ambrósio Calepino ou *Septem Linguarum Calepinus, hoc est Lexicon Latinum, variarum linguarum interpretatione adjecta,* faz menção de um Dares ou Darete, *historicus phrygius, qui primus bellum Troianum, cui ipse interfuerat, græce conscripsit, quod postea ab aliquo deterioris aevi scriptore latine conversum est.* Certamente o Darete que escreveu em grego a *Guerra de Troia* não foi o Darete, sacerdote de Hefaisto, de que fala Homero no princípio da V rapsódia da *Ilíada*.

gar próprio para êle, realçava tudo de modo que como pedra preciosa, dava lustre a tão rico engaste). Finalmente, por aquêle milagre de beleza (assim lhe chamavam todos) davam Gregos e Troianos por bem perdidas as vidas a trôco de terem em suas terras aquêle tesouro.

«Meteu em guerra não sòmente os homens, mas também disseram os antigos que seus deuses na guerra troiana pelejaram com maior fervor que contra os gigantes, que os queriam lançar do céu, porque sôbre a causa de Helena pelejaram uns deuses contra os outros». (António de Sousa de Macedo, *Domínio sôbre a Fortuna e Tribunal da Razão*, c. VI).

Para bem se avaliar o árduo da questão, veja-se o que o mesmo autor, em outra obra sua (*Eva e Ave*, parte II, c. III) escreve acêrca da terrível batalha dos gigantes.

«Contam os poetas que [os gigantes] presumiram lançar do céu a Júpiter e aos mais deuses e, para chegarem ao céu, em Macedónia nos tempos de Flegra (donde lhes veio o epíteto de Flegreus) puseram o Ossa e o Olimpo, montes altíssimos, sôbre o Pélion. Com mêdo destas preparações fugiram os pobres deuses para Egito e ainda lá se disfarçaram em figuras de vários animais — Júpiter se transformou em carneiro, Apolo em corvo, Baco em cabrão, Mercúrio em cegonha, Juno em vaca, Diana em gato, Vénus em peixe e assim os mais em outras sevandijas. — Aconselhado Júpiter da sábia Palás, chamou em seu favor a Hércules e, confiados neste socorro, tornaram os deuses para o céu. Rompeu-se a batalha, na qual os Gigantes, em vez de pedradas ou pélas de chumbo, atiravam com

os montes maiores do mundo, que voavam por êsses ares como uns pássaros. Encélado atirou com o Pindo de Tessália, Porfírion com o Pangeia de Trácia, Adamastor com o Ródope de Macedónia, e assim os outros com os maiores que havia: se caíam na terra, tornavam a ficar serras e montes, pôsto que em outra parte; se no mar, ficavam ilhas; havia gigantes como Egeu ou Briareu que atiravam juntas cento destas pedradas, porque tinham cem braços e cem mãos, despedindo um bando de montes como estorninhos.

«Chegaram muitos a entrar no céu à escala vista; e esteve o sucesso mui duvidoso. Hércules, envergonhado de que prevalecessem onde êle estava, esforçou uma seta, com que matou Alcioneu, que entrara dos mais bravos; mas o gigante tinha tal habilidade que ressuscitava quando queria e com maiores fôrças, até que Minerva, que pelejava como uma amazona, o investiu com tal ímpeto que o lançou do céu da Lua abaixo e, como caíu de tão alto, era fôrça que se fizesse pedaços sem remédio. Porfírion, que entrara junto dêle, se dava já por tão senhor do campo que, sem esperar mais, quis logo pùblicamente, sem pejo, forçar Juno à vista e nas barbas de Júpiter seu marido; mas êste acudiu, acompanhado de Hércules, sem cuja companhia se não atreveria, por mais que a *honra* o *picasse*, e castigaram com morte tamanho atrevimento. Efialtes, que também subira, era tão esforçado que brigou só com Apolo e com Hércules; Apolo lhe tirou o ôlho esquerdo e Hércules o direito, e assim o mataram, que fôra impossível, se não estivera cego. Os mais deuses e deusas pelejavam como para si e se houveram de modo que, matando muitos gigantes,

puseram os mais em retirada, mas devendo-se a maior glória a Hércules.

«Júpiter então cobrou mais ânimo e, jogando com artilharia de raios, derribou três vezes aquêles montes, porque os inimigos não tivessem escada para tornar a subir; e êles outras tantas vezes os puseram uns sôbre os outros, tão porfiados estavam. Finalmente foram os Gigantes vencidos, abrasados, mortos e metidos seus corpos, ossadas e cinzas debaixo de ilhas e de grandes montes, porque lhes não fôsse a terra leve (como os antigos punham nas sepulturas — *sit tibi terra levis* —) e se não tornassem a levantar».

¿Que diria, pois, Helena, comparando a batalha dos Gigantes com a guerra de Tróia?

Diria que a primeira foi mais rija, mas breve; a segunda se prolongava indefinidamente. A primeira se feriu no céu e no intermúndio ou terra-de-ninguém; a segunda degenerou em lutas intestinas. Na primeira, os deuses combatiam juntos; na segunda, bandearam-se nos dois exércitos, e a guerra alastrou pelos céus e terra.

E mais pensaria Helena... mas se bem o pensava, melhor o dissimulava, porque era princesa de alto porte... que pior ia sucedendo a Júpiter ou Zeus, no caso de Porfírion com Juno ou Hera, do que ao triste e infeliz Menelau, o qual, por caprichos do destino, sem culpa de ninguém, se achou no rol dos mal-casados.

«Mas, enfim — continua o Doutor António de Sousa de Macedo no citado capítulo sexto da sua obra *Domínio sôbre a Fortuna e Tribunal da Razão* — tôda aquela fábrica de perfeições veio a ficar como edifício sumptuoso, de que não aparecem mais

que as ruínas; e ela, vendo-se em tal estado, dizem alguns que se enforcou».

...E também pode ser que Helena, como de Europa refere Horácio, «borrachão jucundo», ou «poeta agudo, judicioso, claro, elegante e cortesão», suplicasse aos deuses que a comessem os lôbos (Horat., *Ode* 27, l. 3).

IX

Breve esclarecimento sôbre a presente tradução

(A António Sérgio)

Na *rapsódia* X, a razão que apresenta Diomedes para tomar a Odisseus por companheiro na emboscada é que o Laértida pensa egrègiamente:

epeì perìoide noêsai (v. 247).

...*epeí*, porque; *perí*, superiormente, mais que todos; *oide*, sabe; *noêsai*, pensar.

Quando o Tidida alegou que era melhor ir bem acompanhado do que ir só, não disse que lhe faltava audácia para a façanha, mas que se requeria mais inteligência. — Se declarasse que tinha mêdo, já os Gregos lhe saberiam responder — «quem tem mêdo compra um cão». —

«Quando um homem marcha só — filosofava o herói — não lhe voa longe o pensamento; por mais que puxe pela cabeça, sai minhoca... Indo camarada que saiba pensar, a astúcia do segundo redobra a audácia do primeiro, e a audácia do primeiro apura e afina a astúcia do segundo. ¡Os dois somos capazes de entrar pelo inferno dentro!

...*Kaì ek piròs aithoménoio, etiam ex igne ardenti ambo redierimus*».

A expressão «pelo inferno dentro» não segue o movimento da frase grega; *kai ek piròs aithoménoio* melhor se traduz assim: ¡e, se nos deitarem fogo ao rabo, mais depressa voltaremos! Em linguagem mais séria e circunspecta dir-se-á: «¡está vencida ou superada a prova de fogo!». Não se fala aqui, evidentemente, do fogo com que el-rei

Agamemnão aquecia os seus caldeiros, mas de fogo metafórico, como no verso:

«Almas de fogo que um vil mundo encerra».

O lume ateou-se nos *sujeitos*, não nos *objectos*.
As palavras de Diomedes (ou de Homero) são muito belas: «Prefiro Odisseus a todos os nossos Heróis, porque êle, mais que todos, sabe pensar». Quem proclama o primado (quási revindicação) da inteligência é o guerreiro mais corajoso e audaz do exército grego (Aquileus não conta, por ser personagem de ficção, por sinal muito estapafúrdia). A predilecção do poeta pelo herói de palavra franca e bem timbrada — *boèn agathòs Diomedes* — é manifesta, até pelo facto de ser êle o incumbido de dar expressão a tão nobre sentimento, não só característico da alma do poeta, mas também do espírito helénico.

Homero não se esqueceu de autorizar a bela sentença de Diomedes com todo o peso da tradição panacaia. Na rapsódia XXIII (v. 313 e ss.), insiste na apologia da inteligência. Nestor, a crónica ambulante da velha Grécia, ensinando Antílocos, seu filho, a guiar o carro, recomenda-lhe:

«Antes de mais nada é necessário encher essa cabeça de idéias; idéias de tôdas as formas e feitios. Sem idéias, podes tirar a idéia do prémio; ficarás de mãos a abanar. Pela idéia o lenhador ou rachador vale mais que o machado. É com a idéia que o pilôto governa o navio. Pela idéia, o cocheiro ganha ao cocheiro a dianteira. Quem se fia de cavalos e rodas de carro, gira muito, mas não faz caminho», etc..

As belas palavras de Diomedes em louvor da razão devem ler-se, pelo contexto, como sublinhadas a traço de oiro: homem só, mesmo se lhe dá para magicar, não lançará a idéia longe: sem amizade, o pensamento não anda...

Estes «lugares» de Homero, se me não deram muito trabalho na tradução, deram-me muito que cismar...

A inextinguível sêde de amizade que experimenta o nosso espírito... A necessidade que tem o homem de se amparar em outro homem...

Primeiro, lembrou-me o caso de Forli, na biografia de Santo António: o Santo, quando se ofereceu a ocasião, quando teve auditório, revelou-se orador portentoso... Pudera! nem podia ser de outra sorte. Ninguém, a sós, pode saber se é ou não facundo; ou o Santo havia de andar a falar só, como maluco?

Depois, fui procurar e reler na *Imagem da Vida Cristã*:

«A pronta atenção de quem ouve afina o juízo de quem fala».

¡Enfim, sempre a mesma coisa: sem o calor de peito humano, transmitido num abraço de fraternidade, o pensamento não anda!

Depois, perpassaram-me no espírito, se não muitas imagens de grandes amigos, muitos exemplos de nobres dedicações. Em mitologia astral, Castor e Pólux. Da fábula, Hércules e Teseu. Nos tempos heróicos, Orestes e Pílades; Acates e Eneias, Aquiles e Pátroclo. Em filosofia, os atomistas Epicuro e Metrodoro de Lâmpsaco, os pitagóricos Dámon e Pítias, Plotino e Amélio, Timágoras e Melotes Ateniense. Em política, Dario e Megabizo, Xerxes e

Boges, Alexandre e Efestião, Aristogíton e Harmódio. Na arte e retórica, o escultor Fídias e o agoreta Pário.

...S. Pedro *mais S. Paulo* andam juntinhos na *confissão;* e, na *ladainha* de Todos-os-Santos, S. Cosme e S. Damião...

Entre outros, na moderna literatura portuguesa deram bom exemplo de amizade Garrett e Herculano; Antero e Oliveira Martins, Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, Teixeira de Pascoais e Raúl Brandão.

Oliveira Martins caracteriza assim as relações com seu grande amigo:

«Discutindo em permanência, discordando freqüentemente, ralhando a miúdo, zangando-nos às vezes e abraçando-nos sempre».

...Até no caso de Fausto e Mefistófeles se podem ver as vantagens da parçaria: Ficou Fausto com o prestígio de bruxo e o Diabo aprendeu alemão...

¡Foi pois Homero quem melhor cantou a alteza da inteligência e a nobreza da amizade!

Sôbre a voz sonora de Diomedes, também nos versos de Homero (*Odisseia*, XI, v. 301, 304), canta uma linda estrêla...

Hoje, no céu, ouve-se ainda
O Dióscoro a cantar:
«Ó Morte, eu dou-te a vida
Para o meu irmão (1) brilhar.»

---

(1) Irmão, objecto desta cantiga: P.[e] Joaquim Alves Correia.

O astro que assim canta no céu é Pólux, irmão de Castor. Ambos filhos de Leda, Pólux teve Zeus por pai e Castor a Tíndaro. Daqui veio o poeta a dizer que um é de sua natureza mortal e o outro não pode morrer. Pólux, movido de terna amizade pelo irmão, propôs-lhe o gôzo alternado da vida eterna, refulgindo cada qual sua noite no céu.

X

Quem ensinou os Portugueses a falar

Data de muito longe a memória, pelo menos vestígio, de «nossos pais antigos», tão velhos como o mundo ariano. Não se pode dizer, com rigor, de qualquer gente ou nação que fôsse mestra do português, seja lícito, muito embora, a título de adulação ou deferência, chamar a um bom autor «mestre da língua».

Em filologia, a língua portuguesa foi coeva do que se conhece de mais primitivo, assim como o é, em arqueologia, o território de Portugal.

A sábia balela de um português, filho do latim, obriga-nos a imaginar uns íncolas dêstes sítios mudos como petos até à chegada dos Romanos, por 211 A. C., desatando-se-lhes então para a palra as línguas de pêgas. Por aquêles tempos, os Penguins de uma ilha do Norte tinham asas, e não voavam; os Iberos tinham língua, mas não falavam...

Jorge Macaulay Trevelyan começa a sua *História da Inglaterra* por estas palavras: «a história do homem e da civilização nas Ilhas Britânicas é antiqüíssima»... (Trad. pelo Dr. Vitorino Magalhães Godinho, «Edições Cosmos»).

Mas também se há-de dizer: a história do homem e da civilização na Grécia é antiqüíssima; a história do homem e da civilização na Península Ibérica é antiqüíssima; a história do homem e da civilização em França é antiqüíssima; em Itália a história do homem e da civilização é também antiqüíssima. Mas a história da fundação de Roma é fábula recentíssima; e o ente colectivo «Populus Romanus»

nasceu muito tarde para se constituir em primogénito e herdeiro universal do mundo.

«O nosso território foi ocupado pelo homem desde os mais remotos tempos pré-históricos. A esta conclusão leva o achado de alguns utensílios que remontam à idade da pedra lascada ou *paleolítica*, e os abundantes *restos de cozinha* do Vale do Tejo e Sado, pertencentes à última fase dessa idade.

«Não são suficientes os elementos que possuímos para nos esclarecer com segurança acêrca do mais antigo centro de povoamento dêste recanto ocidental ibérico, mas uma idéia geral podem dar-nos, entretanto, sôbre as condições geográficas da distribuïção do homem nos tempos pré-históricos.

«Algumas estações paleolíticas têem sido descobertas no nosso território. Tudo quanto pode dizer-se pela distribuïção das já conhecidas é que elas se relacionam de maneira muito notável com o curso inferior do Tejo: é, com efeito, nos arredores de Lisboa e nos *concheiros* de Muge, que nos aparecem os mais antigos vestígios da existência do homem pré-histórico. As outras estações paleolíticas distribuem-se de preferência na região litoral (Furninha, Caldas da Rainha, Leiria, Mealhada, arredores do Pôrto e sobretudo no litoral minhoto).

«Do *neolítico*, ou idade da pedra polida, já os testemunhos monumentais que chegaram até nós permitem tirar mais numerosas e sobretudo mais seguras conclusões. Monumentos funerários construídos de grandes pedras ou *megalíticos*, que chegaram até nós nos seus restos ainda imponentes, ou no rasto que dêles ficou na toponímia, dão-nos uma idéia muito precisa da distribuïção das populações

que os levantaram, as quais deviam habitar em sítios não muito afastados.

«Mais ainda. Constituindo as primeiras obras materiais em que o homem inscreveu os seus pensamentos e as suas aspirações nas nossas paisagens, revelam também já no arrôjo da sua construção, a par da idéia da imortalidade da alma, uma forte organização colectiva, notável grau de civilização, e, por tais motivos, um incontestável adensamento populacional.

«Pode dizer-se que êsses monumentos megalíticos se localizam de preferência em esplanadas abundantes de água, que visìvelmente condicionavam a existência do homem pré-histórico. A analise [de um] esbôço da sua distribuïção, onde se representam por sinal alegórico os lugares a que se aplicou a designação de *anta, antela, arca, orca, mâmoa, mamoa, morouço*, mostra que a população pré-histórica do nosso território, tal como hoje sucede, se adensava mais ao Norte do que ao Sul, e mais ainda no litoral que no interior.

«O que veio a constituir depois a região do Noroeste português era já então a zona mais povoada, para o que sem dúvida contribuíu também o relêvo do solo, cuja profusão de cabeços fàcilmente adaptados à defesa exercia notável atracção sôbre o povoamento humano daquelas remotas eras. E pode talvez vislumbrar-se já no esbôço que apresentamos uma das características dominantes da distribuïção da população na actualidade: mais densa e mais dispersa ao Norte, mais rarefeita e mais aglomerada ao Sul.

«Com o conhecimento e uso dos *metais*, e ainda antes da existência de qualquer documento escrito,

que o mesmo é dizer do comêço da época histórica pròpriamente dita, numerosos vestígios ficam marcando já na face do território, não apenas a existência e actividade do homem, mas até a distribuïção dos seus principais núcleos de povoamento. Queremos referir-nos aos vestígios de antigas povoações fortificadas ou *castros*, que, dizendo aliás respeito a épocas muito diversas, e podendo atribuir-se até, muitas vezes, aos tempos francamente pré-históricos, são entretanto característicos daquela época de transição que precedeu a chegada dos Romanos à Península Ibérica. (A. de Amorim Girão, *Geografia de Portugal*, p. 214, 216).

Em muitas terras, quási por tôda a parte, a história do homem é antiqüíssima. A história da civilização, que é também antiqüíssima, não se circunscreve por fronteiras regionais; é obra de uma vasta cooperativa de desvairadas gentes, de mui variadas côres, — alvos, trigueiros, apretalhados —, cabeças de todos os feitios — dólico — braquí-mesocéfalos —, de cabelos aos anéis ou em torcidas... Historiadores e arqueólogos são unânimes em afirmar que os Iberos, cêrca de dois mil anos antes de Cristo, já eram civilizados.

¿E como se pode saber se o indígena, nosso vizinho, ou o alienígena, que nos visita, é ou não civilizado?

— Naturalmente, ouvindo-o falar...

— Mas quem foi o arqueólogo que falou nunca com o Ibero?

— Ora essa! A linguagem não é criatura, não teve criador; não procede de pai nem de mãe. Nasceu do convívio (de nacionais e estrangeiros); é

um dom conatural ao homem, efeito imediato do princípio de sociabilidade. Se a linguagem não tem pai nem mãe, transmite-se contudo de pais a filhos; assim, ouvindo os Iberos actuais, dalguma sorte se ficará sabendo o modo de falar dos velhos Iberos. Pelo primeiro princípio, de que a linguagem nasce do convívio, como os Iberos eram cooperadores e beneficiários da sociedade das nações, naturalmente exprimiam-se na linguagem ecuménica, que era o grego, a formosa língua da civilização. Incontestàvelmente foi Homero o melhor mestre de grego...

O que eu queria dizer quando escrevi a epígrafe — *Quem ensinou os Portugueses a falar* — é um pouco diferente; e era: quem ensinou os Portugueses a falar... foi Homero!

Para dar alguma verosimilhança ao meu paradoxo, despropósito ou disparate, vou transcrever um trecho da *Ilíada*... que o Leitor vai ficar, se não assombrado, pelo menos admirado. E para que não digam que eu torço a meu jeito a frase de Homero, reproduzo os versos de Odorico Mendes. Antes do combate, dois heróis, Aquileus e Aineias cumprimentam-se por êstes têrmos:

Já frente a frente o pé-veloz começa:
«¿Porquê, Eneias, tão fora estás da linha?
Vens combater comigo, e imperar contas
Nos cavaleiros Teucros? Se venceres,
Príamo em tuas mãos não larga o cetro,
Que há prole e mente sã. Talvez esperas,
Por matar-me, vinhedo e férteis veigas?
Árdua emprêsa, pois cuido que esta lança
Talvez te afugentou. Lembras-te quando,
Longe dos bois, do Ida rechacei-te?

Nem para trás olhavas na carreira,
Até Lirnesso. Com Minerva e o Padre,
A Lirnesso abati, privei do livre
Dia as mulheres e comigo as trouxe;
Mas Júpiter salvou-te: hoje em vão pensas
Que êle te salve. Às linhas te recolhas;
Evita o meu furor, foge, que é tempo.
Do êrro tarde o insensato se arrepende».
Retorque Eneias: «Eu não sou, Pelides,
Criancinha que assustes com palavras,
Posso também de injúrias carregar-te.
...Mas loquela infantil cesse entre armas,
Podemos ambos despejar opróbrios
Que uma nau de cem remos abarrotem;
Que a língua é sôlta e infindos os dictérios,
E trôco é de um convício outro convício.
Mas para quê ralharmos quais mulheres
Que, na rua assanhadas altercando,
Se insultam com verdades e mentiras?
Pronto a pugnar, teus ferros não me aterram,
¡Eia, as lanças de perto experimentemos!».

(*Il.*, v. 177 a 202, e 244 a 258).

Como se vê, a língua grega é mais cortante que espada. E a portuguesa também. ¿Quem forneceu o vocabulário para as chalaças de um José Agostinho de Macedo ou para as diatribes de um Camilo?

¡O «batelão de insultos», de que fala Homero!

Para meu cómodo, e também muito por meu gôsto, vou tirar muita doutrina de um filósofo enigmá-

tico (enigmático, por êle não ter querido dizer quem era). O livro de que me valho tem êste título:

Diccionario / da / Lingua Portugueza, / em que se acharão dobradas palavras do que traz Bluteau e todos os mais Diccionaristas juntos: a sua / própria significação: as raizes de todas elas: a accentua- / ção: e a selecção das mais usadas e polidas: a Gram- / matica Philosophica, e a Orthographia Racional / no principio, e as explicações das abbreviaturas / no fim desta obra. / Obra da primeira necessidade para todo / aquelle que quizer falar, e escrever com acerto a lingua / Portugueza; por ser impossivel, que pelos Livros atégó- / ra impréssos possa algum saber a terça parte do idiô- / ma Portuguez. / Composto / por / Bernardo de Lima, / e Mélo Bacellar, / Prior no Alentejo, &C. /. Lisboa: / *Na Offic. de José de Aquino Bulhoens. / Anno de MDCCLXXXIII / Com licença da Real Mesa Censória.*

Desde já faço minhas as palavras do filósofo «Prior no Alentejo», escritas em nota ao seu «Prólogo»:

«Na Introdução Gramatical, n.º quatro, provo, com evidência histórica, que os Portugueses são colónias gregas antiqüíssimas (ou Arianos antiqüíssimos) e que falaram um dialecto grego até à era... até que foram dominados pelos Romanos completamente. Se êsses Romanos (ou Latinos), por serem também colónias gregas, falavam a terça parte em grego (o que se vê conferindo os dicionários gregos com os latinos) e os Portugueses, recebendo-os, conservaram uma têrça da língua antiga, segue-se que ficaram com duas terças gregas e uma latina».

Hoje não os temos (as duas têrças) na ponta da

língua, mas ficaram-nos em certos jeitos e trejeitos da bôca e no falar.

Continua o Reverendo «Prior no Alentejo &C.»:

«Nestes últimos séculos se adoptaram muitas palavras do latim e se antiqüaram ou perderam as gregas, por ser língua [de que] ignorávamos [a gramática]. No tempo dos Suevos e Gôdos havia muitos régulos portugueses, segundo Idácio coevo. Êles nos dominavam por intercessão dos prelados, o que consta dos concílios, leis e inscrições, que existem. Também dos Árabes não tomamos a língua como os Castelhanos, porque não nos dominaram na ametade setentrional, segundo os autores árabes que traz Argote, na *Hist. Brac.* Os Hebreus ou Judeus sempre falaram a língua dos seus dominadores. Nos Franceses e mais povoadores não procuro as raízes da nossa língua, mas em aquelas em quem estes as procuram».

«Procurei as etimologias... nos dicionaristas gregos e latinos e de mais línguas, os quais não admitem palavras bárbaras. Firmado em vários princípios, antepus a etimologia grega à latina, esta à árabe, hebraica, goda e às de línguas vivas, quando a igualdade de letras ou de sons o permitiu. Do que se segue que não sou etimologista rijo, mas racional e bem moderado.

«Eu sou aquêle que não faço a selecção de vocábulos pela etimologia em primeiro lugar, mas em terceiro sòmente. Estas são as regras que me guiam: todo o vocábulo, que fôr muito mais usado pelos Sábios da Nação, vence o vocábulo seu competidor, ainda que êste o preceda na melhoria de consonância e etimologia. Todo o vocábulo que tiver melhor consonância vence o seu competidor, ainda que êste

tenha igual uso e melhor etimologia. O vocábulo que tiver melhor etimologia vence o seu competidor, ainda que êste seja igualmente harmónico, contanto que seja menos usado».

Parece que sôbre meu precioso alfarrábio do «Prior no Alentejo» passou algum dia o riso malicioso de Garrett, pois em *Dona Branca,* (C. VI, est. XII) alude ao «Dicionário»,

Que traduz — *tristris* — pratos quebrados».

No dicionário do Prior lê-se, efectivamente, coisa parecida: «Tris-tris, som de vidro quebrado». Com segura erudição, aí aparece relacionado o têrmo com o grego *Trismós,* «som rápido e fino», em oposição a *troada,* do grego *throos,* «som confuso e grosso».

Garrett ficara «desapontado» com o mirífico vocabulário por nêle não ter achado uma etimologia que desejava e era a de *Baetas,* nome extravagante que as beatas do Pôrto davam ao mafarrico (sujeito rico de má-fé) pelo teor destas etimologias bastante *isidoro-sevilhanas*).

O poeta é que não estava bom de cabeça... ¡pois não foi procurar *Baetas* junto de *Tristris!*

Se buscasse no lugar próprio, lá acharia:

«Baeta, pano da Baécia ou Baética». A manta do diabo, que tanto encobre como descobre, é de baetão. Por isto, se êle (diabo) às devotas *tripeiras* chamava *beatas,* elas devolviam-lhe a injúria, com tôdas as letras: *Baetas!*

Satisfeita a curiosidade do poeta, vejamos quem poderia ser o filósofo «Prior no Alentejo».

O *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio regista:

«Fr. Bernardo de Jesus Maria, franciscano observante da província de Portugal. Da sua naturali-

dade, nascimento e óbito, nada tenho apurado até agora».

No prólogo do famoso *Dicionário*, Fr. Bernardo diz de si: «não tendo ainda 48 anos»... Em 1783 teria 47 anos. Se o prólogo foi escrito no ano em que foi editada a obra, o autor nasceu em 1736.

«Escreveu:

Grammatica philosophica e orthographia racional da Lingua portugueza, para se pronunciarem e escreverem com acerto os vocabulos dêste idioma. Lisboa, na Off. de Simão Thaddeu Ferreira, 1783 8.° de 196 pág. (Vem também reproduzida no princípio da obra seguinte).

«Diccionario da Lingua portugueza, etc. (obra já descrita). Esta tentativa, anterior de alguns anos, como se vê pela data, à publicação da primeira edição do Dicionário de António Morais Silva, faz por certo honra aos bons e patrióticos sentimentos do autor, cujo zêlo inconsiderado o levou a tentar uma empresa na verdade superior às suas fôrças, e para a qual lhe faleciam os elementos e espécies necessárias. À fôrça de querer ser conciso e sistemático em demasia, tornou-se escuro e por vezes ridículo; e nas extravagantes investigações etimológicas adoptou opiniões insustentáveis, e só próprias de um espírito irreflexivo que, deixando-se dominar por idéias antecipadas, vê tudo através do prisma de uma imaginação preocupada. A obra, logo que saíu à luz, começou a servir de alvo aos apodos e sarcasmos dos críticos; e há quem diga que a autoridade pública interviera, mandando retirar da circulação os exemplares, que por isso chegaram a tornar-se raros, etc..

Arte e Diccionário do Commércio e Economia

Portugueza. Lisboa, por Domingos Gonçalves, 1784. 8.º de 215 pág. (Sem o nome do autor). — Obra cujo conteúdo está bem longe de corresponder ao título, e da qual, não obstante isso fala com muito louvor o sábio João Pedro Ribeiro nas suas *Reflexões Históricas*, parte I, 113. Contém na verdade muitas espécies estatísticas e comerciais daquêle tempo, recolhidas com diligência e curiosidade e que, apesar de sucintas, podem aproveitar aos estudiosos das coisas nacionais».

Pelo visto, era franciscano «O carmelita autor do Dicionário», de que zombou Garrett e, antes e depois foi «alvo dos apodos e sarcasmos dos críticos». Mais se terá rido dos sábios da nação o bom do frade, detrás da «cara de presunto» do fictício «Prior no Alentejo».

São na verdade engraçadas algumas das definições nominais que se podem respigar no *Dicionário* chamado *do Bacelar*; pitorescas, um tanto originais, mas não risíveis. «Bisbis, som do que parece rezar»; «Zângão, abelha macha»; «carneiro, ovelha macha», não serão explicações muito elegantes; mas há pior, em linguagem cortesã: ¿ao *homem* de um rei-de-saias não se chama «príncipe consorte»? Nestes casos tenham paciência os maridos; não foi por culpa do dicionarista que o nome específico ficou no género feminino.

E onde se encontrará definição mais precisa e concisa do que esta: «mulher, fêmea racional»?

Geralmente, as definições de Fr. Bernardo de Jesus Maria estão certas. Não é por elas que se explica a fúria dos eruditos contra o pobre frade, levada ao extremo, se é verdade o que diz Inocêncio, de lhe apreenderem os exemplares do *Di-*

cionário. Se assim foi, a indignação dos *sábios* era como raiva de cão que morde as pedras por não poder chegar com os dentes a quem lhas atirou. Dir-se-ia que o tão celebrizado *tris-tris,* reforçado do grego *trismós,* não *quebrava pratos,* nem *partia vidros,* mas fazia estalar de alto a baixo a miragem latina sôbre a língua portuguesa.

Não era nas *etimologias gregas* que a crítica aferrava o dente. Fr. Bernardo fazia em paz as suas congeminações, aproximando o português do grego, têrmo a têrmo, e não houve ninguém que se lhe atrevesse.

No dicionário de Fr. Bernardo a filhação do português ao grego é feita mais pela consonância dos têrmos e alguma anologia de significado, do que por derivação, estabelecida com algum método; mas, para efeitos expressivos, a consonância e significação são os elementos essenciais.

Algumas amostras do muito original processo do dicionarista:

Apisto, do grego *ápystos,* «o que não pode cuspir». (Cândido de Figueiredo regista *Aptyalia,* ou *aptialia,* falta momentânea ou mórbida de saliva. — Do grego *a* priv. *ptualon*).

O têrmo português *arma* compara-se com o grego *ármenon,* que significa, segundo Bailly, aparelho de navio, instrumentos de trabalho, utensílios.

Arganás (argo mys), ocioso rato, ou que dorme todo o inverno.

Argamassa (argaios massós), bitume grego.

Arisco (ariscydes), muito irado; *arnaglossa,* língua de ovelha; *arpaxíbio,* o que vive de rapina; arpear *(arpazein),* puxar com ganchos; *arre,* de *arrèn* (macho) ou palavra de o estimular.

A interjeição «arrecocão!» traduz bem o burlesco juramento de Homero e Sócrates «Pelo cão!» ou «Por um cão!» *Aris rubor eliou*, grande vermelhidão do Sol. A locução adverbial *a reio* tem qualquer semelhança com o advérbio grego *arrepôs*, «firmemente (Bailly). *Banal* relaciona-se com *banaysa*, o «direito de cozer pão» como explica o nosso dicionário; o adj. *bánousos, a on*, significa o ocupado em trabalhos vulgares».

Vejamos agora donde nos vem esta ralé de palavras, ou reles palavreado, *bandalha, bandalho, bandalhar, bandalhado, bandalheira, bandalhice, bandarra, bandarrice*: pois vem de *pándoulos*, «servidora de taberna, vagabunda».

Bigodes: *bispogones*, «duas torcidas de barba». (*Bis* por *dis*).

Bersalho vem de *byrsa lithos*: significa «bôlsa de pedras finas».

Em «biscalho» há grego e latim: *bios aviculæ*, sustento de passarinho.

«Bisarrear, bisarramente, bisarreado, bisarria»... tudo isto está em duas palavras gregas, *byrsa rein*, «vasar a bôlsa, ser liberal».

...Só duas *etimologias* mais, mas estas, sôbre tôdas, excelentes: *barriga* pode traduzir-se em grego por *bary-gastêr* ou *bareïa gastêr*; *barimbau* (berimbau, brimbau) de *bary boas (Baru-bóas)*.

...Estou em dizer que não haveria português, no século XVIII (por 1783), capaz de se entreter com Homero em meia-hora de conversa, a não ser Fr. Bernardo de Jesus Maria. Ao despedir-se, lhe diria o autor da *Iliada*:

Boèn agathòs Bernardos adelphós.

XI

Novo problema que se levanta sôbre Homero

A ter razão um ilustre crítico (M. Antunes, *in-Brotéria*, vol. XL, fasc. 2, Lisboa, 1945) a minha versão de rapsódias degenerou um tanto em *cancioneiro alegre*.

Se assim fôsse, seria óptimo. Quem quiser chorar, olhe ao que lhe vai por casa e escusa de lamuriar sôbre a vida alheia: também isto é conselho de Homero, dito e repetido nesta mesma *Ilíada*.

Diz o crítico (aliás, cortês, benigno, muito amável):

O verso 166 da rapsódia II, que se interpreta — *Assim disse; e a deusa Atena de olhos brilhantes não desobedeceu* — foi assim traduzido:

Assim falava; a outra ouvia, de olhos fixos, mais redondos, como de mocho, e tão reluzentes que parecia cada um dêles maior que a cara tôda.

Confesso que ao ouvir falar o mestre Homero dos *brilhantes* olhos da deusa, me deixei fascinar por uns olhos *de mocho*, redondos faróis alumiando um bico adunco. Gosto mais de olhos de mocho; olhos, simplesmente *brilhantes*, podem ser de vidro.

Continua o censor:

«Já na rapsódia I traduzira o verso 551. — *Respondeu-lhe, em seguida, a venerável Hera de olhos de boi* por *E a venerável Hera, abrindo muito os olhos grandes, pestanudos, úmidos, como de vaca, lhe deu o trôco.*

«Em certos casos, o contexto poderá justificar, de algum modo, a atitude do tradutor. O que, porém, se pretende significar, ao aduzir tais exemplos, é a

exigência de sobriedade condizente com o original».

A «exigência de sobriedade» manda atenuar a expressão brutal, «olhos de boi»: «olhos como de vaca» não chegam a ser olhos de vaca nem de boi.

«Outro exemplo. No final da rapsódia 2, lê-se em Homero, traduzido à letra: *Mas depois que se pôs a brilhante luz do sol, estes (os deuses) retiraram-se para dormir, cada qual para os seus aposentos que o ilustre Hefaistos, de pernas tortas, lhe construíu com arte admirável.* Na tradução: *Quando se extinguiu o último clarão do dia, findas as festas, nem em raios pensava nem em trovões o olímpio Zeus : o que êle queria era dormir. Quando galo não vela, dormem pintos e galinhas, é dizer, todos os deuses foram dormir, dirigindo-se cada qual para os aposentos que lhe construíu mestre Hefaistos, que tem pernas tortas, de que todos riem, e mãos habilíssimas que todos louvam.* Em nota acrescenta o Articulista: «a palavra grega (o têrmo correspondente a *coxo*) tanto pode significar *de pernas tortas* como *de membros robustos*» (cf. Bailly, *Dictionnaire Grec-Français*. Esta «erudição» é inútil para o caso; porquanto o próprio Hefaistos declara ter nascido aleijado dos pés (rapsódia XVIII, 397) e por isto sua mãe o via com maus olhos (textualmente, *olhos de cadela ;* e tão *cadela* ou cabrazona era a desnaturada mãe que procurava os meios de dar cabo do filho).

Para êste trecho, procurei dispor na imaginação as personagens na mesma forma por que as ordenou Homero, excelente dramaturgo ou hábil empresário. Serviram de *ponto* para a fala de Zeus os dizeres

de um burguês andaluz que terminou um serão de família, a degenerar em desagradável controvérsia política, intimando: «*chicos, niñas, a la cama*».

Nos serões da bem-aventurança, no salão do Olimpo, no tempo de Homero, deuses e deusas absorviam-se demasiado em contendas políticas. Zeus não gostava, e carregava as sobrancelhas, dizendo: granisés, franganotas, ao poleiro!

Se o pícaro sevilhano tivesse de aturar *chicos* eternos e sempiternas *niñas*, não falaria de outra maneira.

A longa convivência justifica certas familiaridades de linguagem.

Prossegue o Crítico: «Exemplifiquemos, agora, de preferência, a outra faceta da imperfeição apontada. Na rapsódia VII, verso 117 lêmos no original — *Ainda que (êste) seja intrépido e insaciável de combates*...», e na tradução: ...*E êste há-de ser grande lambão de golpes e de pancadaria*...

¿Com que então, amigo Censor, a tradução de V. Ex.ª é «o original» e a minha tradução que se dê por contente de ser tradução? «Insaciável» não é grego; é palavra latina, um pouco *deslatinada*. O têrmo grego tanto se pode trocar por *insaciável* como por *comilão, lambão, comichoso, desejoso*. Parece-me que a minha versão se adapta bem ao estilo de quem fala, e quem está a falar é Sua Majestade Agamemnão.

Sua Ex.ª continua:

«Na rapsódia IX deparamos esta versão jocosa: ...*longa enfiada de cangirões alcatruzou da adega do velhote muito vinho, prontamente bebido* — do simples verso — *Muito vinho era bebido das talhas*

do velho». — ¡Protesto que não entrei na adega de ninguém! Tive pena do ancião, pela careta que êle fêz, quando se viu roubado... Mais reparos:

«Na rapsódia VIII, não consegui ver no original o rifão que o tradutor põe na bôca de Heitor, quando êste acicata os cavalos: *Persegui os fujões que dão terra para feijões*; no texto encontra-se apenas: *ephormateĭton* (verso 191) persegui».

Réplica. — Heitor não acicatava os cavalos, não usava de botas altas, não sabia montar, desconhecia a utilidade das esporas ou acicates. Para animar os corcéis de batalha, de pé no carro de guerra, fazia-lhes uma arenga e gesticulava com o chicote. *Ephormateĭton* é precisamente o «imperativo categórico» da exortação de Heitor aos seus cavalos de batalha. Para lhes mover os corações lembrou-lhes as sopas de vinho, de que Andrómaca os regalava, com mais festas e carinho do que dispensava a êle Heitor, que em tempos tanto tivera de se enfeitar por a ter por espôsa. Os cavalos corriam com o ímpeto proporcional à fôrça da eloqüência de tão belo discurso. ¡Se os Gregos não dariam terra para feijões! E tanto mais que já anteriormente três ribombadas seguidas do trovão de Zeus lhes tinham incutido grande mêdo.

Reproduzo mais algumas palavras da amável censura:

«Quis, apenas, dar breves exemplos daquela tonalidade cómica que o tradutor achou bem imprimir à sua obra. Nem falo já do muito sal com que salpicou as notas ao texto e o prólogo!»

Agradeço estas palavras, que me são muito agradáveis, menos se por elas se entender que eu «quis ser engraçado». Quando Homero me fêz rir, ri sem

constrangimento, mas sem o propósito de fazer comédia. Terei porventura «salpicado» as minhas notas; o texto de Homero, não. Êste grande poeta é como o mar; o mar é salgado; o Homero também. O mar, segundo um epíteto que lhe dá Homero, é «vinhoso»; «vinhosa» ou capitosa também o é por vezes a poesia de Homero — estonteia, faz andar a cabeça à roda.

O mesmo Crítico julgou ver na minha tentativa de interpretação «certo pendor natural para converter em *jocosas* passagens que o não são, ou para acentuar em demasia, exagerando-lhe o burlesco, aquêle doce sorriso homérico que sôbre a *Ilíada* se abre como luz suave em noite tenebrosa».

O Homero do «doce sorriso que sôbre a *Ilíada* se abre como luz suave em noite tenebrosa» poderá ser o sujeito de atribuïção de muitas frases lânguidas e dulçorosas que se lêem em hinos e rapsódias; mas não é êste o Homero que domina o conjunto assombroso dos grandes poemas, *Ilíada* e *Odisseia*. E aqui, sôbre Homero, nova questão se levanta: ¿o autêntico Homero é risonho ou soturno? cómico ou trágico?

Respondo terminamente, sem sombra de dúvida, sem poeira nos olhos, com o texto à vista: habitualmente risonho.

Os escoliastas da facção triste nunca foram nem são capazes de comentar, por exemplo, a descumunal facécia que se lê na *Ilíada* (raps. XIV, vv. 153 a 351, e raps. XV, vv. 1 a 77). A imaginação do poeta irrompe descomedida, desaforada, sôbre tôdas as convenções sociais de homens e deuses: a vida conjugal de Zeus e Hèra é exposta à irrisão pública em têrmos tais de sátira e galhofeiro atre-

vimento que nem Aristófanes desejaria ver em seu teatro tamanha desenvoltura.

A galante aventura de Zeus máximo e óptimo e de Hera, deusa suprema, no tálamo gigantesco que barra todo o horizonte astronómico... O divino entremês pode ter por título *Zeus Enganado*, *Engano doce e ledo do Pai dos deuses e dos homens*, ou coisa assim. Para a carpintaria da peça servem os materiais hegelianos de Teses, Antíteses, Sínteses desta maneira dispostos: Tese, cena de sedução ou namoro de Zeus e Hera; antítese, cruzamento das frases *salgadas* de Zeus com os ditos *picantes* de Hera; síntese, abraçam-se e beijam-se o deus e a deusa, e vão dormir.

Antero, poeta hegeliano faz o epílogo.

Oh! o noivado bárbaro, o noivado
Sublime! donde os céus, os céus ingentes,
São o leito de amor, tendo pendentes
Os astros por dossel e cortinado!

As bodas do Desejo embriagado
De ventura, a final visões ferventes
De quem nos braços vai de ideais ardentes
Por espaços sem têrmo arrebatado!

Lá, por onde se perde a fantasia
No sonho da beleza...

A tradução de Homero por Leconte de Lisle é considerada como uma das melhores. Afastei-me quanto pude dêste modêlo, porque me pareceu, majestoso, nobre, hierático, solene quanto queiram, mas monótono, hirto, triste, fúnebre, quási lúgubre.

O bom do Homero ria até do que a nós nos causa horror. ¿Há lutas de deuses terríveis e guerreiros agigantados e de má catadura? O épico tem o cuidado de nos prevenir: tenham prudência, mas não os tomem demasiado a sério; na maioria, são guerreiros fantásticos, com muita fanfarronada burlesca; há mortos e muita gente ferida; mas o que é para admirar é como jorrou tanto sangue de fantasmas aéreos e de dragões de papel.

Até no admirável côro das troianas pranteando a morte de Heitor, de entre vozes trágicas (de Andrómaca) e dramáticas (a de Helena), ressalta o grito burlesco de Hécabe.

> ¿Que agudos uivos desgrenhada grita
> Aquela mulher pálida e enraivada?

preguntaria Garrett, se por aqueles dias estivesse em Tróia.

Quem se quiser dar ao trabalho de analisar neste passo o texto homérico verá que assim é; até a má sonância de «Que agudos» lá há-de achar.

XII

Poesia Grega, Poesia Portuguesa

Segundo a teoria corrente ou ponto de vista da maioria de nossos filólogos, o português nasceu, cresceu, prosperou sem ajuda do grego: se algum têrmo para cá veio, não foi porque nós o pedíssemos, ou dêle tivéssemos necessidade; apareceu como por demais, trazido ou pelo latim eclesiástico ou importado pelo *sermo rusticus, vulgaris, plebeius*.

Na formação do léxico, escreve Mendes dos Remédios (*Introdução à História da Literatura Portuguesa*, p. 44-45), «poucas foram as palavras, que directamente importamos do grego. A língua popular tinha um certo número delas, que passou para o português: *bursa* (a *bursa* era mais freqüente na mão do patrício que na do plebeu) deu em português *bôlsa ; éremos, êrmo ; cara (chara), cara ; platus (platús)* deu *chato*. A língua da Igreja forneceu: *epíscopos* (grego), *episcopus* (latim), português *bispo ;* ecclesía (grego), latim *ecclesia (ecclésia)* deu igreja. Tio vem de *theĩos* (rad. *tha*, alimentar).

Antes da chegada dos Romanos, já os portugueses tinham bôlsa; se a não tivessem, nunca a êstes viriam os outros ensinar latim. *Cara* de gente, sem dúvida que a tinham. Sabe-se, por depoimento de escritores latinos da época, que os *êrmos* se alargaram (a população diminuíu); mas havia êrmos e charnecas, antes.

Muito antes da Igreja, o grego tinha *bispo*. No

clamor de Andrómaca pranteando Heitor percebe--se:

Ê gar ólolas episcopos!... (*Il.*, XXIV, 729).

Tu morreste, ó meu *bispo*, e vais a enterrar!

Em português, duas sílabas levemente alteradas, sustentam o tom da palavra: do prefixo *epí* ficou o *p*, abrandado em *b*, e *i*; *s* pertence ao radical *sk*, comum *episképtomai* (visitar, observar, etc.), *episcopeîn* (inspeccionar, guardar, *epíscopos* (guardião, defensor, etc.). *Bispar* (lobrigar), tanto pelas letras como pelo sentido, relaciona-se com *episcopeîn*. ¿E «*piscar* os olhos» virá do italiano *pizzicare*? E o passarinho, que se chama *pisco*, não receberia êste nome por causa de seus olhinhos vigilantes? E *pisca*, no sentido de fagulha, ponta de cigarro ou *beata* acesa? E não é puro grego — *catrapiscar*? Quanto ao *r* que reforça *catapiscar* (em *catrapiscar*) compare-se *catópsomai* (verei), *cathorô* (vejo), cátoptron (espêlho), *catoptrízein* (espelhar).

Em *bispo* o radical semantemático *sc*, comum a *episképtomai* e *episcopeîn* está representado só por um *s*. ¿Ter-se-á dado caso análogo com a nossa forma verbal *sei*, comparada ao radical latino de *scire*, *scientia*, etc.?

Igreja parece forma mais antiga de *ekklesía* da que a latina *ecclésia* e de acentuação menos errada. Aristófanes (s. V-IV a. C.) apresenta um archeiro em cena, pronunciando certas palavras, como se fôsse um português do nosso tempo.

...«Eurípedes. Aí vens com tuas lérias *(lereis)*, ó Cita amigo...

«Tóxote. *Ónoma dè soì tí estín;* (como te chamas?).

«Eurípedes. *Artemisia*.

«Tóxote. *Artamouxa, Artamuja*».
(Thesmophoriázousai, 1200).
...*igreja, egreija, igraxa*...
Provàvelmente era assim que pronunciavam nossos Ibéricos ou Ligúricos avós.

Formação do têrmo grego *ecclesía : ec*... (daqui, dali, dalém); *caleīn* (chamar): *eccaleīn* (convocar); *a* passa para diante de *l*, e modifica-se em *e* longo (eta); subsistitui-se a terminação verbal *eīn* pelo sufixo *sía* e temos *ecclesía*. A sílaba *cle* subsiste em *clericós* e persiste, modificada, em *crelgo*, lé com lé e *cré* com *cré* — leigo *(laicós)* com leigo, *crelgo* com *crelgo*.

¡A obstinação de nossos eruditos *ladinos* ou *latínicos* é de tal fôrça que nos não deixa a nós, os heleno-maníacos, um cabelo que seja! — «*Tris*, s. m. Um *tris*, um quási nada, um és não és, um fio: tudo o que faz e diz é asneira, sandice por um *tris*, (Garrett). Por um *tris* que não caíu, que não quebrou a cabeça, etc.. // Estar por um *tris*, estar próximo a morrer, a cair. // Escapar por um *tris*, ou livrar-se por um *tris*, escapar ou livrar-se miraculosamente, com grande custo». // F. gr. thrix, cabelo (?). *(Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa)*.

Ainda se pregunta! É grego, sem dúvida. Nominativo, *Thrix*, um cabelo, ou cabelos, barbas, cerdas, penas, etc., gen. *trichós*. É s. f.. Escreve-se com *th* no nominativo s. *(thrix)* e dat. p. *thrixi*; nos outros casos com *t*, e à declinação faz-se sôbre *ch*: *triches kephalês*, os cabelos da cabeça; *ho triakontótriches*, o «Trinta-Cabelos», de que se fala no *Hissope*. Em Antropologia, uma cabeça de crespo cabelo diz-se holó*trica* e, se é ornada de pêlo macio

e corredio, diz-se lissótrica (*lisso*, o primeiro elemento da palavra, é também grego (*lissós*) e português *liso*. Do grego *thrix* para o português *triz* (o *Vocabulário* da Academia assim preceitua, e muito bem, que se escreva) não há derivação, mas perfeita identidade. A nossa locução familiar *por um triz* corresponde exactamente às locuções proverbiais gregas: *Thrix anà mésson*, «por menos de uma unha negra, por um triz!»; *Áxion trichós* (Aristófanes, *Rãs*, 613), «valor de um cabelo»; *ec trichòs crémasthai*, «estar suspenso de um cabelo».

O *Vocabulário* da Academia regista na primeira parte (vocabulário comum) estes curiosos têrmos: Zé-cuecas, Zé-da-véstia, Zé-dos-anzóis, Zé-faz-fôrmas, Zé-godes, Zé-goelas, Zé-marmelo, Zé-ninguém, Zé-pereira, Zé-povinho, Zé-quitólis. E na segunda parte (vocabulário onomástico) não se deu entrada ao nome próprio de Zé, a não ser como hipocarístico de José. No falar das crianças ou em linguagem familiar, de Josefo só ficou *é*, (porque o *z* não lhe pertence e foi tomado em substituïção do *s*). O nome de um jovem, que no tempo dos Patriarcas foi vendido para o Egito, chamava-se, em hebreu, *jsph*; assim se escreveria também o nome do espôso da Virgem Maria. No grego o nome hebraico tomou a forma de *Ioséph* (Luc. I, 27). Os latinos, que não admitiam palavras agudas, pronunciavam *Ióseph*. Houve depois Josephus em latim, em português não sei se houve algum Josefo, existe uma ou outra Josefa, e algumas Josefinas. José é grego (e português, desprezando-se o que já estava morto pela acentuação). Pode ser que *Zé* nos tenha vindo de *José*; mas ninguém viu: em rigor, as palavras não têem filiação: sons que morrem no ar. Uma bô-

lha de sabão, ao desfazer-se, deixa resíduo — uma gota de água. A palavra não deixa vestígio algum, a não serem as vibrações acústicas. A Filologia brinca com letras, não com vozes humanas. A fonética grega e proto-portuguesa estaria cheia de Zés, mesmo que não houvesse hebreu, em relação ao grego, e latim, quanto ao português. A poesia grega, do alto do Parnaso, muitas vezes ouvira a voz de Hera, lidando no andar superior como boa dona de casa, a falar com o imortal espôso ou referindo-se a êle: «ó Zeu, isto, ó Zeu, aquilo»; ou «chamai o Zêna, que venha para a mesa». A lista de Zés registados no *Vocabulário* da Academia, a que muitos outros se podiam acrescentar, como Zé-bolas, Zé-das-dúzias, Zé-das-botas, Zé-pestana, Zé-penetra — denuncia e evidencia no português faculdades mitogénicas análogas às do grego e em tudo semelhantes às do Pai Homero... pai carinhoso de tôdas as lindas patranhas. — Patranha, segundo o meu mestre e guia, Bacelar com seu «Dicionário», é por igual grego e português: «patranha, eiro, oso (patrona), mentira que se introduz ou impinge ao «patau (pathaós)» que significa «estúpido de paixões». As palavras valem por seu tom, som e significado; «o resto não passa de senilidades etimológicas respeitáveis, e nada mais —. Por êste teor, em «Zé-dos-anzóis» há alusão a um sucesso picaresco do Olimpo: Zeus suspendeu de uma cadeia de oiro os deuses, deusas e astros; memorando a façanha, em vez de «Zeus-dos-sóis», dizemos «Zé-dos-anzóis». «Zé-marmelo» provàvelmente equivale a *Zeùs mármaros*, o «brilhante Zeus». «Zé-penetra» é o mesmo que «Zeus que tudo vê». A mais enérgica concentração verbal da nossa língua são duas

palavras refundidas numa: raio e Zeus deu «Ráiz»... têrmo que entra na fulgurante praga, muito conhecida e bastante usada. Ráiz (não raio ou raios) é um mito meteorológico.

Muitas coisas nos ensinou Homero; mas a «falar mal»... como ninguém.

Em 1890 Ehrenfels tentou uma filosofia da linguagem «Gestalttheorie» (teoria de estrutura ou simples sintaxe), onde se encontra esta afirmação: «uma série de vocábulos que pronunciamos nunca formaria sentido, se o todo da frase não preexistisse em nosso espírito». Suponho que o filósofo quis dizer: a razão em seu exercício ou a intelecção incide directamente sôbre esquemas de inteligibidade, por que devem ser coordenadas as sensações, imagens, representações. Assim, «o vocábulo perde às vezes a sua significação própria, inserido na frase» (Rodrigues Lapa); por isto, «deve partir-se do pensamento para a palavra e não da palavra para o pensamento *(idem)*.

Quem forneceu ao mundo os esquemas da inteligibidade, as idéias, foi a Grécia; os Gregos criaram os nossos modelos de arte; as «palavras aladas» que palpitam em nossa língua são de Homero; foi Homero que nos ensinou a arte maravilhosa de engendrar mitos, dando os moldes de concepções antropomórficas para tudo em que se possa imprimir a «bela forma humana», os heróis em mármore, deusas e heroínas delineando-as à flor e pelos contornos das ondas do mar. Quando Homero trabalha em matéria certa, como a pedra, a imagem sai-lhe correcta, perfeitíssima. ¿Como plasticizar a onda, livre e fugidia? Dizendo-lhe palavras meigas, ver-

sos de encantamento e cativando-a na *ânfora grega*. Assim fêz o poeta; depois quebrou os recipientes, e povoou mares e rios, prados e florestas de Nereides e Ninfas. Como os pintainhos de oiro conservam por algum tempo o contôrno do ovo, as Tágides de Camões mantêem-se nas linhas do «anforismo de concepção», criado por Homero.

Matéria radiante não se presta a mitos antropomórficos; mas a mitificação da luz fêz-se e faz-se por meio de esquemas ou paradigmas psicomórficos.

— Paradigmas... psi... Quê?

— Psicomórficos, psicomórficos... Se o Leitor se enfada de palavras tão compridas e lhe falta o fôlego e lhe não chega a língua, faça um «apêlo à sua impetuosa valentia», como quere Homero e diga «*lampro-pursó-morphos* («aux formes radieuses de la lumière» — Bailly), ou *lampropirsomórficos*.

Os mitos homéricos da Aurora e do Sol são hoje elementos de expressão maravilhosos na poesia cristã.

Sôbre a palha loura
Dorme a rir Jesus,
Tudo a rir se doura
De inocente luz.

(G. Junqueiro)

¿No fundo azul do céu escuro corre de repente o vivo clarão de uma estrêla errante? É Nossa-Senhora impaciente e aflita, porque lhe fugiu de casa, sem licença, o Menino: corre, corre sempre e não descansa até o retirar e trazer nos «brancos braços» dos doutores da má companhia...

ÍNDICE DO VOLUME III

POESIA DE HOMERO

(Notas, Comentários e Reflexões)

CORRIGENDA

Pág. 4, linha 22 — leia-se: *mãos nos.*
» 6, linha 30 — leia-se: *contraiu-se.*
» 8, linha 10 — leia-se: *com uma.*
» 10, linha 3 — leia-se: *da fenda da.*
» 21, linha 21 — leia-se: *cesse.*
» 23, linha 13 — leia-se: *recurvado.*
» 45, linha 9 — leia-se: *um coração.*
» 54, linha 2 — leia-se: *cerimónias.*
» 62, nota — leia-se: *17-18.*
» 75, linha 8 — leia-se: *nos.*
» 77, linha 1 — leia-se: *gente.*
» 107, linha 18 — leia-se: *Pensaste.*
» 110, linha 5 — leia-se: *Olimpo.*
» 110, linha 16 — leia-se: *a ir.*
» 111, linha 31 — leia-se: *Olimpo.*
» 116, linha 18 — leia-se: *pois,*
» 120, linha 13 — leia-se: *por que.*
» 147, linha 33 — leia-se: *Como se vê.*
» 152, linha 14 — leia-se: *antichisimo.*
» 161, título — leia-se: *Lusus.*
» 173, linha 14 — leia-se: *hóspede.*
» 176, linha 29 — leia-se: *pátio.*
» 179, linha 22 — leia-se: Amores *dá.*
» 193, linha 3 — leia-se: Timaios,
» 193, linha 29 — leia-se: qu.
» 194, linha 5 — leia-se: *premer,*
» 195, linha 3 — leia-se: nuctós.
» 197, linha 16 — leia-se: *Themistius.*
» 202, linha 18 — leia-se: te,
» 206, linha 11 — leia-se: *epítetos.*
» 206, linha 33 — leia-se: blépharon.
» 207, linha 7 — leia-se: *da.*
» 217, linha 19 — leia-se: *âme.*
» 217, linha 28 — leia-se: *Aias.*